

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Clarice Caldini Lemos

**OS BASTIÕES DA NACIONALIDADE: NAÇÃO E  
NACIONALISMO NAS OBRAS DE ELYSIO DE CARVALHO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Fontes Piazza

Florianópolis  
2010



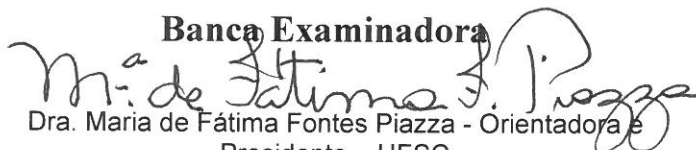
**Os Bastiões da Nacionalidade: nação e  
nacionalidade nas obras de Elysio de Carvalho**

**Clarice Caldini Lemos**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua  
forma final para obtenção do título de

**MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL**


**Banca Examinadora**

  
Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza - Orientadora e  
Presidente – UFSC

  
Dra. Maria Bernardete Ramos Flores – UFSC

  
Dr. José Luís Bendicho Beired – UNESP/Assis

Dr. Adriano Luiz Duarte - Suplente – UFSC

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eunice Sueli Nodari  
Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 20 de dezembro de 2010.



*Aos meus avós Nelson, Diva, Liberto (in memoriam) e Mercedes.*



## AGRADECIMENTOS

À professora Maria de Fátima Fontes Piazza pela confiança, paciência e constante dedicação ao longo de todo o percurso. Agradeço-lhe também pela liberdade de escrita e o olhar atento ao desenvolvimento do trabalho que me proporcionaram uma outra visão do fazer historiográfico, ampliando consideravelmente meu modo de entender e escrever a história.

Aos professores Adriano Luiz Duarte e Janice Gonçalves por todos os comentários na banca de qualificação que foram extremamente úteis para a conclusão deste trabalho.

Ao Sr. Francisco Alberto Sales e toda a equipe da Fundação Casa do Penedo que muito gentilmente atenderam ao meu pedido de pesquisa nos seus acervos.

Ao Giovanni, funcionário da biblioteca central da UFSC, pela gentileza e simpatia ao me ajudar com os microfimes da *América Brasileira*.

Mi, Ana, Bia, Rafa, Greyce e Edu, companheiros nos altos e baixos da dissertação, pelos conselhos e também pelos momentos de descontração.

Aos colegas do doutorado e mestrado com quem aprendi muito e também à Lívia e ao Tiago, companheiros nesta jornada.

À Regina e Everlindo agradeço pelo apoio e incentivo durante o percurso.

Aos meus pais, companheiros nesta longa jornada universitária e a quem devo tudo. Obrigada pelas leituras e correções de texto, pelo apoio às viagens de pesquisa e apresentações de trabalho. Mas especialmente por todo o carinho e incentivo que me deram forças nos momentos em que era preciso.

Ao Pedro, pelo carinho nas horas de alegria e compreensão nos momentos estressantes, por me ajudar a manter a calma e a concentração. E principalmente por ser meu ponto de apoio e exemplo diário de equilíbrio e força.

Por fim, a todos os amigos que ajudaram direta ou indiretamente nesta dissertação, com dicas, orientações e companhia nas horas de descanso.

Obrigada a todos!





*Como foi que temperaste,  
Portugal, meu avozinho,  
Esse gosto misturado  
De saudade e de carinho?*

*Esse gosto misturado  
De pele branca e trigueira,  
– Gosto de África e de Europa,  
Que é o da gente brasileira?*

*Gosto de samba e de fado,  
Portugal meu avozinho.  
Ai Portugal que me ensinastes  
Ao Brasil o teu carinho!*

*Tu de um lado, e do outro lado  
Nós... No meio o mar profundo...  
Mas, por mais fundo que seja,  
Somos os dois um só mundo.*

*Grande mundo de ternura,  
Feito de três continentes...  
Ai, mundo de Portugal,  
Gente mãe de tantas gentes!*

*Ai, Portugal de Camões,  
Do bom trigo e do bom vinho,  
Que nos deste, ai avozinho,  
Este gosto misturado,  
Que é saudade e que é carinho!*

*(Manuel Bandeira, 1954)*



## RESUMO

O objetivo deste estudo é investigar a nação e o nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho entre 1921 e 1925. Elysio de Carvalho (1880-1925) foi um escritor alagoano que participou ativamente do campo intelectual na Primeira República. Para este estudo foram selecionadas quatro obras que fazem parte da última produção do autor voltada às questões nacionais. Os intelectuais deste período buscavam as origens dos problemas nacionais e o seu diagnóstico, além de propor soluções brasileiras para o país. Elysio de Carvalho abraçou esta causa com empenho. Os valores atribuídos às idéias que defendeu e às percepções sobre a sua obra o relegaram ao segundo escalão da literatura e a um subsequente esquecimento pela história. A importância em estudar-lhe o pensamento reside no fato de que Elysio de Carvalho, lusófilo, ibero-americanista e autoritário era um homem de seu tempo e antes de tudo um intérprete das idéias em movimento. Através da sua idéia de nação, do seu nacionalismo desabrido e da utilização da história para dar suporte as suas interpretações sobre a realidade brasileira, podemos observar correntes estéticas e movimentos artísticos, políticos e de intelectuais que estavam em movimento e participaram do debate sobre a questão nacional na Primeira República.

**Palavras-chave:** Elysio de Carvalho; Intelectual; Nação; Nacionalismo.



## ABSTRACT

The main objective of this study is to investigate nation and nationalism on Elysio's de Carvalho intellectual production between 1921 and 1925. Elysio de Carvalho (1880-1925) was a writer from Alagoas that participated actively in the intellectual field of the Brazilian first republic. For this study four books of the author's last production were selected, since their main theme was the national question. In this period Brazilian intellectuals searched the origins of national problems, formulated a diagnosis and tried to develop brazilian solutions for the country. Elysio de Carvalho embraced the cause. Values attributed to the ideas he defended and the perceptions on his work relegated Elysio to a second literary level e to a subsequent ostracism. The importance on studying his thought relies on the fact that Elysio de Carvalho in his lusophilia, iberian-americanism and authoritarianism was a man of his time and before all an interpreter of ideas in movement. Through his idea of nation, strong nationalism and the use of history to support his interpretation of Brazilian reality, we can observe aesthetic currents and artistic, political and intellectual movements that circulated inside the debate about the national question in the first republic.

**Keywords:** Elysio de Carvalho; Intellectual; Nation; Nationalism



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DE UM CÉREBRO.....</b>	<b>24</b>
<b>TRAJETÓRIA .....</b>	<b>29</b>
<b>O INTELLECTUAL .....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO II: NACIONALISMO NA PRIMEIRA REPÚBLICA .....</b>	<b>51</b>
<b>NAÇÃO E NACIONALISMO.....</b>	<b>60</b>
<b>1922 E O CENTENÁRIO DE INDEPENDÊNCIA.....</b>	<b>70</b>
<b>AUTORITARISMO .....</b>	<b>78</b>
<b>CAPÍTULO III: A IDÉIA DE NAÇÃO NAS OBRAS DE ELYSIO DE CARVALHO .....</b>	<b>89</b>
<b>RAÇA.....</b>	<b>89</b>
<b>LUSOFILIA .....</b>	<b>99</b>
<b>GRAÇA ARANHA .....</b>	<b>108</b>
<b>IBERO-AMERICANISMO .....</b>	<b>114</b>
<b>UNIDADE NACIONAL .....</b>	<b>125</b>
<b>CAPÍTULO IV: BRAVA GENTE: A HISTÓRIA A SERVIÇO DA NAÇÃO .....</b>	<b>146</b>
<b>BRAVA GENTE.....</b>	<b>152</b>
<b>LAURÉIS INSIGNES .....</b>	<b>164</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>185</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>190</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>191</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>203</b>





## INTRODUÇÃO

Com um século de autonomia e mais de trinta anos de regime republicano, não demos solução à grande parte dos problemas fundamentais da nacionalidade. A obra de consolidação nacional não está completa, e é ainda frágil a base sobre a qual repousa a nossa grandeza política, havendo mister que se organizem as forças espirituais e as forças materiais da nação para que o cosmos brasileiro seja unido, indissolúvel, irredutível<sup>1</sup>.

A preocupação com a questão nacional emerge com força durante a segunda e a terceira década do século XX no Brasil. A primeira guerra mundial acentuou a emergência de um projeto nacional quando o modelo de civilização europeu, tão bem querido pelos brasileiros, entra em colapso. Para a geração de intelectuais que viveu o advento da República, esta não era a república dos seus sonhos. A corrupção, a desigualdade, a crise econômica, o punho de ferro na contenção de movimentos populares, só aumentava o descontentamento. A entrada de novas ideologias depois da Revolução Russa em 1917, a criação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a luta intensa do exército para tornar-se uma organização nacional, capaz de planejar efetivamente e executar uma política de defesa nacional em seu sentido mais amplo, agitaram o panorama nacional.

As comemorações do Primeiro Centenário da Independência em 1922 vieram a acentuar ainda mais o cenário que se configurava, pois propiciou um debate acerca dos cem anos de vida independente do país. O balanço não foi favorável e o país considerado atrasado com um sistema de governo corrupto e desigual impulsionou ainda mais a ideologia autoritária que pedia um estado centralizado e intervencionista em termos econômicos.

É dentro deste agitado cenário nacional que vamos encontrar Elyσιο de Carvalho (1880-1925). Alagoano, natural da cidade de Penedo, teve uma trajetória literária incomum, agitada por mudanças de pensamento. Foi anarquista, decadentista, chefe do Gabinete de Identificação da polícia do Rio de Janeiro e nacionalista fervoroso. Como intelectual procurou seu lugar nos debates da Primeira República, mas as percepções posteriores de sua obra e os valores atribuídos às

---

<sup>1</sup> CARVALHO, Elyσιο de. A realidade brasileira. In: \_\_\_\_\_. *Obras de Elyσιο de Carvalho: Ensaios*. Brasília: Universa – UCB, 1997, p. 200.

idéias das quais era adepto o colocaram no segundo escalão literário, caindo assim no esquecimento. Recentemente, suas obras tem sido novamente objeto de estudos, não como um todo, mas de acordo com os momentos de sua trajetória.

O principal objetivo desta dissertação é investigar a nação e o nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho como um intérprete do debate nacional brasileiro vigente nas duas últimas décadas da Primeira República. Existem trabalhos sobre vários momentos da trajetória de Elysio, no entanto pouquíssimos se referem às suas últimas obras de orientação nacionalista.

O interesse em estudar este intelectual surgiu de um trabalho anterior realizado sobre o periódico *América Brasileira*, publicado entre os anos de 1921 e 1924 no Rio de Janeiro, e do qual Elysio de Carvalho foi o editor. Sob a luz do Centenário de Independência do Brasil dentro do contexto nacionalista da época, foi estudado como aquele grupo de intelectuais que contribuía com o periódico pensava a questão nacional. A *América Brasileira* revelou-se uma revista multifacetada, na qual diversas correntes nacionalistas compunham o conteúdo. Todavia foi possível perceber três balizas centrais que orientavam seus artigos: a lusofilia, o ibero-americanismo e a francofilia. Ao estudar o editor da revista, Elysio de Carvalho, foi possível perceber que o caráter multifacetado do periódico refletia as preferências do autor em suas múltiplas redes de sociabilidade e correntes nacionalistas. A partir daí, surgiu o interesse em estudar este intelectual tão desconhecido focando a produção na última fase de sua trajetória literária e de vida. Entendemos por fase a mudança no eixo de interesse do autor, pois várias de suas referências bibliográficas iniciais permanecem, assim como o aristocratismo e o elitismo no seu pensamento. Esses eixos de interesse mudariam do anarquismo para o decadentismo, aos escritos vinculados à polícia e por fim ao nacionalismo.

Esta última fase é composta, a nosso ver, por sete obras, porém nesta dissertação optou-se por trabalhar com apenas quatro, visto que as obras dividiam-se em dois grupos: um de forte posicionamento em relação à indústria siderúrgica e às riquezas naturais e outro composto de ensaios sobre diversos assuntos: história, sociologia, arte, literatura e atualidades. Apesar de direcionar esforços para a análise das quatro obras de temas variados, também se procurou sempre que possível relacioná-las com os demais livros e outras fontes que possam ajudar na análise do pensamento de Elysio de Carvalho, como a própria *América Brasileira* e cartas que o autor enviou a alguns intelectuais.

As quatro obras principais são *Brava Gente* (1921), *Os Bastiões da Nacionalidade* (1922), *Laureis Insignes* (1924) e *Suave Austero* (1925). Os capítulos da dissertação são divididos por eixos temáticos, que acabaram por dividir as obras em dois grupos: o primeiro composto por *Os Bastiões da Nacionalidade* e *Suave Austero*, que tratam de assuntos diversos, serão utilizados como fonte principalmente no segundo e no terceiro capítulo; já o segundo grupo traz *Brava Gente* e *Lauréis Insignes*, compostos por ensaios sobre história, que serão utilizados principalmente como fonte de análise para o quarto capítulo.

No primeiro capítulo buscou-se apresentar Elyσιο de Carvalho traçando rapidamente sua trajetória literária, algumas interpretações acerca da sua obra e personalidade e a construção que o próprio intelectual faz de si. Elyσιο foi um homem cuja vaidade intelectual se sobressaía e a necessidade de pertencimento ao campo cultural e intelectual da época era latente. Ainda jovem se mudou para o Rio de Janeiro, na época então capital da República e um dos mais importantes redutos intelectuais do país, e tratou de cavar seu lugar no seio da intelectualidade carioca. Determinado, o ensaísta busca o reconhecimento entre seus pares a todo custo, editando revistas, escrevendo artigos para periódicos nacionais e internacionais, enviando suas obras para autores dentro e fora do Brasil, dedicando essas obras a outros intelectuais, e segundo Luiz Edmundo, enchendo as estantes dos amigos com livros e abrindo a sua própria biblioteca aos colegas. De acordo com as cartas de Mário de Andrade e Manoel Bandeira, os intelectuais da época costumavam freqüentar-lhe a casa.

Essa busca por estabelecer redes de sociabilidade intelectual pode ser observada também na necessidade de expor essa aceitação pelos seus pares, que Elyσιο realiza publicando as diversas conferências que proferiu, homenagens que recebeu e mesmo resenhas elogiosas de seus livros, publicados na revista da qual era editor, a *América Brasileira*.

Extremamente inquieto Elyσιο de Carvalho buscou construir uma imagem de si próprio enquanto intelectual com grandes conhecimentos, quiçá enciclopédicos, o que ele mesmo chama de “vaidade de homem lido” e também de constante atualização. Por essa característica, o autor muda diversas vezes os seus interesses, tanto que de anarquista passa ao decadentismo, depois se engaja nos trabalhos vinculados à polícia (visto que foi chefe do Departamento de Identificação do Rio de Janeiro e um dos fundadores da Escola de Polícia) sob a luz da antropologia criminal vinculada à escola italiana de

criminologia, para enfim tornar-se nacionalista fervoroso e um tanto quanto panfletário.

Esta constante mudança faz com que ele estabeleça diversas redes de sociabilidade e também que misture uma série de elementos em suas obras. A dificuldade de análise das obras do autor reside nesse aspecto, ele busca elementos em diversas linhas de pensamento e tenta reinterpretá-los para criar o seu entendimento do mundo.

No segundo capítulo o objetivo é inserir Elysio no momento histórico em que ele produziu suas obras para compreender o porquê de suas idéias.

A Primeira República é uma época de grandes transformações: momento da profissionalização do literato, grandes transformações tecnológicas que trazem novidades no campo editorial e no fazer literário. A literatura deixa de ser o “sorriso da sociedade” para tornar-se novamente (como já o tinha sido no último quartel do século XIX) engajada na questão nacional.

A primeira guerra mundial teve um forte efeito sobre os intelectuais da época, que vendo os modelos de civilização europeus utilizados como base entrarem em colapso, decidem se mobilizar para criar um modelo brasileiro. Alberto Torres conhecido por ser um dos primeiros intelectuais que pregou o diagnóstico dos problemas nacionais, buscando suas origens e criando soluções nacionais, foi fonte de inspiração para toda uma geração (na qual pode-se incluir Elysio) que trata de seguir esses princípios. Alberto Torres também foi um dos grandes expoentes do autoritarismo brasileiro impulsionando uma série de estudos e formas de pensamento que culminaram na ideologia autoritária do Estado Novo.

O descontentamento com o tipo de governo implantado pelas oligarquias estaduais (a política café-com-leite), dominado principalmente pelo sudeste, aparece no começo do regime republicano com a geração de intelectuais que auxiliou a sua construção. E à medida que o novo governo avança, carregando consigo a desigualdade, a corrupção, a crise econômica, o descontentamento aumenta, gerando desconforto e mobilização por parte dos grupos de direita e de esquerda no país.

As comemorações do Primeiro Centenário da Independência em 1922 vieram a acentuar ainda mais o cenário que se configurava, pois propiciou um debate acerca dos cem anos de vida independente do país. O balanço não foi favorável e o país considerado atrasado com um sistema de governo corrupto e desigual impulsionou ainda mais a ideologia autoritária que pedia um estado centralizado e intervencionista

em termos econômicos. A elite ilustrada deveria comandar o Estado, uma vez que estaria munida com as teorias científicas e sociais que auxiliariam no desenvolver da nação.

Procurou-se também dar atenção à questão do nacionalismo enquanto movimento criado na Europa no fim do século XVIII e popularizado no século XIX, e os debates acerca do tema instigados por Eric Hobsbawm, Benedict Anderson e pelo livro *Nacionalismo no Novo Mundo: a formação de estados-nação no século XIX* organizado por Marco A. Pamplona e Don H. Doyle.

No terceiro capítulo o objetivo é investigar como Elysio de Carvalho pensa a nação, ou seja, como ele imagina que a nação deveria ser, com quais elementos formadores. Assim foi possível identificar alguns eixos centrais que constituiriam a sua idéia de nação. O primeiro deles seria a raça, em que o autor toma as teorias raciais desenvolvidas no século XIX ainda em vigor no século XX para construir a idéia de uma nação mestiça, mas branca. Branca não tanto como cor de pele, mas pelas características psicológicas e morais herdadas que constituiriam a *psychè* brasileira diretamente ligada à herança do gênio luso em primeira instância, mas também ao gênio ibérico. Nesse sentido, o autor é de uma lusofilia exacerbada e defende a criação de uma fraternidade luso-brasileira. Elysio era adepto de uma maior integração com o mundo ibérico e nesse sentido a modernidade seria obtida através de raízes ibéricas, nas quais tradição e modernidade se completariam.

Sobre o livro *Os Bastiões da Nacionalidade* em artigo publicado na *América Brasileira* João de Barros, escritor português envolvido no ideal de uma fraternidade luso-brasileira, afirmou que:

enquanto, por vezes, nós em Portugal discutimos se temos ou não uma origem étnica que nos permita considerar a nacionalidade um todo uno, eterno e diferenciado dos outros da população ibérica – o Brasil, pela pena dos seus mais altos escritores e sábios, afirma-nos essa crença e justifica-nos essa certeza. Para eles, uma das causas mais fortes da união e da coesão de seu vasto país, é, precisamente, a ascendência lusitana – e dessa ascendência se honram e orgulham como sendo uma das mais antigas e vigorosas raças da Europa.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> BARROS, João de. Patriotismo Brasileiro. Elysio de Carvalho e os Bastiões da Nacionalidade. *América Brasileira*, n. 21, ano II, set. 1923, p. 2

Outro elemento presente é a questão da integração nacional que pode ser analisada por dois ângulos diferentes: a partir da influência de Graça Aranha e seu princípio filosófico da integração do homem com o cosmos, uma interpretação mais voltada ao campo artístico; e a partir da sócio-geografia voltada para questões de ordem mais prática sobre a integração nacional em termos territoriais.

Os elementos que envolvem raça e integração nacional fazem parte também do debate autoritário na Primeira República. Apesar de não propor um projeto político concreto para o país é possível observar que Elysio se baseia em algumas premissas básicas desse debate como a crítica ao projeto liberal e o apelo a um estado forte, centralizado, autoritário e intervencionista, principalmente em termos econômicos.

Por fim, no último capítulo procurou-se analisar de que forma os ensaios históricos de Elysio de Carvalho corroboravam o seu pensamento nacionalista. Neste capítulo foram utilizadas as categorias “campo de experiência” e “horizonte de espera” de Reinhart Koselleck para entender como os ensaios históricos adquiriam um sentido de futuro quando Elysio buscava no passado, no seu campo de experiências, elementos para criar uma expectativa de futuro para o Brasil. Na sua forma de escrever a história podemos encontrar na maioria das referências autores brasileiros e portugueses do século XIX, além de uma clara preferência por Varnhagen. Também estão presentes elementos da historiografia oitocentista como a *histoire événementielle*, a história militar, a larga utilização de genealogias e nobiliarquias e a posição da história entre o método positivo e a narrativa poética. Lançando mão de heróis, Elysio buscou, principalmente na história colonial, elementos para confirmar a opção pela fraternidade luso-brasileira e um modelo de civilização e modernidade ibérica. Através do largo uso da nobiliarquia estabelece a origem do sentimento nacional durante a guerra contra os holandeses, sendo os pernambucanos, de ascendência nobre, branca e portuguesa os verdadeiros representantes da nação.

Elysio de Carvalho utiliza elementos das outras ciências sociais presentes no início do século XX para escrever a sua história. Pode-se também observar todos os elementos apresentados no terceiro capítulo em consonância com a sua forma de escrever a história.

Adepto das teses de Alberto Torres, Elysio de Carvalho faz parte da geração que busca com urgência identificar os problemas nacionais, descobrir suas origens e criar soluções nacionais. Nas palavras do próprio Alberto Torres:

A nossa curiosidade intelectual e o nosso interesse por assimilar produções e estudos alheios, a nossa aspiração de fusão na sociedade mental da nossa época, devem conduzir-nos a dilatar o círculo das nossas colheitas de saber, substituindo a atitude passiva, que nos tem trazido a receber as idéias que nos exporta o acaso, ou o instinto político, de outros povos, por um trabalho autônomo de escolha e de seleção consciente. Aprender *com* alemães, *com* americanos, *com* franceses, *com* ingleses, e com brasileiros, quando for possível, a ser brasileiros: eis a fórmula ideal do nosso cosmopolitismo mental<sup>3</sup>.

Assim podemos entender Elysio de Carvalho como um intérprete deste debate tão acirrado durante a Primeira República, que adiciona elementos de diversas correntes nacionalistas para compor o seu próprio pensamento e contribuir com os projetos nacionais. Aí reside, um dos fatores de importância em compreender este autor, que teve sua participação nos círculos intelectuais da época, editou revistas das quais participaram grandes nomes da época e que apesar de ser considerado um “literato menor”, através de suas obras podemos observar a circulação de algumas correntes de pensamento na época. O seu nacionalismo pode nos ajudar a entender um pouco mais sobre idéias que permeavam o debate nacionalista nas décadas de 1910 e 20.

---

<sup>33</sup> TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro: introdução a um programa de organização nacional*. 4 ed. SP: Editora Nacional; Brasília: Editora da UNB, 1982, p.29

## CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DE UM CÉREBRO

Polycroma, polyforme, polyédrica, a obra de Elysio de Carvalho, traz com elegância todas as indumentárias do espírito. Veste-se bem. Poeta, traça ao ombro a capa romântica de Byron num gesto displicente de Baudelaire, e desperta com sutilezas de Fragonard, torturas de Zurbarán. Brummel com alma de Alcebíades, revive as intenções de Wilde. [...] Sociólogo, vai do Chuí ao Tumucumaque, sulcando fundo os vincos das fronteiras, vadeando almas, transpondo convenções e compreende que nesse prolongamento da Península mater, as raças mantêm frêmitos atávicos, rascantes amarugens, eivas definitivas, que os séculos expõem, e a diplomacia não acautela. Historiador, desce a câmara escura do passado, revela-nos a Pátria. [...] E no poeta, no soldado, no historiador, no pensador, no polígrafo, Elysio é sobretudo brasileiro<sup>4</sup>.

Elysio de Carvalho nasceu em 1880, às margens do Rio São Francisco, na cidade de Penedo em Alagoas. Ao longo da sua vida teve 40 obras publicadas, mas apenas uma passou da primeira edição, tendo sido reeditada em 2006<sup>5</sup>. Seu nome raramente aparece em trabalhos sobre a Primeira República, e depois de sua morte, em 1925, poucos estudos foram dedicados à sua vida e obra.

Antonio Arnoni Prado em tese de doutorado intitulada *Lauréis insignes no roteiro de 22: os dissidentes, a Semana e o integralismo* (USP, 1980), publicada em versão resumida em 1983<sup>6</sup> e em versão integral em 2010<sup>7</sup>, retomou alguns pontos da obra de Elysio de Carvalho. Recentemente, a obra do escritor alagoano tem sido objeto de uma série de estudos de alunos e professores da Universidade Federal do

<sup>4</sup> NOBRE, Ibrahim. Discurso pronunciado por Ibrahim Nobre no banquete que os intelectuais de Santos ofereceram a Elysio de Carvalho. *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional*. Rio de Janeiro: Monitor Mercantil, n. 4, mar. 1922

<sup>5</sup> COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças; SALGADO, Marcus (Orgs.). *Five o'clock, de Elysio de Carvalho*. Rio de Janeiro: Editora Antiqua/Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, 2006.

<sup>6</sup> PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 111p. (Col. Primeiros Vãos).

<sup>7</sup> PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010. 295 p. il.



Rio de Janeiro, sob a liderança do professor Luiz Edmundo Bouças Coutinho, no campo da literatura.

Entretanto, no campo da história os estudos sobre este intelectual que participou ativamente da vida cultural brasileira nas duas primeiras décadas do século XX continuam escassos.

O interesse em estudar Elysio de Carvalho surgiu de um trabalho anterior sobre a revista *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* (1921-1924), da qual foi editor. As primeiras informações encontradas o definiam como “falso vanguardista” por Antonio Arnoni Prado, como “literato menor” por Thomas Skidmore, como “adepto de modismos literários” por Brito Broca e como o “autor de um dos livros mais racistas e reacionários”<sup>8</sup> por Antonio Candido.

De fato, os valores atribuídos às idéias propagadas por Elysio, assim como por outros intelectuais de sua época, além das percepções sobre sua obra o relegaram ao segundo escalão das letras nacionais, caindo assim no esquecimento.

A dificuldade em analisar o pensamento de Elysio de Carvalho, bem como, sua vida e obra como um todo se dá pela multiplicidade de suas idéias, que refletem bem a sua trajetória literária tão singular. Sua obra é muito diversificada e abrange um amplo espectro de temas e correntes literárias, filosóficas e políticas, desde os teóricos anarquistas, à sua predileção por Oscar Wilde e por Nietzsche, à sua fase de nacionalismo militante e o seu posicionamento frente às questões de seu tempo. O livro que mais se aproximou de uma biografia intitula-se *Elysio de Carvalho, militante do anarquismo*<sup>9</sup>, no qual Moacir Medeiros de Sant’Ana faz um levantamento bibliográfico e uma breve biografia da vida do escritor, mas, como o próprio título mostra, é centrado mais no início de sua carreira.

As informações encontradas sobre este escritor estão dispersas e correspondem a certos momentos de sua trajetória de vida, e que, portanto, envolvem determinadas circunstâncias. Deste modo, as impressões ou esboços biográficos devem ser pensados lembrando que Elysio de Carvalho não é um autor com uma trajetória coesa e de cujo pensamento pode-se fazer uma síntese de forma linear, com certa

---

<sup>8</sup> Infelizmente não conseguimos ter acesso ao livro *Evolução da Sociedade Brasileira* citado por Antonio Candido em entrevista cedida para a Revista Brasileira de Ciências Sociais. PONTES, Heloisa. Entrevista com Antonio Candido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online]. 2001, vol.16, n.47, pp. 5-30. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092001000300001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 21 nov. 2010

<sup>9</sup> SANT’ANA, Moacir Medeiros De. *Elysio de Carvalho, um militante do Anarquismo*. Maceió: Arquivo Público de Alagoas; Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura – MEC, 1982.

coerência entre o início, o meio e o fim da carreira. O que vem corroborar com a análise de Pierre Bourdieu, em *A Ilusão Biográfica*, de que é impossível tomar como única e linear a trajetória de vida, nem o nome próprio pode descrever propriedades ou veicular informações sobre aquilo que nomeia, “como o que ele designa não é senão uma rapsódia heterogênea e disparatada de propriedades biológicas e sociais em constante mutação, todas as descrições seriam válidas somente nos limites de um estágio ou de um espaço”<sup>10</sup>.

Elysio de Carvalho seria um ótimo exemplo para demonstrar a heterogeneidade e a constante mutação que fazem parte das trajetórias de vida. Assim sendo, todas as impressões registradas sobre o escritor são parciais, refletindo um momento específico de sua vida. Todas são leituras possíveis, assim como a apresentada neste trabalho, que também não busca analisar toda a vida e produção do autor, mas um determinado momento e uma determinada produção – no caso, a obra nacionalista –, embora tomando a precaução de não cair em reducionismos. Entretanto, essas percepções apesar de válidas devem ser pensadas com cautela, uma vez que apesar de ser considerado um literato menor, Elysio de Carvalho contava com o apreço de vários de seus contemporâneos e por tentar estar sempre atualizado, acabava mudando muito a sua forma de pensar, o que leva Brito Broca a considerá-lo um “adepto de modismos literários”.

Antonio Candido no artigo intitulado *Radicais de Ocasão* procurou dar atenção àquelas pessoas que nunca tiveram um compromisso com a ideologia libertária e socialista, mas que em algum momento fizeram algo por ela. Embora, grande parte da análise seja dedicada a João do Rio, o autor cita alguns escritores, entre eles Elysio de Carvalho, apresentando a seguinte leitura:

O próprio Elísio declarou-se socialista, - um socialismo passageiro e confuso, ligado em parte à sua adesão à escola poética francesa chamada Naturismo, de ânimo muito participante, fundada por Saint-Georges de Bouhélier sob a influência do naturalismo humanitário do último Zola (o genro deste, Le Blond, pertencia ao movimento). Mas como sofreu também a influência de Stirner e Nietzsche, misturou-o a um anarquismo aristocrático e individualista, que, associado ao

---

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 8ª ed. RJ: Editora FGV, 2006, p.187.

seu esteticismo recalcado, acabou desandando num esnobismo diletantesco e, mais tarde, num nacionalismo reacionário afidalgado e racista. Grande salada, estranha evolução como se vê. Mas é preciso lembrar, mais uma vez, que o “ódio ao burguês” e o sentimento do papel excepcional do artista levavam a esses cozidos ideológicos<sup>11</sup>.

É através dessa grande mistura de elementos que procuraremos perscrutar as bases do nacionalismo de Elysio, o que entende como nação e como utiliza essa idéia nos seus ensaios históricos. Apesar de Antonio Candido desqualificá-lo sugerindo que sua leitura seria imatura levando a um “cozido ideológico”, os escritos de Elysio de Carvalho são importantes para compreendermos diferentes idéias que estavam em movimento na época.

A respeito dos escritos de Elysio de Carvalho é importante lembrar Michel de Certeau em *Ler: uma operação de caça*, no qual o escritor aborda a questão da autonomia da leitura. A prática da leitura é um processo constante de reinterpretação de sentidos, tornar o texto semelhante “ao que se é, fazê-lo próprio, apropriar-se ou reapropriar-se dele”<sup>12</sup>. Dessa forma é importante observar a apropriação que Elysio fez das suas leituras abrangendo um amplo espectro de autores de diferentes correntes estéticas e movimentos de intelectuais, mesmo que muitas vezes resultasse em idéias confusas e contraditórias.

Uma das características mais marcantes do escritor é a sua capacidade de abraçar uma causa (seja ela qual for) com um forte engajamento. O curioso é que essas “causas” vão mudando ao longo de sua trajetória intelectual, mas o seu comprometimento continua, como podemos observar através de sua insistência em escrever livros e editar revistas sobre o tema, escrever manifestos, como *Delenda Carthago: manifesto naturista* ou participar de atividades ligadas ao assunto, como a fundação da Universidade Popular.

Para entender a formação de seu pensamento é preciso entender o movimento dos intelectuais e as idéias que estão em movimento (estilos literários, correntes artísticas, teorias raciais) que circulavam na época, porque o que está em discussão não é apenas o intelectual em questão, mas também as idéias. A questão racial é um bom exemplo

---

<sup>11</sup> CANDIDO, Antonio. Radicais de Ocasão. In: *Diálogos*, 1978. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discurso09.php> Acesso em: 27/06/2010

<sup>12</sup> DE CERTEAU, Michel. *Ler: uma operação de caça*. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.261.

disso, como veremos mais adiante. É através da reapropriação de suas leituras, mesmo que de forma confusa, que podemos observar diversas correntes e diferentes posicionamentos que refletem um período de transição das idéias, ou mesmo uma ligação entre elas.

Andrade Muricy, citando Paul Van Thiegem, coloca de forma exemplar a importância do estudo de intelectuais considerados muitas vezes como “menores”:

(...) Paul Van Thiegem, um dos propugnadores principais dos modernos estudos da Literatura Comparada, observa que ‘é lendo autores de menor envergadura, e outros até completamente obscuros, que se descobre tudo o que é comum entre eles e os maiores’. (...) é observando ‘um número imenso de escritores medíocres ou obscuros’ que se pode ‘acompanhar na sua verdadeira complexidade um movimento ou uma simples agitação literária’. (...) ‘Tais autores de segunda ou de terceira ordem, esses *minores* e esses *minimi*, dos quais a história literária, nacional ou comparada, põe todo o cuidado em não desdenhar, adquirem em literatura geral um particular interesse. Alguns dentre eles, que mal têm lugar nas histórias da literatura de sua pátria, foram causa do nascimento e do desenvolvimento de tendências, de modas às quais os maiores não se mostraram refratários. Outros, menos importantes ainda, não exerceram, por assim dizer, nenhuma ação; porém, receberam as influências estrangeiras com tanto mais docilidade quanto lhes faltava forte originalidade. Os seus escritos são testemunhos excelentes das correntes literárias de seu tempo, lembrando esses rochedos que, colocados na superfície das geleiras, permitem pelo seu deslocamento, verificar o movimento lento e infalível da massa que os arrasta’. E conclui: ‘Os espíritos superiores só coincidem por uma pequena parte de si próprios, e o que tomam por empréstimo à corrente geral é muitas vezes por eles assimilado a tal ponto que se torna dificilmente reconhecível’<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. v. 1. p. 17.

Apesar de ser considerado muitas vezes um intelectual “menor”, veremos que Elysio procurou de todas as formas um reconhecimento intelectual, o que consegue em determinado momento de sua carreira literária, o de se estabelecer entre seus pares.

Tanto as características da personalidade, quanto a trajetória do escritor são importantes para compreender de que forma ele se inseria dentro do campo intelectual na Primeira República, de que modo construiu sua rede de sociabilidade, quais eram suas afinidades eletivas e como desenvolveu suas idéias procurando digerir uma série de correntes de pensamento que estavam em movimento na *Belle Époque* tropical.

Não se tem a pretensão de escrever uma biografia de Elysio de Carvalho, tampouco aferir o seu capital cultural e social, entretanto a trajetória intelectual diz muito sobre a personalidade do autor e a sua forma de pensar, o que teria influenciado um determinado conjunto de suas obras que é o escopo desta dissertação.

## TRAJETÓRIA

Elysio de Carvalho publicou *A história de um Cérebro*, em 1905 – que depois integrará o livro *As modernas correntes estéticas na literatura brasileira* (1907), no capítulo *A minha formação literária* –, no qual reproduz a entrevista que concedeu a João do Rio, enfeixada com outras entrevistas em *O momento literário* (1908).

Em sua juventude Elysio de Carvalho afirma ter lido muito,

[...] tudo quanto vinha da Europa, *via* Paris, e, sobretudo, os *novos*. (...) E o que é interessante, é que lia mais para satisfazer minha vaidade de homem lido, que para encontrar um elemento necessário para meu cérebro destituído de idéias e sensações. Sem embargo, esta mania, que felizmente logo passou, foi útil: convenci-me de pronto da superfluidade da literatura francesa dos nossos dias, e logo procurei leituras mais sólidas<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> BARRETO, João Paulo (João do Rio). Elysio de Carvalho. In: \_\_\_\_\_. *O momento literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908. p. 256-257.

Sobre essa procura por leituras mais sólidas, depois de afirmar ter grande conhecimento sobre a literatura moderna, Elysio apontou especialmente o escritor francês Émile Zola, que interpretado pelos naturalistas teria sido uma das grandes influências na sua formação intelectual (apesar de fazer uma ressalva de que essa influência não persistiria na época do inquérito de João do Rio – 1905). Naquele momento, Elysio adere ao movimento naturalista iniciado por Saint-Georges de Bouhéliier na França, procurando propagar suas idéias através de uma revista e um manifesto, *Delenda Carthago: manifesto naturista* (1901). Antes do início do manifesto está a reprodução de uma carta enviada por Bouhéliier a Elysio, na qual elogia o jovem autor e manifesta seu total apoio à revista naturalista, prometendo contribuir com artigos.

Todavia essa influência naturalista logo não o satisfaz mais<sup>15</sup>. Ao ler Zola, Elysio sensibilizou-se com os males da sociedade e passou a procurar autores socialistas e anarquistas, o que fez dele um anarquista convicto por um curto período de tempo. Frequentou centros operários, realizou conferências populares, fundou periódicos e revistas de orientação anarquista.

Entre suas influências encontram-se Proudhon, Reclus, Bakunin, Kropótkine, Mackay, Tucker e Palante, o autor escolhe o individualismo como corrente a ser seguida. Em outro ponto da entrevista, concedida a João do Rio, Elysio compara a influência de Schopenhauer e Wagner na formação do jovem Nietzsche com a influência de Max Stirner e do próprio Nietzsche para a sua formação. Quanto ao primeiro, em sua obra *Único e sua Propriedade* transparece “o código do individualismo e o gerador do anarquismo moderno”, quanto ao segundo, apontou que

com seu nihilismo dionisiano e com seu ideal trágico da vida, são meus verdadeiros educadores, porque me ensinaram bastante a pensar, me introduziram a procurar e encontrar meu eu<sup>16</sup>.

Em sua fase anarquista Elysio dirigiu dois periódicos filiados a essa corrente ideológica no Rio de Janeiro: o quinzenário *A Greve* (maio – setembro de 1903), órgão do Círculo Libertário Internacional, e a

---

<sup>15</sup> *Id.*, p. 258.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 262.

revista *Kultur* (março – maio, setembro e outubro de 1904). Contribuiu com diversos periódicos e jornais da época ligados ou não ao anarquismo, como: *Genese* (1898); *Semana Illustrada* (1898); *A Ronda* (1898); *Rua do Ouvidor* (1898); *A Tarde* (1899); *Revista Acadêmica* (1900 – 1902); *Jornal do Povo* (1901); *Asgarda*, revista anarquista redigida por Mota Assunção e Elysio de Carvalho (1902); *O Trabalhador* (1903); e *Renascença* (1904).

Também, colaborou em periódicos argentinos, como *Libre Examen* (1904), *Almanaque de la Questión Social* (1904), *La Protesta* (1904 – 1905), *El Pueblo* (1905), de Buenos Aires, com exceção do último, que era de La Plata e publicou artigos no Chile, Uruguai, Espanha e França<sup>17</sup>.

No ano de 1905, Elysio de Carvalho figura entre os fundadores da Universidade Popular, a primeira no gênero da América do Sul. Contou com a participação e o apoio de figuras de projeção do meio intelectual da época, composta em grande parte por militantes anarquistas e socialistas, como Rocha Pombo, Curvello de Mendonça, Fábio Luz, Joaquim Murtinho, entre outros. O projeto, todavia, teve vida efêmera.

Em 1904, o escritor escreveu um ensaio sobre a decadência do anarquismo, intitulado *As ruínas de Icária*, cujos primeiro dos cinco capítulos foram divulgados pela *Kultur*. A partir daí uma grande polêmica se fez em torno do assunto e do escritor, tanto no Brasil, quanto no exterior. Entre os que se posicionaram contra as idéias do escritor, destaca-se Marcel Vereme<sup>18</sup>, que em artigo publicado no *Bulletin de Internationale Anarchiste* no ano de 1908, aponta a existência de uma enorme quantidade de pessoas que se diziam anarquistas no Brasil sem que se tivesse controle e aponta Elysio como um desses “camaradas”, “um indivíduo individualista que fez muito barulho no movimento, é hoje subchefe da repartição de identificação brasileira” – Departamento de Identificação e Estatística da polícia do Rio de Janeiro. Vereme argumentou que o motivo de citar Elysio de Carvalho, deve-se ao fato de apesar de “queimado” no Brasil, “ele tem o desprazer de se corresponder com diversos periódicos anarquistas”<sup>19</sup>.

A renúncia de Elysio de Carvalho às idéias anarquistas foi descrita por ele, em *Five O’Clock* (1909), como:

---

<sup>17</sup> SANT’ANA, *op cit*, p.23, 24.

<sup>18</sup> Marcel Vereme, ou Marcelo Verema, pseudônimo de Paul Berthelot (1880-1910), anarquista e esperantista francês.

<sup>19</sup> SANT’ANA, *op. cit.*, p.40.

O anarquismo – respondeu-lhe E. C. – é uma atitude absurda. Foi o meu profundo sentimento do belo, o meu culto apaixonado pela arte, a minha intransigente admiração por todas as formas de grandeza e o meu conceito individualista da história, que me levaram a renunciar meu passado político. O anarquismo, como idéia, é uma expressão filosófica saída do cristianismo – o maior flagelo da humanidade – e, como fato, é o maior obstáculo à floração da intelectualidade, da beleza e da arte: é uma doutrina em decadência<sup>20</sup>.

*Five O'Clock* é um ponto de inflexão na vida literária de Elyσιο de Carvalho. A trajetória deste escritor sofreu uma mudança significativa no seu estilo literário com o abandono das idéias anarquistas. Nesta nova fase ele adere ao mundanismo e disserta sobre as figuras da “boêmia dourada” no início do século XX. Segundo Brito Broca ela se caracteriza “num estilo afetado, com grande extração de termos estrangeiros, em tudo semelhante ao de João do Rio (a quem o livro é dedicado)”<sup>21</sup>. *Five O'Clock* tem o estilo da “escrita de si”, sob a forma de um diário com passagens entre Rio de Janeiro e Petrópolis, e cuja narrativa, de acordo com Luiz Edmundo Bouças Coutinho, endossada pelo decadentismo e pelo esteticismo herdado de Oscar Wilde utilizaria procedimentos que

deixam claro a evidente habilidade com que esses textos absorvem do dandismo não apenas as regras superficiais e os tiques aligeirados de efeito, mas as indicações internas de seu jogo e a dosagem renovadora da teatralidade de sua pose decadentista. Ao retercer meneios do dandismo finissecular, *Five O'Clock* igualmente se escreve como uma *écriture-dandy*<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> CARVALHO, Elyσιο de. *Five O'Clock*. Rio de Janeiro: Garnier, 1909, p. 113. *Apud*: SANT'ANA, *op.cit.*, p. 41.

<sup>21</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 5.ed. RJ: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005, p.57.

<sup>22</sup> COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças. O diário de um esteta decadentista. In: CARVALHO, Elyσιο de. *Five O'Clock*. RJ: Editora Antiqua, 2006, p.12.



Reconhecido como o primeiro tradutor de Oscar Wilde<sup>23</sup> no Brasil, tendo traduzido dois livros *Uma tragédia florentina* e *Poemas de Oscar Wilde* – que leva o título de um dos poemas *Ballada do enforcado* –, Elysio de Carvalho utiliza, em *Five O’Clock*, “recursos de um verdadeiro culto ao escritor irlandês”<sup>24</sup>. Segundo Brito Broca, essa influência se manifestou mais nas suas atitudes do que em sua obra, o que pode ser constatado nas descrições sobre sua personalidade, como no “*raffinée* do trajar, na ostentação de um gosto artístico, nem sempre autêntico, no horror à trivialidade e à burguesia”<sup>25</sup>.

Esse dandismo<sup>26</sup> expressava uma afronta à sociedade, o que confirma o espírito forte e rebelde de Elysio que, apesar de suas mudanças ideológicas e literárias, por toda sua carreira nutriu um descontentamento com a sociedade em que vivia, expressando isso através do anarquismo, do decadentismo e até mesmo no nacionalismo.

*Five O’Clock*, segundo Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado, foi um experimento bastante inovador na sua técnica narrativa (apontado como rentável experiência no campo da narrativa híbrida, em rotação caleidoscópica, no início do século XX) que é retomada por João do Rio em *Pall Mall Rio*, “o que, de certa forma, completa o circuito de atrações mútuas, pois foi poderosa a exercida pelo cronista de *Vida Vertiginosa* sobre o autor de *Five O’Clock*”<sup>27</sup>.

Essas afinidades eletivas entre Elysio de Carvalho e João do Rio é de fato notória, ambos podem ser apontados como figuras proeminentes no campo da escrita decadentista do início de século XX. Mas a influência de João do Rio e a admiração de Elysio pelo escritor carioca se mantêm durante toda a sua trajetória intelectual. Em diversos ensaios, Elysio faz menção a sua admiração pelo escritor carioca.

---

<sup>23</sup> Oscar Wilde (1854-1900) – escritor irlandês muito conhecido por suas atitudes extravagantes e excêntricas, cujas obras se caracterizam bastante pelo mundanismo e pela idéia do belo. Foi condenado pela acusação de homossexualidade e de sedutor do filho do Marquês de Queensberry, Lord Alfred Douglas. Entre suas obras destacam-se *O Retrato de Dorian Gray* (1891), *Salomé* (1893) e *A importância de ser prudente* (1899).

<sup>24</sup> Coutinho, *op. cit.*, p.10

<sup>25</sup> *Id.*, p.164.

<sup>26</sup> O dândi seria uma figura transgressora de convenções e moralidades. A espetacularização da vida e a renovação constante de suas poses seriam constantes preocupações. Sua vestimenta consistiria não apenas em “vestir o corpo, mas cobri-lo de signos”. SALGADO, Marcus Rogério Tavares Sampaio. In: *A vida vertiginosa dos signos: recepção do idioleto decadista na Belle Époque tropical*. Rio de Janeiro: UFRJ/Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas, 2006. p. 26- 27. O dândi é uma personagem que nasceu com a modernidade da pena de Charles Baudelaire.

<sup>27</sup> Salgado, *op. cit.*, p. 131 e 132.

É importante nos determos um pouco nesta passagem decadentista do autor, apesar de não ser o foco do trabalho, pois diversos estudos fecundos sobre este tema têm sido publicados e merecem uma atenção especial ao traçarmos a sua trajetória intelectual. Nela podemos observar, além da constante mudança na produção, a forma como Elysio, ao longo de sua vida, transitou entre os mais diversos grupos de intelectuais do início do século.

De acordo com Salgado, existe uma permanência das bases textuais decadistas através do aristocratismo nas obras seguintes de Elysio de Carvalho. “A infiltração do idioleto decadista<sup>28</sup>, embora presente faz-se episódica na fase derradeira”<sup>29</sup> de suas obras.

Por mais que tivesse abandonado o anarquismo, a influência daqueles autores do início de sua carreira, em especial Stirner e Nietzsche, permanece em suas obras. O seu ideal de cultura é nietzschiano, conforme especifica em *O Problema da Cultura* que está em *As Modernas Correntes Estéticas da Literatura Brasileira*. Ainda, segundo Salgado o “radicalismo aristocrático”, presente em diversas obras de Elysio, “certamente é a senha que torna compatíveis os seguidores de Nietzsche e os decadentes no crepúsculo do século XIX”<sup>30</sup>. Nietzsche aparece diversas vezes tanto nas obras do autor quanto em suas cartas. Em carta para Mário de Andrade em 12 de fevereiro de 1924, já enfermo, Elysio de Carvalho cita o filósofo ao apontar a dor como grande educadora da humanidade, “a doença é um espetáculo”, e escreve que os dias em que passara acamado na cidade de Petrópolis (onde ainda permanecia na data em que escreveu a carta) foram aqueles em que aprendera “muitíssimo”, muito mais do que os passados no “tumulto estéril da Avenida”<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> Expressão emprestada por Salgado de Alexandre Eulálio ao analisar *Mocidade Morta* de Gonzaga Duque “o idioleto se caracteriza justamente pela afirmação do organismo individual no interior do corpo-máquina social – portanto poderoso meio de comunicação simbólica –, implicando na possibilidade de variações pessoais, a qualquer tempo, no interior dos sistemas da língua e da literatura. A definição dicionarizada do termo *idioleto* remete para a idéia de fala ou sistema lingüístico de um único indivíduo”. O autor cita também, Leda Tenório Motta em que “o idioleto é língua musicalizada, desfuncionalizada dos modernos, a poesia irreduzível ao sentido, a escritura que suspende a literatura”. Segundo Salgado “a recepção e a circulação do idioleto decadista no Brasil da *belle époque* se fez em dois momentos” aparecendo Elysio num segundo momento “como rasura da matriz naturalista ou exacerbação na calibragem de *réalisme*, de feição exotérica, privilegiando a prosa (ainda que, muitas vezes, borrando as fronteiras entre os gêneros, em formas híbridas, de que *Five o'clock* é o melhor exemplo)”. Salgado, *op. cit.*, p. 8 e 100.

<sup>29</sup> *Id.*, p. 143

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 148

<sup>31</sup> Carta de Elysio de Carvalho a Mário de Andrade. Petrópolis, 12 de fevereiro de 1924. MA-C-CPL nº 1686/ Instituto de Estudos Brasileiros – USP.

Enquanto mudou o enfoque teórico e temático de suas obras, artigos e periódicos que dirigiu e editou, o aristocratismo, o individualismo e o elitismo foram elementos de permanência na sua obra: o primeiro, apontado por Marcus Salgado e o segundo e o terceiro por Antonio Arnoni Prado.

No ano de 1907, antes da publicação de *Five O'Clock*, as limitadas possibilidades de emprego levaram Elysio a trabalhar num departamento de polícia do Rio de Janeiro – o que gerou mais críticas ainda da imprensa libertária nacional e internacional ao autor, como apontou Vereme. Neste ramo tratou do ensino, da pesquisa científica e da literatura de assuntos técnicos policiais.

O artigo *Elysio de Carvalho: um intelectual controverso e controvertido* contribui para compreendermos esta fase do autor. Técnico da Repartição de Identificação foi fundador, diretor e professor da Escola de Polícia do Rio de Janeiro, experiência que mais tarde foi descrita em livros. O escritor publica *A luta técnica contra o crime* em 1914, no qual colocava em dúvida o processo civilizatório no Rio de Janeiro e justificava a ocorrência de crimes e desvios pela miscigenação<sup>32</sup>. Elysio de Carvalho dedica-se ao estudo da sociologia e da pesquisa científica de assuntos técnicos policiais. O autor adota em seus livros as idéias difundidas pela Escola Positiva de criminalística da qual figuram Cesare Lombroso (1835-1909), Salvatore Ottolenghi (1861-1934), Enrico Ferri (1856-1929), Rafael Garofalo (1852-1934), entre outros. O foco principal desta nova escola de criminalística era o determinismo biológico em vez da responsabilidade individual do criminoso, utilizavam-se de técnicas científicas como a antropometria para justificar esta abordagem.

Na Escola de Polícia do Rio de Janeiro lecionou Criminalística e publicou diversos livros nessa área como *Síntese de Polícia Científica* (a pedido do então chefe de polícia do distrito federal, Leone Ramos), *Manual do Agente de Polícia*, *A função da fotografia nos inquéritos judiciários*, *Estatística Criminal*, *A identificação como fundamento da vida jurídica*, *A falsificação dos nossos valores circulantes*, *La police scientifique au Brésil*, *Gíria dos Gatunos Cariocas*, *O professor R. A. Reiss no Brasil*, *A reforma dos institutos de polícia de Portugal*, *Alphonse Bertillon*, *Criminalistique*, *O laudo da perícia gráfica do caso da rua Januzzi*, *A luta técnica contra o crime*, *Exames periciais*, todos

---

<sup>32</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. Elysio de Carvalho: um intelectual controverso e controvertido. In: *Revista Intellectus*, ano 03, vol II, 2004. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~intellectus/textos/ELYSIO%20DE%20CARVALHO.pdf>>. Acesso em 05/04/2006.

publicados entre os anos de 1912 a 1915, e em 1922 *Sherlock Holmes no Brasil*.

Todavia, no ano de 1907 publica *Modernas Correntes Estéticas na Literatura Brasileira*, no qual expõe a parte mais importante do meio literário brasileiro, valorizando os contemporâneos que compartilhavam de suas idéias – como Emílio de Menezes, Graça Aranha, João Ribeiro, João do Rio e José Veríssimo. Esses intelectuais circulavam no Rio de Janeiro, a então capital federal, para onde convergiam literatos de várias partes do Brasil.

Elysio de Carvalho publica em 1909, *Bárbaros e Europeus*, que reúne ensaios de filosofia e crítica literária sobre autores europeus, com exceção de Rubén Darío, poeta nicaraguense por quem Elysio nutria profunda admiração, mas que é considerado por alguns críticos como um escritor europeu. Elysio inclusive lhe dedica um livro em 1906, sob o título *Rubén Dario*. No conteúdo, vários artigos sobre Nietzsche, Guglielmo Ferrero, Max Stirner e Max Nordau. O culto aos heróis é colocado como um dos pontos mais relevantes da história para Elysio de Carvalho<sup>33</sup>.

Sua fase de historiador diletante se inicia com *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira* (1911). Neste livro a história é baseada na genealogia e na crença do valor do sangue, tanto que é dedicado ao Cardeal Arcoverde<sup>34</sup>, descendente de “um dos primeiros troncos nordestinos”<sup>35</sup>. Curiosamente, podemos observar um tom saudosista na sua escrita, direcionado à época colonial e ao período monárquico, tendo como foco, os troncos familiares nordestinos advindos da Europa, como os Cavalcanti, os Lins, os Albuquerque, Correia e Sá, entre outros. Elysio traçou uma genealogia longínqua (até demais) buscando em figuras como o poeta Guido Cavalcanti, amigo de Dante Alighieri, a nobreza dessas famílias nordestinas. Sobre este livro afirma Antonio Candido:

(...) neste século a palavra "nacionalismo" apresentou pelo menos duas faces, postas e complementares: a exaltação patrioteira, que hoje parece disfarce ideológico, e o contrapeso de uma visão amarga, mas real. Pela altura das

<sup>33</sup> NUNES, Cassiano. Elysio de Carvalho e o Espírito de seu Tempo. In: CARVALHO, Elysio de. *Ensaio*. Brasília: Universa – Universidade Católica de Brasília, 1997, p.25.

<sup>34</sup> Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (1850-1930), natural do estado de Pernambuco, foi reitor e professor de filosofia do Seminário de Olinda e o primeiro sacerdote a ser elevado ao cardinalato na América Latina.

<sup>35</sup> NUNES, *op. cit.*, p.28.

comemorações do primeiro centenário da Independência (1922), houve um esforço para pensar os dois lados e extrair uma linha ponderada. Mas continuou a exacerbação patrioteira, como se vê, por exemplo, na curiosa produção de Elísio de Carvalho, que, desde 1910 e o livro "Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira", vinha elaborando uma visão fantástica — arianista, aristocrática, nativista e ao mesmo tempo fascinada pelos requintes europeus. Esse egresso anarquismo desenvolveu um nacionalismo triunfalista, que via na grandeza do país (hipertrofiada retoricamente) o fruto dos esforços das elites arianas e fidalgas... O nacionalismo ornamental atinge aqui um dos seus limites implícitos, ao excluir tacitamente da nacionalidade o pobre, o negro, o mestiço, o chagásico, o maleitoso, o subnutrido, o escravizado, como se fossem acidentes, manchas secundárias no brasão das oligarquias, idealizadas numa espécie de leitura delirante da nossa história<sup>36</sup>.

Mais adiante, nos aprofundaremos nesse assunto buscando algumas diferenças nas abordagens deste livro e de *Lauréis Insignes*, publicado treze anos mais tarde, pois compartilham de temas semelhantes, porém através de perspectivas diferentes.

Na visão de Cassiano Nunes “o individualismo de Elyσιο de Carvalho converte-se em aristocratismo, numa concepção elitista que parece colidir com suas idéias socialistas”<sup>37</sup>. Ao que tudo indica, na escolha dos autores tratados em seus livros, o aristocratismo (na origem desses autores) chega a ser utilizado como parte de um padrão que engloba entre outros aspectos a questão do ibero-americanismo, do nacionalismo e das raízes ibéricas no passado colonial.

A insuficiência filosófica e ideológica do debate periférico da época, da qual participava ou era vítima também Elyσιο de Carvalho, levou-o em tempo a seguir outro caminho, motivado

---

<sup>36</sup> CANDIDO, Antonio. Uma palavra instável (Nacionalismo). In: <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1995&banner=bannersarqfolha>. Acesso em 6 de novembro de 2010.

<sup>37</sup> NUNES, *op. cit.*, p.20.

igualmente pelo contraste por ele observado entre as propostas de mudanças sociais e as reais dificuldades objetivas e subjetivas para efetua-las<sup>38</sup>.

Entre os anos de 1910 e 1922, Elysio publicou obras de assuntos variados, que oscilam entre os escritos policiais e outros temas, que vão cada vez mais se aproximando do nacionalismo. Neste espaço de tempo, podemos perceber que pouco a pouco o autor passa a centrar o seu interesse nas questões nacionais.

Por diversas razões, que veremos no próximo capítulo, o sentimento nacionalista se acentua em grande parcela dos intelectuais na Primeira República. Um balanço sobre o papel do literato, a situação da República e os rumos do país abrem caminho para uma série de estudos brasileiros como os de Alberto Torres e de Oliveira Vianna. Os estudos de Elysio de Carvalho se assemelham muito ao desses intelectuais na sua análise sociológica e econômica. Com Oliveira Vianna compartilha a questão racial e a visão cientificista. Com relação a Alberto Torres pode-se constatar grande influência desse autor no seu livro *Os Bastiões da Nacionalidade* (1922) que expressou um nacionalismo político, econômico, mas acima de tudo cultural.

A influência de João do Rio não foi apenas em sua fase de mundanismo, a lusofilia era outra afinidade eletiva entre os dois autores, “seu nacionalismo bem positivo era bastante arraigado no amor e respeito à velha Lusitânia”<sup>39</sup>. O livro *Brava Gente* (1921) é prefaciado por Carlos Malheiro Dias enquanto *Lauréis Insignes* (1921) é dedicado a Afonso Lopes Vieira, ambos escritores portugueses reconhecidos e respeitados por intelectuais lusófilos. Neste momento de sua vida, Elysio passa a se corresponder e a trocar idéias com diversos intelectuais portugueses e brasileiros, a fim de criar um vínculo literário, e até mesmo político, entre Portugal e Brasil.

Elysio – jornalista, escritor e publicista – teve também sua fase pragmática e empresarial quando criou a *holding* S. A. Monitor Mercantil com o *Boletim Diário de Informações, Gráficos Comerciais e Financeiros* e o *Monitor Mercantil* – jornal especializado em negócios e economia fundado em 1912 e que circula até hoje (2010). Esta fase auxiliou muito a parte econômica de suas análises e os seus projetos para o país.

---

<sup>38</sup> CHACON, Vamireh. Elysio de Carvalho: do Individualismo Anárquico ao Nacionalismo Cultural. In: CARVALHO, 1997, *op.cit.* p. 55.

<sup>39</sup> NUNES, *op. cit.* p. 30.

Um elemento importante no nacionalismo do escritor é a presença de propostas desenvolvimentistas para o país. Ao contrário de muitos intelectuais que simplesmente apontavam os problemas nacionais, Elysio de Carvalho propunha soluções para tais problemas, sendo um nacionalista militante e fervoroso.

Como Monteiro Lobato, compartilhava de uma visão de progresso pela via da modernização econômica com a indústria e as ferrovias. Foi um precursor do desenvolvimentismo, defendendo a siderurgia nacional como solução para os problemas econômicos brasileiros, bem como a construção de hidrelétricas e da mineração para o fornecimento de energia.

Em 1922, Elysio de Carvalho publica *A Realidade Brasileira*, seguindo a linha de Alberto Torres, expondo os problemas nacionais e disposto a contribuir com soluções concretas.

(...) o que o Brasil precisa é orientar-se para uma política de realizações positivas, práticas e fecundas – uma política de criação ou de construção, que organize as forças espirituais e as forças materiais da nação; e, para esta obra de consolidação nacional, há mister que se faça apelo aos homens de boa vontade e de saber pragmático<sup>40</sup>.

Nesta fase nacionalista, Elysio publicou: *Brasil, potência mundial. Inquérito sobre a indústria siderúrgica* (1919), *O factor geográfico na política brasileira* (1921) – discurso na Sociedade de Geografia, *La France éternelle* (1921) – discurso oferecido ao poeta Paul Fort -, *Afirmações: um ágape de intelectuais* (1921) – discurso proferido por Ronald de Carvalho e Elysio de Carvalho em homenagem a esse último, *Brava Gente* (1921), *Os Bastiões da Nacionalidade* (1922), *A realidade brasileira* (1922), *Príncipes del Espiritu Americano* (1923) – publicado pela Editorial América de Madrid de Rufino Blanco-Fombona, *Lauréis Insignes* (1924) e *Suave Austero* (1925).

Para fins de análise, as obras foram divididas em quatro fases: o início da sua produção voltada para o engajamento nas idéias anarquistas; uma segunda fase em que suas obras estão mais voltadas ao mundanismo decadentista e a grande influência de Oscar Wilde; em um terceiro momento, com obras dedicadas ao estudo da criminalística e

---

<sup>40</sup> CARVALHO, Elysio de. *A Realidade Brasileira*. RJ: Editores S. A. Monitor Mercantil, 1922, p.9. apud: CARVALHO, 1997, op.cit. p.60

assuntos similares; e finalmente, o período nacionalista em seus escritos, que engloba também a sua fase empreendedora com o S.A Monitor Mercantil e suas propostas de inovação no campo da indústria e da exploração de riquezas naturais.

É preciso, no entanto, ressaltar com veemência que essa divisão foi feita a partir das obras e com fins analíticos, não necessariamente seguem uma ordem cronológica, sendo que entre 1912 a 1919, Elysio de Carvalho escreve obras com temas e enfoques extremamente diferentes, compreendendo um tom mais decadentista, outras nacionalistas e ainda as de cunho policial. A divisão proposta reflete apenas a mudança do eixo principal no conteúdo das obras.

## O INTELECTUAL

Ao definirmos Elysio de Carvalho como um intelectual, acredita-se que a definição de Sirinelli sobre o termo é a mais apropriada para este estudo. Segundo o autor, a noção de intelectual permite que duas acepções sejam colocadas: uma mais ampla e sociocultural que engloba os criadores e os “mediadores” culturais, e outra mais estreita, fundamentada na noção de engajamento. Na primeira acepção estão incluídos tanto o jornalista quanto o escritor, o erudito e o professor secundário. “Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou “mediadores” em potencial, e ainda outras categorias de “receptores” da cultura “<sup>41</sup>.

Embora essa definição seja suficiente para os nossos fins, outra reflexão se faz necessária a respeito da utilização do termo. Então, perguntar-se-á: a partir de que momento um intelectual é considerado enquanto tal? A historiadora Greyce Kelly Piovesan expôs em sua dissertação de mestrado, *Prezado Doutor, Querido Amigo, Caro Memorialista: A sociabilidade intelectual nas cartas Pedro Nava* (2009), de que forma o médico-memorialista caracterizou-se como um intelectual a partir do momento em que suas obras e suas idéias foram reconhecidas por seus pares, o que permitiu ao escritor uma melhor inserção em determinada rede de sociabilidade intelectual.

Com Elysio de Carvalho não seria diferente. A utilização do termo intelectual para designá-lo nesta dissertação também se justifica pelo reconhecimento entre seus pares, o que pode ser comprovado por intermédio da revista *América Brasileira*, de suas cartas enviadas a

---

<sup>41</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/FGV, 1996, p.242.



diferentes personalidades, dos prefácios de seus livros e pela frequente publicação de palestras proferidas para as quais era convidado.

Estes últimos exemplos permitiram perceber como se estabeleceu uma rede de sociabilidade intelectual, com cartas, prefácios, palestras, artigos em revistas, entre outros. E, portanto, do seu reconhecimento pelos seus pares, surge outra perspectiva de análise: a da construção de si enquanto intelectual. Nesse sentido é visível o esforço de Elysio de Carvalho para constituir-se como tal.

No início de sua carreira, logo após a chegada ao Rio de Janeiro em 1898 (aos 18 anos de idade), Elysio de Carvalho é acusado do plágio de três poesias – publicadas em mais de um periódico – que seriam de autoria de Aristeu de Andrade. Deste episódio, como afirma Moacir Medeiros de Sant’Ana, só se conhece a versão dos acusadores, pois da resposta que Elysio publicou em forma de artigo só se conhece através de bibliografia de, ou acerca, do autor. Sobre a trajetória de Elysio, Victor Vianna, escreve no prefácio de *Bárbaros e Europeus*:

Guerreado a princípio, atacado violentamente, não se defendeu bem. Elysio não se justificou, mas continuou a trabalhar. Duvidavam do seu mérito. Riam dele, troçavam dele nas rodas literárias. Elysio de Carvalho não procurava desfazer essa impressão. Estudava, penetrava cultores estranhos, correspondia-se com estrangeiros<sup>42</sup>.

Segundo Vianna seu verdadeiro reconhecimento veio a partir de *Delenda Carthago* em 1900. Ou seja, Elysio ainda muito jovem, com cerca de vinte anos de idade, teve de ultrapassar uma série de obstáculos para que começasse a ter alguma aceitação no meio intelectual.

Luiz Edmundo em *O Rio de Janeiro do meu tempo* comenta certo momento da vida do intelectual:

E o Elísio, como um nababo, a encher as estantes dele, dos amigos, dos *sebos* da rua de S. José... Esse delírio bibliomânico, do qual se aproveitam honestamente, diga-se de passagem – certos intelectuais pobres, da sua maior intimidade, só acaba quando o dote da sua mulher se esgota, no dia em que a uma roda de amigos, no da sua linda e rica biblioteca, folheando uma coleção de

---

<sup>42</sup> VIANNA, Victor. Prefácio. In: CARVALHO, Elysio de. *Bárbaros e Europeus*. RJ: editora Garnier, 1909, p. 5 e 6.

*affiches* de Mucha, posta em volume numa edição valendo muito mais de mil francos, ele diz, embora sem grandes pretensões e cuidados:

— O pior é que o dinheiro acabou. Felizmente prometeram-me um emprego, aí numa repartição qualquer...

Nesse momento Elísio de Carvalho, o bibliômano mais moço da cidade, não tem mais de vinte anos. Convém não esquecer que, por ocasião de sua morte, anos depois, lega à sua família uma biblioteca importante, riquíssima, sobretudo, em obras históricas sobre o Brasil e sobre a América<sup>43</sup>.

Desta passagem pode-se perceber que a vaidade de homem culto permanecia, e que essa bibliomania talvez possa ser interpretada como uma forma de agregar ao seu redor outros intelectuais procurando de toda forma sua inserção no meio.

Ainda muito jovem começa a cavar o seu caminho fazendo contatos nacionais e internacionais, editando diversas revistas nacionais e publicando artigos fora do país. De forte personalidade e dono de uma grande vaidade intelectual, Fábio Luz o descreve como do tipo que se “queimava” fácil e freqüentemente, “ao menor sinal de desatenção às suas palavras, à menor distração do ouvinte aos seus artigos que não (primavam) pela síntese, e muito pelo contrário (eram) sempre extensos, cortados de parágrafos, à moda do mestre”, referindo-se a Nietzsche<sup>44</sup>. “Um fraco tipo de superhomem, com sua adiposidade – que perderia no fim da vida –, e apesar ou por causa dela (tinha) saúde fraca, nevralgias freqüentes, irritabilidade neurastênica, enxaquecas que o (tornavam) intratável quando o (acometiam)”<sup>45</sup>.

Em *História de um Cérebro* publicado em 1905 – e, como dito anteriormente, publicado mais duas vezes em um curto intervalo de três anos – escreve uma espécie de autobiografia intelectual apontando os autores e livros que mais lhe influenciaram. Ainda na adolescência aponta a leitura constante pela “vaidade de homem lido”, mania que logo teria passado. Podemos observar ao longo do texto que Elyσιο de Carvalho constrói uma imagem de si que incorpora as características já

<sup>43</sup> EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 4 vol, 2 ed. RJ: Editora Conquista, 1957, p.762 e 763.

<sup>44</sup> SANT’ANA, *op. cit.*, p. 60

<sup>45</sup> *Id.*, p. 60.

citadas de sua personalidade e principalmente sua constante obsessão pela atualização de idéias, de correntes de pensamento.

A construção autobiográfica passa pela constituição do individualismo moderno, em que através de práticas culturais o indivíduo elabora uma identidade para si através de seus documentos. Os chamados “atos biográficos” podem ser vários como a escrita de si, através de autobiografias, diários e cartas, ou mesmo o recolhimento de objetos materiais (com ou sem a intenção de montar uma coleção) como fotografias, cartões-postais e outros objetos do cotidiano <sup>46</sup>.

Recentemente este tipo de análise tem ocupado um importante espaço no campo e nos canteiros da História, com trabalhos muito fecundos utilizando principalmente, as cartas – foro privilegiado de análise – mas também de arquivos, a construção de si através do conjunto de documentação acumulada e organizada.

O objetivo desta dissertação não é entrar especificamente neste campo de análise, mas utilizá-lo para corroborar com determinadas assertivas acerca do intelectual em questão.

“A escrita de si é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de ‘produção do eu’” <sup>47</sup>.

O intelecto brasileiro está muito baixo para influir-me. Os escritores antigos, mesmo aqueles que são proclamados como geniais, são de tendências tão anticivilizadoras, tão antiprogredistas, tão antihumanas, que, se algo me impressionaram, foi em sentido negativo, inspirando-me repulsão. Os modernos, salvo raríssimas e honrosas exceções, mesmo os que têm cotação no coqueiro do Senhor-Todo-O-Mundo, não passam de filisteus, cabotinos, chatas mediocridades, e inspiram-me também nojo, nojo e dor, dor sobretudo. (...) Asseguro-vos que a minha alma é muito pouco brasileira: e isto, naturalmente, porque marcho com o progresso das idéias do século. E propriamente falando, nem pelas minhas tendências, nem pelas minhas aspirações, não sou um escritor brasileiro e não me pareço em coisa alguma com qualquer deles:

---

<sup>46</sup> GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. \_\_\_\_\_ (Org.) In: *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004. p. 11.

<sup>47</sup> GOMES, *op. cit.*, p.16.

posso perfeitamente dizer com o meu amigo Pompeio Gener, que sou supernational e pertença ao movimento intelectual europeu...<sup>48</sup>

Mais a frente em sua trajetória, Elysio de Carvalho muda de opinião em relação aos autores brasileiros e até mesmo em se considerar um autor brasileiro, no entanto, mantém essa idéia de atualização, de “marchar com o progresso do século”.

O que sei é que a obra que representa melhor meus ideais é sempre a última que escrevo, porque procuro fazer da minha vida um esforço permanente para a luz, um evoluir ascendente para a beleza e para a perfeição, um contínuo *excelsior*. (...) Sou um eterno descontente, um coração ardente e insaciável, um espírito ávido de sensações novas, cheio de uma curiosidade inquieta e de aspirações infinitas: sou como uma sarça de fogo que se nunca extingue e tudo procura devorar e purificar. O meu intelecto é uma chama viva, alimentado pela anciã do novo, atormentado por essa vontade, essa necessidade de renascimento que leva a serpente a mudar continuamente de pele. (...) Viver é mudar, mudar continuamente de ritmo, renovar-se perpetuamente<sup>49</sup>.

Desse constante desejo de mudança e de atualização poder-se-ia talvez explicar a trajetória tão diversificada e multifacetada, e que juntamente com vaidade intelectual não tem vergonha de mudar completamente de posicionamento, muitas vezes causando polêmica. Elysio de Carvalho promove essa construção que faz de si para outros intelectuais do seu próprio meio. Como foi escrito, por ocasião de seu falecimento, em um número em sua homenagem publicado pelo Monitor Mercantil:

Nascera com a chama permanente da renovação. Poeta, como estreador, seguidamente se revela conteur, jornalista, sociólogo, crítico de arte, escritor técnico policial, ensaísta, cronista,

---

<sup>48</sup> CARVALHO, Elysio de. *As modernas correntes estheticas na literatura brasileira*. RJ: editora Garnier, p.206.

<sup>49</sup> *Id.*, p.207 e 208.

publicista, historiógrafo, economista. Era um mudar constante, em renovada procura de expressão literária que melhor refletisse e contivesse seu pensamento<sup>50</sup>.

Nas palavras do escritor alagoano Dirceu Lindoso,

Elysio de Carvalho é um intelectual excelentemente contraditório, e seu perfil não entra facilmente em esquemas pré-articulados, e daí sua importância. (...) Num país em que se elogia a estupidez dos que não mudam, Elysio de Carvalho preferiu a inteligência dos que mudam<sup>51</sup>.

De fato, por essa característica é muito difícil enquadrá-lo em um determinado grupo. Na estratégia metodológica proposta por Pierre Bourdieu, o autor afirmou que sobre a história pessoal do artista como um projeto estético (biografia) ou

enquanto expressão da pessoa do artista em sua singularidade, somente podem ser compreendidas inteiramente se forem recolocadas no campo ideológico de que fazem parte e que exprime, de uma forma mais ou menos transfigurada, a posição de uma categoria particular de escritores na estrutura do campo intelectual, por sua vez incluído em um tipo específico de campo político, cabendo uma posição determinada à fração intelectual e artística<sup>52</sup>.

Quando se trata da trajetória intelectual do autor ou de suas obras, mesmo dentro da divisão proposta neste trabalho, não se pode inserir Elysio em uma única linhagem de pensamento político, ou encaixá-lo em apenas uma determinada corrente ideológica. Seus caminhos e suas produções são múltiplos, pertencendo a diversos grupos ao mesmo tempo. O escritor alagoano criou oportunidades para participar de diferentes redes de sociabilidade intelectual.

As redes de sociabilidade são relações de afinidade intelectual que podem ser construídas através de diferentes *locus*, sendo as revistas

<sup>50</sup> Elysio de Carvalho. *Monitor Mercantil*, vol. 21, ano 11, n. 516, 7 nov. 1925, p. 654.

<sup>51</sup> LINDOSO, Dirceu. "O espírito e a contradição". In: CARVALHO 1997, *op cit*, p. 297.

<sup>52</sup> BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: \_\_\_\_\_. 2. ed. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p.184.

um local privilegiado para o desenvolvimento de projetos literários, artísticos, editoriais ou políticos. Daí, Sirinelli apontar que:

as revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtemem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão<sup>53</sup>.

As correspondências também podem contribuir para a manutenção e a construção dessas redes de sociabilidade. Segundo Rebecca Gontijo, tratar das sociabilidades é uma abordagem que procura propor uma investigação da história dos intelectuais “que não parta de juízos e modelos prévios, nem conclua com esquemas explicativos generalizantes”<sup>54</sup>, o que no caso do Elysio de Carvalho e da sua participação em diferentes grupos talvez, seja uma das ferramentas mais adequadas.

A vaidade intelectual e o desejo constante de mudança foram muito úteis à sua luta por reconhecimento e por interagir em diferentes grupos de intelectuais, seja de anarquistas, decadentistas, dos modernistas do Rio ou dos nacionalistas militantes.

O escritor costumava remeter diversos de seus livros como presente a outros intelectuais, como por exemplo *Principes del Espiritu Americano* para Oliveira Vianna e Mário de Andrade. A carta de Rubén Dário para Elysio de Carvalho escrita em 1907 é um indicativo da troca epistolar e da remessa de livros para esse epígono das letras hispano-americanas.

---

<sup>53</sup> SIRINELLI, op. cit, p. 249.

<sup>54</sup> GONTIJO, Rebecca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; Gouvêa, Maria de Fátima Silva (Orgs.). *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 278

Mi querido Elysio: Te explicarás mi silencio, si supieras que he pasado por muchas tempestades íntimas, algunas de las cuales aun duran. Imaginate solamente que, después de 15 años de separación, se presentó mi esposa, vino de Nicaragua, con el solo objeto de amargarme la vida. Pero dejemos esto. \_ Tu libro es una obra maestra. Como dice [José] Verissimo, tienes ya un lugar definido e innegable entre los pensadores de tu país. Yo te envío un fuerte abrazo, y me regocijo con tu triunfo. ¿Cuándo vienes a Europa?. Yo parto para Nicaragua dentro de unos 20 días, o un mes. Estaré alla 4 meses. Manda tu libro a Martinez Sierra de “Renacimiento”. A Pedro y Andrés Gonzalez Blanco, (al Ateneo); á Unamuno en la Universidad de Salamanca. De nuevo, un abrazo de tu Rubén Darío<sup>55</sup>.

Infelizmente não sabemos de que livro se trata, no entanto, podemos observar a tentativa em estabelecer contatos não apenas no Brasil, mas também na Europa e na América hispânica. Elysio nutria grande admiração pelo poeta nicaraguense, tanto é que lhe dedica um estudo em 1906, intitulado *Rubén Darío* (quem sabe não teria sido esse o livro enviado...), além de outro estudo em *Principes del Espiritu Americano* (1924). Sobre a obra de 1906 temos a seguinte carta:

Exmo° Sr

Barão do Rio Branco

Conforme já tive a ocasião de dizer a V. Ex<sup>a</sup> tenho pronto para ser impresso o meu estudo sobre Rubén Darío, e desejava que V. Ex<sup>a</sup> desse ordem para que, desde que se trata de uma homenagem ao notável poeta da América Espanhola, nosso hóspede há pouco, fosse o dito trabalho impresso na oficina da Imprensa Nacional, entrando na conta de publicações do Congresso Pan-Americano. O custo total da impressão da obra não excederá de cerca de 500\$000. Se V. Ex<sup>a</sup> precisar de saber alguma

---

<sup>55</sup> Carta de Rubén Dario a Elysio de Carvalho. Paris, 30 de setembro de 1907. Disponível em: <http://alfama.sim.ucm.es/3DGreco/modprint.php?name=print&pag=26&search=rub%E9n>. Acesso em 01 de julho de 2010.

coisa quanto às proporções e ao valor do meu trabalho, poderá se informado por qualquer pessoa que me conheça, como por exemplo, pelo [ilegível] Domício da Gama, José Verissimo, João Ribeiro ou Graça Aranha, a quem aliás vou dedicar.

Espero que V. Exm<sup>a</sup> dê atenção a este meu pedido e resolva a respeito o mais breve possível.

Compatriota e admirador

Elysio de Carvalho<sup>56</sup>

De fato, a obra acabou sendo publicada pela Imprensa Nacional. Vale ressaltar a importância dessa tentativa e a garantia que Elysio de Carvalho dá ao Barão do Rio Branco sobre a importância do seu trabalho ao citar nomes influentes da época, alguns dos quais pertencentes ao corpo diplomático brasileiro e, portanto, da confiança do Barão e da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Vários de seus livros são dedicados às personalidades da época, como, por exemplo: *Brava Gente*, dedicado a Jorge Jobim; *Suave Austero* é dedicado a Alberto Rangel; *Lauréis Insignes* a Afonso Lopes Vieira; *Rubén Darío* à Graça Aranha; *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira* ao Cardeal Arcoverde; *Os Bastiões da Nacionalidade* a Alberto de Oliveira; *História de um Cérebro* ao escritor argentino Juan Mas y Pi.

Outro ponto importante, que merece ser ressaltado é a publicação das palestras por ele proferidas nos mais diversos lugares. *Lauréis Insignes* tem em sua composição três palestras: *Origens da família brasileira*, no XX Congresso Internacional dos Americanistas; *Pombal e a Civilização Brasileira*, no Real Gabinete Português de Leitura, sob a presidência do Embaixador de Portugal; *Íncrita Trindade*, na Associação Brasileira de Imprensa. Além de um capítulo, por ele escrito, do Livro de Ouro do Centenário.

Já *Os Bastiões da Nacionalidade* contém as seguintes palestras: *Nacionalismo e Patriotismo*, proferida num ágape de intelectuais no restaurante Assírio, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, presidido pelo Embaixador da França; *S. Paulo e o sentimento da unidade nacional*, num banquete do Hotel do Parque em Santos; *O fator geográfico na política brasileira*, na sociedade de Geografia do Rio de

---

<sup>56</sup> Carta de Elysio de Carvalho ao Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro, 06 de setembro de 1906. Cópia pertencente à pasta PN/CARVALHO, Elysio de. 700/EC P.29 (B) – Fundação Casa do Penedo



Janeiro; *Leões do Norte*, no Centro Pernambucano do Rio de Janeiro; *La France Éternelle*, num banquete oferecido ao poeta Paul Fort na sua visita ao Brasil.

O último do capítulo do livro é o discurso proferido por Ronald de Carvalho na homenagem prestada à Elysio no restaurante Assírio em 1921, ocasião em que este último proferiu a palestra *Nacionalismo e Patriotismo*, citada anteriormente.

Elysio de Carvalho foi reconhecido entre seus pares como intelectual, mas também procurou ressaltar esse reconhecimento em suas obras, buscando sempre fixar essa construção de intelectual importante e aceito pelos seus pares.

Sua rede de sociabilidade não ficou restrita apenas a cidade do Rio de Janeiro, participante da Semana de Arte Moderna de 1922, contou com a colaboração de Mário de Andrade em sua revista *América Brasileira*, freqüentou a Villa Kyrial do mecenas Freitas Valle e, de acordo com a troca epistolar entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, estes intelectuais costumavam freqüentar-lhe a casa. Mário lhe dedica o poema *Noturno de Belo Horizonte* e com este intelectual passa a trocar cartas nos anos de 1923, 1924 e 1925, depois de uma visita a São Paulo. Em 1925, sete meses antes de seu falecimento, Elysio envia um cartão postal à Mário, de Davos-Platz na Suíça onde encontrava-se internado no sanatório de Schatzalp.

Dessa relação de Elysio de Carvalho com o movimento modernista, Antonio Arnoni Prado o aponta como um dos membros de uma “falsa vanguarda”, composta pelo grupo do Rio de Janeiro que participou da Semana de Arte Moderna, principalmente “a mesa”: Graça Aranha, Renato Almeida e Ronald de Carvalho, além de João do Rio. Esta “falsa vanguarda” faria parte de um movimento dissidente que buscaria um modernismo da ordem em contraposição ao grupo de São Paulo que se caracterizaria pelo modernismo da desordem.

Para Marcus Salgado, a análise de Arnoni Prado consiste em uma filtragem ideológica que ignora a contribuição do grupo modernista de São Paulo na *América Brasileira*.

A obra de Elysio de Carvalho não apresenta os elementos de renovação defendidos pelo grupo modernista paulista, tanto é que a *América Brasileira* (1922-1924) encontra-se no cruzamento entre a modernidade e a tradição. Podemos tomar como exemplo, as ilustrações apresentadas no periódico, que em sua maioria contam entre os

colaboradores, com Di Cavalcanti e o português Jorge Barradas<sup>57</sup>. Mesmo os desenhos de Di Cavalcanti apresentam traços característicos da *art nouveau* e não apresentam as inovações dos traços arredondados e coloridos advindos da herança expressionista que o tornaram conhecido retratando a mulher brasileira, em especial as mulatas.

Ao mesmo tempo, no caso específico do intelectual alagoano, as contribuições de Mário de Andrade e Manuel Bandeira na *América Brasileira* foram importantes e embora Elysio tenha participado da Semana de Arte Moderna em São Paulo e mantivesse contato com o grupo paulista, a atenção dispensada a este evento na revista foi insignificante. Cita-se este exemplo, porque o periódico em questão circulou por quase dois anos e coincide com o “boom” modernista, além de ter a ambição de resolver “a questão de possuímos uma grande revista de cultura e informação geral ao alcance de toda gente”<sup>58</sup>. Lançada em dezembro de 1921, a *América Brasileira* dedicou apenas uma pequena nota ao evento, enquanto que ao Centenário de Independência do Brasil dedicou três números encadernados juntos na *Edição Especial do Centenário*.

Dessa forma, caracterizá-lo como falso vanguardista implicaria admitir que Elysio de Carvalho se colocava enquanto vanguardista, sendo que em momento algum de suas obras ele assume esta posição. Assim sendo, considera-se a posição de Elysio de Carvalho dentro deste determinado grupo carioca que participou da Semana de Arte Moderna, mas o termo falso vanguardista não se aplica uma vez que designado *a posteriori*.

Embora, o escritor alagoano tenha manifestado uma constante obsessão pela atualização das idéias que incluíam a troca de informações com os modernistas, Elysio não se apresentava como um participante desse movimento, sua atenção estava voltada para outro tipo de modernidade, mais política do que estética, voltada para a positivação de nossas origens portuguesas e impregnada de idéias sobre a industrialização do país.

---

<sup>57</sup> PIAZZA, Maria de Fátima Fontes; LEMOS, Clarice Caldini. A ilustração na América Brasileira entre a tradição e a modernidade. In: *Esboços: Revista do Programa de Pós-Graduação em História*. Florianópolis: UFSC, 2008. p. 163-176.

<sup>58</sup> América Brasileira. In: *América Brasileira*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 2, jan. 1922.

## CAPÍTULO II: NACIONALISMO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

A Primeira República foi um momento de grandes transformações no Brasil e no mundo. No cenário internacional é o momento em que o imperialismo culmina na Primeira Guerra Mundial, surgem novas nações dos velhos impérios e novas ideologias que permitem pensar esse momento de crise ocasionado por uma guerra cuja longa duração ninguém previu e muito menos as suas conseqüências. No Brasil é uma época tumultuada por crises econômicas e conflitos ocasionados muitas vezes pela dura repressão aos movimentos populares. Novas tecnologias transformam a percepção do tempo e o fazer artístico e literário. Muito embora, tantos outros acontecimentos tenham marcado indelevelmente as primeiras três décadas do século XX, serão aqui citados apenas aqueles mais relevantes para a análise encetada. O objetivo deste capítulo é compreender o momento em que Elysio de Carvalho produziu as obras analisadas nesta dissertação para podermos apreender a relação destas com aquele momento histórico.

O grupo intelectual conhecido como a “geração de 1870” foi diretamente responsável pelas transformações radicais na estrutura política, social e econômica brasileira no fim do século XIX. Essa elite europeizada tomava como meta, o engajamento do homem de letras em todas as questões que diziam respeito ao país nos seus mais variados aspectos. Composta por abolicionistas, liberais democratas e republicanos (praticamente todos), enfatizava como principais exigências:

a atualização da sociedade com o modo de vida promanado da Europa; a modernização das estruturas da nação, com a sua devida integração na grande unidade internacional; e a elevação do nível cultural e material da população<sup>59</sup>.

Embora tenham participado ativamente das transformações, viram seu ideal sucumbir, logo após e até mesmo pelo modo com que a República foi instaurada no Brasil. A sentença que logo surgiu daqueles intelectuais foi “essa não é a República dos meus sonhos”. A brusca mudança no sistema lhes tirara o prestígio anteriormente conferido, tanto pela pressão das oligarquias quanto pelo analfabetismo crônico da população.

---

<sup>59</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 2 ed. SP: Companhia das Letras, 2003. p.97.

A junção com a política acarretou para a “geração de 1870” uma posição social marginalizada e de pouquíssimo retorno financeiro, principalmente pela sucessão de crises econômicas – as quais podem ser observadas ao longo de toda a Primeira República – e pela mudança em todos os níveis de camadas sociais com a alteração do sistema. Primeiro, o isolamento e depois a miséria, aos chamados “mosqueteiros intelectuais”<sup>60</sup> a pior coisa que poderia acontecer era não incumbi-los de uma missão.

Decepcionados com o novo regime e perseguidos por Floriano Peixoto, a reviravolta favorável só veio acontecer com a Regeneração. Esse movimento marcado pela remodelação urbana no Rio de Janeiro, então capital da república e, um dos maiores redutos intelectuais da época, iniciada pelo prefeito Pereira Passos, subentendia todo um programa de higienização e saneamento do meio ambiente; passando pelos costumes, modo de vida e até mesmo pelas idéias da população<sup>61</sup>.

Nesse contexto os homens das letras tornam-se necessários novamente para auxiliar na consolidação da imagem de uma sociedade civilizada, a fim de chamar a atenção da Europa para as transformações que o país estava arquitetando em prol de sua melhoria.

Em 1905, a Academia Brasileira de Letras recebeu especial atenção do governo – mesmo tendo sido fundada em 1897 –, passando a ter sede própria. Nesse mesmo período são oferecidos cargos públicos (do alto e do baixo escalão) aos letrados, assim como, a tutela do Estado foi oferecida às organizações culturais e o mecenato a alguns nomes da literatura, concedido pelo Ministério de Relações Exteriores<sup>62</sup>.

A historiadora Ana Luiza Martins refere-se ao período balizado entre 1890 e 1905 como a “República das Confeitarias”, que precedeu a “República das Letras” ou a “República do Jornalismo”<sup>63</sup>. É necessário dar um pouco de atenção a esse último período no qual o literato se

---

<sup>60</sup> BARBOSA, Alexandre J. *A tradição do impasse*. São Paulo: Editora Ática, 1974, p. 77-111. *Apud*: SEVCENKO, *op.cit.*, p.97.

<sup>61</sup> O primeiro *funding loan* (1889) permitiu uma restauração financeira e a recuperação da credibilidade junto aos centros internacionais. A cidade deveria ser remodelada e as elites sociais substituídas, o progresso deveria ser tratado como objetivo coletivo fundamental. Largas avenidas – como a Avenida Central –, jardins – como a transformação do Passeio Público – e grandes edificações. O mestre de obras era substituído pelo arquiteto, assim como a arte nacional pela *art nouveau*. Para que o centro da cidade tomasse o aspecto desejado, foi preciso a expulsão da população pobre que se concentrou nos morros ao redor da região, criando favelas. SEVCENKO, *op. cit.*, p. 97

<sup>62</sup> *Id.*, p. 118

<sup>63</sup> Vide: MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP/ Fapesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p.136-148.

profissionalizou, sobretudo pelo exercício do jornalismo. A divisão entre essas duas Repúblicas definiu-se pelo surgimento do jornal como grande empresa. A criação desse mercado jornalístico foi um fenômeno que abalou profundamente a área cultural e, por conseguinte, o comportamento dos intelectuais.

A mudança na sensibilidade do público literário carioca sob o ritmo frenético da Regeneração obrigou os autores a uma redefinição de suas posições intelectuais e determinou uma clivagem no universo literário. “Os ideais não morreram, simplesmente mudaram. O automóvel, a elegância, o retrato no jornal, a carreira diplomática resumem em si quase todos os anseios das novas gerações”, afirma Nicolau Sevcenko<sup>64</sup>.

Todas essas novidades modernizadoras, como bondes elétricos, automóveis e a ampliação da rede ferroviária, além da aceleração do tempo com a vida moderna, transformaram as formas de sensibilidade e o fazer literário. “Dar tempo ao tempo é uma frase cujo sentido a sociedade perdeu integralmente. Já nada se faz com o tempo”<sup>65</sup>, escreveu João do Rio, autor que incorporou esse novo fazer literário.

Com a grande difusão de anúncios de propagandas em jornais e revistas, abriu-se um novo horizonte vinculando as formas de produção e recepção literária aos meios de comunicação, principalmente com as transformações técnicas que abrangiam desde a litografia à fotografia nos jornais<sup>66</sup>. Nas décadas de 1910 e 20, ilustrações (capas, capitulares, florões, vinhetas, festões) passaram a fazer parte do livro, que passa a ser visto como um objeto gráfico.

É importante ressaltar a presença dessas inovações gráficas na revista *América Brasileira*, editada por Elycio de Carvalho entre 1922 e 1924, repleta de capitulares e vinhetas, além de capas desenhadas por Di Cavalcanti, Correia Dias, Jorge Barradas, Angelus e Zina Aita. Também ressalta-se a grande quantidade de fotografias (o número aumenta nas últimas edições) e até mesmo de fotomontagens presentes no periódico. Os livros do autor publicados na década de 1910 e 20 também exibem muitas ilustrações, com destaque para a capa de *Brasil: potência mundial* de 1919.

O “novo jornalismo” trouxe consigo uma tentativa de homogeneização das consciências pelas características da *Belle Époque* – principalmente o cosmopolitismo e o mundanismo –, aliando

---

<sup>64</sup> SEVCENKO, *op. cit.*, p.121.

<sup>65</sup> SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letra: literatura, técnica e modernização no Brasil*. SP: Companhia das Letras, 1987, p. 94

<sup>66</sup> *Id.*, p.26

tecnologia à mesmice dentro do campo literário, ou seja, a descaracterização do intelectual e do literato tradicional. Logo relacionada ao controle da consciência e a banalização da linguagem, os escritores tradicionais que perseguiram ainda uma meta específica de conscientização da população posicionam-se contrariamente a essa nova literatura considerada “o sorriso da sociedade”, que não possuía qualquer vinculação política ou social.

Todavia devido ao ingresso maciço de escritores nesse novo campo jornalístico, verificou-se uma mudança na condição de artista. Impelidos pelas dificuldades de ganhar a vida com a literatura – impulsionada entre outros aspectos pelo alto de índice de analfabetismo – esses autores recorrem ao jornalismo. Muitas vezes aliavam cargos públicos à carreira jornalística, como Lima Barreto, que complementava o salário de burocrata com a renda do trabalho intelectual. Nesta época, Elysio de Carvalho começou a trabalhar na Repartição de Identificação da Polícia do Rio de Janeiro, publicando diversas obras e artigos relacionados ao seu trabalho, mas mantendo paralelamente a carreira de literato, editando revistas e publicando artigos sobre os mais diversos assuntos.

Esse período de transição não foi simples, pois diversos conflitos nasceram da dificuldade em estabelecer limites e classificações da linguagem jornalística como gênero literário. Vale notar que esse problema não se restringiu apenas ao Brasil. Para muitos era objeto de desqualificação, enquanto para outros era uma nova forma de literatura tão válida quanto a antiga. Nesse início do periodismo, o estilo jornalístico deixava a desejar na qualidade da linguagem, se comparado ao estilo literário. Embora a remuneração dos jornais fosse boa (tanto em artigos como em traduções), o literato preferia a revista pelo reconhecimento como um homem de letras e não como jornalista.

A escrita do jornal, considerada de péssimo nível, era lamentada por Lobato (...). O autor esquecia-se que, até poucos anos antes, apenas esses pequenos jornais davam espaço para o iniciante nas letras. Ele próprio escrevera no *Minarete* de Pindamonhangaba (...) <sup>67</sup>.

As resistências a essa banalização da literatura são inúmeras e de formas diversas, desde a ironia amarga de Machado de Assis até a sátira de cunho mais social, como em Anatole France, que teria em Lima

---

<sup>67</sup> MARTINS, *op. cit.*, p.141.

Barreto o seu maior expoente aqui no Brasil. Até a Primeira Guerra Mundial sátiras e ironias dominaram as páginas de crítica<sup>68</sup>.

A Primeira Guerra Mundial teve um forte impacto sobre a intelectualidade da época. Juntamente com a decepção com a República, esses intelectuais sentiram ainda mais a necessidade de pensar a nação brasileira. A influência francesa também contribuiu para o clima de tragédia que pairava no ar.

O nacionalismo francês do final do século XIX e começo do XX foi marcado pela meditação sobre a decadência, uma ideologia defensiva que temia por seu patrimônio e buscava restaurar a grandeza do país<sup>69</sup>. Esse aspecto “salvacionista” marcou indelevelmente a intelectualidade brasileira, que vislumbrando o fim da *Belle Époque* empenhou-se na construção de uma consciência nacional. Esse grupo de pensadores não se constituiu apenas daqueles primeiros que eram contra o “mundanismo” na literatura, cresce o número de intelectuais envolvidos no desafio de construir a nação. O próprio Elysio de Carvalho aos poucos vai deixando de lado a escrita decadentista e passa cada vez mais a focar suas obras na questão nacional.

A historiadora Mônica Pimenta Velloso em seu artigo intitulado *A Literatura como Espelho da Nação* realiza uma análise sobre a consolidação da tradição documental na literatura brasileira. Uma reflexão importante para pensar o período que tratado, no qual a literatura assume não apenas um caráter documental, mas também sociológico.

A autora expõe como ao longo da história política e intelectual brasileira, as diferentes correntes de pensamento instituíram a literatura como “portadora e/ou refletora do mundo social”. Os autores que fugiram desse padrão foram tachados de alienados.

Debruçar-se sobre um objeto exterior (seja ele a pátria ou a pessoa), dissecando-o ou analisando-o como se fora um fato pronto a ser decodificado, é ver a literatura como instância encarregada de documentar e/ou descrever o “real”<sup>70</sup>.

---

<sup>68</sup> SEVCENKO, *op.cit.*, p.124.

<sup>69</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990, p.51.

<sup>70</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *A Literatura como Espelho da Nação*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, vol. 1, n. 2, 1988. p.240.

A história se torna a matéria-prima do literato que ao problematizá-la, transforma em aventura e constrói sua obra. Essa concepção é de origem positivista, na qual a literatura só é respeitada quando submetida aos parâmetros cientificistas. Nesse aspecto, o vínculo entre criação literária e nação se faz por uma tendência mais realista do que propriamente ficcional, como pode ser observado em diversos autores da época como Silvio Romero e Euclides da Cunha. Estes intelectuais que se voltaram para a busca das raízes brasileiras, com o aparato científico poderiam apreender de uma forma melhor a nacionalidade, apontando problemas e propondo soluções.

É nesse sentido que a literatura ganha certo viés sociológico, quando “a sociologia é este saber que ganha o estatuto da cientificidade, porque é capaz não só de oferecer uma análise mais “realista” da nossa situação, como também de nela interferir”<sup>71</sup>.

Esse vínculo entre cientificidade e literatura começa ainda no século XIX. Modelos de sucesso na Europa em meados do século, as teorias raciais chegam mais tarde no Brasil onde são recebidas com entusiasmo pelos estabelecimentos científicos e de ensino. A década de 1870 também é vista como um marco na história das idéias no Brasil “uma vez que representa o momento de entrada de todo um novo ideário positivo-evolucionista em que os modelos raciais de análise cumprem um papel fundamental”<sup>72</sup>. A ciência que aqui se consome são modelos evolucionistas e social-darwinistas que foram popularizados principalmente por justificar a dominação imperialista européia. Essas teorias foram muito bem recepcionadas pelas instituições recém-criadas como os institutos históricos e geográficos, os museus etnográficos e mesmo as faculdades de direito e medicina<sup>73</sup>. Lilia Moritz Schwarcz em *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930* chamou a atenção para os usos que essas idéias tiveram no Brasil.

A autora questiona outras abordagens já feitas sobre o tema que apontam as obras criadas no período como reflexos cristalizados do contexto e seus autores como imaturos nas suas interpretações.

Como foi visto no capítulo anterior, Elysio de Carvalho também foi analisado como um autor cujas elucubrações seriam imaturas e cujas leituras equivocadas. Entretanto é importante perceber a tentativa de utilização e reapropriação dessas teorias européias e norte-americanas

---

<sup>71</sup> *Id.*, p.242.

<sup>72</sup> SCHWARCZ, *op. cit.*, p. 14.

<sup>73</sup> A autora ressalta que o vocabulário de muitos livros de literatura chegavam a conter palavras de cunho científico ligado às teorias raciais.



no Brasil por mais contraditória que seja. A análise da questão racial como um dos pilares da idéia de nação nas obras do autor nos permite acrescentar mais informações nesse panorama tão complexo de apropriação e reelaboração de idéias estrangeiras no Brasil.

A influência dessas correntes de pensamento européias está muito ligada às condições sócio-históricas, significando muito mais que um modismo intelectual<sup>74</sup>. A formação dos nossos intelectuais na tradição européia trazia consigo concepções históricas do final do século XIX que expressariam a inviabilidade de uma ex-colônia tornar-se nação, principalmente quando um dos principais pilares da nação se transformou na raça.

Por ocasião desse aumento expressivo no campo intelectual em busca de uma (re) definição de nação, a literatura volta a tomar esse caráter documental. Lúcia Lippi de Oliveira afirma que a questão nacional emergiu em diversos momentos no processo de autoconsciência dos intelectuais brasileiros, sendo que um deles teria sido em fins do século XIX com a “geração de 1870”<sup>75</sup>. Após a Primeira Guerra Mundial teria sido outro momento, com mais vigor em 1922 por ocasião do Centenário de Independência e posteriormente como ápice, o Estado Novo.

Segundo Daniel Pécaut o “processo de conversão dos intelectuais em agentes políticos assumiu, a partir de 1915, o caráter de um movimento global e realizou-se sob diversas formas: vaga nacionalista, modernização cultural, ressurgimento católico, impulso antiliberal”<sup>76</sup>.

Ao observarmos algumas das correntes literárias que surgem no decorrer da Primeira República, especialmente no período após o início da Primeira Guerra Mundial, é possível verificarmos as diferentes posições assumidas por cada uma delas. Todas buscam formular uma proposta para os problemas da nação. O que também podemos constatar é uma relação entre literatura e sociedade de forma didático-pedagógica, a fim de criar uma consciência nacional na população.

O ufanismo teve entre seus maiores expoentes Eduardo Prado e o Conde Afonso Celso, com sua tão conhecida obra *Porque me ufano do meu país*, publicada em 1901 com a finalidade de transmitir aos seus

---

<sup>74</sup> ODÁLIA, Nilo. Oliveira Vianna: a teoria do Estado. In: BASTOS, Élide Rugai; MORAES, João Quartim (Orgs.). *O Pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: editora da Unicamp, 1993, p.147.

<sup>75</sup> OLIVEIRA, *op.cit.*, p.79

<sup>76</sup> PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Trad.: de Maria Júlia Goldwasser. SP: Ed. Ática, 1990, p. 24

filhos o patriotismo em que acreditava. Caracterizado pelo otimismo quanto às qualidades da terra brasileira, no início da República era associado às críticas sobre a vida política republicana e representado por civis monarquistas. A República para Eduardo Prado significava a introdução do caudilhismo na política brasileira, enquanto o Império seria o liberalismo.

Este autor considerado um liberal e ardente monarquista, ocupou uma posição de destaque no mundo literário pela participação em um grupo luso-brasileiro de intelectuais, formado por Afonso Arinos, Eça de Queiroz, Barão do Rio Branco, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins entre outros. Eduardo Prado participou também da fundação da Academia Brasileira de Letras<sup>77</sup>.

Esse nacionalismo conservador dos ufanistas diferia quanto ao estilo e a abordagem do nacionalismo republicano “jacobino”, o primeiro, antiamericano e o segundo, anti-inglês e antilusitano.

Depois da Primeira Grande Guerra a incerteza tomou o lugar da *Belle Époque* e em março de 1915 os intelectuais pró-aliados fundaram a Liga Brasileira pelos Aliados. Presidida por Rui Barbosa, contava com outros nomes de peso como José Veríssimo, Graça Aranha, Antônio Azevedo, Pedro Lessa, Barbosa Lima, Olavo Bilac e Manuel Bonfim. Entre os intelectuais defensores da posição francesa podemos citar alguns nomes que contribuiriam mais tarde com a *América Brasileira* (revista editada por Elysio de Carvalho) com Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto e Afrânio Peixoto.

Por outro lado, entre os germanófilos estavam João Barreto Menezes, Lima Barreto e Capistrano de Abreu. E ainda existia uma posição de neutralidade – apesar das críticas aos Aliados – em que se pode citar Alberto Torres, Oliveira Lima e Assis Chateaubriand.

A visão dos intelectuais estava voltada para a Europa, mas isso mudou com a criação da *Revista do Brasil* em 1916, dirigida por Monteiro Lobato, que expressava um novo sentimento nacional. A partir da Liga Brasileira pelos Aliados, começam a surgir as primeiras estratégias de propagação de idéias nacionalistas. Em 1915 Olavo Bilac iniciou o que Lúcia Lippi chamou de “jornada patriótica para despertar a nação”<sup>78</sup>, falando aos estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Sua proposta consistia principalmente no serviço militar obrigatório e na educação cívico-patriótica, essa

---

<sup>77</sup> OLIVEIRA, *op. cit.*, p.107.

<sup>78</sup> *Id.*, p.120.

empreitada desencadeou todo um debate em torno da questão que desembocaria mais tarde na formação da Liga de Defesa Nacional.

Já para Alberto Torres, importante pensador da época cujas obras influenciaram vários outros autores, inclusive Elysio de Carvalho, a salvação nacional não se faria por meio de armas. Este intelectual foi um dos formuladores do pensamento agrarista ou ruralista no Brasil, corrente de pensamento que acreditava que a salvação nacional estava no trabalho do homem e nas riquezas do solo. A agricultura seria a verdadeira geradora de riquezas. “É a terra, é a geografia que estabelecem os parâmetros para a ação política que visa a organização da nação”<sup>79</sup>. Além de ser um dos expoentes do pensamento autoritário brasileiro, juntamente com Azevedo Amaral, Oliveira Vianna e Francisco Campos.

Um dos movimentos que se originaram da Liga de Defesa Nacional foi a Liga Nacionalista de São Paulo criada em 1917, mais voltada a questões políticas, principalmente com as eleições, promovendo campanhas de alfabetização.

Outra tendência nascida no Rio de Janeiro teve como expoente Álvaro Bomilcar e Afonso Celso, à frente de dois movimentos: a Propaganda Nativista e a Ação Social Nacionalista. Bomilcar e Arnaldo Damasceno Vieira fundaram em 1917 a revista *Brazílea*, cujo conteúdo de campanha era o antilusitanismo, a valorização da mestiçagem e a religião e a moral como verdadeiros alicerces da pátria.

O patrono da Propaganda Nativista era Floriano Peixoto, esse movimento pretendia despertar a solidariedade entre os povos americanos, defender o mercado de trabalho para os brasileiros e regulamentar a imigração. Em 1919, para divulgar suas idéias é criada a revista *Gil Blas*.

Para Lúcia Lippi de Oliveira é a partir da Primeira Guerra que o nacionalismo abandona o viés ufanista e assume um caráter militante com programas de luta e organização de movimentos para a salvação do país.

Em meio a esse turbilhão de idéias é que começam os preparativos para a comemoração do primeiro centenário de independência do Brasil. Preparativos não apenas em termos de construção material, mas também todo aquele nacionalismo desenfreado que se volta para a discussão da importância do centenário e a significação dessa data para a sociedade brasileira.

---

<sup>79</sup> *Ibid.*, p.123.

## NAÇÃO E NACIONALISMO

Mas antes de entrarmos no ano de 1922 e no Centenário de Independência é necessário questionar: afinal das contas, o que é a nação? O que é o nacionalismo? Benedict Anderson, ao escrever a introdução de uma coletânea de textos sobre o assunto, não poderia ter sido mais feliz em expor o sentimento comum em relação ao termo e o porquê deste assunto atrair tantos pesquisadores a fim de desvendar algo tão complexo e presente em nossas vidas:

Ninguém discorda de que o nacionalismo tem estado “por aí” na face da Terra há no mínimo dois séculos. O bastante, poder-se-ia dizer supor, para que já fosse entendido de maneira clara e generalizada. Mas é difícil pensar em algum fenômeno político que continue tão intrigante quanto este e sobre o qual haja menos consenso analítico. Dele não há nenhuma definição amplamente aceita<sup>80</sup>.

Ao longo das últimas décadas diversos pesquisadores tem se voltado para o estudo da questão nacional em várias partes do mundo, e apesar de todo esforço não tem sido possível estabelecer critérios únicos para analisar os diferentes tipos de nacionalismo.

No livro *Nações e Nacionalismo desde 1870*, Eric Hobsbawn nos proporciona um panorama das idéias desenvolvidas sobre nação e nacionalismo, examinando as diversas definições de nação fundamentadas na religião, língua, etnia, território, história comum e traços culturais, visto que não existe e nunca existiu apenas uma definição de nação. “Não é possível reduzir nem mesmo a “nacionalidade” a uma dimensão única, seja política, cultural ou qualquer outra “<sup>81</sup>.

O critério etnolinguístico, comumente citado, por exemplo, tardiamente tornou-se um fator dominante para estabelecer uma nação. Apenas no final do século XIX e início do XX que esse critério foi adotado, pois antes disso a questão das aquisições territoriais não permitia esse tipo de limitação. A França anexou territórios nos quais a etnia e a língua falada eram totalmente diferentes. O fator base era a

<sup>80</sup> ANDERSON, Benedict. Introdução. In: BALAKRISHNAN, Gopal. *Um Mapa da Questão Nacional*. Trad: Vera Ribeiro. RJ: Contraponto, 2000, p.7.

<sup>81</sup> HOBBSBAWN, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad.: Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. RJ: Paz e Terra, 1990, p. 17.

cidadania, o direito de ser cidadão francês. Hobsbawn também aponta para a questão problemática da língua, quando apenas uma pequena percentagem de franceses falava o francês.

A construção da língua oficial é uma opção política e diplomática que permite a resolução de conflitos, ou a piora deles, uma vez que seria possível definir as fronteiras de um determinado país através dela. A preocupação dos nacionalistas em adotar o critério lingüístico, já em meados do século XIX, também era em não se poder optar pela nacionalidade (definida pela língua materna)<sup>82</sup>.

Ainda segundo o autor a identificação étnica carecia de “teorias influentes, ou pseudoteorias, que identificavam as nações com descendência genética”<sup>83</sup>, que só apareceriam muito tardiamente no século XIX proporcionando o desenvolvimento do nacionalismo pautado nestes critérios<sup>84</sup>.

A definição de nação é algo tão complicado que por mais que se possa fazer analogias entre países sempre teremos alguma exceção, não existe um padrão único entre Ásia, América e Europa (não inclui a África e Oceania pois os principais estudos sobre nação e nacionalismo estão voltados para esses três continentes, não fornecendo dados sobre as outras áreas do mundo). Neste sentido, podemos entender as críticas direcionadas à teoria de Benedict Anderson que, apesar destas, é a mais aceita no meio acadêmico quando o assunto é nação e nacionalismo. Até agora tem sido a ferramenta teórico-metodológica que pode ser utilizada (mesmo que com ressalvas) em diversas situações.

Para Benedict Anderson, a nação é uma “comunidade política imaginada – imaginada como implicitamente limitada e soberana”<sup>85</sup>. Imaginada porque os integrantes de uma mesma nação – por menor que seja – jamais conhecerão, encontrarão ou ouvirão falar de todos os seus compatriotas, e mesmo assim compartilham um sentimento de comunhão. A nação é limitada porque possui fronteiras finitas – mesmo que elásticas – com outras nações. É soberana “porque o conceito nasceu numa época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico, divinamente instituído”<sup>86</sup>. E a nação é imaginada como comunidade porque mesmo

---

<sup>82</sup> Neste ponto vale relembrar o debate gerado no seio da intelectualidade brasileira do início do século XX em que se colocou a questão da língua portuguesa como a nossa língua oficial. Diversos intelectuais engajaram-se na defesa de uma língua brasileira.

<sup>83</sup> Hobsbawn, *op. cit.*, p.128

<sup>84</sup> As mesmas teorias que seriam utilizadas para justificar o imperialismo europeu.

<sup>85</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad.: de Lólio Lourenço de Oliveira. SP: Editora Ática, 1989, p.14.

<sup>86</sup> *Id.*, p.15.

tendo desigualdades e explorações internas, prevalece o sentimento de companheirismo, sem hierarquização e de profundo significado.

Apresentando prós e contras a maioria dos estudiosos dialoga com esta definição para construir seus argumentos. Partiremos também da definição de Anderson como noção geral neste trabalho, muito embora procuremos analisar os elementos que compõe a definição de nação para Elysio de Carvalho.

Inicialmente centrados na Europa e Ásia os estudos relacionados a essa temática tem sido consideravelmente ampliados na América. Diversos estudiosos tem se dedicado ao assunto e entre eles podemos citar o grupo da ARENA (*Association for Research on Ethnicity and Nationalism in the Americas*), cuja publicação mais recente inclui *Nacionalismo no Novo Mundo: a formação de estados-nação no século XIX* organizado por Marco A. Pamplona e Don H. Doyle.

“Os americanistas não estão deixando de lado o debate sobre o nacionalismo; mas é esse debate que está deixando de lado as Américas”<sup>87</sup>. Doyle e Pamplona advertem para a exclusão das Américas no estudo do nacionalismo e que atrelado a este descaso estaria o pressuposto de que “as nações americanas não se encaixam no tradicional paradigma europeu para o conceito de nação”<sup>88</sup>. Apesar de vários estudos (como o de Hobsbawn) romperem com a idéia de que a nação seria centrada fundamentalmente em critérios etno-linguísticos, segundo os autores a América teria sido deixada de lado por não se encaixar nesta definição, uma vez que abarca identidades étnicas plurais. Outra questão que desafia os estudos do nacionalismo seria a diferença no nível de violência e repressão desenvolvidos na Europa em função do nacionalismo e que não se reproduziu nas Américas, seja no interior das nações ou entre elas.

Os autores fazem também uma advertência quanto à associação dos movimentos anticolonialistas na América e o nacionalismo que ali surge no século XIX, apontada por Benedict Anderson. “Ele pode, porém, estar equivocado (...) se com isso devermos entender que cada país tinha noção de sua identidade específica antes da independência”<sup>89</sup>.

Como antigas sociedades coloniais, os novos Estados-nação americanos precisavam ancorar sua reivindicação de

---

<sup>87</sup> PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H.(Orgs.). *Nacionalismo no Novo Mundo*. Trad.: de Waldéa Barcellos. RJ: Ed Record, 2008, p.18

<sup>88</sup> *Id.*, p;18.

<sup>89</sup> *Ibid.*, p.21.

independência em queixas e interesses, mais do que em idéias etnonacionalistas sobre diferenças primordiais em relação à pátria de origem ou em mitos de alguma prévia história comum como nação<sup>90</sup>.

O caso do Brasil torna-se diferenciado das outras nações latino-americanas, uma vez que o nosso processo de independência não significou um rompimento completo com a metrópole e a nossa construção identitária não se formou a partir do contraste com “o outro” (o espanhol, no caso das ex-colônias espanholas). A idéia de uma nação brasileira passa a ser construída a partir de meados do século XIX recebendo mais atenção durante o período do segundo reinado. Como afirmou Sérgio Buarque de Holanda a aspiração a independência e à unidade não nascem juntas e por muito tempo não caminham juntas. É muito difícil definir o momento em que os habitantes da América Portuguesa passam a se considerar unidos por um laço simbólico que ultrapassa a distância, as diferenças regionais e os interesses localizados<sup>91</sup>.

Entretanto, mesmo entre as ex-colônias espanholas o processo de construção da identidade nacional se deu de forma diferente. Alguns países, como o Peru, a Colômbia e outros da América Central, o formularam a partir do elemento indígena, já os intelectuais argentinos no início do século XIX descartaram tanto o passado colonial quanto a herança pré-colombiana<sup>92</sup>. Enquanto a discussão no Brasil passava pela questão de uma nação incompleta, atrasada, a elite argentina aderiu ao discurso de uma nação sem passado, de que a sua origem estava no futuro, ou seja, na nação e no povo que estavam se formando depois da independência. Futuramente esses intelectuais teriam que trabalhar com questões complexas como o cosmopolitismo advindo do grande fluxo de imigração européia para o país. Somente nas primeiras décadas do século XX é que os intelectuais argentinos vão defender uma identidade nacional que ressalte a herança católica e espanhola.

Retornando brevemente a Hobsbawm é preciso ressaltar que os conceitos de nacionalismo sofreram diversas influências e se modificaram ao longo do tempo. Ainda no final do século XVIII os liberais tinham muita dificuldade com o conceito de economia nacional e no início do século XIX os teóricos não se preocupavam tanto com as

---

<sup>90</sup> PAMPLONA & DOYLE, *op. cit.*, p.21.

<sup>91</sup> *Id.* p.21.

<sup>92</sup> MYERS, Jorge. Língua, história e política na identidade argentina, 1840-1880. In: PAMPLONA & DOYLE, *op. cit.*, p. 179-212.

questões etnolinguísticas e culturais. Uma das mudanças ocorrerá com a influência do romantismo sobre o nacionalismo quando laços de herança e tradição passam a ordenar a nação<sup>93</sup>.

Como já foi dito anteriormente, o cenário latino-americano é muito diferente do europeu quando se trata do assunto, mas podemos observar a absorção das teorias nacionalistas européias pela intelectualidade brasileira, que sabendo das diferenças procura assimilar, reinterpretar e adequar essas teorias em um novo ambiente.

É nesse ponto que entra Elysio de Carvalho. Este autor pode não ter sido original em seus escritos, mas podemos observá-los através de sua tentativa em pensar a nação amalgamando diversos elementos herdados do século XIX com outras idéias e teorias correntes no Brasil da Primeira República. É através destes escritos que podemos ver o movimento de idéias num determinado período histórico.

Entretanto, ao tratarmos do nacionalismo não podemos deixar de lado o Romantismo que se transforma numa visão de mundo encontrada em importantes autores do século XIX e XX. Os dois movimentos estão diretamente interligados, principalmente na questão do retorno às origens, utilizada pelo nacionalismo como forma de legitimar o Estado-Nação.

O pensamento romântico também não é homogêneo, apresentando configurações diferentes na Alemanha, Itália, França ou Inglaterra. É possível observar que a vertente alemã, muito presente no Brasil, principalmente na Escola do Recife, foi a que mais influenciou o nacionalismo de Elysio de Carvalho. É possível ligarmos o autor ao romantismo alemão de forma indireta, quando o autor baseia suas afirmativas em Graça Aranha, que por sua vez fora discípulo de Tobias Barreto na escola de direito do Recife.

Inaugurada em 1828 em Olinda e transferida para Recife em 1854, a Faculdade de Direito tinha como objetivo atender os estudantes do norte do país. Por volta da década de 1870 percebe-se uma guinada teórica que buscava dar um estatuto científico ao direito afastando-o das influências religiosas e metafísicas então dominantes<sup>94</sup>. Procura-se aliar a disciplina à biologia evolutiva, às ciências naturais e a uma antropologia física e determinista. A antropologia criminal vinculada à escola italiana (cujos arautos seriam Lombroso, Garófalo e Ferri) passa a ser vista como a modernidade no combate ao crime. Essa entrada do

---

<sup>93</sup> OLIVEIRA, *op. cit.*, p.42.

<sup>94</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. SP: Cia das Letras, 2008, p.147.



pensamento científico teve larga aceitação na Escola do Recife e teve entre seus expoentes Silvio Romero e Tobias Barreto. É importante ressaltar aqui a total adesão de Elysio de Carvalho à escola italiana de criminologia quando de sua vinculação à Repartição de Identificação de Polícia do Rio de Janeiro. No prefácio de seu livro *A Polícia Carioca e a Criminalidade Contemporânea* o autor ressalta a apreciação da campanha encetada para uma maior organização técnica e científica da polícia:

(...) não nos faltou até o estímulo do mestre: de Enrico Ferri, que neste momento temos a honra de hospedar, recebemos, de fato, palavras de felicitações e aplausos aos nossos esforços em favor da organização técnica da polícia carioca de acordo com os princípios e métodos científicos preconizados pela nova escola criminal italiana, de que o autor da *Sociologia Criminal* é um dos mestres mais eminentes. Ainda bem que estamos em muito boa companhia, boa e honrosa<sup>95</sup>.

Tobias Barreto foi um dos grandes divulgadores do pensamento alemão no Brasil além de difundir autores como Spencer, Darwin, Littré, Le Play, Le Bon, Gobineau entre outros. Como veremos mais a frente, Elysio formulou parte de suas idéias principais a partir de sua leitura de *A Estética da Vida e Canaã* de Graça Aranha, ou pelo menos cita estes livros como referência, mas observando os elementos apontados pelo autor poderemos ligá-los a formação romântica comum de grande parte dos intelectuais brasileiros do fim do século XIX e início do XX.

Existe uma tensão entre o singular e o universal que marca o pensamento romântico, ao mesmo tempo em que procura abarcar a idéia de totalidade, ressalta a singularidade e o individualismo. Essa posição pode ser observada nas obras de Elysio de Carvalho, que são estribadas em Graça Aranha, quando este prega primeiro uma unidade nacional brasileira para então uma integração com o “todo”, especialmente com a comunidade ibero-americana. Esse ponto será desenvolvido mais a diante quando da delimitação dos pilares da definição de nação do autor.

---

<sup>95</sup> CARVALHO, Elysio de. *A Polícia Carioca e a Criminalidade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1910, p.8.

Este romantismo de que se fala não é o mesmo dos romances indianistas freqüentes no século XIX (como *O Guarani* ou *Iracema* de José de Alencar), nos quais embora o índio fosse mostrado como o verdadeiro representante brasileiro, o que se verificava era uma figura indígena com fortes traços do comportamento europeu. Neste romantismo, procura-se o retorno das origens na figura indígena ancestral, enquanto que o romantismo da geração do fim do século XIX e início do XX é muito mais ligado à história do Estado-Nação e ao nacionalismo, aos feitos dos grandes homens.

Entretanto ambos foram influenciados por uma busca pelas origens. Em uma Alemanha vencida pelos exércitos napoleônicos a busca por um apego à tradição acena uma resistência cultural à influência estrangeira. Neste cenário despontam características presentes no romantismo alemão como o fascínio pela Idade Média, o esforço pelo resgate da herança popular e o culto à natureza.

Na Alemanha o nacionalismo sofre alterações radicais quando o

conceito legal e racional de cidadãos é substituído pelo *Volk* (“Povo”), que permitia, após a sua descoberta pelos humanistas alemães, uma utilização menos definida e mais permeável à imaginação romântica e ao despertar das emoções. Nele se poderia descobrir as raízes primitivas da nacionalidade, vista quase como um feito natural rodeado de mistério a ser desvendado no passado longínquo, nas origens ou gênese da comunidade primeva. O nacionalismo alemão adotaria o conceito de *Volk*, a comunidade popular, para expressar um ideal político por uma mística do irracional<sup>96</sup>.

Este nacionalismo terá em Herder o seu precursor. A busca por origens míticas será muito utilizada até a década de 1930, inclusive legitimando a ideologia nazista e o mito da raça pura<sup>97</sup>. O critério étnico para definir a nação encontra nessa busca pelas origens do romantismo um forte aliado.

---

<sup>96</sup> FALBEL, Nachman. Fundamentos históricos do romantismo. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993, p. 43

<sup>97</sup> O historiador Lucien Febvre ao escrever um livro na década de 1930 sobre a história do Reno procura dar ênfase à questão da miscigenação desde os tempos mais antigos para romper com esse mito da raça ariana pura. FEBVRE, Lucien. *O Reno: história, mitos e realidades*. Trad.: Eliana Aguiar. RJ: Civilização Brasileira, 2000.

O pensamento nacionalista esboça esse desejo de origem na elaboração da narrativa histórica.

A produção escrita de narrativas históricas nacionais está tão engastada no discurso do nacionalismo que ela quase sempre depende, em termos retóricos, da pressuposição de algum tipo de identidade nacional preexistente que forneça um começo para a história. A reivindicação de uma identidade nacional primordial é, na realidade, uma versão da narrativa histórica nacionalista<sup>98</sup>.

Como um bom nacionalista, a idéia de nação de Elyσιο de Carvalho tem como suporte seus ensaios históricos. A narrativa histórica empregada pelo autor legitima sua visão nacionalista, como veremos mais adiante.

No romantismo político, certos valores se sobressaem definindo-o e qualificando-o como historicamente pertencente ao século XIX,

pois ele se alimenta das evocações da Revolução Francesa e do Império que a sucede. O heroísmo, o sacrifício, o sangue derramado vinculam-se a essa evocação do passado próximo. No âmagô ocorre a eterna idealização do passado representado pelos grandes acontecimentos históricos. O Romantismo, em sua expressão historicista, através de Walter Scott, Lamartine, Thierry, Guizot, Michelet, será sob esse aspecto, imensamente rico e criador<sup>99</sup>.

O nacionalismo caudatário do movimento romântico do século XIX contempla algumas características do pensamento conservador<sup>100</sup>. “A ligação do nacionalismo com o romantismo fez a nação ser concebida como uma entidade emotiva, símbolo da singularidade, à qual todos os homens deveriam se integrar”, já com o conservadorismo

---

<sup>98</sup> CALHOUN, Craig. O nacionalismo importa. In: PAMPLONA & DOYLE (Orgs.), *op. cit.*, p.61.

<sup>99</sup> FALBEL, *op. cit.*, p. 36

<sup>100</sup> MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, José de Souza (Org.) *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1981, p. 77-131.

“trouxe para o nacionalismo o desenvolvimento de sentimentos nacionais baseados na tradição histórica”<sup>101</sup>.

A peculiaridade do modo conservador de enquadrar as coisas em um contexto mais amplo é que ele se aproxima delas *por trás*, a partir de *seu passado*. [...] Enquanto o progressista utiliza o futuro para interpretar as coisas, o conservador utiliza o passado; o progressista pensa em termos de *modelos*, o conservador pensa em termos de *origens*<sup>102</sup>.

O desenvolvimento do nacionalismo foi determinado pelos problemas que cada nação enfrentou ao procurar a realização de um destino comum que proporcionasse auto-identificação e sentimento de *pertencimento* à sua população.

A idéia de nação foi peça fundamental na construção da vida social no início da modernidade, principalmente no fim do século XVIII e durante todo o XIX. Segundo Graig Calhoun “é possível identificar algumas transformações sociais e condições que contribuiram para torná-lo importante”<sup>103</sup>. Em primeiro lugar pode ser citada a escala distinta de organização social que o nacionalismo refletia, maior que as cidades, aldeias ou grupos de parentesco. Em segundo lugar a nova ideologia constituída sobre identidades primárias. Em terceiro, o fato do nacionalismo ter crescido “lado a lado com os Estados modernos e foi essencial para um novo modo de reivindicar legitimidade política”<sup>104</sup>. E por último, mas não menos importante, “a idéia de nação não só reivindicava a história ou uma identidade comum, mas também pretendia descrever (ou construir) um agente coletivo”<sup>105</sup>.

Ao lermos sobre a nação brasileira nos escritos do fim do século XIX e início do XX nos deparamos com a idéia de que a nação brasileira e o sentimento nacional existem desde os tempos da colônia, como expressam as palavras de Elysio de Carvalho:

É curioso assinalar em nossa história as origens do sentimento nacional. Antes de tudo, podemos afirmar que desde o primeiro século, senão desde

---

<sup>101</sup> OLIVERA, *op. cit.*, p.44

<sup>102</sup> MANNHEIM, *op. cit.* 121

<sup>103</sup> CALHOUN, *op. cit.*, p.64

<sup>104</sup> *Id.*, p. 65

<sup>105</sup> *Ibid.*, p. 65

o início da colonização, começamos a sentir um Brasil nosso, uma terra que nos ficou no peito como se fosse o torrão natal de nossos pais. (...) Deste modo, marcamos o período que vai de meados do primeiro a meados do segundo século como sendo a fase da criação do nosso espírito nacional <sup>106</sup>.

Todavia não havia sentimento nacionalista na América Portuguesa nem mesmo durante a independência em 1822. Nem mesmo a palavra “pátria” dos revolucionários de 1817 se referia ao Brasil <sup>107</sup>. Nas palavras de Evaldo Cabral de Mello, mesmo após ter sido estabelecido o Estado brasileiro “o sentimento nacional continuou por muito tempo aquela ‘florzinha tenra’” cujo governo de D. Pedro II “aguou e fertilizou com assiduidade”<sup>108</sup>.

Não podemos ignorar o sentimento de patriotismo local ou nativismos, no entanto utilizar o termo nação para designar qualquer sentimento relacionado à terra durante o período colonial seria completamente anacrônico, visto que é um termo cunhado no final do século XVIII e popularizado no século XIX.

O surgimento da nação é posterior à criação do Estado e do sentimento nacional, e no Brasil o processo de construção da nação e do nacionalismo aparece de forma mais contundente durante o segundo reinado. No entanto, não podemos nos esquecer que os rituais cívicos durante o primeiro reinado (1822-1831) também auxiliaram a criar e reforçar uma identidade coletiva de brasileiros <sup>109</sup>.

Durante o segundo reinado a preocupação em forjar a nação e o sentimento nacional aumentou e passou a prender a atenção da elite

---

<sup>106</sup> CARVALHO, Elyσιο de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. RJ: Anuario do Brasil, 1922, p. 13 e 14.

<sup>107</sup> As palavras Pátria e Patriotas utilizadas no começo do primeiro reinado quando das manifestações contrárias à coroa segundo Evaldo Cabral de Mello seriam um conceito “que embora tivesse recebido na França revolucionária conotação nacional, ainda continha na Europa do Antigo Regime, inclusive nos seus prolongamentos americanos, o significado inofensivo do apego à terra ou ao lugar que nasceu”. MELLO, Evaldo Cabral de. *Um imenso Portugal: história e historiografia*. SP: Ed. 34, 2002, p.21. Hobsbawn também comenta sobre as alterações nos significados que as palavras nação, pátria e *tierra* possuíram ao longo do fim do século XVIII, século XIX e início do XX.

<sup>108</sup> MELLO, *op cit*, p.17

<sup>109</sup> O autor aponta a disputa entorno da três datas que poderiam ser consideradas o momento fundador do novo regime, o Grito do Ipiranga no dia 7 de Setembro, a aclamação de D. Pedro no dia 12 de outubro (e também seu aniversário) e sua coroação no dia 1 de dezembro. KRAAY, Hendrik. Nação, Estado e política popular no Rio de Janeiro: rituais cívicos depois da Independência. In: PAMPLONA & DOYLE, *op. cit.*, p. 332-333.

ilustrada e do imperador. Nesse processo de consolidação do Estado nacional brasileiro, marcado por disputas regionais, ganhou impulso um programa de sistematização de uma história oficial e a partir daí a criação o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1839. A figura do imperador, constantemente homenageada “personificava a única saída ante o perigo da desagregação política”<sup>110</sup>. A preocupação com a união nacional perdura durante muito tempo existindo ainda com força no pensamento nacionalista da década de 1920.

## 1922 E O CENTENÁRIO DE INDEPENDÊNCIA

O ano de 1922 é marcado por diversos eventos como a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o movimento tenentista (os 18 do forte de Copacabana), a fundação da revista *A Ordem* ligada ao centro Dom Vital, a Semana de Arte Moderna realizada no Teatro Municipal de São Paulo e o Centenário de Independência do Brasil, que entre todos os citados é o que mais nos interessa neste momento.

As “datas magnas” como o quatro de julho nos EUA, o quatorze de julho na França e o sete de setembro no Brasil, são datas comemorativas em que se sacraliza a nação e se define uma identificação nacional. “Elemento essencial na identidade nacional, a memória é instrumento e objeto de poder; produto da atividade social, relembrar o passado implica diferentes definições da realidade em confronto”<sup>111</sup>.

A comemoração do sete de setembro, a partir de 1895, ficou caracterizada por paradas militares na intenção de romper com a identificação entre Independência e Monarquia e de aproximar a festa cívica da República, entretanto, essa mesma data no ano de 1922 teve um significado muito maior. Pensar os cem anos de vida independente do país exigia um balanço entre as realizações passadas, a situação presente e, conseqüentemente, a criação de um projeto para o futuro. Os mais diversos grupos de intelectuais se posicionaram e colocaram suas opiniões e propostas em jornais, livros e revistas.

A década de 1920 começa com um aceso debate sobre a nação brasileira, logo antes de completar cem anos de vida independente. A historiadora Marly Silva da Motta nos aponta uma “vigilância comemorativa”<sup>112</sup> em que jornalistas, ensaístas, literatos e intelectuais

---

<sup>110</sup> SCHWARCZ, *op. cit.*, p.135

<sup>111</sup> MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. RJ: Ed. FGV/CPDOC, 1992, p.12.

<sup>112</sup> *Id.*, p.17.

de diversas correntes deixam claro nas suas publicações da época, que o centenário de independência deveria se constituir num momento de reflexão e debate importantes. Essa antecipação em pensar o centenário, permite verificar a grande mobilização dessa parcela da sociedade, que possuía ferramentas poderosas de divulgação de idéias. A *Revista do Brasil* em seu primeiro número – seis anos antes do evento – já expressava a necessidade de comemorar festivamente tal efeméride.

No que diz respeito à discussão sobre a data de sete de setembro, existia uma dificuldade em se pensar os cem anos de vida independente uma vez que setenta destes foram sob o Império. Além do mais, a figura principal do ato simbólico de fundação da nação era um príncipe português.

A escravidão, a dependência econômica e a continuidade do elemento português na direção do país sinalizavam a distância entre a nação e o modelo europeu que se pretendia implantar no Brasil. O Sete de Setembro, apesar de toda crítica, permaneceu como repositório da memória nacional, cuja simbologia ainda hoje é repetida nas escolas, apresentando o ato do príncipe como momento fundante da formação da nação<sup>113</sup>.

A consolidação do regime republicano esbarrava na tradição imperial em comemorar o sete de setembro, indelevelmente associada à dinastia Bragança. “A construção do mito das origens, fundamental na estruturação de qualquer sociedade, torna-se particularmente sensível no caso do regime republicano, cujo problema básico era o da legitimidade”,<sup>114</sup>.

O repúdio à data comemorativa da monarquia ou a sua aceitação como a conquista da independência sem o uso da violência, republicanos e monarquistas disputavam, construindo cada qual sua versão sobre os fatos. Até mesmo a questão de quem teria sido o verdadeiro construtor da pátria entrou em pauta: D. Pedro I com o grito de “independência ou morte”, ou José Bonifácio com seu trabalho em prol do rompimento com a corte?

O historiador Noé Freire Sandes, asseverou que: “A Independência – comparada a uma emboscada ou até mesmo a uma

---

<sup>113</sup> SANDES, Noé Freire. *A Invenção da Nação: entre a Monarquia e a República*. Goiânia: Ed. Da UFG; Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2000. p. 9.

<sup>114</sup> MOTTA, *op. cit.*, p.13.

contra-revolução – é um dos pontos mais contundentes do manifesto republicano que, dessa forma, atingia duramente o momento de fundação da nacionalidade<sup>115</sup>.

Em compensação, no IHGB a elite política e intelectual vinculada à defesa de uma monarquia constitucional era majoritária. Lugar da história oficial, o instituto dá forma ao tempo: fatos e homens memoráveis, datas célebres; enfim, definindo o que deveria ser incorporado à tradição nacional<sup>116</sup>. Esse instituto criado no século XIX ao fazer a biografia da nação contribuiu para a consolidação da história imperial, e na época do centenário reforçou os lugares da memória imperial.

Nesse conflito entre monarquistas e republicanos, o espectro da dominação portuguesa e da exploração colonial é explicitado no discurso antilusitano no Rio de Janeiro. A discussão já era bastante acirrada pelo problema do trabalho na capital, grande parte do comércio carioca estava concentrada nas mãos de portugueses, assim como a maioria das revistas e jornais da época possuíam donos lusitanos. Para muitos, os problemas da nossa origem estariam relacionados ao elemento português, atrasado e retrógrado. Na área da literatura surgem movimentos dispostos a romper completamente com a influência das letras portuguesas e com as formas tradicionais na gramática herdada. Surge a tentativa de adaptar a língua portuguesa à fala brasileira, ou seja, de aderir à vários regionalismos lingüísticos considerados incorretos pela gramática, que nessa visão seria o português nascido no Brasil. Vários intelectuais se aventuraram por este campo, tanto os modernistas na questão da linguagem, quanto os adeptos da Propaganda Nativista e da Ação Social Nacionalista num âmbito mais antilusitano.

A insatisfação com o esquema de governo pelas oligarquias, relacionando a República à corrupção, contribuiu para a idéia do Imperador como salvação nacional. Ironicamente, a projeção para o futuro estava no passado imperial.

Republicanizar a República era uma das questões de ordem na época do centenário. A intelectualidade, vendo a aproximação das comemorações, se preocupou em tomar conhecimento da situação nacional, compreender as causas do atraso do país e criar propostas e programas de ações para superá-lo.

Grande parte da intelectualidade brasileira rejeitava o passado recente de uma República que procurou copiar os moldes de uma *Belle*

---

<sup>115</sup> SANDES, *op.cit.*, p.68.

<sup>116</sup> *Id.*, p.82.



*Époque* falida. O balanço dos cem anos de independência indicava uma procura por novos parâmetros que configurassem uma nação moderna. Esta questão está presente nas obras de Oliveira Vianna, Vicente Licínio Cardoso, Manoel Bonfim, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Alberto Torres, entre outros. As interpretações são diferentes e até mesmo contraditórias, divergindo nos caminhos propostos, mas tem em comum a idéia de um Brasil moderno<sup>117</sup>.

Marly Silva da Motta sugere dois grupos distintos na criação da modernidade, os tradicionalistas, cujas propostas passavam pelo respeito às leis da natureza, vista como construtora da sociedade, e pelos vínculos familiares. Elementos que atraíram também a ideologia nazifascista. O outro grupo teria experimentado uma pluralidade de movimentos e linguagens em todos os campos da cultura, como o Futurismo (1909), o Expressionismo (1910), o Cubismo (1913), o Dadaísmo (1916) e o Espiritonovismo (1918), formado um verdadeiro “laboratório de concepções”. Arquitetando novas teorias culturais, os integrantes deste segundo grupo, que eram contra o realismo e a “ditadura do natural”, fundaram revistas e escreveram manifestos<sup>118</sup>.

Abrasilrear o Brasil e torná-lo moderno; seria um basta ao “artificialismo” pregado pela *Belle Époque*. São diversas as formas com que esse abasileiramento é conduzido, mas é importante entender que os padrões europeus não deixaram de ser utilizados, eles eram ainda importados, mas com uma diferença: o “antropofagismo”: “a digestão do que há de novo lá fora, a par da busca de uma expressão autenticamente brasileira e do aproveitamento consciente do que for interessante à afirmação da nacionalidade”<sup>119</sup>.

A intelectualidade comprometida com as propostas para um Brasil moderno oscilava entre esses dois movimentos, embora não se possa afirmar que existia uma dicotomia, dado que essa afirmação seria muito genérica. Um dos movimentos seria mais ligado aos valores da natureza e do campo, com verdadeiro repúdio ao industrialismo e ao modo de vida urbano, litorâneo, cosmopolita e liberal, características do segundo movimento.

Em meio a toda essa inquietação política e cultural, o regionalismo aparece como uma das questões presentes no debate, quando se procurou dar dimensão internacional à celebração do centenário. Intelectuais dos dois pólos culturais da época, Rio de Janeiro

---

<sup>117</sup> MOTTA, *op. cit.*, p.31

<sup>118</sup> *Id.*, p.33.

<sup>119</sup> *Ibid.*, p.39.

e São Paulo, se enfrentaram em discussões sobre qual cidade representaria melhor a modernização do Brasil.

O Rio de Janeiro como cidade-capital deveria ser uma amostra do grau de desenvolvimento do país. Dessa forma o governo planejou uma “exposição universal” para a comemoração do centenário, na qual atrairia os países de diversas partes do mundo a fim de mostrar que ao completar cem anos, o Brasil poderia ser apresentado como uma nação próspera e independente, que possuía uma tradição e uma história. Funcionaria como uma aula de educação cívica para a população brasileira, e também incorporaria uma tentativa de mostrar que o país estava pronto para a inserção no novo panorama econômico mundial que se configurava após a Primeira Guerra Mundial.

Em meados do século XIX, tornou-se habitual comemorar um grande evento com uma exposição universal. Celebrava-se o presente como sinal de progresso. A evocação do passado tinha como fundamento demarcar a distância entre o antigo e o moderno e, sobretudo, celebrar a marcha triunfante do desenvolvimento<sup>120</sup>.

A organização da Exposição Nacional coube ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio que deveria compreender as principais modalidades de trabalho, transporte, serviços de comunicação, comércio, ciências e belas artes. Enquanto outra área seria concedida aos governos ou industriais estrangeiros para a exibição de produtos originários de seus próprios países.<sup>121</sup> Destaque para o governo do México que ofereceu ao Brasil um grande monumento asteca, uma reprodução da estátua de Cuauhtémoc.

Na opinião de Elysio de Carvalho:

teremos que dar ao mundo o atestado de nossa cultura e apresentar-lhe os índices de nossa potencialidade, afirmando o lugar de especial relevo entre os grandes povos, pelo labor de um século de vida honesta e progressiva<sup>122</sup>.

---

<sup>120</sup> SANDES, *op.cit.*, p.107.

<sup>121</sup> MOTTA, *op.cit.*, p.67.

<sup>122</sup> Nações estrangeiras na comemoração do centenário. *América Brasileira*. Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 23, abr. 1922.

Todavia para que a exposição acontecesse, os preparativos começaram em 1920 com o tão polêmico arrasamento do Morro do Castelo, dando continuidade às transformações urbanas iniciadas por Pereira Passos no início do século. Os morros da cidade do Rio de Janeiro, desde as políticas de higiene e saneamento da colônia, eram considerados um dos vilões da insalubridade local, acusados de barrar o ar que vinha da Baía de Guanabara e favorecer os surtos de várias doenças, como a febre amarela.

Além de motivos ligados à saúde, toda aquela população expulsa do centro da cidade subiu os morros formando as favelas nas encostas: como o Rio de Janeiro poderia se mostrar moderno com belíssimas avenidas e edificações se estas estavam intercaladas por morros cheios de casebres pobres e insalubres.

Uma parcela da população defendia o Morro do Castelo alegando ser um ponto histórico na cidade e cuja destruição acarretaria numa perda<sup>123</sup>. Para outra parcela se fazia mais do que necessário arrancar do coração da cidade aquele aglomerado de “bárbaros aborígenes e africanos”. A identidade nacional para estes se faria de maneira civilizada, branca, educada e refinada.

A imprensa se dividia e outra questão levantada seria o enorme gasto de dinheiro com uma obra para a exposição. Por outro lado o arrasamento possibilitaria a abertura de uma grande área valorizada no centro da capital.

Apenas uma parte do Castelo foi demolida, cedendo o espaço para os grandes prédios da Exposição do Centenário, inaugurada pontualmente no dia 7 de setembro de 1922.

Foi este o local escolhido para abrigar a exposição, onde se levantaram portais monumentais, ruas abertas para a circulação de pessoas e veículos e, nas quadras projetadas, implantaram-se os diversos pavilhões, entremeados com parque de diversões, barracas e restaurantes. A grande feira ocupava uma extensão que começava nas proximidades do Palácio Monroe, marcado pelo monumental pórtico principal, até a Ponta do Calabouço, estendendo-se ao Mercado Municipal, situado na praça XV<sup>124</sup>.

---

<sup>123</sup> MOTTA, *op. cit.*, p.55.

<sup>124</sup> SANTUCCI, Jane. *Os pavilhões do Passeio Público: Theatro Casino e Casino Beira-Mar*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ Prefeitura, 2005. p. 28.

Apesar da monumental exposição na capital federal, o debate levantado pelo regionalismo questionava qual seria a região capaz de se impor sobre o conjunto nacional. Nacionalismo e regionalismo no início dos anos 20 despertaram a atenção dos intelectuais envolvidos na busca pela identidade nacional que conciliasse valores da brasilidade e da modernidade. Fatores geográficos, tradições históricas e o caráter do povo eram os pontos mais discutidos. Cada Estado passou a refletir sobre o seu papel no processo de independência, tentando dessa forma afirmar sua identidade perante a República.

Todavia a verdadeira disputa era entre São Paulo e Rio de Janeiro. O Rio era responsabilizado pelo atraso da nação, associado aos males da República falida e corrupta, “a onipresença do Estado teria inviabilizado o florescer do ethos individualista do “homem econômico”, abrindo caminho para a malandragem característica do carioca”<sup>125</sup>, segundo Marly da Silva Motta. O Rio de Janeiro não teria desenvolvido disciplina para o mundo do trabalho, tendo na sua tradição o aspecto escravista e predominantemente consumidor.

Os paulistas, por sua vez, “reverenciaram a pátria como sua própria criação”<sup>126</sup>. O grande crescimento da cidade de São Paulo e o vigor da economia paulista representavam um exemplo maior do sucesso da nação. O sentimento de rivalidade é aprofundado enquanto São Paulo parecia prescindir o Brasil. A atuação paulista no processo de independência se figurava pelo pioneirismo dos bandeirantes.

Criou-se uma imagem do Rio de Janeiro como cidade contemplativa vinculada ao lazer, enquanto São Paulo pelo trabalho trilharia o caminho da nação.

No campo cultural, a Semana de Arte Moderna em São Paulo teria auxiliado na apresentação da elite intelectual paulista como o expoente da cultura nacional, principalmente ao tratar da brasilidade, enquanto a carioca estaria relacionada à velha República das Letras com valores ditados pela *Belle Époque*. O regionalismo “verde-amarelo” de Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, teria gerado ataques à cidade do Rio de Janeiro<sup>127</sup>.

Enquanto o Rio de Janeiro procurava se fixar na internacionalização do centenário, São Paulo procurava afirmar sua identidade e a idéia de que seria a região capaz de conduzir a nação. Segundo Marly da Silva Motta configura-se dessa forma a imagem de

---

<sup>125</sup> MOTTA, *op.cit.*, p.82.

<sup>126</sup> SANDES, *op.cit.*, p.90.

<sup>127</sup> MOTTA, *op. cit.*, p.84.

São Paulo como nação e do Rio de Janeiro como antinação. São Paulo, portanto, deveria ser a locomotiva do progresso brasileiro.

Como foi possível perceber, o Centenário de Independência do Brasil foi um ponto de inflexão na Primeira República. Ao fazer um balanço dos cem anos de nação livre, o atraso e o descontentamento marcaram a história e a partir de uma interpretação e avaliação do passado e do presente republicano, os intelectuais produziram novas e variadas interpretações para o Brasil. O desejo de compreensão do país, de repensá-lo e principalmente de salvá-lo, estava presente nos mais diferentes projetos de nação, propostos em livros, revistas e jornais. A intelectualidade comprometida oscilava entre a tradição e a modernidade, o rural e o urbano, o civilismo e o militarismo, a nação e a região.

A opinião de Elysio de Carvalho expressa em *A Realidade Brasileira*, de 1922, sobre a importância do Centenário de Independência do Brasil para a discussão sobre nação e nacionalidade em voga naquele período, revelou que:

neste momento de júbilo universal, em que o Brasil comemora o primeiro centenário de sua independência política, o melhor serviço ao país consiste em traduzir, sem exagero de otimismo inaceitável, a verdade dos fatos com absoluta exação. Balanceando o ativo da nossa economia doméstica, desde a abertura dos nossos portos ao comércio do mundo, até o presente, verificaremos que o esforço, o trabalho e o progresso realizados foram enormes, apesar dos erros e desastros cometidos. Todavia, com um século de autonomia e mais de trinta anos de regime republicano, não demos solução à grande parte dos problemas fundamentais da nacionalidade<sup>128</sup>.

É possível traçar um diálogo entre as várias fases do pensamento de Elysio de Carvalho que compõe seu projeto nacional e as discussões da época, em especial o evento do Centenário de Independência em 1922 e toda a sua preparação. O autor procurou mostrar a riqueza de um país que está em processo de desenvolvimento e que poderia chegar a uma posição de potência mundial, um líder ibero-americano junto aos países desenvolvidos.

---

<sup>128</sup> CARVALHO, Elysio de. *A Realidade Brasileira*. In: CARVALHO, 1997, *op. cit.*, p 200.

Elysio colocou em palavras o que a “exposição universal” montada na cidade do Rio de Janeiro para a comemoração do centenário tentou mostrar ao resto do mundo. O governo procurou atrair os países de diversas partes do mundo a fim de mostrar que ao completar cem anos o Brasil poderia ser apresentado como uma nação próspera e independente, que possuía uma tradição e uma história. Funcionaria como uma aula de educação cívica para a população brasileira e também incorporaria uma tentativa de mostrar que o país estava pronto para a inserção no novo panorama econômico mundial que se configurava após a Primeira Guerra Mundial.

A solução definitiva, completa, para a nossa independência econômica e política, sem o que o nosso país nunca será uma potência mundial de primeira ordem, reside principalmente no estabelecimento da indústria siderúrgica, tanto mais que possuímos, com abundância extraordinária, todos os recursos naturais para tornar possível, entre nós, a exploração em larga escala dessa indústria fundamental do progresso das civilizações, sendo mister assinalar que a organização da nossa defesa militar empresta ainda ao problema um imenso valor e lhe acentua o caráter de iniludível urgência <sup>129</sup>.

Embora, pouco desenvolvida em suas obras podemos perceber no excerto acima a preocupação do autor com questões voltadas ao militarismo, elemento presente também na Liga de Defesa Nacional, citado anteriormente. Inclusive o cabeçalho da revista *América Brasileira* continha entre outros escritos: “Crítica e estudo dos problemas nacionais” e “Defesa militar e econômica”.

## AUTORITARISMO

Os anos de 1920 foram decisivos para a formação de uma corrente de pensamento autoritária e nacionalista, uma vez que uma série de eventos reforçou a sensação de que o modelo político instaurado na república, o liberal-oligárquico, era incapaz de gerir propriamente o país. O movimento tenentista com a Revolta do Forte de Copacabana, a

---

<sup>129</sup> CARVALHO, Elysio de. *Brasil, potência mundial: inquérito sobre a indústria siderúrgica no Brasil*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor Mercantil 1919, p 189.

fundação o partido comunista e o ciclo de greves operárias entre 1917 e 1920 contribuíram para a sensação de instabilidade. Até mesmo as disputas pela memória da independência durante o centenário explicitaram este descontentamento com uma administração corrupta, violenta e cujos interesses pessoais ou regionais obscureciam o foco no desenvolvimento da nação.

Segundo Daniel Pécaut o “horror” dos intelectuais a uma política entregue a acordos entre oligarquias regionais, ostentação de fortuna e a uma república incapaz de constituir uma nação, alimentou o ressentimento. Ao mesmo tempo inspirou uma reação ao isolamento, um esforço de fazer da literatura um instrumento de transformação social e política<sup>130</sup>.

Embora, grande parte dos escritos de Elysio de Carvalho não contenha críticas diretas ao governo ou a algum político específico, podemos observar em alguns artigos um posicionamento crítico mais claro, em que o escritor alagoano expressou seu descontentamento com o modelo político vigente. Em *Um Diplomata Perfeito*, publicado no livro *Suave Austero*, o autor elogiou o então diplomata Felix de Barros Cavalcanti de Lacerda (futuro ministro das Relações Exteriores do Brasil entre 1933 e 1934), segundo ele dotado de natural vocação para a carreira, mas também teceu críticas à grande parte do corpo diplomático brasileiro da época.

Infelizmente, a classe, no Brasil, fornece ainda numeroso contingente de ociosos, medíocres e supérfluos, e raros são aqueles que entendem ser mais útil o conhecimento dos problemas econômicos ou comerciais do que jogar *bridge*, dançar *Fox-trot* ou divulgar as pequenas intrigas do seu mundo<sup>131</sup>.

Sua análise corroborava com o argumento cáustico de Oliveira Lima e aproveitava para criticar o nepotismo e a proteção política através da qual muitos destes “mocinhos bem aventurados, filhos mimados do nepotismo”<sup>132</sup> ingressavam no Itamaraty.

O domínio de conhecimentos capazes de solucionar os problemas da nação (como a história, a antropologia e a geografia,

---

<sup>130</sup> PÉCAUT, *op. cit.*, p. 23

<sup>131</sup> CARVALHO, Elysio de. *Suave austero*. Rio de Janeiro: Edição da América Brasileira e Anuário do Brasil, 1925, p.321

<sup>132</sup> *Id.*, p.321.

principalmente ligadas ao cientificismo herdado do século XIX) foi um dos argumentos utilizados pelos intelectuais para construir o papel de uma elite dirigente, posição que criaram para si próprios, esperando que fosse legitimada pela sociedade e pelo Estado.

A geração [de 1925 a 40] esforçou-se, assim, para romper com duas experiências que marcaram negativamente a história intelectual antecedente: a dependência perante o Império e o isolamento no início do século XX. Em contrapartida, tentou reatar com uma terceira: o prestígio das elites de Estado, que caracterizara todo o período do Império<sup>133</sup>.

Elysio compartilhou da visão de que o país deveria ser comandado por uma elite dirigente. Curioso que apesar de ter participado em 1905 da criação da Universidade Popular ao lado de intelectuais socialistas e anarquistas, os escritos do autor produzidos na década de 20 não fazem uma menção sequer à possível educação das classes populares, muito pelo contrário, ele abraça a idéia da formação de uma elite dirigente capaz de governar o país e comandar as massas, herdeiro de uma tradição iluminista. Uma mudança radical de posição ou quem sabe um elemento contraditório no seu pensamento.

No artigo *Política de Realizações Positivas* o autor faz um apelo aos “homens de boa vontade e de saber pragmático”, alegando que nas rodas políticas se diz que não existem homens de Estado.

Não nos faltam homens propriamente. De certo que não se poderia dizer que sejam muitos os que tenham o talento e a visão, a capacidade de trabalho e o sentimento de destino, que devem ser os dotes do verdadeiro estadista. (...) O que, muito mais do que homens de Estado, nos escasseia é uma coisa, sem a qual não é possível a formação de caracteres para as altas magistraturas da República: falta-nos ambiente político propício ao advento dos vultos mais dignos. Enquanto só houver empreiteiros de situações, camarilhas e conluios que só se ocupem de explorar as posições políticas e as vantagens que estas facilitam, não será de esperar que surjam individualidades

---

<sup>133</sup> PÉCAUT, *op. cit.*, p.22



capazes de encarar com firmeza e segurança os destinos do país <sup>134</sup>.

Dando seqüência ao artigo o autor critica as oligarquias afirmando que entre os oito presidentes até então nenhum teria chegado ao poder com um grande plano de governo, mantendo suas atenções voltadas às exigências políticas regionais e ao grupo de amigos ou aliados que os sustentavam no cargo. Elysio toma como exemplo, Epitácio Pessoa, então presidente da República, para mostrar a situação terrível em que se encontrava o Brasil.

Até os menos versados em estudos sociais, e os mais indiferentes a coisas de história, compreendem que nos achamos num dos momentos mais graves da nossa vida de nação. Principalmente depois da guerra, quando todos os povos procuram abrir caminhos novos para o futuro, é inconcebível como os nossos políticos se mostram tão inconscientes dos tempos e tão distraídos, nas suas disputas de campanário, sem se compenetrarem do nosso papel histórico, ao menos para ver agora, no horizonte aberto a todos os países, a única política que desde muito devíamos ter seguido <sup>135</sup>.

Seu apelo é centrado principalmente no desenvolvimento econômico do país como veremos no próximo capítulo. Elysio vê no pós-guerra uma abertura, uma oportunidade do país crescer e se desenvolver como nação completa, a fim de se tornar uma potência. “Importar é sinal de riqueza, mas exportar muito e mais é índice de força expansionista e de poder” <sup>136</sup>, afirma o autor ao tratar do tema do *déficit* da balança comercial internacional.

E, acentuou que “até hoje temos sido um país agrícola governado por bacharéis e soldados, por gramáticos e poetas, que não tem idéia alguma do que seja a consciência segura de reger povos e encaminhá-los aos seus destinos” <sup>137</sup>.

---

<sup>134</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.*, p.143 e 144

<sup>135</sup> *Id.*, p.145

<sup>136</sup> *Id.*, p.146

<sup>137</sup> *Ibid.*, p.151

Nesse artigo, intitulado *A República de Masaryk*<sup>138</sup>, o autor escreveu sobre uma conferência que Edouard Benés<sup>139</sup> pronunciou em Praga acerca da revolução tchecoslovaca de 1918.

Trata-se, com efeito, de um estudo profundo sobre o espírito nacional, que, no centro da Europa, através das suas vicissitudes seculares, criadas pelos imperialismos opressores, pode sempre afirmar, como por um forte instinto do destino, este ramo admirável da família slava. Supomos que é do mais alto interesse para os brasileiros uma notícia concisa e ligeiramente comentada deste trabalho, que por mais de um título se recomenda á curiosidade do público da América, que ainda não conhece suficientemente a Tchecoslováquia<sup>140</sup>.

Elysio ressaltou a importância de Tomás Masaryk<sup>141</sup> cujo papel

foi eminente e fecundo. Tornou-se o símbolo da revolução tchecoslovaca, o organizador do novo Estado, o defensor das legítimas aspirações da sua raça, e raros os povos que, numa época decisiva da sua história, tiveram a ventura de contar com um chefe que personificasse ao mesmo tempo, e tão perfeitamente, o ideal de democracia moderna e a tradição nacional, os anseios, os sofrimentos e as lutas espirituais do seu país<sup>142</sup>.

Masaryk, segundo Elysio de Carvalho, pertence a “raça forte dos construtores de pátria”<sup>143</sup> e que através de seus ensinamentos surgiu o movimento que deu origem consciência nacional tchecoslovaca. O autor apresenta a nação como um modelo que deu certo e elogia determinados elementos como as possibilidades econômicas, pela indústria metalúrgica e a organização financeira, e seus governantes

<sup>138</sup> Este artigo também foi publica do na *América Brasileira* n. 22, ano 2, out. 1923.

<sup>139</sup> Edouard Benés (1884-1948) foi um intelectual tchecoslovaco diretamente ligado à fundação do país e segundo presidente, sucessor de Tomás Masaryk, entre 1935 e1938.

<sup>140</sup> CARVALHO, *Suave Austero*, 1925, *op cit*, p.67 e 68.

<sup>141</sup> Tomás Garrigue Masaryk (1850-1937) foi professor de filosofia e um dos arautos da independência Tchecoslovaca em 1918 e tornou-se o primeiro presidente do país em 1918 sendo re-eleito mais três vezes.

<sup>142</sup> CARVALHO, *Suave Austero*, 1925, *op cit*, p. 70.

<sup>143</sup> *Id*, p.94.

“homens dotados de mentalidade superior, madura experiência e forte dose de patriotismo, empenhados todos numa obra de conciliação, de organização eficiente e de paz fecunda”.<sup>144</sup> Ainda segundo Elysio é por causa destes homens que a Tchecoslováquia é considerada uma república de intelectuais, que “na história será chamada simplesmente República de Masaryk”<sup>145</sup>.

A ênfase na figura de Masaryk e na república de intelectuais assinala o posicionamento favorável à atuação de uma elite ilustrada que conduziu o país ao seu destino de glória e autonomia como uma potência. Outro elemento perceptível nesse artigo sobre a Tchecoslováquia é a situação política do pós-guerra em que se observa o cenário de falência dos modelos políticos europeus, em especial da *Belle Époque* francesa até então adotada pela elite brasileira, e a abertura de um novo horizonte de possibilidades para que outras nações (européias ou não) consigam se estabelecer no panorama mundial como potências. Por isso a emergência da construção de um modelo brasileiro que pudesse alavancar o país em direção ao seu destino de grandeza.

Neste sentido, Elysio faz um elogio à recém-criada Tchecoslováquia, ressaltando o caráter de triunfo da criação da nação em meio à crise do pós-guerra: “pela sabedoria das suas leis, pela beleza moral das suas conquistas e pela cultura social do seu povo, a República de Masaryk é um espetáculo surpreendente, em flagrante contraste com o resto da Europa, profundamente combatida, sem rumo, nem coesão”<sup>146</sup>.

O autor aponta para as grandes possibilidades econômicas da Tchecoslováquia graças à indústria metalúrgica e à sua organização financeira.

As obras de Elysio, aqui apresentadas, têm um caráter de militância nacionalista, até mesmo panfletária em alguns momentos, a fim de chamar a atenção para a constituição da nação em si e da necessidade de ações pragmáticas em termos econômicos para desenvolver o país. No entanto ele não cria um plano político específico de governo, apenas dialoga com determinadas idéias que estão em circulação na sua época.

Ressalta-se a importância dos ensaios de Elysio para a apreensão da realidade brasileira, dos projetos políticos para o Brasil, dos debates travados no seio da intelectualidade brasileira na Primeira

---

<sup>144</sup> *Id.*, p. 90.

<sup>145</sup> *Ibid.*, p.90.

<sup>146</sup> *Ibid.*, p.98.

República e como tributário das teses de Alberto Torres. Apesar de não aderir ao movimento ruralista, Elysio de Carvalho faria parte da “geração que Alberto Torres sonhou”<sup>147</sup>. Este termo utilizado por Ronald de Carvalho estaria caracterizando a sua própria geração que seria composta por sociólogos, escritores, jornalistas, todos comprometidos com o estudo e a resolução dos problemas brasileiros de qualquer natureza: administrativa, econômico, social e etc. Essas teses de Alberto Torres estariam inseridas em uma determinada cultura política<sup>148</sup> que se configura pela procura em identificar os "males" da nação prontificando-se a resolvê-los e indicando soluções.

Alberto Torres (1865-1917) foi uma das figuras fundamentais no campo intelectual brasileiro do início do século XX. Jornalista na mocidade, deputado federal e estadual, ministro da justiça e presidente do Estado do Rio de Janeiro, ministro do Supremo Tribunal Federal, quando aposentado por motivo de saúde dedicou-se a pregação de suas idéias<sup>149</sup>.

Do que publica na imprensa, vai tirar material para os seus livros, dois dos quais são escritos em francês para repercutirem no mundo, em crença ingênua e generosa de pregador da paz, desejoso de influir no quadro internacional, com a denúncia dos perigos da guerra e das vantagens da paz, que pretende impor através de organismos reguladores da ordem. O mundo estava às vésperas da Primeira Grande Guerra quando o fluminense edita *Vers la paix* (1909) e *Le problème mondial* (1913)<sup>150</sup>.

Quando da sua atuação como presidente do Rio de Janeiro entre 1896 e 1900, Alberto Torres se desilude com o regime republicano, constatando a “mediocridade vigente na política e na administração brasileira”<sup>151</sup>.

---

<sup>147</sup> BOTELHO, André. *O Brasil e os dias: estado-nação, modernismo e rotina intelectual*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 79-95.

<sup>148</sup> Sobre cultura política, vide: BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma História Cultural*. Trad.: Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p.349-364.

<sup>149</sup> TORRES, *op. cit.*, p. VII.

<sup>150</sup> *Id.*, p. VII

<sup>151</sup> SOUZA, Ricardo Luiz de. Nacionalismo e autoritarismo em Alberto Torres. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005, p. 303.

Em outros dois livros *O problema nacional brasileiro* e *A organização nacional*, o autor procurou analisar os problemas do país, que em sua visão consistiam principalmente da desorganização. Para Torres, deveria haver um basta no processo desenfreado de dilapidação das riquezas brasileiras antes que fosse tarde demais. O Estado deveria atuar como órgão central de todas as funções sociais. O antiliberalismo característico em seu pensamento deriva do contraste entre as idéias liberais e a prática política nas instituições políticas das quais ele participou, “Torres foi pioneiro ao transformar a crítica ao liberalismo em base para a construção do pensamento autoritário”<sup>152</sup>.

Segundo Ricardo Luiz de Souza a importância deste autor na construção do autoritarismo brasileiro é, entre outros elementos, a primazia que ele confere ao Estado sobre a sociedade civil e a tarefa incumbida ao mesmo da construção de uma nacionalidade, que “por si só, permaneceria dispersa e inorgânica”<sup>153</sup>.

Esse Estado forte, centralizado, incumbido não apenas de organizar o país, mas também de construir uma nacionalidade são argumentos fundamentais nas obras de outros pensadores autoritários como Oliveira Vianna e Azevedo Amaral.

Torres também apontava para a necessidade de uma classe ilustrada dirigente que assumisse a posição de uma força social, lugar que lhe competia na sociedade.

Os discípulos de Torres herdaram dele o nacionalismo e a preocupação com a organização nacional. Como veremos no próximo capítulo, a integração geográfica pelas vias de comunicação ligadas a uma maior unidade nacional faz parte também das características que compõe a idéia de nação de Elysio de Carvalho.

Com relação à corrente autoritária que surge nessa época, o historiador José Luis Bendicho Beired a divide em três pólos: o científico, cuja grande influência seria o positivismo em que os intelectuais apoiando-se na razão do conhecimento científico voltavam-se às descobertas das leis naturais que regiam o social. O pólo católico, formado principalmente pelos intelectuais em torno da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, cujas principais referências intelectuais seriam Jackson de Figueiredo e Tristão de Atháide. E o pólo fascista, do qual o integralismo seria principal expressão de uma tendência antiliberal e mais radical.

---

<sup>152</sup> *Id.*, p. 304

<sup>153</sup> *Ibid.*, p. 306

Muito embora, Tristão de Athaíde tenha contribuído com a *América Brasileira* e as idéias de integração ao todo desenvolvidas por Graça Aranha (mas que Elysio também aprecia) tenham aberto caminho para os integralistas, as idéias desenvolvidas por Elysio de Carvalho têm uma ligação maior com o que o autor denomina de pólo científico, principalmente pela sua ligação com as teorias científicas desenvolvidas no século XIX. Dentre os maiores representantes da corrente autoritária nas primeiras décadas do século XX, Oliveira Vianna é o único citado pelo escritor alagoano, com quem procurou estabelecer um compartilhamento intelectual através da *América Brasileira* e enviando-lhe o livro *Príncipes del Espiritu Americano*.

Essa direita nacionalista brasileira formulou representações acerca da crise nacional apresentando os seguintes elementos: “necessidade de consolidar a nacionalidade, combater ideologias exógenas, conferir maiores prerrogativas ao poder central em detrimento dos poderes locais e substituir os fundamentos institucionais do Estado Brasileiro”<sup>154</sup>. À medida que o diagnóstico da crise foi sendo delineado, as propostas para solucionar o problema compreendiam um direcionamento a uma nova fase de civilização, uma nova ordem, e para tal o Estado será o espaço privilegiado da mudança.

Oliveira Vianna, um dos grandes expoentes dessa corrente autoritária fundamentada no pensamento científicista, principalmente antes de 1930, acreditava que a crise brasileira tinha um caráter estrutural. O autor lança mão da história do Brasil para afirmar que o nosso desenvolvimento histórico era em sua essência antiliberal e por isso, esteve em contradição com as tentativas de adaptação ao liberalismo, ideologia importada de fora e portanto artificial e inaplicável às instituições brasileiras. Ser nacionalista significava ser autoritário. Ao seu diagnóstico da crise Oliveira Vianna acrescenta a falta de unidade étnica do povo brasileiro que prejudicava a consolidação da nação.

Com relação ao pensamento autoritário vale lembrar o intelectual argentino Leopoldo Lugones (1874-1938), “considerado por Jorge Luís Borges o maior escritor argentino deste século [século XX], evoluiu do anarquismo na juventude à identificação com o fascismo”<sup>155</sup>. Lugones passou a defender, a partir dos anos 1920, idéias ligadas ao imperialismo, militarismo, corporativismo, social-darwinismo, recusa da

---

<sup>154</sup> BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p.79

<sup>155</sup> *Id.*, p.45

soberania popular, repúdio aos imigrantes e nacionalismo. Foi uma figura importante por influenciar boa parte do campo intelectual de direita na Argentina. Suas teses militaristas tiveram muita repercussão entre a geração argentina mais jovem de 1920. Acreditava que dentro dessa nova configuração de mundo do pós-guerra a paz só poderia ser obtida por meio de um equilíbrio econômico-militar entre as nações<sup>156</sup>.

Sua trajetória se assemelha à de Elysio no sentido de que ambos partiram de uma juventude ligada ao anarquismo e terminaram suas carreiras com uma adesão ao campo conservador e autoritário. No entanto as idéias de Lugones eram muito mais radicais e ligadas ao pólo fascista. A única referência que Elysio faz a Lugones é em seu ensaio sobre Rubén Darío, no qual cita o autor como um dos grandes poetas da América Latina. No entanto podemos observar que ambos enfatizam a questão econômica como solução para os problemas de seus respectivos países e a veia do militarismo, tão forte em Lugones, surge também nos artigos de Elysio com certa frequência.

A questão do militarismo em Elysio de Carvalho aparece de forma mais contundente no artigo *Um professor de patriotismo* presente em *Os Bastiões da Nacionalidade*, no qual o autor teceu elogios à Genserico de Vasconcellos e ao seu livro *História Militar do Brasil*. Neste artigo Elysio afirma a necessidade do militarismo.

Neste forte movimento de renovação do espírito nacional, na atual transformação do espírito nacional, na atual transformação histórica dos nossos valores, tem sido ele [Genserico de Vasconcellos] um dos paladinos do princípio vital de que só pela força as nações asseguram a sua independência, o seu progresso e a sua riqueza, e cuja ética é contrária às idéias dissolventes e insidiosas do pacifismo, que gera decrepitude e traz sempre a ruína moral das nações. O povo em cujo espírito não aparecem qualidades marciais ou virtudes guerreiras está destinado irremediavelmente à degradação à humilhante subalternidade, à morte<sup>157</sup>.

E continua acenando para a idéia de que a guerra impera sobre o mundo e que por isso era necessário criar a consciência do destino do Brasil como potência mundial e com a hegemonia política no continente

---

<sup>156</sup> *Ibid.*, p.78

<sup>157</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.*, p. 337

sul-americano. É importante lembrar que a Primeira República é o período que se caracteriza pela luta intensa do exército para tornar-se uma organização nacional que fosse capaz de planejar efetivamente e executar uma política de defesa nacional em seu sentido mais amplo <sup>158</sup>.

José Luis Bendicho Beired apontou para a criação de uma nova ordem, à medida que o pensamento da direita nacionalista difere das outras direitas que existiam até então (liberal ou conservadora) tanto no Brasil quanto na Argentina. A noção de crise depois da primeira guerra mundial adquire nova significação quando passou a ser identificada com a ruptura, o fim de uma era da civilização ocidental. O diagnóstico do problema e o elenco de alternativas para a sua superação geraram um programa que não foi unívoco e contemplou algumas alternativas como a criação de um Estado corporativo-autoritário; industrialização, nacionalismo econômico e intervencionismo estatal na economia; reespiritualização da sociedade e do Estado; e imperialismo militar. <sup>159</sup>

Elyσιο de Carvalho não incorporou todos esses componentes, mas utilizou alguns para fundamentar a sua idéia de nação. Apesar desta incorporação, o autor não se preocupou em criar um projeto político para o país. De certa forma, o caráter militante que ele imprimiu à sua obra adquire uma face mais panfletária que não abriu espaço para um estudo erudito e aprofundado sobre os temas abordados.

---

<sup>158</sup> CARVALHO, José Murilo de. As forças armadas na Primeira República. O poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris (Orgs.). *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III, volume 2. SP: Editora Difel, 1977 p. 231

<sup>159</sup> BEIRED, *op cit.*, p. 20



### CAPÍTULO III: A IDÉIA DE NAÇÃO NAS OBRAS DE ELYSIO DE CARVALHO

O escopo desse capítulo é analisar elementos que compõem o pensamento de Elysio de Carvalho, a fim de apreender de que forma estes norteavam o seu entendimento do que seria ou deveria ser, a nação brasileira. Para esta análise, serão utilizados principalmente os livros *Os Bastiões da Nacionalidade* (1922) e *Suave Austero* (1924). Eventualmente serão utilizadas outras obras que possam auxiliar na análise, assim como da revista *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* haja vista que em trabalho anteriormente realizado foram estudados alguns dos mesmos elementos que aqui se encontram. Afinal, a orientação editorial da revista é personificada nas preferências literárias e políticas de seu editor.

Um dos temas mais recorrentes nos ensaios de Elysio de Carvalho é a questão da raça através da qual o autor buscou moldar a identidade nacional.

#### RAÇA

As teorias raciais desenvolvidas durante o século XIX na Europa e nos Estados Unidos chegaram ao Brasil ainda no fim do século e tornaram-se muito presentes no pensamento da elite brasileira nas quatro primeiras décadas do século XX.

No decorrer do século XIX destacaram-se três escolas de teorias raciais. A escola etnológico-biológica sistematizou sua formulação nos Estados Unidos na década de 40/50 e que ganhou importante apoio de Louis Agassiz (1807-1873), zoólogo suíço e famoso propugnador científico da poligenia na América. Essa escola voltava-se principalmente para experiências antropométricas (tabelas de medidas cranianas, estruturas do esqueleto, histórico de doenças – segundo categorias raciais) que procuravam de algum modo provar que as diferenças físicas podiam implicar em outras diferenças, mais especificamente “mentais”<sup>160</sup>.

Uma segunda linha teórica foi a escola histórica, bem representada por Joseph Arthur, Conde de Gobineau (1816-1882), mas também por Thomas Carlyle, Thomas Arnold e Robert Knox na

---

<sup>160</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2. ed. Trad.: Raul de Sá Barbosa. RJ: Paz e Terra, 1976, p. 66.

Inglaterra. As reflexões desses pensadores repousavam sobre a idéia de que as raças humanas podiam ser diferenciadas umas das outras e que a branca era superior a todas. Confiavam, principalmente, na evidência histórica que comprovava por intermédio de etnógrafos e anatomistas as diferenças físicas entre as raças. Gobineau e outros participantes dessa linha teórica ajudaram a propagar na Europa a idéia de que a raça era o fator determinante da história humana.

O culto ao arianismo é propagado, especialmente na Alemanha após a guerra franco-prussiana por diversos intelectuais, entre os quais o autor britânico naturalizado alemão Houston Stewart Chamberlain (1855-1927), genro do compositor, maestro e ensaísta alemão Wilhelm Richard Wagner (1813-1883). “A impossibilidade da sua real verificação conferiu ao mito uma flexibilidade ideológica que o tornou aplicável até mesmo à Inglaterra, onde a crença da superioridade da raça anglo-saxônica tornou-se complementar ao arianismo, em si mesmo”<sup>161</sup>. A teoria valia-se da idéia de que o ariano tinha alcançado o mais alto grau de civilização e que estava destinado, deterministicamente tanto pela natureza quanto pela história, a ganhar o controle do mundo.

Já a terceira escola de pensamento racial era o darwinismo-social, cuja teoria podia ser utilizada pelas outras duas com pequenas concessões. Se a evolução das formas de vida natural eram consequência de uma sobrevivência dos mais aptos, logo as raças humanas teriam passado por processo semelhante no qual as raças “superiores” haviam predominado e as “inferiores” estariam fadadas ao desaparecimento.

Em conjunto as três escolas influenciaram muito o pensamento brasileiro, sempre voltado às preocupações com a raça. As citações de Herbert Spencer, Gustave Le Bon, Georges Vacher de Lapouge e José Ingenieros são freqüentes.

O discurso desses pensadores europeus e americanos é voltado, como foi dito anteriormente, para a questão da degeneração racial causada pela miscigenação ou pelo rótulo de inferior ou superior de acordo com a raça. Conde de Gobineau<sup>162</sup>, por exemplo, em seu *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines* apontava o fator biológico e fisiológico como causa principal da decadência das civilizações. O tom pessimista e ambíguo da obra se deve ao fato de Gobineau considerar a mistura com outras raças o fator essencial ao desenvolvimento das

---

<sup>161</sup> *Ibid*, p.67, 68

<sup>162</sup> Gobineau é tomado como exemplo por ter sido muito lido no Brasil e também por ser um dos mais conhecidos arautos das teorias raciais.

nações, mas ao mesmo tempo o que as levaria à ruína<sup>163</sup>. Como a maioria de seus contemporâneos o autor também acreditava na superioridade da raça branca. Convém lembrar que, o Conde de Gobineau morou no Brasil como diplomata e que “malgrado o clima e os recursos naturais favoráveis, pensava ele que a população nativa estava fadada a desaparecer devido à sua ‘degenerescência’ genética”<sup>164</sup>.

Essas teorias já consagradas na Europa chegaram tardiamente ao Brasil no século XIX, período em que temos dois grandes modelos teóricos explicativos de sucesso: o racismo e o liberalismo coexistindo de forma um tanto paradoxal. A antropóloga Lilia Moritz Schwarcz chama atenção para as teorias raciais que freqüentemente foram condenadas antes de serem compreendidas em “sua oportunidade e especificidade no âmbito de sua época”<sup>165</sup>, enfatizando que é necessário compreendê-las também no seu movimento criador e nas apropriações que foram delas feitas. “O termo *raça*, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento, cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise”<sup>166</sup>.

No último quartel do século XIX, caracterizado pela campanha abolicionista, pelo final da escravidão e pela realização de um novo projeto político para o país que culminou com a República, essas teorias pareciam uma alternativa viável para justificar o jogo de interesses que se articulavam, colocando em questão critérios para a cidadania e dando um suporte científico para a manutenção de hierarquias ameaçadas por uma nova forma de organização social e econômica que surgia.

Entretanto, a contradição em adotar essas teorias raciais vindas da Europa estava na inviabilidade da nação brasileira, uma vez que todas apontavam a miscigenação como o fator que levaria à ruína. Segundo Schwarcz é na brecha desse paradoxo, que consiste em aceitar a existência de diferenças humanas inatas e o elogio do cruzamento, que está a saída original encontrada pelos homens da ciência no Brasil.

Do darwinismo social adotou-se o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, sem que se problematisassem as implicações

---

<sup>163</sup> GAHYVA, Helga. Tocqueville e Gobineau no mundo dos iguais. In: *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 3, 2006, p. 553- 582.

<sup>164</sup> SKIDMORE, *op. cit.*, p. 46.

<sup>165</sup> SCHWARCZ, *op. cit.*, p.15

<sup>166</sup> *Id.*, p.17

negativas da miscigenação. Das máximas do evolucionismo social sublinhou-se a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução e “aperfeiçoamento”, obliterando-se a idéia de que a humanidade era uma. Buscavam-se, portanto, em teorias formalmente excludentes, usos e decorrências inusitados e paralelos, transformando modelos de difícil aceitação local em teorias de sucesso<sup>167</sup>.

Quando a miscigenação começa a ser vista não tanto como um problema, mas como uma possível solução, o discurso eugênico passa a ser presente na tentativa de mudar a feição da nação brasileira, envolvendo toda uma geração de intelectuais, políticos, educadores, religiosos, juristas, artistas, jornalistas, antropólogos, médicos, psicólogos. “A eugenia era tida como redentora da humanidade”<sup>168</sup>.

Se a fealdade, traçada nas tintas e na escrita do Brasil por viajantes e cientistas estrangeiros do século XIX, era representativa de nossa não-civilidade e de nossa identidade às avessas, acreditavam estes intelectuais que a eugenia oferecia os meios para embelezar e aperfeiçoar nosso tipo étnico em formação. (...) A descoberta da plasticidade do corpo, a fé na tecnologia do cultivo da raça, o medo da degradação, o sentimento de crise de identidade são sensibilidades que fermentam o imaginário político nos finais do século XIX e na primeira metade do XX, que se expressa na escrita traçada nos corpos para imprimir a nação<sup>169</sup>.

Nesse sentido, o discurso eugenista também esteve presente como uma das vertentes que impulsionaram a política de imigração européia, uma vez que a miscigenação com raças superiores salvaria o povo e, portanto, o país da degeneração.

Convém ressaltar que, um número significativo de membros da elite assumiu então um posicionamento a favor da miscigenação com o intuito de embranquecer a população brasileira, com destaque para

---

<sup>167</sup> SCHWARCZ, *op cit.*, p. 18

<sup>168</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Ed. Argos, 2007, p. 63

<sup>169</sup> *Ibid*, p.63 e 64.

intelectuais como Oliveira Lima, Medeiros de Albuquerque, José Veríssimo e, especialmente, Oliveira Vianna. Algumas exceções, como Nina Rodrigues, mantiveram-se adeptos das teorias raciais ortodoxas, que não acreditavam no sucesso da política de embranquecimento, e outros, como Alberto Torres e Manoel Bomfim que refutaram essas teorias<sup>170</sup>, alegando que o problema brasileiro não residia na raça.

Voltando nossa atenção à Elysio de Carvalho, seria impossível negar a presença da raça em sua concepção de nação. Assim como seus contemporâneos, Elysio considerava a raça como uma característica básica da nacionalidade. Mas, não raça enquanto cor e sim como o espírito, a alma, a “psyché” do brasileiro. O crítico Wilson Martins afirma, a respeito do tema, que “o pensamento de Elísio de Carvalho era, entretanto, mais complexo: o *brasileiro* não era o homem físico, mas o “indivíduo moral”, que aqui se formou, distinto do português, do índio e do africano; “brasileiro”, poderia tê-lo dito, era um estado de espírito”<sup>171</sup>.

A etnologia, ou a noção gobiniana da raça, nada tem que ver com as conclusões simplistas e pueris da antropologia, que tem tanta importância quanto a chamada psicologia experimental: a psicologia étnica não se vale dos materiais da antropologia científica para as suas sínteses e induções, porque, como diz Renan, a história humana não se reduz a uma simples questão de zoologia. O valor étnico não se traduz somente pelos assinalamentos exteriores ou físicos dos povos e dos indivíduos, mas também e sobretudo pelos traços psicológicos. Não se reconhece o germano ou o latino pela forma craniana, pela cor dos cabelos e pela fisionomia, senão pelos atributos intelectuais, pelas suas aptidões morais, ou, melhor ainda, pela sua concepção de universo e da vida<sup>172</sup>.

A propósito das idéias de Gobineau, Elysio de Carvalho afirmou que o mérito da tese do autor, “fecunda em sugestões e ensinamentos de toda ordem, consiste em ter estabelecido o pathos

---

<sup>170</sup> SKIDMORE, *op. cit.*, p.137.

<sup>171</sup> MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Volume VI (1915 – 1933). 2 ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1996, p. 216.

<sup>172</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.*, p.186.

psico-etnico da raça, sem o qual não se explicariam as ações humanas”<sup>173</sup>. Apesar do elogio, o escritor alagoano comunga das idéias de seus contemporâneos e compartilha do otimismo em relação à miscigenação, que a seu ver não determinaria a ruína do Brasil. Neste sentido é importante ressaltar que Elysio também tenta validar as teorias raciais de forma a se adequarem à realidade brasileira, abraçando a contradição e buscando uma saída através desta. A seu modo, o futuro da população brasileira seria o embranquecimento.

Este será um dos pilares de sua idéia de nação e de identidade nacional. Mais à frente, será possível entender a ligação deste aspecto de seu pensamento com a lusofilia e a construção da identidade nacional em seus ensaios históricos.

Elysio de Carvalho afirmava que o embranquecimento da população se daria devido à força do gene da raça branca, contudo é importante afirmar que em momento algum de seus escritos ele faz apologia à política de imigração. Com relação a esta última, inclusive, vale mencionar que no artigo sobre *São Paulo e a Unidade Nacional* o escritor cita um excerto do texto de Graça Aranha que alerta sobre os perigos de uma constante mestiçagem – mesmo com os próprios europeus –, uma vez que correr-se-ia o risco de perder as características nacionais quando da assimilação das características de muitas outras raças. Após concordar com a utilidade do estrangeiro para o “progresso material” do país, Graça Aranha afirmou: “mas a alma de uma nação não está num pé de café”<sup>174</sup>.

A palavra raça neste excerto está novamente muito mais ligada às características do “indivíduo moral” do que apenas a cor de pele. Neste sentido é interessante observar que ele não era a favor de uma miscigenação indiscriminada, mesmo que com a raça branca, pois a seu ver o brasileiro já estava em processo de formação que culminaria com o gene branco prevalecendo sobre os outros. O gene branco em questão é composto principalmente por elementos ibéricos, como veremos, dos quais o brasileiro herdaria a forma de ser. A preocupação com a continuada miscigenação seria a introdução de novos elementos europeus que se chocariam e diluiriam essa herança ibérica. É importante ressaltar que nos escritos de Elysio, ao mesmo tempo em que o autor aspirava à Europa, ele buscava uma identidade nacional e uma forma de ser nacional autêntica, visto que as duas obras datam do pós

---

<sup>173</sup> *Id.*, p.185

<sup>174</sup> *Ibid.*, p. 68

Primeira Guerra ocasião em que os modelos europeus aparecem como esgotados e ao Brasil surgiria a oportunidade de alçar-se como nação.

Quanto à questão da formação étnica brasileira, Elysio afirmou que:

Não somos uma mistura, nem muito menos representativos de nenhuma das três raças, mas uma síntese étnica, que se operou logo anos depois da conquista quando os europeus que se encontravam no país se ligaram amorosamente com a gente bronzada da terra, gerando uma raça indômita e audaciosa, dotada de uma energia heróica e de uma resistência formidável, que enquanto o português se deixava ficar no litoral, fascinado pelo oceano e cheio de nostalgia pela metrópole, penetrava no sertão bravio que abriu o roteiro para o Brasil imenso e de destinos sem limites<sup>175</sup>.

Essa crítica voltada à adoção do brasileiro como representativo de uma das três raças que o compõe, volta em outro momento do livro quando Elysio criticou a idéia romântica do indígena como verdadeiro representante brasileiro<sup>176</sup>. Todavia, como se pode verificar na citação ele não faz menção ao negro, apenas ao índio e ao branco. “Ao mameluco está reservado um lugar distinto em nossa etnologia, visto ser um tipo de fusão, que se tornou preponderante no caldeamento geral”<sup>177</sup>.

O mito de origem brasileiro na mistura das três raças (branca, negra e índia) surgiu ainda no século XIX quando da realização de um concurso pelo IHGB em 1844 que iria avaliar a melhor proposta de pesquisa e divulgação da história do Brasil. A monografia vencedora, intitulada *Como se deve escrever a história do Brasil*, do médico, botânico e antropólogo alemão Karl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868) vai lançar as bases da idéia de democracia racial no Brasil que surge no século XX<sup>178</sup>.

A visão otimista na formação étnica brasileira vai ao encontro da idéia de nação forte e povo vigoroso. Apesar de criticar em vários

---

<sup>175</sup> Ibid, p. 189

<sup>176</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.*, p. 31 e 32.

<sup>177</sup> *Id.*, p.189

<sup>178</sup> LOSADA MOREIRA, Vânia Maria. História, etnia e nação: o índio e a formação nacional sob a ótica de Caio Prado Júnior. *Mem. am.* [online]. ene./jun. 2008, no.16-1, p.63-84. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-37512008000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-37512008000100004&script=sci_arttext). Acesso em 29/07/2009.

momentos o governo e expor seu descontentamento com situação brasileira da época, Elysio apresenta o Brasil como um país de grande potencial, cujas riquezas naturais se bem exploradas viriam a desenvolver fortemente a economia, tornando o Brasil uma grande potência. Faz parte deste quadro um povo forte, vigoroso, virtuoso, cujo passado foi glorioso, com batalhas, heróis e vitórias e que seria capaz de tirar proveito desse potencial. Dessa forma não seria possível aderir completamente às teorias raciais que apontavam a mestiçagem como degeneração quando a identidade do brasileiro cheio de virtudes formou-se também no seu passado.

Somos, portanto, até certo ponto, uma raça mestiça, mas o fato dessa mestiçagem, fenômeno biológico cujo determinismo podemos facilmente apreciar, não constitui motivo de vergonha nem de inferioridade, porque, em primeiro lugar não há raças completamente puras, à exceção dos semitas e, depois, misturadas foram e ainda o são na atualidade todas as raças que mais contribuíram para o esplendor da civilização e da cultura ocidentais<sup>179</sup>.

O escritor alagoano posicionou-se contra o culto ao arianismo e em seu artigo *Transformações do pan-germanismo* publicado em *Suave Austero* (1925) apontou que:

Antes de tudo, os pan-germanistas crêem na suposta superioridade da raça alemã sobre as demais, por ser a única detentora das virtudes extremas do ariano, e pregam a germanização do mundo. Neste particular, nada mais fazem que repetir os sofismas de Lamprecht, Ammon, Chamberlain, Driesmans, Woltmann, Wolff e outros muitos pedantes teóricos do “teutonismo tentacular”<sup>180</sup>.

Elysio de Carvalho que acreditava na grandeza do gênio latino, da qual o Brasil era herdeiro, posicionava-se contra uma possível germanização do mundo. O escritor bebeu na fonte das teorias raciais, mas nega o culto ao arianismo, afirmando que também as raças

---

<sup>179</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.*, p.189, 190.

<sup>180</sup> *Ibid.*, 1924, p.54



européias se misturaram e nem por isso deixaram de “contribuir para o esplendor da civilização” ocidental.

Essa crítica à utilização das teorias raciais pelo pangermanismo aparece também em Oliveira Vianna no artigo *A Anthroposociologia nos Estudos Brasileiros* que abre a edição de setembro de 1923 da *América Brasileira*. Neste artigo o autor versa sobre ao equívoco causado pela má utilização das teorias de Le Gros, Lapouge e Gobineau pelos alemães, uma vez que os intelectuais brasileiros souberam desse debate apenas através dos franceses e concluíram que a antroposociologia estava morta. Na visão do autor, enquanto os franceses utilizavam esta “bela ciência” para encontrar a verdade, os alemães a utilizavam como base científica do imperialismo pangermanista, ou seja, como instrumento para a propaganda de um programa político. Essa discussão abarcaria a questão da superioridade dos povos germânicos sobre os latinos ou “mais particularmente – para colocar a questão no terreno incandescente da política pangermanista – a do alemão sobre o francês”<sup>181</sup>.

Com relação ao plano internacional a disputa entre Alemanha e França remonta ao imperialismo territorial no século XIX com uma série de conflitos por terra. O pós-guerra foi especialmente traumático para a Alemanha que humilhada pela derrota para os aliados sofreu amputações em seu território e duras sanções econômicas e militares nas cláusulas do Tratado de Versalhes. No lado francês procurava-se permitir à França indenizar-se com as riquezas do solo alemão para reativar sua economia, incluindo o tão disputado território da Alsácia-Lorena. Parcelas da população alemã engajaram-se contra as imposições do Tratado visto que a miséria, o desemprego e a urgência da reconstrução do país eram questões de primeira ordem. Nesse novo panorama que se configurava no seio da República de Weimar, as teorias raciais continuariam a ser propagadas em paralelo ao revanchismo ocasionado pelo Tratado de Versalhes.

Em outro artigo para a *América Brasileira* publicado em fevereiro de 1924, Oliveira Vianna dissertou a respeito do problema da raça pura, uma vez comprovado pelos autores franceses que não existiria uma raça pura (em razão do debate anteriormente citado entre franceses e alemães sobre raça), a questão da formação étnica deixaria de ser relevante. Oliveira Vianna refuta essa tese alegando que dada a

---

<sup>181</sup> VIANNA, Oliveira. *A Anthroposociologia nos Estudos Brasileiros*. In: *América Brasileira*, número 21, ano II, set. 1923, p. 1.

mestiçagem haveria a preponderância do sangue de um ou outro tipo originário, nesse sentido é que se deveria entender a “raça pura”<sup>182</sup>.

Elysio de Carvalho tem uma percepção parecida apesar de não falar em raça pura. Muito embora para o escritor a miscigenação tenha sido importantíssima para fazer do brasileiro o que ele é, “os glóbulos aristocráticos do celta-ibero” são preponderantes e se avolumam ao lado da quantidade minúscula de sangue do africano e do gentio<sup>183</sup>.

A nação brasileira, que se encontra no meio das vicissitudes do eterno fluxo e refluxo das migrações, é produto histórico da fusão gradual de três radicais étnicos distintos, e não resultado de obscuros instintos primitivos, mas é também obra do esforço e da vontade da raça branca, núcleo essencial e base da primeira em torno da qual se agruparam os materiais multicores que trouxeram os outros povos, e daí o segredo da quase perfeita unidade moral da nossa gente, que se caracteriza fortemente pela idealidade ariana e pelo contraste emotivo das duas outras raças, por mais estranha que esta afirmação pareça<sup>184</sup>.

Dessa forma, de acordo com o autor, quando do estado de síntese definitivo da raça brasileira, as duas raças “subalternas” seriam absorvidas pela branca ou eliminadas pela “seleção social e econômica se não se deixarem assimilar pelo núcleo racial preponderante”<sup>185</sup>.

Se o significado de raça está atrelado ao indivíduo moral, a miscigenação do indígena, do negro e do português é um fator importante na construção da identidade nacional, mas ao mesmo tempo o elemento da mistura que prevalecerá é o do branco. Entretanto, apesar de enfatizar a importância do elemento português na forma de ser do brasileiro, a raça brasileira é diferente da portuguesa como o autor faz questão de frisar em diversos momentos.

*Brasileiro* não pode ser nem o índio, nem o africano, nem o europeu: só pode ser o *brasileiro*, isto é, o tipo que saiu da fusão dessas raças. (...) Enquanto as duas raças – amarela e negra – se

<sup>182</sup> VIANNA, Oliveira. O Problema das raças puras. In: *América Brasileira*, n.26, ano III, fev. 1924, p. 34.

<sup>183</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.* p.188

<sup>184</sup> *Id.*, p.188

<sup>185</sup> *Ibid.*, p.190

reduzem sempre, a branca aumenta progressivamente. Seja como for, os tipos atuais são ainda transitórios. Isto quer dizer que *mamelucos, pardos, mulatos e brancos* – que sejam, o que é preciso é ser brasileiro, e brasileiro só se é de espírito, de sentimento, de caráter<sup>186</sup>.

Ao mesmo tempo em que prega a originalidade brasileira nascida da mestiçagem afirma o elemento branco como preponderante. Esse foco de Elysio no gene branco da nossa formação étnica está atrelado à idéia de que os brasileiros são herdeiros do gênio latino. “Somos descendentes de um povo de guerreiros, de santos, de heróis e de poetas. (...) a nossa ascendência é nobre, preclara e ilustre, e isto muito naturalmente porque procedemos diretamente dos lusitanos”<sup>187</sup>.

E, apontou que “A lei de constância vital da pátria brasileira se define pelo espírito de progresso desse esplêndido movimento de coesão nacional mantido dentro do possante e imenso maciço pela preponderante hereditariedade psicológica da raça latina”<sup>188</sup>.

## LUSOFILIA

Esse gênio latino, herança dos portugueses, que pulsa nas veias do brasileiro é tema constante na obra do escritor. A lusofilia, junto com a raça, é um dos pilares que compõe do pensamento de Elysio sobre a nação e a identidade nacional. João de Barros, escritor português entusiasta da aproximação luso-brasileira, em artigo para a *América Brasileira* sobre o livro *Os Bastiões da Nacionalidade* de Elysio, afirmou que: “Elísio de Carvalho é um dos mais lusófilos entre os lusófilos escritores brasileiros, e é um dos mais belos e elevados espíritos de sua geração”<sup>189</sup>.

No contexto dos nacionalismos modernos, cujo discurso intelectual procurava configurar a nação em bases raciais, o Brasil lançava mão da história da colonização portuguesa para definir a etnia luso-brasileira; Portugal potencializava sua

---

<sup>186</sup> *Ibid*, p.30

<sup>187</sup> *Ibid*, p. 27

<sup>188</sup> *Ibid*, p. 212.

<sup>189</sup> BARROS, João. Patriotismo Brasileiro. Elysio de Carvalho e os Bastiões da Nacionalidade. In: *América Brasileira*, n.21, ano II, set. 1923, p.2.set. 1923, p.2.

imagem virtual de “berço de descobridores e de criadores de nações”<sup>190</sup>.

Desta forma raça, nação e história estavam interligadas. A busca pela originalidade da pátria e pela definição do povo gerou debates sobre a língua falada e a literatura, com diversas correntes literárias e políticas envolvidas nessa discussão.

A campanha de aproximação entre Brasil e Portugal encetada na primeira metade do século XX, procurava “acomodar uma unidade política com base étnica – termo que passou a ser empregado para lidar com os aspectos raciais – de forma a não ferir a recíproca autonomia e a individualidade nacionais no contexto das nações”<sup>191</sup>. Essa campanha estava atrelada a um projeto que envolvia Portugal, Brasil e Angola na formação de uma identidade lusa e, portanto, incidia sobre o direito histórico de Portugal sobre o Atlântico Sul.

Segundo a historiadora Maria Bernardete Ramos Flores, diversos eventos culturais e políticos<sup>192</sup> realizados por Portugal e apoiados pelo Brasil tiveram como base o discurso da “Política do Atlântico Sul e da lusitanização”. Pelas relações científicas, literárias, artísticas e comerciais é que se daria a consciência do comum destino atlântico entre Brasil e Portugal, pelo menos segundo aqueles que encabeçaram tal meta<sup>193</sup>.

Sobre este tema, o escritor alagoano publicou em *Suave Austero* um ensaio intitulado *Um Apostolado*, onde discute as idéias de Bettencourt-Rodrigues, escritor português que propôs uma confederação luso-brasileira na qual os dois países estariam unidos num sistema federativo, manteriam suas próprias instituições políticas, mas teriam um representante comum para tratar de questões de política internacional. O congresso, pelo qual seria representada a confederação, seria composto tanto por representantes portugueses, quanto por representantes brasileiros. A confederação seria dirigida por um presidente, alternadamente, português e brasileiro, eleito pelos membros do congresso.

---

<sup>190</sup> RAMOS, Maria Bernardete; SERPA, Hélio; PAULO, Heloísa (Orgs.). *O beijo através do atlântico. O lugar do Brasil no Panlusitanismo*. Chapecó: Ed. Argos, 2001, p.359.

<sup>191</sup> *Ibid.*, p. 363.

<sup>192</sup> Eventos como a participação portuguesa no quarto centenário do descobrimento no Brasil, principalmente com o primeiro vôo Lisboa – Rio de Janeiro efetuado por Sacadura Cabral e Gago Coutinho ou a assinatura do acordo luso-brasileiro perante o presidente Getúlio Vargas assinado por Antônio Ferro e Lourival Fontes.

<sup>193</sup> *Ibid.*, p. 382.

Elysio de Carvalho inicia o ensaio apresentando Bettencourt-Rodrigues, como

uma das mais simpáticas figuras de Portugal de agora. Homem de copiosa experiência, preocupado com a solução dos problemas que mais interessam à nacionalidade, propugnador de boas idéias, dotado de estimável cultura científica e guiado sempre por sólidos princípios sociais e nobres convicções filosóficas, (...) representa ele justamente uma das forças morais da pátria portuguesa neste momento de renovação espiritual, política e econômica do povo que integrou definitivamente a humanidade no planeta<sup>194</sup>.

O autor ainda acrescenta que nos dois lados do Atlântico “fez-se ele apóstolo de um belo, magnífico e grandioso pensamento – o da *confederação luso-brasileira*”<sup>195</sup>. Elysio de Carvalho aplaude a obra de Bettencourt-Rodrigues, “um desses patriotas que honram a raça”, colocando sua importância enquanto um dos primeiros que agitaram a idéia de uma aliança entre os dois povos. Ele o compara ao inglês W. T. Stead que também defendeu uma confederação dos povos de língua inglesa: *English Speaking United States of the World*, cuja fórmula “tinha em seu favor o sangue, o idioma, a religião e a história”, mas lhe faltou a vontade comum. Elysio elenca os elementos que também em sua concepção são importantes: raça, idioma e história – apesar de mencionar a religião, em momento algum de sua obra ele a destaca como elemento fundamental da ligação com Portugal ou como elemento importante para compor a nacionalidade.

Elysio de Carvalho elogia os argumentos de ordem etnográfica, histórica, política, econômica e sentimental, que são numerosos, irrecusáveis e impressionantes. Embora, aplaude os esforços para que se realize a empreitada e a idéia desenvolvida por Bettencourt-Rodrigues, o autor expressa seu ponto de vista da seguinte maneira:

Para nós outros, que com sinceridade advogamos uma política brasileira de completa intimidade e de entendimento com Portugal, seu projeto é

---

<sup>194</sup> CARVALHO, Elysio de. *Laureis insignes*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1924, p. 267.

<sup>195</sup> *Id.*, p. 267

sobremaneira interessante como nenhum outro, embora por vezes divirjamos das suas opiniões. Apenas entendemos que, neste assunto, que será obra do escol intelectual, não se poderá fazer com proveito, com isenção de ânimo com possibilidades de êxito: nenhum dos dois países está preparado para acolher a idéia, de estrutura teórica tão complexa e de aplicação prática tão extensa. Sabido é que, se entre o velho tronco luso e a jovem nacionalidade brasileira, há traços comuns, fortes e persistentes, que nos aproximam e facilitam uma duradoura cooperação entre Portugal e Brasil, existem, por outro lado, a partir do dia da nossa Independência política, sérias divergências de aspirações, notável disparidade no ritmo da vida superorganica e funda diferenciação de destinos históricos, que representam papel da mais alta relevância na progressão brasileira e podem criar equívocos lamentáveis, que convém evitar, se não examinados cautelosamente <sup>196</sup>.

Neste excerto, podemos vislumbrar onde é calcada a lusofilia do autor: na história e na herança do gênio latino proveniente do português. O Brasil é uma nova nação saída da “velha estirpe” e deve ser considerada enquanto tal, respeitando sua autonomia. Como foi dito anteriormente, na questão da raça, apesar de acreditar que o gene branco prevaleceria, e que muito devemos à nossa origem portuguesa, na verdade o gene branco não seria o gene português propriamente dito, mas o gênio latino que constituiria o brasileiro. Mais a frente, no mesmo ensaio, retorna ao assunto da raça quando escreve

Na formação definitiva do tipo étnico brasileiro, o sangue português poderá vir a ser partícula mínima, mas sempre estaremos vinculados a Portugal pela história, que se não paga, e pela constância das peculiaridades ou dos caracteres psicológicos transmitidos pelos antepassados, que são traços eternos <sup>197</sup>.

Também, lança mão dos comentários sobre a obra de Bettencourt-Rodrigues por Carlos Malheiro Dias. As críticas do autor

---

<sup>196</sup> *Ibid*, p. 272 e 273

<sup>197</sup> *Ibid*, p. 274

português vão ao encontro da opinião esboçada por Elysio. Também, vários intelectuais portugueses estão envolvidos na tentativa de uma maior aproximação entre os dois países.

A historiadora Marie-Jo Ferreira apontou para a importância da participação dos imigrantes portugueses na aproximação entre os dois lados do Atlântico, Brasil e Portugal:

A elite portuguesa dispôs - para realizar esse objetivo - da sua vasta rede associativa que valorizava a identidade portuguesa e encorajava a multiplicação das trocas políticas e culturais entre Portugal e Brasil. E contava, em particular, com o *Real Gabinete Português de Leitura*, que se esforçava para desenvolver as trocas culturais entre os dois países. Além do acesso ao conhecimento sobre a cultura portuguesa através da sua magnífica biblioteca, a instituição organizava regularmente encontros artísticos e congressos científicos<sup>198</sup>.

Convém ressaltar que, Elysio freqüentava o Real Gabinete Português de Leitura, tendo inclusive sido convidado a realizar uma palestra sobre *Pombal e a Civilização Brasileira* – que foi posteriormente publicada em *Laureis Insignes* – naquela biblioteca: “pelo órgão de seu dedicado secretário, me honrou com o convite para discorrer esta noite acerca da influência desse grande lusitano na civilização brasileira”<sup>199</sup>.

Diversas revistas são publicadas com o intuito de promover uma maior integração entre as duas culturas. Arnaldo Saraiva também se posiciona contrário à tese de que a literatura brasileira e a portuguesa tenham sido influenciadas uma pela outra apenas até certo ponto, e que ambos os modernismos teriam estagnado a troca de comunicação entre os dois países, mantendo-se apenas a leitura dos clássicos.

A revista *América Brasileira*, cujo editor era Elysio de Carvalho, possuía uma seção denominada Portugália que demonstra a existência desse intercâmbio literário na década de 1920. Esta seção era dedicada a Portugal, onde diversos temas que incluíam história, língua e literatura daquele país foram colocados em pauta. Dentre os autores

<sup>198</sup> FERREIRA, Marie-Jo. *Os Portugueses do Brasil, atores das relações luso-brasileiras, fim do século XIX - início do século XX*. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/arquivo/anexo/portugueses.pdf>, acesso em 01/07/2009.

<sup>199</sup> CARVALHO, 1924, *op cit*, p. 81

portugueses que colaboraram na coluna, destacavam-se António Ferro, António Sardinha, Camilo Castelo Branco, Carlos Malheiro Dias, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Fidelino de Figueiredo, Guerra Junqueiro, Jaime Cortesão, José Osório de Oliveira, Júlio Dantas, entre tantos. Outros artigos de autores portugueses publicados na revista mostram essa conexão entre Portugal e Brasil, como no número 34, publicado em outubro de 1924, dedicado quase que exclusivamente a Camões, devido à comemoração do quarto centenário de seu nascimento.

Essa conexão entre Brasil e Portugal também pode ser vista na revista *Atlântida*, fundada em 1915, pelo poeta português João de Barros e pelo escritor brasileiro João do Rio, a quem mais tarde juntou-se também Graça Aranha.

Foi nesta revista que Bettencourt-Rodrigues publicou pela primeira vez seu projeto de confederação luso-brasileiro no artigo *Será possível uma nova e grande Lusitânia?*(1917)<sup>200</sup>. O objetivo do periódico era mostrar o Brasil real, não caricaturado, mas vigoroso no qual o estadista português fosse convencido de que o futuro de Portugal estava vinculado ao entendimento com o Brasil. Em compensação para o Brasil, o principal motivo era tentar criar uma empatia com os portugueses, eliminando o sentimento anti-lusitano que predominava nas primeiras décadas do século XX<sup>201</sup>.

O anti-lusitanismo remonta ao século XIX ligado à questão racial e de classe quando a população pobre – branca, negra, escrava, forra ou livre – sofria coação e coerção do ponto de vista do trabalho e das relações de poder. “A experiência da “gente-de-cor”, compartilhada nas ruas do Rio de Janeiro, dava-lhes um caráter de classe. Lutavam contra a escravidão e contra os “brancos”, na sua maioria portugueses de nascimento ou luso-descendentes, que diminuía-lhes ou cerceava-lhes as possibilidades no mercado de trabalho”<sup>202</sup>. A questão acaba virando racial e nacional, uma vez que no contexto do Primeiro Reinado, ou seja, no momento em que se começa a pensar a nação e a identidade brasileira, o português torna-se o “outro” que ameaça a nacionalidade em construção. A essa construção da identidade acrescenta-se à experiência anterior de monopólio luso sobre setores

---

<sup>200</sup> FERREIRA, *op. cit.*

<sup>201</sup> RAMOS, *op cit.*, p. 384-385.

<sup>202</sup> RIBEIRO, Gladys Sabina. *A Liberdade em Construção. Identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. RJ: Relume Dumará: FAPERJ, 2002, p. 360



fundamentais na economia e a concorrência com a mão de obra, onde o antilusitanismo é revigorado<sup>203</sup>.

Os números da imigração portuguesa nas duas últimas décadas do século XIX e nas três primeiras do século XX eram alarmantes, o que incitava o antilusitanismo. Esse sentimento era cultivado nas camadas mais populares pela disputa de empregos, contudo, também afetava a intelectualidade porque os portugueses ocupavam a direção de grande parte da imprensa e das casas-editoras. Os difíceis momentos diplomáticos ou culturais vividos entre os dois países desde fins do século XIX até o início da década de 1930, também influenciaram a literatura da época.

Um desses períodos de antilusitanismo mais acentuado, que Arnaldo Saraiva chama de “ondas lusóforas”, começou em 1870 com ataques entre poetas brasileiros e portugueses. Em vários romances românticos e naturalistas é mostrada uma imagem pejorativa do português, não importando o papel, cobiçoso, rude e até mesmo estúpido. Segundo o autor, essa imagem funcionou “como justificação mítica do atraso da sociedade brasileira, como exorcismo (que recorre a bodes expiatórios) de inseguranças e incapacidades individuais e coletivas, e como sinal de busca da identidade cultural”<sup>204</sup>.

Na outra face da moeda, o “brasileiro” seria o grande fornecedor do riso português, alimentando não só a anedota cotidiana e o romance, mas também, o teatro, sobretudo de revista, e a caricatura<sup>205</sup>. Saraiva afirma que os autores portugueses em geral, que se aproveitavam do estereótipo, “pareciam vingar nele a dependência econômica da antiga colônia, ou exorcizar os demônios da emigração e disfarçar o ciúme por algum triunfo do novo rico”<sup>206</sup>.

Em 1917 foi criada no Rio de Janeiro a revista *Brazílea*, na qual o nativismo, o nacionalismo e o antilusitanismo delineavam a orientação, principalmente porque contava com os homens que fundaram a Ação Social Nacionalista, como Jackson de Figueiredo, Afonso Celso, Alcebíades Delamare, Álvaro Bomilcar e Arnaldo Damasceno Vieira.

Dos escritores considerados lusófilos e brasilófilos, muitos são encontrados nas páginas da *América Brasileira*, como Afrânio Peixoto, Carlos Malheiro Dias, Coelho Neto, João Ribeiro, Manuel Bandeira,

---

<sup>203</sup> *Id.*, p. 361

<sup>204</sup> SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p.70.

<sup>205</sup> *Id.*, p.71.

<sup>206</sup> *Ibid.*, p.71.

Rocha Pombo, Ronald de Carvalho. Afrânio Peixoto em seu romance *A Esfinge* (1911) rejeita o culto do arianismo e expõe sua posição lusófila<sup>207</sup>. Carlos Malheiro Dias é considerado o porta-voz da elite portuguesa de 1910 a 1920, no tocante a valorização da presença portuguesa no Brasil e da unidade cultural<sup>208</sup>. Em *Carta aos Estudantes Portugueses*, publicada na *América Brasileira* sob o título *Amemos o Brasil*, ele condena os excessos de ambos os lados e aconselha a fraternidade e a comunhão moral; “sejamos irmão sem subserviência e sem indiscrição. Diligenciemos dar-nos ao respeito, que é o decoro da estima e retribuamos esse devido respeito, sem quebra da familiaridade, que o aquece de afeição”<sup>209</sup>.

Para Carlos Malheiro Dias, a colonização portuguesa permitiu o estabelecimento de uma fraternidade luso-brasileira, baseada na história, na língua e na fé religiosa. Para justificar esse discurso e desenvolver essa política de relações fraternais luso-brasileiras, a elite portuguesa no Brasil promove a aproximação intelectual e cultural entre Portugal e Brasil<sup>210</sup>.

Elysio abraça os ideais promovidos pela comunidade portuguesa no Brasil e compartilha das idéias de Carlos Malheiro Dias, haja vista a grande quantidade de citações sobre o autor e sua obra nos livros de Elysio de Carvalho e, sobretudo, por ter prefaciado o livro *Brava Gente* (1919). Este livro será analisado no próximo capítulo, no entanto é importante adiantar que se trata de um livro de ensaios históricos com uma narrativa épica, com epígrafes de *Os Lusíadas* e uma positivação da presença portuguesa na história brasileira.

Sobre o sentimento antilusitano o autor escreve o artigo intitulado *O libello nativista contra os portugueses*, enfeixado em *Os Bastiões da Nacionalidade* e também publicado na *América Brasileira* na edição de julho de 1922. Nesse artigo, o autor combate à idéia de um “vício lusitano” cuja tese consistia em: os portugueses residentes no Brasil amarem mais a Portugal que a pátria de atual residência; de tomarem tudo o que fosse do brasileiro; de canalizar as fortunas que

---

<sup>207</sup> SKIDMORE, *op cit*, p. 90

<sup>208</sup> FERREIRA, *op cit*

<sup>209</sup> DIAS, Carlos Malheiro. Amemos o Brasil: carta aos estudantes portugueses. In: *América Brasileira*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 15, abr. 1922.

<sup>210</sup> FERREIRA, *op cit*.

consequiram no Brasil para Portugal; e por carregarem as mazelas provenientes do elemento português de uma raça inferior.

Elyσιο afirmou veementemente a virtude dos portugueses como fundadores da nossa nacionalidade, estes seriam os “remanescentes da raça, cujo nobre sangue nos corre nas veias”. O autor exalta o período de expansão marítima europeia e a civilização do indígena americano, feita com mais heroísmo e consciência de sua função. “Aos portugueses devemos... a grandeza da terra, unida e identificada pelo sangue e pelo espírito da pátria, e a opulência da nacionalidade”<sup>211</sup>.

A temática lusitana é uma presença constante na obra de Elyσιο de Carvalho. O livro *Suave Austero* é composto por quinze ensaios que abordam temas bem diferentes entre si. Dentre eles, cinco são sobre pessoas, entre os quais três são sobre intelectuais portugueses. Além destes, podemos contar com mais cinco ensaios que abordam temas sobre Portugal. Portanto, mais da metade dos ensaios de *Suave Austero* é relacionado ao lusitanismo.

Os três portugueses são Afonso Lopes Vieira, Antero de Figueiredo e Raul Brandão. Nos três ensaios o autor exalta o gênio luso, a cultura e a literatura portuguesa, procurando fundamentar-se no glorioso passado português para afirmar que os portugueses ainda teriam uma força tremenda, um caráter tão magnânimo que se expressaria na sua literatura.

Afonso Lopes Vieira é expressão fulgurante do atual momento português. A sua figura original e aristocrática adquire, portanto, grandeza messiânica, quando surge paladino do renascimento do espírito lusitano, que deixou de si o vasto clarão do século XVI. Tradicionalista incendiado de fé, que Portugal reviva e se integre no seu passado magnífico, com a prática amorosa das virtudes primaciais e o culto dos antepassados sublimes. Assim é que o poeta, canta com as mais lídimas vozes do idealismo luso, renovando o lirismo clássico, e esteta e pensador, em livros e conferencias, procura despertar no povo aquelas qualidades que hão de edificá-lo<sup>212</sup>.

---

<sup>211</sup> CARVALHO, Elyσιο de. O libelo nativista contra os portugueses. *In: América Brasileira*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 11, jul. 1922.

<sup>212</sup> CARVALHO, 1924, *op cit*, p. 237

Ainda sobre Afonso Lopes Vieira afirma que “o renascimento do lusitanismo, pelo reflorir da tradição étnica, histórica e literária, pode ser então considerado como o *leitit-motiv* da sua obra, aliás de uma unidade acabada e de um encanto raro”<sup>213</sup>.

Já o ensaio sobre Anthero de Figueiredo foi motivado pelo lançamento de um volume da *Antologia Portuguesa*, iniciada em 1919, sobre o escritor. Para Elysio, “Anthero de Figueiredo é, com Carlos Malheiro Dias e Aquilino Ribeiro, um dos mestres do romance moderno em Portugal, onde floresceram o gênio de Camilo [Castelo Branco] e a graça privilegiada de Eça [de Queiroz]”<sup>214</sup>.

O ensaio sobre Raul Brandão foi redigido por ocasião do lançamento do livro do escritor português *Os Pescadores*.

Identificado com a existência e a história da gente simples do país, reconhece, louva e esculpe no bronze ou na argila da sua prosa evocativa, a coragem, a perseverança e a tradicional energia dos pescadores, seres que melhor sumariam as qualidades da raça e simbolizam a atividade criadora da nação<sup>215</sup>.

Várias características do pensamento de Elysio de Carvalho, incluindo a raça e a lusofilia, estão conectadas à influência das idéias de Graça Aranha.

## GRAÇA ARANHA

Graça Aranha (1868 – 1931) foi um escritor e diplomata brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras. Suas obras mais conhecidas são *Canaã* (1902) e *A Estética da Vida* (1921).

A primeira delas foi lançada no mesmo ano que *Os Sertões* de Euclides da Cunha e foi aclamada pelo público. “Foi o primeiro romance brasileiro de tese, foi muito lido e discutido entre a data de sua publicação e a Primeira Guerra Mundial – embora mais tarde passasse a ser visto como obra literária medíocre”<sup>216</sup>. Segundo Elysio de Carvalho, *Canaã* “preludiava as maravilhas atuais e lhe assegurou o primado literário, (...) nos deixara inquietos pelo ilustrativo contraste com as

---

<sup>213</sup> *Id.*, p. 240

<sup>214</sup> *Ibid.*, p. 244.

<sup>215</sup> *Ibid.*, p. 263

<sup>216</sup> SKIDMORE, *op cit.*, p. 127

modernas tendências da nossa literatura”<sup>217</sup>. Graça Aranha estudou na Escola do Recife (Faculdade de Direito) e foi muito influenciado por Tobias Barreto – divulgador da filosofia alemã.

Em *Canaã* podemos acompanhar a discussão de dois imigrantes alemães no Brasil sobre suas reações a nova terra. Um dos temas da discussão diz respeito à questão da raça. O dilema sobre a mestiçagem era argumentado por dois pontos de vista, o de Milkau – o otimista – e o de Lentz – o pessimista. O primeiro acreditava na salvação do povo brasileiro pela mestiçagem, capaz de levantar a capacidade cultural e física do brasileiro. Já o segundo representava o ponto de vista da teoria cientificista ortodoxa que pregava a degeneração irreversível, cuja única solução seria a substituição por um povo de raça superior <sup>218</sup>. Graça Aranha inclina-se à visão do mais otimista. Podemos perceber a preocupação com a questão da raça e com a questão do imigrante, havia na época uma incerteza sobre qual seria o impacto da política de imigração.

Como foi dito anteriormente, tanto Graça Aranha quanto Elyσιο – apoiando-se no pensamento de Graça Aranha – expressavam a preocupação de uma alteração muito grande com a influência de outras raças na brasileira – considerando ainda a idéia de raça calcada nas características morais e psicológicas de determinado povo. Elyσιο publicou o seguinte excerto de *Estética da Vida*:

Reforcemos o quadro da nação. Não permitamos que dentro dele reine a alma de outros povos e a nossa própria alma seja expulsa, exilada da terra que lhe criou a expressão ainda incerta, mas ardente e luminosa. (...) Mas a alma de uma nação não está num pé de café. Cuidado economistas, industriais, negociantes, gentes traficantes, pelo vosso espírito de compromisso não sois zeladores da nossa personalidade <sup>219</sup>.

O escritor alagoano estriba muito de suas idéias em Graça Aranha, principalmente em *Os Bastiões da Nacionalidade*, no qual dedica toda a quarta parte ao escritor. Esta parte intitulada *Graça Aranha, mestre da vida* é dividida em três ensaios: *A Concepção de Universo*, *A Metafísica Brasileira* e *Nacionalismo Brasileiro*. Todos

---

<sup>217</sup> CARVALHO, 1922, *op cit*, p. 156

<sup>218</sup> SKIDMORE, *op cit*, p. 128

<sup>219</sup> GRAÇA ARANHA *apud* CARVALHO, 1922, *op cit*, p. 67 e 68.

estes três ensaios têm por inspiração *Estética da Vida*, publicado no ano anterior (1921).

Assim é que *Estética da Vida* é um livro de essência superior, e ofusca pelo luzimento das verdades que nunca se cristalizaram no espírito dos sábios. Pela primeira vez, entre nós, um escritor se apresenta com o poder de encerrar o pensamento da nacionalidade numa sinopse palpitante da realidade e consegue, depois de surpreender os segredos imperceptíveis das coisas e decifrar os hieroglyphos mentais da nossa inconsciência originária, traçar-lhe o roteiro do futuro destino<sup>220</sup>.

Neste excerto podemos perceber a busca por uma interpretação da realidade através da qual seria pensada a solução para o futuro da nação. Elysio fala em futuro destino, termo que algumas vezes aparece nos seus escritos, como se estivesse praticamente certo de que o Brasil tornar-se-ia uma grande potência. Esse seria o destino da nação.

Ainda se refere à Graça Aranha como “educador da nossa sensibilidade, professor de energia, o nosso mestre da vida”<sup>221</sup>.

Em *A Estética da Vida*, no capítulo intitulado *Metafísica Brasileira*, Graça Aranha propõe um “retrato-diagnóstico do caso brasileiro e a sua terapêutica do Brasil”<sup>222</sup>. A nacionalidade seria captada através da intuição sentimental, através da psicologia profunda da coletividade. O autor analisa a nossa tríplice formação: três raças e três gênios diferentes, cada qual com sua influência. Ele aponta as características de cada uma das três raças separadas em relação à natureza<sup>223</sup>.

O escritor alagoano procurou sintetizar os elementos da obra de Graça Aranha que lhe são mais caros, também denomina um subcapítulo de *Metafísica Brasileira*. É desta parte que foram retiradas grande parte das citações utilizadas na primeira parte deste capítulo no tocante à questão da raça, onde dissertou sobre a formação étnica brasileira.

Em *A Conceção de Universo*, o escritor expõe de forma resumida alguns conceitos filosóficos elaborados por Graça Aranha em

<sup>220</sup> *Id.*, p. 157

<sup>221</sup> *Ibid.*, p. 158

<sup>222</sup> MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. RJ: edições Graal, 1978. p.31.

<sup>223</sup> *Id.*, p.32 e 33.

*A Estética da Vida*, como a intuição estética do todo e a integração no cosmos.

Graça Aranha defende uma filosofia da ação, que valoriza atividades específicas do ser humano que devem levar o homem a se fundir com o todo. A idéia da fusão com o todo é uma constante e um dos fios condutores na obra de Graça Aranha. A cultura seria um processo no qual o homem se acomodaria à natureza <sup>224</sup>.

Neste sentido a arte tem a finalidade de nos fazer participar do todo, transformando a existência em existência estética – toda existência humana seria domínio da arte<sup>225</sup>. Dessa forma, a utilidade da arte se esgota na sua função: a integração do cosmos. Por isso, para Graça Aranha, a arte não estaria a serviço de idéias, quer sejam morais, religiosas ou filosóficas <sup>226</sup>.

Assim, a experiência de contato com a realidade deve ser transformada em experiência estética, que traz a marca particular de cada raça e tempo. “Por esta razão, as artes são o reflexo do gênio de cada raça em um determinado tempo”<sup>227</sup>.

Cabe então à filosofia da arte traçar o caminho da história das artes, mostrando como, para cada época e raça, em especial, foi transformada a experiência do contato com o mundo em experiência estética. Dentro do quadro evolutivo da história das artes no século XX, cabe incorporar o esforço dos artistas libertados dos preconceitos a que aludimos acima através da recusa do anedótico e da função da arte como representação. Afirma-se independência expressiva da arte por seus próprios meios. Graça Aranha para compreender a evolução das artes no século XX como marcada pela independência da pesquisa artística e pela afirmação da expressão essencial de cada arte <sup>228</sup>.

De acordo com as idéias de Graça Aranha expostas, podemos perceber porque Elysio de Carvalho evoca os literatos portugueses no livro *Suave Austero*. Raça, lusofilia, história e literatura estão

---

<sup>224</sup> *Ibid*, p.25

<sup>225</sup> *Ibid*, p.26

<sup>226</sup> *Ibid*, p.27

<sup>227</sup> *Ibid*, p.29

<sup>228</sup> *Ibid*., p.29

interligadas quando o grande gênio da raça lusitana, da raça latina – da qual os brasileiros são herdeiros – foi responsável pelo passado grandioso de Portugal e no tempo presente continua a se manifestar na literatura, uma vez que a experiência de contato com o mundo, tão específica de cada raça, é transformada em experiência estética através da arte.

Apesar de um longo excerto reproduzido em *Os Bastiões da Nacionalidade*, o autor afirmou que:

É assim que o Brasil, no pensar do admirável escritor, se tem de afirmar como continuador do gênio português no mundo americano, dando à alma antiga mais entusiasmo, mais vigor, mais agilidade, e à América mais claridade, mais inteligência, mais beleza nas suas relações com o universo<sup>229</sup>.

Elysio de Carvalho também relaciona esses elementos com o que deveria constituir o nacionalismo, no que deveria constituir a nação. Para isso, devemos voltar ao pensamento de Graça Aranha mais uma vez para entender de que forma esses elementos estão imbricados nesse ponto de vista.

Segundo análise de Eduardo Jardim de Moraes: “A arte é a expressão estetizada da experiência da comunidade, ligada à natureza e à sua época, encaminhando-se na direção da liberação do sofrimento, expressão da situação dual, na conquista da alegria perpétua na inconsciência universal”<sup>230</sup>.

Para que ocorra a integração com o cosmos universal é preciso uma adequação da arte a terra em que ela se produz. O território da nação seria um dos pontos no caminho da integração do espírito com o cosmos. Nesse sentido seria pela imersão da arte no nacional que se daria a “comunicação com o universo inteligente”<sup>231</sup>

Resta-nos então a via proposta por Graça Aranha – o projeto de construção de uma cultura nacional que, não desprezando nosso traço característico, a imaginação, nem nossa natureza, defina o projeto cultural brasileiro por um novo encontro da alma brasileira com a natureza que a circunda. Esta é a

---

<sup>229</sup> CARVALHO, 1922, *op cit*, p.30.

<sup>230</sup> MORAES, *op cit*, p.30

<sup>231</sup> *Id*, p. 39



via que assegura o enraizamento necessário da cultura no território nacional. (...) É apenas pela afirmação das nacionalidades que alcançaremos a integração universal. Não se pode passar à integração universal sem antes procedermos à adequação da alma nacional com a natureza do país<sup>232</sup>.

Dessa forma, a arte seria uma das formas de nos integrarmos com o cosmos, no entanto essa arte deveria estar embebida na alma nacional, que por sua vez compreenderia também o território e a natureza ao seu redor. Raça, arte, território, natureza e nação estariam diretamente interligadas no que diz respeito à integração ao universal.

Em *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*, Eduardo Jardim de Moraes procurou refletir sobre a influência do pensamento de Graça Aranha nas elaborações da teses modernistas. O autor dividiu o movimento modernista em duas etapas, na primeira situa-se a preocupação com a renovação estética e na segunda, que se inicia em 1924, com a questão da brasilidade. O autor direcionou sua análise principalmente na influência exercida por Graça Aranha na obra dos grupos orientados por Plínio Salgado e Oswald de Andrade. Aos poucos os integrantes desses dois grupos se dão conta de que os trabalhos realizados a nível intelectual deveriam se concretizar na ação política a fim de transformar a sociedade. No entanto, mesmo na primeira etapa do movimento é possível perceber a idéia da integração com o todo via imersão no campo nacional.

É neste sentido que Antonio Arnoni Prado aponta Graça Aranha, Elysio de Carvalho e João do Rio como principais condutores do modernismo da ordem que daria base ao integralismo, “virtualiza o modelo de intelectual independente, que contribuiu para que o autoritarismo das elites se firmasse cada vez mais junto ao poder”<sup>233</sup>.

Graça Aranha participou ativamente da Semana de Arte Moderna de 1922, pronunciando a histórica conferência *A emoção estética na arte moderna*, na qual o autor a apresentava como manifestação do gênio criador, “contra a qual não poderiam prevalecer nem o ‘nefando bom gosto’, nem o ‘infecundo bom senso’”<sup>234</sup>.

---

<sup>232</sup> *Ibid*, p. 44

<sup>233</sup> PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda. Os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. SP, Ed. 34, 2010, p. 207.

<sup>234</sup> MARTINS, *op cit*, p. 239

Na análise de Eduardo Jardim de Moraes podemos perceber “que há, tanto da parte de Graça Aranha quanto do experimentalismo modernista, a preocupação em utilizar as informações recebidas em ambiente artístico europeu como armas na polêmica com o passadismo nacional”<sup>235</sup>, principalmente do primitivismo, que viria influenciar o surgimento do ideário nacionalista de 1924.

Em 1922, Graça Aranha critica a Academia Brasileira de Letras, da qual fazia parte, para dois anos mais tarde levantar-se no recinto da própria Academia, para denunciar o atraso criador de seus colegas e para renunciar à sua cadeira, “por entre os vivas dos modernistas no saguão”<sup>236</sup>.

Veja-se a este respeito o final da conferência que levaria Graça Aranha a abandonar a Academia: “O movimento espiritual, modernista, não se deve limitar unicamente à arte e à literatura. Deve ser total. Há uma ansiada necessidade de transformação filosófica, social e artística”<sup>237</sup>.

A idéia que só seremos modernos se formos nacionais é amplamente adotada por Elycio de Carvalho em alguns dos seus ensaios e é um dos fios condutores de suas obras e a sua ligação com os modernistas de 1922.

No entanto é necessário refletirmos sobre mais um elemento ligado à idéia de moderno e do movimento modernista no Brasil: a tradição ibérica. Este tema, até pouco tempo marginalizado pela historiografia, foi retomado pela historiadora Mônica Pimenta Velloso em dois artigos: *As raízes ibéricas no modernismo brasileiro* e *Lembrar e esquecer – a memória de Portugal na cultura modernista brasileira*.

## IBERO-AMERICANISMO

Durante muito tempo a historiografia brasileira associou a cidade de São Paulo à década de 1920, mas atualmente a tendência é se pensar a *Semana de Arte Moderna* como um momento de confluência de idéias provenientes de diversos grupos e lugares do Brasil<sup>238</sup>. Na

<sup>235</sup> MORAES, *op cit*, p.28.

<sup>236</sup> SKIDMORE, *op cit*, p. 197.

<sup>237</sup> MORAES, *op cit*, p.30 e 31

<sup>238</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. As Raízes Ibéricas do Modernismo Brasileiro. In: *Ipotesi: revista de Estudos Literários*, v 3 - n 1. Juiz de Fora, p. 59. Disponível em: <http://www.revistaiptotesi.ufjf.br/volumes/4/cap05.pdf>. Acesso em: 10/09/2006.

vivência do dia a dia é que o modernismo foi se construindo, no cruzamento do antigo com o moderno, da permanência e da mudança. Segundo Velloso “Tais idéias mostram que a modernidade brasileira se constrói a partir de múltiplos caminhos e influências. Por isso faz mais sentido pluralizar o termo, falando-se de modernismos”<sup>239</sup>.

É possível aferir uma imbricação entre a tradição e a modernidade na *América Brasileira*. Em artigo publicado na *Esboços*, foi analisada a questão da modernidade e da tradição a partir das ilustrações da *América Brasileira*. Enquanto os ilustradores Di Cavalcanti e Zina Aita seguem a tendência da *art nouveau*, esboçando uma transição para a *art déco*, o ilustrador português Jorge Barradas retrata cenas de costumes portugueses e tipos sociais calcadas no naturalismo/realismo e nas gravuras românticas oitocentistas<sup>240</sup>. Esta característica da ilustração no periódico está em sintonia com o conteúdo dos artigos da revista, que ao mesmo tempo em que traz as *Crônicas de Malazarte* de Mário de Andrade, também publica artigos que exaltam a influência da tradição portuguesa no Brasil.

Monica Pimenta Veloso chamou a atenção que:

se houve uma ‘rejeição’ à influência portuguesa, por exemplo, essa rejeição faz parte do processo conflituoso que marcou a instauração da nossa modernidade. Por trás da negação e da rejeição há uma existência a ser reconhecida e analisada. No imaginário social da época, Portugal acabou representando esse aspecto problemático da memória, devido à sua própria condição de “país colonizador”<sup>241</sup>.

Esta rejeição estaria ligada a uma corrente de pensamento que associa a idéia de moderno à de anti-lusitanismo, identificando Portugal com o nosso atraso colonial. Nesse contexto associava-se Portugal às idéias de arcaico, provinciano, violento, praticante de extorsão e usura, como já foi visto anteriormente, Elysio de Carvalho critica com veemência essa postura em seu artigo *Libelo nativista contra os portugueses*.

---

<sup>239</sup> *Id.*, p. 67

<sup>240</sup> PIAZZA, Maria de Fátima Fontes; LEMOS, Clarice Caldini. A ilustração na *América Brasileira* entre a tradição e a modernidade. In: *Esboços. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*, nº 19, Florianópolis, 2008/1, p.163-176.

<sup>241</sup> VELLOSO, *op cit.*, p. 61.

Segundo Velloso, que analisa revistas de humor no início do século – entre elas a *Dom Quixote* – o humor é resgatado como expressão de modernidade e identidade e a figura de Eça de Queiroz aparece como um dos mestres inspiradores para esses intelectuais humoristas<sup>242</sup>.

Levando em consideração esses aspectos múltiplos do modernismo e da ligação entre modernidade e tradição, podemos pensar a obra de Elysio de Carvalho em direta sintonia com essa análise.

A modernidade na obra de autor, que muito deve à Graça Aranha nesse sentido, é calcada na tradição ibérica. A modernidade se faz nessa herança do gênio latino que influencia a arte da nação brasileira.

A propósito da questão do gênio latino, a obra *Ariel* do uruguaio José Enrique Rodó influenciou consideravelmente os intelectuais latino-americanos nas primeiras décadas do século XX. Baseada na peça *A Tempestade* de Shakespeare, Rodó atribui aos personagens uma significação com o intuito de repudiar a intervenção dos Estados Unidos na guerra hispano-americana de 1898. Caliban, o escravo selvagem e deformado da peça de Shakespeare é “metamorfoseado na imagem da sensualidade, da força bruta, do trabalho e da torpeza, para fazer alusão à cultura norte-americana”, já Ariel, gênio do Ar que “obedece aos mandos de Próspero, investe-se do símbolo da luz, da sabedoria, da espiritualidade, metáfora da cultura da Velha Europa e razão da América hispânica”<sup>243</sup>. Rodó “instava a Ibero-América às suas origens espirituais européias para barrarem a sedução do utilitarismo e materialista ianque”<sup>244</sup>.

O “arielismo” de Rodó tornou-se obra de referência na América Latina para gerações de intelectuais até a Segunda Guerra Mundial, quando caiu no esquecimento. No Brasil são inúmeros os escritores que fazem referência ao arielismo.

Para a historiadora Maria Bernardete Ramos Flores, a história do Brasil não favoreceu um sentimento de identidade e integração no continente.

Contudo, as conseqüências do americanismo ianque que ia se impondo no debate sobre a

---

<sup>242</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. Lembrar e esquecer: a memória de Portugal na cultura modernista brasileira. In: *Revista Semear*, PUC/RJ, n.5, 1999. Disponível em: [http://www.lettas.puc-rio.br/Catedra/Revista/5Sem\\_07.html](http://www.lettas.puc-rio.br/Catedra/Revista/5Sem_07.html). Acesso em: 05/07/2009.

<sup>243</sup> FLORES, *op. cit.*, p. 352.

<sup>244</sup> *Id.*, p. 352

sociedade brasileira, ao lado da projeção, não só do prólogo de Rodó, mas também de obras dos “poetas da integração” ibero-americana (Rubén Dario e José Martí), despertaram, embora sem a força propulsora para um movimento de alcance em todo o continente sul americano, uma consciência de identidade latina. A história do país colonizado pela Ibéria não pode deixar de suscitar algum tipo de reflexão na tentativa de pensar a latino-americanidade, ou, pelo menos, a não inserção do Brasil nela<sup>245</sup>.

Em trabalho anteriormente realizado sobre a *América Brasileira* foi possível verificar que além de lusófilo e francófilo, o periódico mostrava-se adepto de um ibero-americanismo. Analisando esta característica foi possível afirmar que os artigos do período que abordavam tal questão posicionavam-se a favor da inserção do país na sub-região, visto que a “síndrome do transoceanismo” vigorava na cultura brasileira e a tendência era adaptar os modelos culturais europeus às características brasileiras. Afinal, o Brasil não era um país europeu e sim americano, ou melhor, ibero-americano, suas características eram claramente parecidas com a de seus vizinhos com quem compartilhava a mesma tradição ibérica. É visível a tentativa de afirmação do Brasil como potência no seio dos países da região, uma potência ibero-americana que deveria ser reconhecida por todos, americanos ou europeus. Aspirava-se à Europa, mas procurava-se reafirmar o seu lugar na construção de uma identidade ibero-americana<sup>246</sup>.

Segundo Antonio Arnoni Prado,

(...) movido pela atmosfera ufanista que a guerra então ampliava, o grupo da *América Brasileira* passa a cultivar o heroísmo libertário de Simon Bolívar, sedimentando a crença numa pretensa solidariedade latino-americana diante dos perigos cada vez mais próximos dos inimigos externos<sup>247</sup>.

---

<sup>245</sup> *Ibid.*, p. 358

<sup>246</sup> LEMOS, Clarice Caldini, *A idéia de nação na América Brasileira*. Florianópolis: UFSC, 2006. P. 65. (Trabalho de Conclusão de Curso de História).

<sup>247</sup> PRADO, Antonio Arnoni. Nacionalismo literário e cosmopolitismo. In: \_\_\_\_\_. *Trincheira, Palco e Letras*. São Paulo: Cosacnaify, 2004, p.33.

A *América Brasileira* contribuiu significativamente para a cultura ibero-americana, quando aponta para a consagração de algumas personalidades do mundo ibérico nas páginas do periódico: Rubén Dario e Rufino Blanco-Fombona da América Espanhola; Don Juan Valera, Ramón Gómez de La Serna e Azorin da Espanha; Elysio de Carvalho, Graça Aranha e Ronald de Carvalho do Brasil.

Convém ressaltar que, a *América Brasileira* tem no seu perfil editorial muito da personalidade e das correntes estéticas e políticas de seu editor, Elysio de Carvalho. Os temas que ocupam as páginas do periódico aparecem constantemente nas obras do editor.

Wilson Martins chamou atenção para uma querela entre os “Antigos” e os “Modernos” da qual um posicionamento anti-americanista fazia parte. Assim, em 1920, a *Revista do Brasil* publica um artigo de Sérgio Buarque de Hollanda que endossava as idéias do arielismo de Rodó, e no mesmo ano publica também um artigo de Luís Araújo Correia de Brito intitulado “Tradição e Progresso”<sup>248</sup>.

Nesse contexto, podemos entender o porquê do título do livro *Príncipes del Espiritu Americano*, de Elysio de Carvalho, traduzido e prefaciado por César A. Comet, obra publicada pelo Editorial América de Madrid dirigida por Rufino Blanco-Fombona, a quem Elysio diz realizar “labor profícuo e nobre”<sup>249</sup>. Este livro pertence à coleção *Biblioteca de Autores Célebres* que também traz obras de escritores brasileiros como Machado de Assis, José Veríssimo e Oliveira Lima com o intuito de divulgar em língua espanhola “trabalhos significativos em todo o mundo”. No prólogo, César A. Comet critica a escassez de informações e o pouco estudo sobre a literatura americana, sobretudo a brasileira, na Espanha. Em um momento em que se alude a uma aproximação hispano-americana, ainda se ignora as manifestações culturais na América enquanto arte, ciência e literatura. Comet diz ainda, que apenas as figuras mais relevantes do novo continente são conhecidas na Espanha, e cita Rubén Dário, Amado Nervo, José Enrique Rodó, José Asunción Silva, José Ingenieros e Vargas Vila<sup>250</sup>.

A escassez de informações sobre a produção artística e literária dos países hispano-americanos e de um fraco intercâmbio literário entre os países da região, também preocupava os literatos brasileiros. Esse incômodo é representado na *América Brasileira* pelo artigo intitulado *Latinos-Americanos*, de João Ribeiro. O autor disserta sobre o quanto se

<sup>248</sup> MARTINS, *op cit*, p.186.

<sup>249</sup> CARVALHO, 1924, *op cit*, p.140

<sup>250</sup> CARVALHO *Principes del espiritu americano*. Madrid: Ed-America, 1925, p. 8

desconhece das obras dos escritores ibero-americanos no Brasil. “Sabemos e sentimos que existem e, pois, que existem, quase segundo a fórmula cartesiana, é certo que pensam. *Sent, ergo cogitant*. Mas que coisas pensam?”<sup>251</sup>.

João Ribeiro critica os intelectuais brasileiros por pensarem mais na Europa que nos países vizinhos. Cita no artigo quatro autores: o nicaraguense Rubén Darío (1867-1916), o peruano José Santos Chocano (1875-1934), o argentino Evar Méndez [pseudônimo de Evaristo González] (1888-1955) e o mexicano Amado Nervo (1870-1919), como expoentes da literatura hispano-americana. E, concluiu: “Falei aqui, apenas de alguns poetas: mas a erudição é já um capítulo apreciável na vida mental da América. A história, a eloquência, a filologia, a crítica são ramos incipientes, mas fecundos da cultura ibero-americana”<sup>252</sup>.

O artigo é escrito sob a forma de epístola à Elysio de Carvalho, para quem ele pede ao final que facilitasse esse intercâmbio literário na *América Brasileira*, pois acreditava, e com razão, compartilhar das mesmas idéias que o editor.

De acordo com César A. Comet no prólogo de *Principes Del Espiritu Americano*, Rubén Darío afirmava que Elysio de Carvalho “*fué el paladín de la revolución intelectual en la juventud brasileña*”. Comet o compara a Machado de Assis, José Veríssimo e Graça Aranha como um dos mais poderosos cérebros da atualidade brasileira. “*Hay pues, críticos de pintura, críticos literários, críticos de la filosofía – que son los propios filósofos – Carvalho todo lo abarca: es poeta, prosista, filósofo, historiador*”<sup>253</sup>.

*Principes del Espiritu Americano* é composto de três grandes ensaios sobre Rubén Darío, príncipe dos poetas de língua castelhana, Graça Aranha, príncipe da literatura brasileira – filósofo poeta – e Dom Rufino Blanco-Fombona, príncipe do espírito americano, escritor representativo da América, “*publicista emérito, crítico sutil, historiador siempre bien informado, novelista pleno de seduciones y poeta muy respetable*”<sup>254</sup>.

É importante ressaltar que Rubén Darío foi considerado junto com José Martí um dos poetas da integração ibero-americana.

---

<sup>251</sup> RIBEIRO, João. Latinos – Americanos. In: *América Brasileira*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 5. abr. 1922.

<sup>252</sup> *Ibid*, p. 5.

<sup>253</sup> CARVALHO, *Principes del espiritu americano*, 1925, *op cit*, p.47

<sup>254</sup> *Id.*, p. 49.

A predileção de Elysio pela obra de Rubén Darío e de Rufino Blanco-Fombona aparece não só em *Príncipes del Espiritu Americano*, mas também em *Bárbaros e Europeus* e em *Suave Austero*.

No capítulo *Rubén Darío, príncipe dos poetas de língua castelhana*, em *Bárbaros e Europeus*, o autor apresenta Darío como “um precursor, um criador, um predestinado”; “o mais completo, o mais interessante homem de letras e o *leader* da literatura hispano-americana contemporânea”. Vários escritores a partir do seu surgimento na literatura teriam nascido “sob o signo e influência do poeta nicaragüense”<sup>255</sup>.

Ao descrever o perfil de Rubén Darío, o destaca como um artista suntuoso, requintado e aristocrata.

Pela imaginação, pelo esplendor e imprevisto das imagens, pela excelência da forma e pelo poder do verbo, pela força e profundidade de pensamento, pela originalidade do seu engenho e singularidade do seu temperamento, Rúben Darío é, na verdade, com o colombiano Guillermo Valência, o argentino Leopoldo Lugones<sup>256</sup>, o peruano José Santos Chocano, o cubano Julian del Casal e o mexicano Amado Nervo, um dos maiores, senão o maior poeta da América Espanhola, neste momento da raça e da língua<sup>257</sup>.

Rubén Darío na visão de Elysio é um inovador, um intelectual de visão aguda e clara, que se concentra no mundo e nos homens. Sua contribuição à poesia castelhana abriu novas perspectivas e rumos inéditos, “inauditismos estéticos”, novas revelações de sentimento, pensamento e ritmo, além de novas fontes de inspiração, trouxe extraordinária beleza às suas obras. Os seus críticos mais esclarecidos reconhecem que na sua originalidade de trabalhar com o verso livre, Rubén Darío é quem melhor o pratica em castelhano, equiparando-se apenas ao italiano Gabrielle d’Annunzio e ao “príncipe dos modernos poetas lusitanos”, Eugênio de Castro.

Embora Rubén Darío seja um escritor ibero-americano, é em sua essência também um escritor europeu. Trouxe para suas poesias ritmos franceses e ressuscitou dizeres e canções dos trovadores

---

<sup>255</sup> CARVALHO, Elysio de. Rubén Darío, o príncipe dos poetas de língua castelhana. In: CARVALHO, 1997, *op. cit.*, p.135-139.

<sup>257</sup> *Ibid.*, p.135.



espanhóis do século XV, e nas próprias palavras de Elyσιο de Carvalho a “Espanha anda-lhe agora no fundo da alma, como uma grande lenda antiga que ele se tortura por evocar do passado, a ver se lhe dá de novo a vida da história, como uma grande saudade que se nunca extingue”<sup>258</sup>.

O escritor alagoano ressaltou a constante idéia de raça presente nas poesias de Darío, nas quais o autor escreve sobre a heróica Ibéria, enfatizando e dando profundo significado ao passado espanhol no continente, da mesma forma que Elyσιο de Carvalho faz com Portugal e o Brasil.

Ao passo que Rufino Blanco-Fombona, não seria apenas uma curiosa figura da literatura latino-americana, mas um dos “mais considerados escritores contemporâneos de língua espanhola”. Publicista emérito, crítico, historiador, romancista e poeta,

Dotado de forte capacidade de trabalho e de rara independência mental, a versatilidade das suas aptidões, a originalidade de seus conceitos, a perspicácia de seu engenho, a universalidade de suas idéias, a sua sagaz penetração psicológica e o seu profundo sentimento da vida fizeram dele um dos promovedores do movimento de emancipação intelectual da América Espanhola<sup>259</sup>.

O venezuelano Rufino Blanco-Fombona nascido em Caracas de família aristocrática, muito jovem foi soldado. Foi também Cônsul da Venezuela na Filadélfia e em Amsterdã<sup>260</sup>. “Altivo e sonhador, indisciplinado, inimigo das fórmulas acadêmicas, político de idéias radicais, panfletário terrível e às vezes cruel (...), a sua obra reflete a sua alma inquieta, passional, sarcástica, vibrante, indômita, tumultuosa, batalhadora e contraditória muitas vezes”<sup>261</sup>.

Uma das maiores preocupações de Fombona era a unidade nacional do povo de língua castelhana na América. Esse venezuelano via na expansão e no poder dos Estados Unidos um perigo para as Repúblicas sul-americanas, que por ventura fossem mais fracas ou que estivessem desavisadas. Seguindo o exemplo da idéia norte-americana para se engendrar uma unidade entre os povos da América anglo-saxônica, Fombona propõe o mesmo com os países de língua espanhola. Dessa forma o autor empenhou-se também, em tornar conhecido às

---

<sup>258</sup> *Ibid.*, p.152.

<sup>259</sup> CARVALHO, 1924, *op cit.*, p. 137.

<sup>260</sup> *Id.*, p. 140

<sup>261</sup> *Ibid.*, p. 139

outras nações estrangeiras Simón Bolívar, personagem símbolo da luta pela independência na América do Sul:

“Correndo-lhe nas artérias o sangue ardente dos conquistadores épicos de Espanha, a sua existência tem sido uma das mais acidentadas de quantas conhecemos, e lembra esses capitães destemidos, do século XV ou XVI”. E, Elysio, afirmou que o próprio Fombona “reconheceu o traço íntimo de sua personalidade quando diz: Yo tengo la alma antigua de los conquistadores”<sup>262</sup>.

A herança do gênio latino é evocada sempre que possível nos ensaios de Elysio, pois, a característica fundamental da raça lança a pedra fundamental da originalidade do brasileiro, ou do hispano-americano, calcada num passado glorioso.

Aí temos, a nascer e vacilante, um novo estado de espírito nacional, fundado na consciência da nossa vida e do nosso papel de continuadores do gênio greco-latino em terras americanas, cujas transformações devemos auxiliar, afim de que não se desvirtue a sua essência, e o livro de Graça Aranha [*A Estética da Vida*] é a bíblia desse nacionalismo nascente, ao mesmo tempo que é uma vibrante profissão de fé na neo-latinidade, vitoriosa da cultura e da civilização germânicas<sup>263</sup>.

Outro escritor que aparece nas páginas de *Suave Austero*, o espanhol Juan de Valera, descrito por Elysio de Carvalho como escritor insigne, pontífice incontestado da prosa castelhana no século XIX. Valera seria a genuína representação do gênio castelhano.

Tão harmônica é a correspondência entre a fantasia do artista e a alma da raça, que o soberbo imprevisto constitui caso singularíssimo no seu tempo e, criticamente, é quase impossível elucidar. Por ser o mais clássico dos espanhóis, em todos os sentidos, dentro e fora da arte, é que lhe conferiram lauréis de mestre da gaia ciência e árbitro da vida<sup>264</sup>.

---

<sup>262</sup> *Ibid*, p. 139

<sup>263</sup> CARVALHO, 1922, *op cit*, p. 202

<sup>264</sup> CARVALHO, 1924, *op. cit*, p. 102

Juan de Valera nutriu um imenso interesse pela presença ibérica no continente americano. A atenção que dedica aos ibero-americanos o tornará o arauto da obra poética de Rubén Darío. Segundo Elysio, Valera exercia verdadeira fascinação sobre o poeta. Darío dizia a seu respeito palavras de admiração, carinho e respeito <sup>265</sup>.

O desejo de aproximar-se dos países ibero-americanos foi um dos motivos pelo qual Valera, jovem diplomata, postergou seu sonho de ocupar um posto em Paris e seguiu para o Rio de Janeiro, lá permanecendo de 1851 a 1853. Uma das características da vida brasileira que logo lhe chamou a atenção foi a cordialidade para com os antigos colonizadores, o que ele interpretou como sinal da possibilidade de convivência harmoniosa entre diversos povos ibéricos.

Por suas dimensões continentais, pela solidez de suas instituições (quando comparadas às das instáveis repúblicas hispano-americanas), pelas relações cordiais que soubera preservar com os antigos colonizadores o Brasil assume, pois, na reflexão de Valera, um papel singular na construção política do iberismo. Papel igualmente privilegiado caberia aos brasileiros também no plano cultural, e mais propriamente literário, que o foi o quem mais atenção recebeu de Valera nestas suas reflexões <sup>266</sup>.

Valera previa (e também desejava) um Brasil enraizado nas origens ibéricas que fosse capaz de grandes contribuições à língua portuguesa, tanto no campo da literatura como no da ciência. O escritor foi um dos espanhóis que mais tentou se aproximar do Brasil e de Portugal, e o seu trabalho de diplomata, seja em Lisboa, como adido (1850-1851) e como ministro (1881-1883), seja no Rio de Janeiro, como secretário de Legação (1851-1853) “permitiu-lhe muito cedo lançar as bases da convicção a que acima se aludiu, ou seja, de que a comunidade de origem dos povos ibéricos convidava a um estreitamento de laços entre esses povos”<sup>267</sup>.

Para Valera, as raízes portuguesas no Brasil eram justamente o seu ponto de inserção na hispanidade e não o fator que o separaria dos outros países hispânicos. “E o curioso é que este juízo do escritor

---

<sup>265</sup> *Id.*, p. 104

<sup>266</sup> PIÑERO VALVERDE, Maria de la Concepción. Notas sobre o iberismo no Brasil de Juan Valera. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand9/concha.htm>. Acesso em 18/07/2009.

<sup>267</sup> *Id.*

espanhol acaba por se encontrar com outro, de um escritor brasileiro, ninguém menos que Machado de Assis. De fato, é Machado quem, seguindo a João de Barros, incluiu os brasileiros entre os povos hispânicos”,<sup>268</sup>.

A respeito da obra de Valera dedicada ao Brasil, afirmou Elysio:

não olvidou ele também o esforço dos nossos homens, os trabalhos ingentes para a formação do Império, o talento dos nossos políticos e a nossa fé inquebrantável no destino da nacionalidade florescente. Foi assim um dos primeiros escritores estrangeiros que acreditaram na realidade brasileira, reconhecendo o valor da nossa inteligência, a nossa força imaginativa e as promessas da nossa cultura<sup>269</sup>.

Segundo Elysio, Valera se refere sempre com exaltação a terra brasileira, mas é sempre motivado pela originalidade da natureza tropical. De acordo com o escritor alagoano, o gênio brasileiro e as manifestações da cultura foram as coisas que mais lhe interessaram. Observador sagaz procurou compreender o povo brasileiro e apanhar as singularidades, as características da *psyché* brasileira.

Valera estudou a literatura brasileira através de alguns de seus principais poetas, mas ignorou o quanto se devia a Gregório de Mattos, por sua poesia de cunho e significação nacional. No entanto Valera, de acordo com Elysio, não falha ao ver o quanto a literatura brasileira era reflexo da portuguesa até meados do século XVIII (curioso talvez seja o autor apontar para a existência efetiva de uma literatura brasileira no século XVIII). “A influência lusitana era preponderante, e só mais tarde, com a escola mineira, os épicos e o indianistas, a poesia brasileira adquiriu originalidade, e começa a ter existência própria”,<sup>270</sup>.

Foi Valera sutil, penetrante e quase sempre verdadeiro nos juízos e comentários, e adivinhou que o sentimento nacional é bastante forte para criar uma literatura de inspiração e técnica

---

<sup>268</sup> *Ibid.*

<sup>269</sup> CARVALHO, 1924, *op. cit.*, p. 110

<sup>270</sup> *Id.*, p. 128

próprias, brasileira em todos os sentidos, se bem que dificilmente se liberte da exaltação racial<sup>271</sup>.

A idéia de integração estava muito presente ao longo da vida intelectual de Elysio de Carvalho, especialmente na sua fase nacionalista, quer no que se refere ao mundo ibero-americano ou à própria territorialidade brasileira.

## UNIDADE NACIONAL

Em *Os Bastiões da Nacionalidade*, o autor trabalha a idéia de unidade nacional de forma mais incisiva em dois artigos. No primeiro, *São Paulo e o sentimento da unidade nacional*, resultado de uma conferência realizada num banquete do Hotel do Parque em Santos no ano de 1922, onde o autor aponta São Paulo enquanto símbolo da realidade nacional. A partir daí, o autor se propõe a refletir sobre a situação de São Paulo em face do sentimento de unidade nacional.

Há na nossa história um aspecto muito curioso e que lhe é, na América Latina, exclusivamente característico: é esse admirável fenômeno da nossa integridade territorial e política, mantida durante de mais de quatro séculos e através de três regimes profundamente diversos. Tanto mais é de notar essa unidade geográfica no nosso habitat quanto é certo que, além de singularíssimo no continente sul-americano, pode considerar-se como peculiar ao povo brasileiro. Em todos os países de língua neo-castelhanos é exatamente o contrário que se verifica<sup>272</sup>.

Depois de uma rápida incursão na história da independência e da desagregação do território da América espanhola, o autor pergunta então, de que forma Portugal conseguiu atingir tal prodígio “que a Espanha nem sonhou”, sendo que o território brasileiro era muito mais vasto. Elysio respondeu a essa indagação dizendo que não devemos esta particularidade a nenhum esforço especial da nossa metrópole. Aqui vale citar que em outros ensaios publicados no mesmo livro, Elysio expressa clara convicção de que aos portugueses devemos à unidade e à grandeza da pátria. O autor oscilou entre dar crédito pela unidade

---

<sup>271</sup> *Ibid.*, p. 134

<sup>272</sup> CARVALHO, 1922, *op cit*, p. 46

territorial aos brasileiros que o fizeram graças ao sentimento nacional (que existia desde o século XVII), ou aos portugueses, grandes pais descobridores a quem devemos o nosso “gênio”, afinal os primeiros “brasileiros” a seu ver nada mais eram que os colonos portugueses.

Sobre o libelo nativista contra os portugueses, já citado anteriormente, Elysio de Carvalho defendeu veementemente os portugueses alegando que a eles devemos muito, inclusive a unidade da terra. No artigo *S. Paulo e a unidade nacional* procurou atribuir o feito ao sentimento da unidade nacional brasileiro:

(...) era a “mesma gente que se encontrava em todas as capitanias. Desde os primeiros dias – não era preciso que a corte de Lisboa ordenasse ou proibisse – os colonos de uma nunca esqueceram que o primeiro dever era amparar, em todos os perigos, os irmãos das outras”<sup>273</sup>.

Elysio descreve o fracasso de um movimento separatista em São Paulo encabeçado por Amador Bueno<sup>274</sup> e que apesar da capitania ser sempre independente e ciosa de sua autonomia não sucumbiu ao movimento, pois “o instinto da união sagrada esteve, naquele momento como sempre acima de tudo, e manifestou-se no grito com que revidou a ânsia das aclamações – pela velha fidelidade ao nosso rei, que era o símbolo da existência nacional restaurada e rediviva”<sup>275</sup>.

São Paulo era apenas a terra da família, mas era a pátria de todos – paulistas, pernambucanos, paraenses, todos – é a grande pátria, é o Brasil todo unido, com uma só alma, com um único pensamento – que é o da raça, o da religião, o da língua – nexos morais indestrutíveis e que não há

---

<sup>273</sup> *Id.*, p.49, 50

<sup>274</sup> Luiz Felipe de Alencastro comenta esse movimento de 1641 do qual fazia apologia a historiografia paulista e alerta para um possível folclore. “Há um consenso dos historiadores sobre o fato de que espanhóis de São Paulo “inconformados com a Restauração, foram convencidos por Amador Bueno a aceitar a soberania dos Bragança. Mas o episódio propriamente dito da “Aclamação” de Amador Bueno [no qual teria sido proclamado Rei de São Paulo] – pontuado de correrias, “vivas” ao rei paulista, fuga para o mosteiro, conchavos beneditinos e torcida da “plebe” e “povo”, ou dos espanhóis sem plebe nem povo – cheira a mistificação. Há mais de um século, Moreira de Azevedo apresentou no Instituto Histórico do Rio um estudo questionando o evento”. ALENCASTRO, Luiz Felipe. In: *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. SP: Companhia das Letras, 2000, p. 367

<sup>275</sup> CARVALHO, 1922, *op cit.*, p. 57

ambições, interesses ou cálculos que possam abalar<sup>276</sup>.

A este instinto de união sagrada, o autor apela para a história e para as virtudes da raça:

tem-se de crer que os velhos sentimentos em que se concretizou o instinto da raça trasladada para aqui passaram a converter-se num como escrúpulo supersticioso da unidade moral que vive em nós e zomba de todo o intento de esfacelamento. E digam-nos os que melhor entenderem a nossa alma de povo se o que até hoje não é essa superstição do destino, que nos leva a não conceber pátria e nação senão a nação inteira e a pátria coesa, unida e indivisível<sup>277</sup>.

Ao tratar da Guerra de Farrapos faz menção à Graça Aranha, segundo o qual a luta do Rio Grande do Sul para permanecer brasileiro atesta a força tradicional luso-brasileira que encerra uma nação unida. “Tem ele razão em dizer ainda que “a unidade moral, política e histórica da nação é o efeito espiritual da unidade de raça, que é o princípio criador do país”<sup>278</sup>.

Neste artigo, podemos perceber de forma mais clara a crítica que Elysio faz ao governo das oligarquias. Elysio de Carvalho denunciou algumas falhas do sistema federativo, a desigualdade entre os estados, e expõe seu descontentamento com a política brasileira do momento.

O autor afirmou que o novo regime começou fazendo a federação, forma de instituição que pode apresentar algumas

vantagens atuais, mas esses proveitos são, no entanto, mais ilusórios que verdadeiros, porque o sistema federativo cria pela sua própria natureza uma facilidade incontestável ao desenvolvimento do espírito regionalista. Não satisfeita com a forma federativa, a República tem feito e cultivado uma federação absurda pela

---

<sup>276</sup> *Id.*, p. 57

<sup>277</sup> *Ibid.*, p. 59

<sup>278</sup> *Ibid.*, p. 60

desigualdade em que põe de fato as unidades federadas<sup>279</sup>.

No âmbito da Primeira República, também chamada de República das Oligarquias, observa-se uma descentralização política e a luta pelo poder entre as elites agrárias e industriais dos estados mais ricos. Essa regionalização das relações de força ocasionava um processo de marginalização político-econômica dos outros estados. As idéias expressas por Elysio estão em consonância com os críticos do Estado liberal que consideravam o ideal da unidade nacional precário e ameaçado por um conjunto de fatores negativos, como a extensão do país, a dispersão geográfica na ocupação territorial e a ênfase regionalista na iniciativa privada nos interesses econômicos. Esses críticos também levavam em conta a heterogeneidade e as diferenças culturais que constituíam a população brasileira e a “cegueira das elites políticas, que, em sua ânsia de dar ao País leis semelhantes às das grandes nações civilizadas, não perceberam sua total inadequação às nossas necessidades”<sup>280</sup>.

Isto de Estados que tem mais força política é uma anomalia de tal ordem que não se sabe como explicá-la num regime a cuja natureza intrínseca todos estão de acordo em atribuir o máximo de equidade e de justiça que é possível na ordem política. Como é que se justifica esse absurdo de Estados mais fortes e Estados mais fracos pela sua representação, se a entidade “Estado” é uma só, e no seio ou na vida da federação nenhum pode valer mais do que outro? Se na esfera econômica, ou no domínio administrativo, a incongruência do regime aí se denuncia, ainda na ordem política vamos encontrar o que há de mais especioso em instituições que miram corrigir as aberrações do governo monárquico<sup>281</sup>.

O escritor concluiu o artigo dissertando sobre a defesa da unidade étnica e afirmou que:

---

<sup>279</sup> *Ibid.*, p. 60

<sup>280</sup> BRESCIANI, Maria Stella M. O Charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Viana, cientista social. In: SILVA, Sérgio S.; SZMRECSÁNYI, Tamás (Orgs.) *História Econômica da Primeira República*. SP: Edusc; Imprensa Oficial; Editora Hucitec, 2002, p. 103

<sup>281</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.*, p. 61.



não há maior perigo para a personalidade brasileira que o trabalho solerte daqueles que se apoderam da terra pela acumulação de riqueza ou pela valorização do nosso solo. Há mister, pois, todos os resguardos para que o Brasil não se desnacionalize e não se desintegre do cosmos latino, porque a latinidade é ainda o seu maior encanto, e possa realizar soberanamente o seu maravilhoso destino humano<sup>282</sup>.

Novamente, apela para os argumentos de Graça Aranha em *A Estética da Vida*, para que reforçemos o quadro nacional solidificando as fronteiras morais da nação. “O Brasil, que é o herdeiro e continuador do gênio latino, no novo continente, quer ser eterno, e para a conquista dessa imortalidade é preciso que todas as forças espirituais da nação harmonizem o homem brasileiro com a natureza americana”<sup>283</sup>.

É importante chamar atenção para algumas questões que sobressaem neste capítulo e que estão em sintonia: integração territorial, integração moral, raça, herança do gênio latino. Algumas dessas questões, já foi visto no início do capítulo, mas convém ressaltar que a idéia de integração moral e integração territorial estão diretamente ligadas às idéias expressas por Graça Aranha em *A Estética da Vida* e apropriadas por Elysio de Carvalho principalmente em *Os Bastiões da Nacionalidade*. Segundo Eduardo Jardim de Moraes, a idéia de integração no pensamento de Graça Aranha influenciou não apenas as obras de Oswald de Andrade, mas principalmente as de Plínio Salgado. Também, podemos observar que Elysio estava conectado com as idéias e com o debate anti-liberal e de natureza autoritária que passa a tomar vulto especialmente no pós-primeira guerra mundial, lançando as bases ideológicas para o Estado Novo.

Retomando alguns pontos a esse respeito, vale ressaltar que o território do país seria um dos pontos no caminho da integração do espírito com o cosmos, e isso é válido tanto no caso da arte, que deveria voltar-se às características de seu país de origem em vez depender de influências externas, quanto, no caso da interpretação de Elysio para a integração do nacional com o cosmos latino. Graça Aranha se refere à integração do homem com a natureza, com o seu gênio, com suas características próprias para um enraizamento no território nacional e assim uma integração com o cosmos. Da arte para a política, a sócio-

---

<sup>282</sup> *Id.*, p. 67

<sup>283</sup> *Ibid.*, p.68

geografia entra como mais um elemento que figura no debate autoritário da Primeira República.

Tendo isso em mente, partiu-se para o segundo artigo intitulado *O Fator Geográfico na política Brasileira*, conferência realizada na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro em 1921. O autor “desdobra seu amplo conhecimento dos aspectos físicos da nação brasileira – a inquietude de Elysio levava-o a uma espécie de enciclopedismo –, o ensaísta volta a salientar a nossa vocação para unidade e a verberar o nosso federativismo republicano, mais de sentido negativo que positivo”<sup>284</sup>.

Elysio inicia o artigo discorrendo sobre a socio-geografia. Ele aponta uma ordem de estudos que parecem ainda novos no Brasil, “e muito principalmente entre os estadistas e políticos, aqueles sem dúvida a quem mais deviam interessar”<sup>285</sup>. A crítica se justifica ao longo de sua explanação. Os estudos se referem às conexões entre o homem e a terra. Para o autor:

a geografia de um povo resume positivamente a sua história, prefigura e amplia os seus destinos com o rigorismo de uma fórmula matemática e é o espelho que reflete as energias psicológicas da nacionalidade. Assim, o verdadeiro progresso político de um Estado pressupõe a adoção do critério geográfico por parte dos criadores de valores sociais, e no inverso, quando não aparece concordância entre a organização política e a estrutural natural, esse desequilíbrio é fonte de erros funestos<sup>286</sup>.

O escritor critica o divórcio quase absoluto do Brasil com a sua geografia, quando deveria haver um acordo, poderoso e espontâneo, “entre o espírito territorial e alma da raça, entre a Terra e o Homem”, cujo intérprete seria a geografia política.

A geografia política seria o campo mais aberto aos estudos sociais e a sólida base da concepção de Estado Moderno. Aí, o autor cita Napoleão, que teve um sutil entendimento dos fatores naturais e que em carta havia afirmado que a política dos Estados estava dentro de sua geografia.

---

<sup>284</sup> NUNES, Cassiano. Elysio de Carvalho e o Espírito do seu tempo. In: CARVALHO, 1997, *op. cit.*, p. 31.

<sup>285</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.*, p. 84

<sup>286</sup> *Id.*, p. 85

O espírito territorial, ou o sentido geográfico, como chama Ratzel, que é a idéia força do pensamento moderno, não só aparece na ideologia contemporânea iluminando os historiadores, desde Michelet, Lavisse até Ritter e Lejeune, os políticos, como Roosevelt, Clemenceau e os chefes do partido colonial francês, e os estadistas que aspiram conduzir a nação pela rota de um progresso sólido e duradouro, como ainda vive e alimenta a alma dos povos<sup>287</sup>.

A persistência da ação do espírito territorial explica certas sobrevivências políticas que não se apagaram no curso da história, além disso, nele infiltrou-se o direito político.

Elysio então cita o aparecimento da obra do alemão Friedrich Ratzel (1844 – 1904) *O mar como fonte de grandeza das nações* de 1900 e comenta sua grande repercussão na opinião pública alemã, fazendo com que esta apoiasse a política naval do imperador Guilherme II. Como o ensaísta, cita Ratzel através de outro autor, Moreno Lopez, João Phelipe Santiago levanta a hipótese de que sua leitura é secundária, o que implicaria numa possível unilateralidade de sua crítica aos fundamentos de Ratzel<sup>288</sup>.

Friedrich Ratzel<sup>289</sup> foi o fundador da escola geopolítica alemã, suas obras mais citadas são a *Antropogeografia* (1882) e a *Geografia Política* (1897).

Ratzel, ao analisar o desenvolvimento do organismo estatal, concebido positivamente

---

<sup>287</sup> *Ibid*, p. 86 - 87

<sup>288</sup> SANTIAGO, João Phelipe. *A questão nacional na geografia ratzeliana e sua assimilação no pensamento social brasileiro na república velha*. Tese de doutorado em geografia – USP/SP, 2005, p. 202.

<sup>289</sup> De acordo com Marcos B. de Carvalho – “São comuns os reducionismos e simplificações do pensamento ratzeliano, que em alguns casos é resumido apenas à lembrança dos possíveis equívocos cometidos, pelo pensador alemão, ao teorizar sobre as relações homem-natureza, ou ao defender suas crenças sobre a evolução dos processos civilizatórios. No primeiro caso, Ratzel teria sido um determinista ambiental incorrigível e, no segundo, um antievolucionista adepto de teses combatidas e desgastadas, como as do difusionismo, ou acertadamente condenadas, como as da superioridade civilizatória dos brancos caucasianos”. O autor também aponta que “não são raras as associações equivocadas entre a produção ratzeliana e inspirações ao ideário nazista. CARVALHO, Marcos B. de. Ratzel: releituras contemporâneas. uma reabilitação? In: *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona nº 25, 1997. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-25.htm>. Acesso em 18/07/2009.

segundo leis universais justificadoras e naturalizadoras de suas tendências de crescimento, aliou sua teoria ao problema da unidade nacional de seu país, que aparece em conexão com as noções de *Lebensraum* (espaço vital ou espaço de vida), valor do território e da situação geográfica e/ou política, coesão interna, nível/grau de cultura<sup>290</sup>.

Diversos intelectuais brasileiros do início do século XX foram influenciados pelas idéias de Ratzel, com destaque para Oliveira Vianna, Alberto Torres, Roquette- Pinto, Everardo Adolpho Backheuser e, segundo alguns autores, Elysio de Carvalho.

Alguns autores<sup>291</sup> apontaram o livro *O fator geográfico na política brasileira* (1921) como “o primeiro estudo feito no Brasil à luz da geopolítica”<sup>292</sup>.

Se não trabalha explicitamente com as teorias geopolíticas de Kjellèn – o primeiro a fazê-lo por aqui seria Everardo Backheuser –, o caráter de estudo dentro desta classificação caberia a Elysio pela fundamentação que busca nas teorias da geografia política de Ratzel para esboçar um modelo muito particular de análise da realidade nacional, em que há um peso central da geografia, conectado ao intervencionismo da práxis política – mais uma vez a cargo do Estado<sup>293</sup>.

Segundo Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim e Manoel Fernandes de Sousa Neto “seria precisamente esta vinculação da

---

<sup>290</sup> SANTIAGO, *op cit*, p. 2

<sup>291</sup> De acordo com Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim e Manoel Fernandes de Sousa Neto, essa designação teria sido dada pelos seguintes: MIYAMOTO, Shiguenoli. *O pensamento geopolítico brasileiro (1920-1980)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Área de Ciência Política. Departamento de Ciências Sociais. FFLCH, USP, 1981; ZUSMAN, Perla B; PEREIRA, Sérgio N. Entre a Ciência e a Política: um olhar sobre a geografia de Delgado de Carvalho. In *Terra Brasilis* (Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil). Rio de Janeiro: Ano I, janeiro/junho de 2000, nº 1, p.52-82. BOMFIM, Paulo Roberto de Albuquerque; SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. *Contextos, personagens e idéias: Thomas Pompeu de Souza Brasil e Elysio de Carvalho*. Disponível em: [http://egal2009.easyplanners.info/area02/2053\\_de\\_Albuquerque\\_Bomfim\\_Paulo\\_Roberto.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area02/2053_de_Albuquerque_Bomfim_Paulo_Roberto.pdf). Acesso em: 19/07/2009.

<sup>292</sup> *Ibid.*

<sup>293</sup> *Ibid.*

<sup>293</sup> *Ibid.*

intenção de prática política às formulações de Ratzel o que, para nós, legitimaria a classificação do ensaio de Elysio de Carvalho como texto geopolítico”<sup>294</sup>.

No ensaio *O fator geográfico na política Brasileira*, baseando-se em Ratzel, Elysio afirmou que “a sorte das nações está inevitavelmente ligada à fatalidade geográfica, e é por isso que não concebemos uma política brasileira alheada de seu mapa, e, por conseguinte, esquecida da sua preponderante função nacionalista”<sup>295</sup>.

Ele exemplifica a teoria citando outro livro *El factor geográfico en la política sudamericana* de Malagrida, onde o autor denuncia um erro que se perpetua, como no caso de Simón Bolívar que decidiu criar uma república com seu nome contrariando as idéias da sócio-geografia. De acordo com Elysio apenas pela obediência aos postulados da sócio-geografia é que as nações asseguram sua independência, sua riqueza e seu desenvolvimento.

Para o autor até aquele momento não havia consenso sobre a definição de fator geográfico na ciência política e a seu ver a “classificação de Walter Tower era tão complicada como confusa é a de Ratzel”<sup>296</sup>.

Elysio de Carvalho tece algumas críticas à obra de Ratzel, alegando que a concepção deste não traria nada de novo ao debate da geografia uma vez que não se poderia entender uma ciência excluindo o elemento humano. “Só queremos saber da terra aquilo que interessa ao conhecimento do homem. Nada nos adiantou, pois, o ‘alto vôo do gênio sintético de Ratzel’”<sup>297</sup>.

O ensaísta também apontou num tom de crítica que esta geografia se organizou a mais de um século e que a única novidade nos tratados modernos é a proliferação de inúmeros termos técnicos que na verdade exprimem noções antigas.

Curiosamente privilegiou o historiador inglês Henry Thomas Buckle (1821-1862) que “há mais de 60 ou 70 anos, fez muito mais do que Ritter, Ratzel e seus discípulos”, mas faz a ressalva de que devemos reconhecer que temos “muita ciência nova a acrescentar ao próprio historiador inglês”<sup>298</sup>.

Segundo Elysio, no segundo capítulo do primeiro volume da *História da Civilização na Inglaterra* (1857 e 1899 na versão em

---

<sup>294</sup> *Ibid*, informação em nota de rodapé.

<sup>295</sup> CARVALHO, 1922, *op cit*, p.88.

<sup>296</sup> *Id*, p.88

<sup>297</sup> *Ibid*, p.89

<sup>298</sup> *Ibid*, p.90

português), Buckle começa a examinar “*as influências exercidas pelas leis físicas sobre o caráter dos indivíduos e sobre a organização de sociedade*”, e tudo expõe com tanta clareza e tão magistralmente que não deixa margem a controvérsias”<sup>299</sup>.

Curiosamente esse livro que é tão elogiado pelo ensaísta alagoano, foi escrito sem o autor nunca ter visitado o Brasil. Em oito páginas, Buckle analisa a precipitação pluviométrica, a topografia, o sistema hidrográfico e o regime dos ventos no Brasil sem nunca ter posto os pés em terras brasileiras. Segundo Skidmore “sua descrição do Brasil soa muito como o estereótipo romântico”<sup>300</sup>: luxuriante vegetação, aves de esplendorosa plumagem, etc. No entanto, Buckle aponta para a pequenez do homem brasileiro, em meio à natureza tão exuberante, que não foi capaz de avançar e que muito provavelmente sem a ajuda estrangeira regrediria<sup>301</sup>. Na análise de Skidmore, é improvável que os intelectuais brasileiros tenham lido na íntegra a obra de Buckle, mas com certeza conheceram as idéias dessas oito páginas. “Um pensador social brasileiro, dificilmente, conseguiria escapar, nos sessenta anos que se seguiram, a essa visão pessimista do Brasil. Frequentemente Buckle era citado de maneira expressa”<sup>302</sup>.

Fiel ao determinismo climático Buckle condenava o homem brasileiro à decadência em função da pujança de sua vegetação. Juntamente à Ratzel, o autor foi um dos maiores representantes da escola determinista geográfica, na qual advogavam que o desenvolvimento cultural de uma nação estava totalmente condicionado pelo meio. Esse determinismo climático implicava a inviabilidade da civilização se desenvolver completamente nos trópicos.

O debate que se refere a esse tema remonta ao século XVIII quando a filosofia da ilustração inverte a visão de paraíso na América (a imagem do éden que povoava o imaginário dos europeus na época da colonização<sup>303</sup>) e forma um novo discurso, marcado pela negatividade, sobre o homem e a natureza. De um lado Montesquieu apontando que a escravidão, a poligamia e o despotismo resultam da apatia dos habitantes dos climas quentes, cujo calor causava a perda de toda força e vitalidade, entregue à preguiça e à ausência de curiosidade. Assim sendo as criações artísticas e as literárias também não seriam fecundas. De

---

<sup>299</sup> *Ibid*, p.90

<sup>300</sup> SKIDMORE, *op cit*, p.44

<sup>301</sup> *Id*, p.45

<sup>302</sup> *Ibid*, p.45

<sup>303</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos do descobrimento e da colonização do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

outro, o selvagem de Rousseau, numa visão mais otimista, próximo do estado natural e “visto como uma alternativa ao homem civilizado, vítima da degradação histórica do Ocidente”<sup>304</sup>. Não apenas estes autores participaram deste debate, a visão sobre a inviabilidade da civilização nos trópicos foi bastante divulgado por autores como Buffon, De Pauw e Raynal sempre visando a inferioridade do meio americano e suas formas de vida.

“Essa visão negativa do Novo Mundo como continente quente e úmido, habitado por insetos e répteis, se manifestou na crítica literária brasileira do século XIX, devido à influência de Montesquieu, Buffon e Henry Thomas Buckle”<sup>305</sup>, cuja *História da Civilização na Inglaterra* foi lida e comentada entre outros por Silvio Romero e Araripe Júnior. O determinismo geográfico presente nesse pessimismo com relação ao Novo Mundo também entra no rol de teorias européias incorporadas pelos intelectuais brasileiros a fim de reconfigurá-las adaptando-as à realidade brasileira. Retorna-se ao que Lilia Moritz Schwarcz afirmou sobre a brecha na contradição para buscar uma saída original para o problema da adaptação das teorias européias sem condenar o país à degenerescência.

Elysio de Carvalho critica a acusação simplista de determinismo por aqueles que julgam obsoleta a “escola histórica”, ou seja, que o meio físico se imponha ao homem. Não teria sido isso, o que os clássicos da ciência geográfica pensaram e muito menos Buckle. “Não é mais possível uma ciência geográfica sem a associação dos dois fatores – a Terra e o Homem. Esses termos são compensativos: isto é, um tem de suprir, ao menos até certo ponto as deficiências do outro”<sup>306</sup>. O autor exemplificou com a idéia de que ao invés de chineses no território chinês espalhassem ingleses ou flamengos, e chegou a conclusão de que essas populações não construiriam nem uma nova China e nem uma nova Europa. Ou seja, “no mesmo meio, uma raça diferente produzirá necessariamente um resultado diferente”<sup>307</sup>. Desta forma não há um determinismo do meio sobre o homem, a nação é composta tanto pelo meio físico, como pelo gênio da raça.

Para encontrar o fator geográfico em um dado país, precisamos definir o meio físico particular,

---

<sup>304</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. SP: Cia das Letras, 1991, p.23.

<sup>305</sup> *Id.*, p. 25

<sup>306</sup> CARVALHO, 1922, *op cit*, p. 91

<sup>307</sup> *Id.*, p. 91

que nos apresenta esse país; isto é, teremos de estudar-lhe a constituição geológica, a natureza do solo, a propriedade e a capacidade de produção, o clima e, em seguida, a flora e fauna, o aspecto geral com todas as particularidades e características. E depois, se quisermos ascender até as induções de ordem social política – o homem, as suas origens, a sua vida, a sua história toda, para sabermos o que deu a terra o que ele não tinha suficientemente, e o que recebeu dela o que lhe era escasso<sup>308</sup>.

A crítica ao determinismo geográfico torna-se um tanto contraditória neste ensaio à medida que o autor faz uso das assertivas deterministas e ao mesmo tempo não aceita o pessimismo em relação à civilização brasileira que lhe vem embutido. É nessa contradição que ele busca aliar o caráter humano e o geográfico para considerar o “fator geográfico” na política brasileira. Novamente, Elysio faz parte desse grupo de intelectuais que procuraram readaptar teorias, idéias e linhagens de pensamento político.

Deste modo, o autor parte para a análise do fator geográfico fazendo uma incursão na geografia brasileira. Tenta justificar a unidade natural do país, que já teria sido explicitada no texto de Elisée Réclus – *O homem e a terra*. A uniformidade brasileira seria singular se comparada a qualquer outra nação sul-americana. “Há de se ver que de toda a América do Sul é o nosso território o melhor caracterizado como natureza ou meio físico geral, e a tal ponto que poderíamos ser tomados como um tipo visto à luz da antropogeografia sul-americana”<sup>309</sup>.

Atente-se, contudo, que essa uniformidade, apesar de todos os detalhes climatológicos, geológicos e geomorfológicos que são arrolados<sup>31</sup>, é dada pelos *limites naturais brasileiros* – delineados pelas Bacias Amazônica e do Prata e pela muralha dos Andes. Tal argumentação, rememorando inegavelmente as teses sobre a Ilha-Brasil, antecipava ainda, o papel estratégico – portanto, de tom geopolítico – destes limites que, só para citar um autor, Mário Travassos trabalhará nos anos de 1930<sup>310</sup>.

---

<sup>308</sup> *Ibid*, p. 92.

<sup>309</sup> *Ibid*, p. 95

<sup>310</sup> BOMFIM & SOUSA NETO, *op. cit.*



Ao entrar na parte das “indicações sociogeográficas”, o autor logo destacou a questão da unidade territorial.

Basta ver que em toda a extensão do Brasil, desde os tempos coloniais até hoje, o que se observa é uma perfeita harmonia e até claras aparências de igualdade no caráter dos brasileiros de todas as regiões, principalmente naquela onde é mais completo o domínio da raça. Quem viaja pelo nosso litoral, desde o extremo sul ao extremo norte, sente que está sempre no mesmo país, ouvindo a mesma língua, apreciando o mesmo espírito geral, vendo os mesmos costumes, tendo, em suma, a impressão de que o povo é sempre o mesmo, a despeito de peculiaridades que não chegam a ser sentidas no meio da sensação do conjunto<sup>311</sup>.

A opinião expressa no excerto acima, não se resume as conclusões tiradas apenas do meio físico. O ensaísta minimiza as diferenças nos costumes e até mesmo no vocabulário próprio de cada estado, passando um rolo compressor por cima dos regionalismos a fim de demonstrar a tão desejada unidade nacional.

Elysio concluiu então, que o Brasil deve ser “um bloco político tão sólido como o nosso maciço central”. Ele faz apologia a um forte e vasto aparelho político central, e diz que ao menos o regime imperial tinha uma característica excelente, um grande centro de poder político. O autor novamente teceu duras críticas as instituições federativas, que mais sábio seria o Brasil numa confederação. “O Brasil é *um* no seu território, e *um* tem de ser o seu poder político, o seu *imperium*, como o entendemos alemães”<sup>312</sup>.

Novamente, vem à tona a crítica ao federalismo e a apologia a um estado centralizado que voltam a deixar explícita a ligação de Elysio de Carvalho com a corrente autoritária vigente na primeira república. Segundo Bolivar Lamounier, a tradição do pensamento político autoritário “compõe-se de um conjunto de obras que criticam o modelo

---

<sup>311</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.*, p.125

<sup>312</sup> *Id.*, p.127

constitucional de 1891”<sup>313</sup>. Todos os intelectuais brasileiros ligados à corrente autoritária

consideraram ser uma das tarefas do regime corporativo-autoritário a consolidação da unidade nacional brasileira. Apenas o Estado forte, acima das lutas partidárias e regionais teria capacidade de gerar a integração econômica, política, cultural e administrativa das diversas regiões brasileiras, segundo um movimento que culminaria na consolidação da própria nacionalidade. Esses intelectuais assentaram os pressupostos fundadores de uma nova legalidade em torno da remodelação do Estado, o qual identificavam com a nação<sup>314</sup>.

A proposição de soluções corporativistas marcou presença no pensamento da direita nacionalista entre os anos 1920 e 30 no Brasil, tornando-se um dos temas de importância no debate político e intelectual do período. Oliveira Vianna foi um dos principais interlocutores desse debate. Desde a publicação de *Populações Meridionais do Brasil* (1921) defendeu a tese de que o jogo entre grupos e partidos tinham sua origem nas antigas disputas entre os clãs patriarcais e rurais do período da Colônia.

Assim o advento da república é apresentado pela maioria dos intelectuais autoritários como o principal momento de disjunção do país<sup>315</sup>.

Para Elysio, a federação era um artifício, uma forma política que “não corresponde aos nossos fatores geográficos: é uma infração flagrante a todas as induções sociogeográficas”<sup>316</sup>. Se não fosse o desconhecimento de nossos homens públicos sobre as ciências políticas os brasileiros já teriam entrado em harmonia com as características do território, “fundamentos da nossa grandeza econômica e da nossa futura excelência política”.

---

<sup>313</sup> LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na primeira república. Uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (Orgs.). *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III, volume 2. SP: Editora Difel, 1977, p. 345

<sup>314</sup> BEIRED, *op cit*, p. 120

<sup>315</sup> *Id.*, p.97.

<sup>316</sup> *Ibid*, p.128.

Compartilhando a discussão ocasionada pelo Centenário da Independência do Brasil, na qual os intelectuais refletiram os cem anos de vida independente e em geral demonstraram seu descontentamento com a situação do país, o escritor afirmou que durante todo esse tempo não levamos em consideração os fatores naturais para a formação da nossa riqueza.

Como conseqüência dessa discussão, os intelectuais procuraram identificar onde estariam os males da nação e propunham soluções para que dali em diante fosse resolvido esse tremendo mal-estar. Elysio de Carvalho como homem de seu tempo – e isso é o que lhe é de mais característico – critica essa falta de reflexão sobre os fatores geográficos e propõe algumas soluções.

Um dos grandes problemas brasileiros seria o da circulação interna, tão fundamental para a existência do país. Elysio diz ser doloroso um confronto “do que fizemos depois de 1822, com o que se executou durante o período colonial”, quando a viação terrestre, fluvial e marítima eram muito mais demoradas e difíceis, mas ao mesmo tempo muito mais amplas do que hoje.

O ensaísta exemplificou com os Estados Unidos, que complementou o vasto sistema fluvial que existe por todo o país com a viação férrea, que a principio apenas ligava o país de leste a oeste, mas que depois se expandiu. Nesse ponto, Elysio de Carvalho estribou seu argumento em Euclides da Cunha e incorpora a grande idéia do intelectual: “a fórmula geral do destino brasileiro giza-se com a singeleza expressiva de um aforismo euclideano: RUMO AOS SERTÕES”<sup>317</sup>.

Ele apontou que o até então o legítimo homem brasileiro era o homem do litoral, “um europeu desfigurado, contrafeito”. “O interior, para o brasileiro, é “o mato”, inóspito, repelente, lugar de desconforto e atraso”<sup>318</sup>. É necessário, pois, criar um contrapeso moral, um novo tipo histórico que traga harmonia, e este seria o homem do sertão. “Os sertões são o nosso dever, constituem o objeto do verdadeiro patriotismo, encarnam a razão de ser do Brasil”.

Essa idéia de potencialidade, de terra promissora e de povo capaz é também conduzida nos ensaios *Realidade Brasileira* (1922) e *Brasil, potência mundial: inquérito sobre a indústria siderúrgica no Brasil* (1919), cujos títulos por si só resumem toda idéia dos livros.

---

<sup>317</sup> *Ibid.*, p.135.

<sup>318</sup> NUNES, *op cit.*, p.31

Esta última obra, talvez seja a mais centrada em questões práticas. Enquanto que nos outros livros analisados ele junta ensaios de diferentes assuntos (muitas vezes já publicados em revistas e livros) e disserta sobre o nacionalismo, esta obra é mais direcionada e prática. O livro todo é dedicado a um apurado estudo sobre a indústria siderúrgica no Brasil, apontando possíveis soluções para a sua implantação.

Precisamos, com energia orientadora, reerguer o país do triste estado de servidão econômica a que o condenaram os desvios e os erros dos nossos governantes, para consolidar esplendidamente o seu poder político. Tendo-se em conta o papel do determinismo econômico na evolução social dos povos, o dilema que se apresenta para o Brasil é este: ou será uma potência mundial, graças à exploração sistemática de suas reservas inativas de ferro, ou não passará de uma mera expressão geográfica sem real independência. Transformaremos em valores ativos nossas incalculáveis riquezas ainda hoje desaproveitadas ou comprometeremos o nosso destino?<sup>319</sup>

Com estas palavras Elysio de Carvalho termina a breve introdução do seu livro, desafiando o leitor a refletir sobre o assunto.

As bases do crescimento industrial do Brasil iniciado na década de 1880 foi inicialmente caracterizado pelas indústrias “leves”: calçados, têxteis, alimentos, etc. Esse crescimento continuou nas três décadas seguintes, até que alguns anos antes da Primeira Guerra Mundial “os poderes públicos começaram a voltar sua atenção para a necessidade da criação de siderúrgias no país capazes de atender a crescente demanda interna por laminados de aço, totalmente suprida por importações”,<sup>320</sup>. Todavia o capital necessário para a instalação de uma grande siderúrgica afugentava os investidores privados. Na época, os grupos estrangeiros queriam apenas garantir a posse e o domínio sobre as jazidas para evitar futura concorrência, sem qualquer interesse na implantação da indústria siderúrgica.

Segundo Nícia Vilela Luz, na política industrial do Brasil entre os anos de 1880 a 1930 poder-se-ia distinguir cinco momentos

<sup>319</sup> CARVALHO, Elysio de. *Brasil, potência mundial*. RJ: S. A. Monitor Mercantil, 1919, p. 7.

<sup>320</sup> SILVA, Lígia Osório. A Crise política no quadriênio Bernardes: Repercussões políticas do “Caso Itabira Iron”. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (Orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. SP: Unesp, 1997, p.17.

característicos: os últimos gabinetes do império, o esboço de uma política de amparo à produção nacional; as experiências de Rui Barbosa ao proclamar-se a república; a década de 90 caracterizada pela disputa entre oposição e resistência ao industrialismo implantado pela república; a primeira década do século XX e a vitória da política fiscal do governo em relação a tarifa aduaneira; e por fim, a partir de 1909 “uma fase caracterizada pelas tentativas de se inaugurar um novo industrialismo cujos alicerces deveriam repousar na existência de indústrias básicas, particularmente a siderurgia”<sup>321</sup>.

Um ressurgimento da questão ocorre na década de 1920, com os efeitos da Primeira Guerra Mundial sobre a economia nacional que trouxeram à tona a necessidade de criação de um setor siderúrgico. Se a princípio a guerra causou mal-estar logo em seguida acabou acelerando nosso desenvolvimento industrial, já que se os mercados exportadores europeus estavam fechados nosso mercado interno voltou-se para a indústria nacional. “O discurso dos governantes neste período é modificado para se adequar aos novos tempos, torna-se mais moderno, o que na época significava abordar assuntos considerados técnicos como a questão das indústrias de base”<sup>322</sup>. Dessa forma, um dos pontos principais do programa de governo de Epitácio Pessoa (1919-1922) era a questão siderúrgica, no qual ele propunha como solução a exportação dos minérios como meio de atrair as companhias mineradoras internacionais.

O livro *Brasil: potência mundial* pode ser interpretado como um manifesto nacionalista a favor da siderurgia. O autor procurou motivar, incentivar aqueles que o estavam lendo a procurar uma saída, a partir do momento em que ele lhes mostrou que isso era possível. O autor procurou demonstrar a importância do ferro e do aço para as nações, especialmente em época de guerra, e através de um estudo comparativo mostra a forma como diferentes nações fizeram para resolver a necessidade de se obter o minério. Este estudo comparativo foca principalmente na Alemanha antes da primeira guerra e a disputa pelo território francês da Lorena, rico em minério de ferro, e, portanto, estratégico no período que antecede a guerra franco-prussiana (1870). Grande parte do livro é composto por referências técnicas a respeito do assunto, com tabelas e números dos anos de 1880 a 1914. O autor

---

<sup>321</sup> LUZ, Nícia Vilela. *A luta pela industrialização no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: ed. Omega, 2004, p. 165.

<sup>322</sup> SILVA, 1997, *op. cit.* p. 20.

buscou na história internacional (mais precisamente a européia) o parâmetro sobre erros e acertos na exploração do minério de ferro.

Tanto Monteiro Lobato, quanto Elysio de Carvalho compartilhavam uma visão de progresso pela via da modernização econômica, com a indústria e a malha ferroviária. Wilson Martins faz a seguinte colocação a respeito do livro de Elysio, *Brasil, Potência Mundial*: “Se essa não é a fonte do entusiasmo de Monteiro Lobato pela siderurgia, o livro de Elísio de Carvalho vinha, pelo menos, ao encontro das suas idéias, pois a *Revista do Brasil* o aplaudia e propunha como ‘chave da solução dos nossos problemas econômicos’”<sup>323</sup>.

Na realidade, Elysio foi um precursor do desenvolvimentismo, defendendo a siderurgia nacional como solução para os problemas econômicos brasileiros, bem como, a construção de hidrelétricas e da mineração para o fornecimento de energia. A Companhia Siderúrgica Nacional só foi criada em 1941.

Em termos práticos o que o autor propõe em seu livro é que

independentemente da importação do “coke” estrangeiro e do aproveitamento do combustível mineral, fácil é obtermos a produção de ferro para atender as nossas necessidades, tanto pelo emprego dos fornos altos, alimentados com o carvão vegetal, extraído de nossas vastas reservas florestais, como pelo processo elétrico, com a utilização da hulha branca, tão abundante no solo brasileiro, não havendo dificuldades em estabelecerem-se usinas siderúrgicas no país desde que o governo, sem caráter de monopólio, garanta o capital das empresas fundadas para tal fim, assegure isenção de impostos para o material técnico importado, permita a livre exportação do minério e adquira uma parte da produção manufaturada para suas estradas de ferro, arsenais, etc.<sup>324</sup>.

Em sua proposta para solucionar o problema da indústria siderúrgica no Brasil, o autor ressaltou a importância do Estado como provedor das condições básicas para que essa indústria possa se desenvolver plenamente e a todo vapor, fazendo alusão ao tema da integração tratado em *Fator Geográfico na política brasileira*:

---

<sup>323</sup> MARTINS, *op. cit.*, p.145.

<sup>324</sup> CARVALHO 1919, *op cit.*, p. 6.

precisamos, antes de tudo, constituir nosso aparelhamento econômico suplementar, construindo estradas de ferro e de rodagem e portos em todas as grandes zonas marítimas ao menos, estabelecendo a navegação fluvial, e organizando, com recursos próprios, o longo curso externo <sup>325</sup>.

O escritor alagoano expõe uma preocupação com a integração geográfica do país e com a exploração dos recursos naturais não apenas do subsolo, mas também voltados à agricultura. Todavia o tema da agricultura será explorado em outro livro, *A Realidade Brasileira* (1922).

Necessitamos oferecer ao nosso vasto território vias de comunicação que sejam verdadeiros roteiros comerciais. O futuro do país está ligado ao aumento de nossa produção agrícola, que, se precisa transformar os seus métodos de cultura e ser dotada de instituições de crédito, depende também e principalmente, do transporte rápido e de tarifas baixas <sup>326</sup>.

Em linhas gerais as potencialidades do Brasil estão diretamente ligadas à integração do continente, ao sentimento de unidade nacional e à exploração consciente dos nossos recursos naturais fundamentada nas idéias da sócio-geografia. Assim, é possível pensá-lo enquanto herdeiro das teses de Alberto Torres, principalmente quanto à preocupação da organização nacional. Segundo Nícia Vilela Luz,

para transformar o Brasil em uma nação e esses elementos díspares num povo, cumpria, segundo essa corrente, organizar, isto é, integrar e assimilar. Integração geográfica pela expansão das vias de comunicação e pelo povoamento dos espaços vazios. Integração étnica através da educação e elevação cultural <sup>327</sup>.

---

<sup>325</sup> Idem, 1922, *op cit.* p. 150.

<sup>326</sup> Idem, 1997, *op. cit.*, p. 148.

<sup>327</sup> LUZ, Nícia Vilela. A década de 1920 e suas crises. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 6, USP, 1969, p.73.

Elysio que dizia integrar um grupo que lutava pelo nacionalismo com palavras e ações, conclamava a todos para se manifestarem contra a inércia tão presente na política brasileira com as seguintes palavras de ordem:

Defendamos as nossas reservas morais.  
 Firmemos os bastiões da nacionalidade.  
 INTERNAR-SE OU DESAPARECER – tal é o  
 signo fatal da nossa história”<sup>328</sup>.

Por fim, gostaria de terminar este capítulo, tecendo algumas breves considerações. Eis que, o pensamento de Elysio de Carvalho foi profundamente influenciado pelas idéias de Graça Aranha em quem o ensaísta baseia sua concepção a respeito de raça, da sua lusofilia desabrida e do seu ibero-americanismo. Sua concepção de raça voltada à *psychè* brasileira, às características psicológicas e morais, é diretamente ligada à herança do gênio luso em primeira instância, mas também ao gênio ibérico em geral, influenciado, como muitos de sua geração pelo arielismo de José Enrique Rodó. Elysio era adepto de uma maior integração com o mundo ibérico. No seu pensamento também encontra-se a questão da modernidade nas raízes ibéricas, na qual a tradição e a modernidade se completam. E por último, a questão da integração nacional que pode ser analisada por dois ângulos diferentes.

No primeiro, aludiu-se ao pensamento de Graça Aranha e seu princípio filosófico da integração do homem com o cosmos, via território nacional, em que a princípio, a interpretação é mais voltada ao campo artístico. Uma vez que a experiência estética traduz a experiência humana de contato com o mundo, pode-se afirmar que o sentimento de unidade nacional e unidade moral (como afirmava Elysio) também fariam parte dessa integração com o todo. O segundo ângulo é o da sócio-geografia que pode ser concebida de forma a complementar ao primeiro tipo de análise, voltada, entretanto, para questões de ordem mais prática.

A questão da raça e da integração nacional envolve diversos componentes no debate sobre o pensamento autoritário na Primeira República. Apesar de não propor um projeto político para o país é possível observar que ele se baseia em algumas premissas básicas desse debate como a crítica ao projeto liberal e o apelo a um estado forte,

---

<sup>328</sup> CARVALHO, 1922, *op cit*, p.140



centralizado, autoritário e intervencionista, principalmente em termos econômicos.

Todos esses elementos que norteiam o pensamento de Elysio de Carvalho fazem parte da idéia do que seria, ou viria a ser, a nação brasileira na visão do autor.

## CAPÍTULO IV: BRAVA GENTE: A HISTÓRIA A SERVIÇO DA NAÇÃO

A história é um dos pilares fundamentais do nacionalismo, pois este “é em parte uma questão de elaboração da narrativa, a produção (e reprodução e revisão) de narrativas que situem o lugar da nação na história”<sup>329</sup>. A questão da narrativa histórica como base do nacionalismo está muito ligada à idéia romântica de retorno às origens, uma vez que surge a necessidade de se reivindicar uma identidade comum e principalmente a construção de um agente coletivo.

O Estado no Brasil precede a nação e por isso precisa de estratégias simbólicas de legitimação. Foi durante o processo de consolidação do Estado Nacional brasileiro que foi construído um projeto para pensar a história do Brasil de forma sistematizada. A viabilidade desse projeto emerge com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e dos seus congêneres regionais, cujo papel seria “construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos”<sup>330</sup>. Essa unificação da nação significava também a construção de um passado que se pretendia singular, mas que carregava consigo o perfil das elites políticas e intelectuais que pertenciam aos quadros dessas instituições culturais.

Num panorama de consolidação do Estado e de disputas regionais ganha força um programa de sistematização de uma história oficial. Ao IHGB foi incumbida a missão de demarcar espaços e tornar-se referência nacional, enquanto que aos demais institutos foi designada a função de garantir as especificidades regionais e “buscar definir, quando possível, certa hegemonia cultural”<sup>331</sup>.

Vale ressaltar a importância dessas instituições, visto que Elysio de Carvalho procurou reproduzir em seus ensaios o modelo de história por elas proposto. O foco principal é no IHGB e no Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco (IAGP), que são os principais norteadores do modelo de história apropriado por Elysio de Carvalho.

Criado em 1838 na cidade do Rio de Janeiro, o IHGB era um espaço marcado por uma teia de relações pessoais, pelo papel central do Estado e sua “vinculação ao círculo ilustrado imperial”<sup>332</sup>. A grande

---

<sup>329</sup> CRAIG, *op cit.*, p.61

<sup>330</sup> SCHWARCZ, *op, cit*, p.99

<sup>331</sup> *Id.*, p.100

<sup>332</sup> *Ibid.*, p. 101

maioria dos sócios da instituição possuía posição de destaque no seio da burocracia estatal, como o imperador, ministros e conselheiros, além de políticos (senadores e deputados), proprietários de terras (a maioria), literatos e pesquisadores de renome, os quais tinham a função de consagrar uma elite local e uma história regional.

Francisco Adolfo de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro) importante historiador, biógrafo, geógrafo e matemático desempenhou um papel singular no Instituto ao pretender escrever uma história do Brasil. “Uma história específica porque monárquica em meio a tantas repúblicas, como também conservadora, já que profundamente vinculada à aristocracia rural dominante e ao próprio Império”<sup>333</sup>. Admirador da Casa de Bragança defendia a monarquia e a colonização e aceitava como lícita a escravidão.

Varnhagen é adotado por Elysio de Carvalho como uma de suas principais referências no campo da historiografia, tanto que em 1923 participou da fundação do Instituto Varnhagen, como pode ser constatado em carta enviada Rodrigo Otávio Filho, datada de 13 de Outubro de 1922:

Caro amigo,

Esta carta é um apelo ao seu esclarecido patriotismo. Sob a denominação de Instituto Varnhagen, um grupo de amigos, à cuja frente se encontram Rocha Pombo e Celso Vieira, Genserico de Vasconcellos, Ronald de Carvalho, Oliveira Vianna e outros, fundou por estes dias uma variedade de estudos brasileiros e portugueses. Certo de que está de acordo com as idéias e as propostas do programa junto, solicito a sua adesão à iniciativa, como membro efetivo e fundador, e peço-lhe a gentileza de comunicar-me sem demora e sua resposta.

Seu amigo e humilde confrade

Elysio de Carvalho<sup>334</sup>

O Instituto, cuja duração foi efêmera<sup>335</sup>, tinha como presidente José Francisco Rocha Pombo (1857-1933)<sup>336</sup>, historiador e uma

---

<sup>333</sup> *Ibid.*, p. 107

<sup>334</sup> Carta de Elysio de Carvalho a Rodrigo Otávio Filho. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1922. ROF Cp/ Fundação Casa Rui Brabosa [o grifo é da própria carta].

<sup>335</sup> CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topoi*, v.8, n.15, jul-dez 2007, p. 190.

importante liderança do grupo simbolista paranaense radicado na capital da República que, juntamente com todos os outros citados na carta, também contribuiu na revista *América Brasileira*, editada por Elysio de Carvalho e em circulação na mesma época.

Nilo Odália menciona um projeto político na obra de Varnhagen composto por três objetivos básicos, o qual Elysio acaba reproduzindo em seus ensaios históricos. Os objetivos seriam a constituição de uma nação branca e européia; a criação de um Estado suficientemente forte, centralizado, instrumento de constituição da nação; a constituição futura de um homem branco brasileiro, fruto da mescla de três raças diferentes<sup>337</sup>.

Durante a Primeira República ainda não existiam faculdades dedicadas à formação de profissionais na área de história e, portanto, os escritos desta área eram executados por “homens de letras”, nessa categoria pode-se incluir poetas, romancistas, juristas, jornalistas militantes, entre outros. Muito embora, em alguns momentos, Elysio seja apresentado como “historiógrafo” neste estudo ele não é considerado dessa forma, pois seus ensaios históricos têm uma base bibliográfica, na grande maioria das vezes reproduzindo uma visão histórica consolidada para dar suporte ao seu nacionalismo.

Será utilizado o termo cultura histórica como designado pela historiadora Ângela de Castro Gomes, podendo ser utilizado para caracterizar a “relação que uma sociedade mantém com seu passado”<sup>338</sup>, ou seja, um conceito amplo que vai além do que é produzido por historiadores englobando outras formas de produção cultural que tem como referência o passado. Gomes assinala o fato dos historiadores não deterem o monopólio do processo de constituição e propagação da cultura histórica, que engloba outros agentes, “pode-se pensar em mais de uma cultura histórica convivendo, disputando, enfim, estabelecendo vários tipos de interlocução entre si e com a produção historiográfica em determinado período”<sup>339</sup>.

---

<sup>336</sup> RIBEIRO, Renilson Rosa. “*Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade*”. *Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Imperial*. Campinas, SP: [s.n.], 2009. – Teses de doutorado.

<sup>337</sup> DIEHL, Astor Antônio. *A cultural historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p.46

<sup>338</sup> GONTIJO, Rebecca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; Gouvêa, Maria de Fátima Silva (Orgs.). *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 46

<sup>339</sup> *Id.*, p. 49

Elysio de Carvalho e os intelectuais de sua geração estavam envolvidos em uma determinada cultura política<sup>340</sup>, pautada nas teses de Alberto Torres, que busca identificar os problemas da nação e indicar soluções para resolvê-los. O processo de construção de culturas políticas, segundo Ângela de Castro Gomes, incorporaria sempre uma leitura do passado, avaliando períodos, personagens e eventos, e envolveria uma narrativa desse passado, “podendo-se então conformar uma cultura histórica articulada a uma cultura política”<sup>341</sup>.

Assim o objetivo deste capítulo é compreender de que forma Elysio de Carvalho compõe seus ensaios históricos de forma a legitimar o nacionalismo e a sua idéia de como a nação deveria ser.

Com relação à função destes ensaios históricos, principal objetivo deste capítulo, torna-se extremamente pertinente a reflexão sobre temporalidade que Reinhart Koselleck desenvolve, na qual “em um determinado tempo presente, a dimensão temporal do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão temporal do futuro”<sup>342</sup>, para isso serão utilizadas as categorias de análise “campo de experiência” e “horizonte de espera” desenvolvidas pelo autor. A primeira seria o conjunto da experiência vivida, enquanto a segunda seria um futuro atualizado, aquilo que tende ao que ainda não é, ou seja, o horizonte de espera está em constante mutação adaptando-se ao que se espera que o futuro seja.

A incursão de Elysio na história brasileira tem uma intenção clara: alçar as bases da nacionalidade. O autor traça esse caminho escolhendo determinados episódios da história brasileira, como exemplos da nacionalidade, como em *Brava Gente* e em *Lauréis Insignes* em que busca na identidade brasileira, branca, de origem nobre e européia, o sucesso futuro do país. Desta forma o passado é experimentado porque contém um elemento de futuridade, a projeção do futuro encontra-se no passado.

Segundo Koselleck, “o que estende o horizonte de expectativa é o espaço de experiência aberto para o futuro. As experiências liberam os prognósticos e os orientam”<sup>343</sup>. Nesse sentido Elysio resgata elementos do passado que orientem a nação rumo ao seu destino de grandeza.

---

<sup>340</sup> Sobre cultura política, vide: BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma História Cultural*. Trad.: Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p.349-364.

<sup>341</sup> GOMES, *op cit*, p. 48

<sup>342</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição semântica dos tempos históricos*. Trad: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. RJ: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p.15

<sup>343</sup> *Id*, p. 313

Neste capítulo, perscrutar-se-á os ensaios históricos publicados na década de 1920, como *Brava Gente* (1921), *Lauréis Insignes* (1924) e alguns artigos de *Suave Austero* (1925) e *Os Bastiões da Nacionalidade* (1922).

Antes de entrarmos nas obras citadas faremos uma breve incursão no livro *Esplendor de Decadência da Sociedade Brasileira* publicado em 1911 para apontar elementos de ruptura e de permanência nos ensaios históricos de Elysio e perceber a mudança dos seus objetivos com a história.

Como podemos observar no livro *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira* de 1911 o tom pessimista que rondava o século XIX aparece já no título. Esta obra embora compartilhe vários elementos com *Lauréis Insignes* de 1924 está ainda muito ligada ao pensamento decadista. A proposta do livro seria traçar uma história da sociabilidade e dos costumes desde os tempos coloniais até o presente.

E se quiséssemos tentar explicar por um confronto entre essa sociedade fluminense de 1850, culta elegante, com a vida carioca de 1910, sem relações com o mundo literário e sem preocupações artísticas, sem a graça e sem a distinção fidalga da gente de antanho, outros motivos não teríamos para justificar a decadência da sociabilidade que não fossem a inferioridade da cultura e uma grosseira noção de vida. Audaciosa e agressiva, brutal e cínica, a democracia é o atropelo das categorias, o desprezo das praxes, o abandono das dignidades, e a ela devemos, principalmente, tudo quanto significa um obstáculo à floração da sociabilidade nos nossos dias <sup>344</sup>.

É preciso lembrar que a obra em questão foi escrita em 1909, muito próxima à *Five O'Clock*, inclusive o autor coloca que “a história da vida fluminense está nas confidências curiosas que se fazem nos *Five o'clock* da Cavé e nas recepções mundanas, nas cartas familiares que de Petrópolis (...)”<sup>345</sup>. Pode-se dizer que nesta forma de compreender a história, a sociabilidade que ele caracteriza como esplendor e decadência

---

<sup>344</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. RJ: Ed. Garnier, 1911, p. 5 e 6.

<sup>345</sup> *Id.*, p.165

está muito ligada ao mundanismo, ao sibaritismo, ao dandismo ou a uma cultura finissecular.

Para o autor o esplendor da sociedade brasileira residia no luxo e na forma de vida das famílias aristocráticas brasileiras principalmente na colônia. A decadência seria o momento presente em que ele vivia, no qual faltariam aquelas características da “sociedade faustosa e distinta, elegante e inteligente, galante e espirituosa” e que “sob a enxurrada da lama democrática, que miseravelmente submerge tanta coisa rara e bela, vai desaparecendo também, pouco a pouco, essa classe restrita da velha nobreza em que se guardavam, de pais para filhos, uma formosa tradição familiar de alta cultura e elegância”<sup>346</sup>. Para o autor a democracia e a nova organização social a partir da República teriam arruinado a nobreza aristocrática brasileira, única portadora e divulgadora da cultura e civilização.

O espectro da decadência que rondava a França depois da derrota militar para a Prússia em 1871 estava atrelado à sensação de fracasso no projeto de civilização, do qual a França era exemplar. O momento da *Belle Époque* francesa, marcada pela “disposição em cultivar o hedonismo em sociedade e pela espetacularização dos excessos”<sup>347</sup>, em que se delineava uma era de progresso e prosperidade material, coincide com a divulgação dessa ideologia da decadência. A glória do progresso era manchada pelo pessimismo que a acompanhava. Aliando essa idéia da decadência às práticas mundanas Elysio pinta o passado colonial brasileiro com muita pompa e luxo, alegando que as condições de vida (da elite) na Pernambuco colonial nada tinham de pior do que a Europa renascentista, e que no relato de muitos seria até melhor do que Portugal<sup>348</sup>.

Nesse sentido o esplendor da sociedade brasileira teria sido a opulência da vida material e cultural da colônia em contraponto à decadência do período em que o autor vivia, a primeira década do século XX. Nesse sentido, a escrita de Elysio é permeada por um sentimento pessimista com relação à sociedade brasileira. Pode-se observar que o aristocratismo e o elitismo, principalmente através da construção de genealogias, são características que se mantém, assim como a Europa enquanto modelo de civilização a ser seguido. Esses elementos serão resgatados mais a frente quando da análise do livro *Lauréis Insignes*.

---

<sup>346</sup> *Ibid.* p. 6 e 7

<sup>347</sup> SALGADO, *op cit.*, p. 35

<sup>348</sup> CARVALHO, 1911, *op cit.*, p. 88

Como exemplo do deslocamento do eixo de preocupações e interesses do autor, já se constatou que em *Suave Austero* o autor critica aqueles diplomatas que se preocupavam muito com as coisas mundanas, os bailes o cortejo das senhoritas enquanto deveriam gastar suas energias com as questões políticas e econômicas do país. Em *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*, escrito mais de dez anos antes da crítica ele afirma “se ela [a diplomacia] é um florescer contínuo da galanteria, um modo de vida sibarita e uma profissão de refinados, não deixa também de ser uma missão política que a mundana ilumina, facilita e completa”<sup>349</sup>. Outra diferença é que as críticas em *Suave Austero* são direcionadas ao corpo diplomático brasileiro enquanto que em *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira* são voltadas principalmente ao corpo diplomático internacional residente no Brasil, no qual se referia aos elogios à galanteria e aos prazeres mundanos. Na diferença entre as duas obras é possível perceber o direcionamento do autor para as preocupações voltadas à política nacional.

O tom de decadência que figura na obra de 1911 proclamando um não-futuro ao país, cuja cultura e civilização estariam em plena decadência, e a preocupação com as coisas mundanas ao invés da história política, econômica e militar desaparece nos ensaios escritos na década de 1920. Nestes a projeção futura toma um horizonte de expectativa otimista, no qual o autor almeja o destino grandioso da nação.

## BRAVA GENTE...

E os combatentes vão tombando e desaparecendo na voragem de fogo e sangue... No furor do despeito, os inimigos se atiram como demônios sobre a bravura indômita dos acometidos. (...) Afinal, penetram nas ruínas os assaltantes, e encontram Pedro de Albuquerque, negro de lama e pólvora, estendido no meio de dezenove cadáveres (...). Não se descreve o espanto dos flamengos. Não esperavam, sem dúvida, vir aprender na América este novo heroísmo, porque semelhante assombro nunca se tinha visto então no mundo <sup>350</sup>.

<sup>349</sup> *Id.*, p. 169

<sup>350</sup> CARVALHO, Elycio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921, p. 15 e 16



O ensaio à que este excerto pertence, intitula-se *A Ressurreição de Leônidas*<sup>351</sup>. Leônidas seria Pedro de Albuquerque<sup>352</sup>, comandante e único sobrevivente da batalha narrada por Elysio de Carvalho numa descrição bem romântica do evento e que transforma Pernambuco numa “Esparta Americana”.

Essa comparação entre personagens da história do Brasil e personagens das epopéias gregas (Íliada e Odisséia) ou aos romances de cavalaria medievais (Amadis de Gaula) são constantes em todos os ensaios e representam a tentativa do autor em construir uma história épica do Brasil. Isto inclusive explica a importância das epígrafes de *Os Lusíadas* que precedem todos os ensaios.

Centrado numa história política, militar e diplomática no sentido tradicional do termo, repleta de efemérides e de atores, Elysio de Carvalho procurou eleger os episódios na história do Brasil que melhor expressariam o patriotismo brasileiro. Para representar essa “brava gente” que seriam os combatentes capazes de vencer todas as adversidades para conquistar a nacionalidade, o autor escolheu algumas personagens e as suas contribuições, em termos de patriotismo, em determinados eventos.

Em *A Fabricação do Imortal*, Regina Abreu dissertou sobre a criação da memória histórica imortalizando determinadas pessoas e mesmo criando heróis. A fabricação da memória pode ser feita através de objetos, da organização de um arquivo<sup>353</sup> e também nas opções de exibição dos museus. O Museu Histórico Nacional, criado em 1922 e sob direção de Gustavo Barroso, contava com uma combinação de dois modelos de história, segundo Regina Abreu, o clássico e o moderno. Os pressupostos de um modelo moderno de história estavam presentes na organização das salas de exposição divididas em: colônia, primeiro e segundo reinados, república, marinha, guerra do Paraguai, entre outros. Segundo a autora

---

<sup>351</sup> Rei de Esparta que comandou o exército grego contra o rei persa Xerxes na Batalha de Termópilas durante as Guerras Médicas. Embora estivessem em menor número, o exército liderado por Leônidas ofereceu dura resistência aos persas antes de serem aniquilados.

<sup>352</sup> Elysio não é o criador dessa comparação, ele o copia do livro *Efemérides* do Barão do Rio Branco, explicando em nota de rodapé no próximo artigo.

<sup>353</sup> Essa questão da construção da memória através da organização de arquivos pode ser feita pela própria pessoa, como no caso de Capanema que construiu uma imagem de si através da organização de seu arquivo ou através de terceiros como no caso de Filinto Müller. Sobre esses estudos ver: FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 59-88, jan./jul. 1998 e HEYMANN, Luciana. “Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 19, 1997.

Nessa organização havia claramente a intenção de fixar períodos a partir de marcos políticos relativos ao estabelecimento do país enquanto nação independente. Entretanto, essa periodização conviveria com o resgate de momentos significativos, o culto à épocas do passado e, principalmente, a nostalgia do Império, frequentemente observada. As épocas históricas seriam evocadas não no sentido de estabelecer a verdade, mas de afirmação de valores (...) <sup>354</sup>.

Podia-se verificar nessas salas uma galeria de personagens escolhidas do ponto de vista político da nação e que reforçava a idéia de uma história mestra da vida, na qual os exemplos do passado revelavam ensinamentos para nortear as ações no presente. Segundo a autora, esta concepção “atualizava-se numa ênfase no chamado ‘papel educativo do Museu Histórico Nacional’”<sup>355</sup>. O Museu auxiliaria o Estado na construção de uma consciência patriótica e a base de uma identidade nacional para seus cidadãos, e para isso utilizaria a narrativa dos episódios mais importantes e os exemplos mais significativos dos principais vultos do passado nacional. É importante lembrar que a história é feita de lembranças e esquecimentos, construções e reconstruções, por isso tanto as personagens quanto os episódios são escolhidos em detrimento de outros. Nesse sentido a memória histórica nacional é forjada a partir dos princípios e escolhas de uma elite dirigente, que buscou através dessas escolhas legitimar determinada forma de Estado e organização social.

Nesse sentido, os mitos de origem e os heróis nacionais são instrumentos poderosos para a construção das identidades nacionais na medida em que servem de imagem e modelo para a nação.

Elyσιο de Carvalho também segue a história mestra da vida quando procurou resgatar personagens que ele considerou heróicas e seus atos como de heroísmo e formadores do nacionalismo brasileiro.

Para o autor, as origens do nosso sentimento nacional encontravam-se no Brasil colônia. No artigo *Sentimento Nacional* que compõe o livro *Os Bastiões da Nacionalidade* o autor explicou que desde o início da colonização começamos a sentir a terra como nossa, nesses “tempos primitivos” sentia-se uma gratidão pela fortuna.

---

<sup>354</sup> ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. RJ: Editora Rocco, 1996, p.181

<sup>355</sup> *Id.*, p. 181

Fomos, porém, apenas gratos. Por uma razão que se encontra no fundo da própria psicologia humana, entretanto, o amor que se funda na gratidão nunca será o tão forte e tão sólido como o amor que nasce com o trabalho, que surge com o sofrimento, que se gera na grandeza e solenidade do sacrifício. Só se preza devidamente aquilo cujo preço pagamos com a espantosa resignação dos esforços heróicos<sup>356</sup>.

E, continuou até o momento em que ele estabeleceu como o início do sentimento nacional:

explica-se, pois, como é do segundo século em diante que o amor da terra se transforma subitamente num verdadeiro sentimento de pátria, e até mais que simples sentimento de pátria, porque se fizera poderoso e intenso impulso criador ao largo nacionalismo que palpitou em seguida em todas as páginas da nossa história. Deste modo, marcamos o período que vai de meados do primeiro século a meados do segundo século como sendo a fase de criação do nosso espírito nacional. Essa é a idade heróica da nossa formação de povo<sup>357</sup>.

O autor cita o episódio de expulsão dos franceses de Guanabara, “nessa obra associou-se o heroísmo do novo português que se fizera na Bahia e em S. Vicente ao valor e a grandeza moral do selvagem que já representava pela primeira vez o seu papel na organização social que se inicia”<sup>358</sup>. Mas, para Elycio de Carvalho o mais importante ainda estava por vir:

o espírito propriamente nacional vai sair de um encontro mais formal e heróico do nosso amor da terra com o intento decisivo de intrusão. É só das guerras holandesas, é que vamos lograr a nossa consciência de povo e um largo surto do nosso instinto nacional – porque é só nesta fase que as

---

<sup>356</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.* p.14

<sup>357</sup> *Id.*, p.14

<sup>358</sup> *Ibid.*, p. 15

lutas para nós tomaram um caráter excepcional e tivemos de travá-las em condições mais extraordinárias ainda”<sup>359</sup>.

Aí reside a gênese do nosso sentimento nacional: a guerra contra os holandeses em Pernambuco. Mas, antes de adentrarmos nessa questão é importante destacar que *Os Bastiões da nacionalidade* se compõe de artigos sobre os mais variados assuntos, e é nesse livro que o escritor alagoano vai discorrer sobre a questão da raça de forma mais explícita, incluindo os indígenas. No entanto, nos seus ensaios históricos ele parte do princípio de que nada existia antes do descobrimento e os indígenas são meros coadjuvantes nas grandes epopéias lideradas pela elite Pernambucana na construção do país. Eles aparecem apenas como números para compor os exércitos liderados pelos nobres brancos. Ou seja, indígenas e negros aparecem apenas nas discussões sobre a formação da raça brasileira, e, salvo Henrique Dias e Felipe Camarão, não aparecem em momento algum no rol das figuras históricas que representam a nação. Esta, para Elysio, é constituída pelos feitos homens de descendência européia, que seria a explicação para um espírito tão cheio de virtudes entre as quais engloba o patriotismo.

Pernambuco é então eleita a “terra do heroísmo” e em alguns artigos também a terra da galanteria. Dos oito ensaios que compõem *Brava Gente* cinco se referem a Pernambuco, além de outros artigos em *Os Bastiões da Nacionalidade* em que o estado também aparece como figura central. Dessa forma, Pernambuco se estabelece como o alicerce do nacionalismo e o berço da civilização brasileira. É importante relembrarmos que Elysio era nordestino e que sofreu forte influência da Escola do Recife, além de utilizar-se das produções do IAGP (Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco) que tinha como missão valorizar a história de seu estado e região.

A origem do sentimento nacional calcada nas lutas contra o domínio holandês não é criação exclusiva de Elysio de Carvalho, que se inspira em Varnhagen para a construção do seu panteão de heróis. O historiador sorocabano é citado em diversos momentos e em diversas obras do escritor alagoano, quer no corpo do texto ou em nota de rodapé (*Brava Gente* é o único livro em que Elysio usa notas de rodapé).

Segundo Nilo Odália, para Varnhagen as guerras de conquista formaram o primeiro momento de afirmação da nação, enquanto que as de reconquista e de expansão ocorreram num momento de

---

<sup>359</sup> *Ibid.*, p. 15

“sedimentação do espírito nacional”. “As lutas contra o invasor holandês são particularmente realçadas por Varnhagen, visto que nelas o sentimento nacional vai aflorar de maneira clara, porque será, principalmente, uma luta de brasileiros, isto é, de colonos”<sup>360</sup>. Ainda segundo o autor, as guerras holandesas adquirem maior importância, pois os colonos revelam de acordo com Varnhagen a “certeza de que podem superar o complexo – se assim podemos chamar – de inferioridade ante os reinóis”<sup>361</sup>.

Embora Elysio, em seus ensaios históricos siga a matriz varnhageniana, a formação do seu panteão de heróis é um pouco distinta. Enquanto que para o Visconde de Porto Seguro, as figuras de Felipe Camarão e Henrique Dias (um índio e um negro) são apontadas como merecedoras de integrar o panteão nacional, Elysio os integra rapidamente neste panteão entre uma lista com vários nomes, mas depois não faz mais nenhuma menção em *Brava Gente* sobre indígenas ou negros.

Segundo Teresa Malatian, o nativismo pernambucano, principalmente através da historiografia construída pelo Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, solidificou um núcleo interpretativo que elegeu André Vidal de Negreiros, mazombo<sup>362</sup>, e João Fernandes Vieira, reinol, como heróis das lutas contra os holandeses, representantes da classe dominante e do branco colonizador<sup>363</sup>.

Em *Os Bastiões da Nacionalidade*, Elysio de Carvalho também faz essa opção de eixo interpretativo, entretanto coloca-se de forma mais favorável a André Vidal de Negreiros. Vieira comanda as tropas e Negreiros a causa. Vieira sucumbe ao invasor, fazendo negócios com ele, enquanto Negreiros mantém a resistência desde o início. Elysio escolheu entre os dois heróis, o brasileiro para protagonizar o verdadeiro sentimento de patriotismo. Nilo Odália aponta essa mesma escolha em Varnhagen, que: “não é uma escolha indiferente; ela ganha um sentido mais profundo, pois, na verdade, a opção é feita em favor de um brasileiro, isto é, de um colono nascido e criado no Brasil, que simboliza em si a própria luta de guerrilha que se estabelece contra os invasores”<sup>364</sup>.

---

<sup>360</sup> ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo. Ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. SP: editora UNESP, 1997, p. 55

<sup>361</sup> *Id.*, p. 56

<sup>362</sup> Palavra com sentido pejorativo indicando filho de pais estrangeiros, sobretudo portugueses, que nasce no Brasil.

<sup>363</sup> MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: FAPESP, 2001, p.48.

<sup>364</sup> ODÁLIA, *op. cit.*, p. 59.

O foco nos bravos feitos dos aristocratas pernambucanos pode ser visto até mesmo na capa do livro *Brava Gente*, cuja figura é um forte encastelado na beira do mar e ao fundo pode-se ver uma praia com palmeiras, imagem que remete à Pernambuco colonial. Ao lado do título um brasão apontaria para as origens nobres dessa “brava gente” (anexo 1).

Nos três primeiros capítulos do livro, o autor elegeu um personagem em um determinado momento da guerra contra os holandeses, apontou os seus atos de heroísmo e afirmou que Pernambuco durante a dominação holandesa teria sido palco de “episódios temerosos, batalhas cruentas, quadros emocionantes de sacrifício e encontros épicos só comparáveis às façanhas olímpicas na Grécia Antiga”<sup>365</sup>.

Elysio de Carvalho cita Pedro de Albuquerque, Luís Barbalho e Francisco Rebello como personagens que figuram nas batalhas em que o sentimento nacional aparece e a bravura dos combatentes seria o maior exemplo de patriotismo. “Tratando-se de Pedro de Albuquerque, o que primeiro abriu a galeria dos que perpetuaram no Brasil a glória militar”<sup>366</sup>. “Era Francisco Rebello, o *Rebellinho*, o mais terrível dos lidadores que afanosamente fulgiram nas árduas pelejas para a glória da pátria”<sup>367</sup>.

A biografia de Luís Barbalho, com seus grandes lances dramáticos e seus episódios dantescos, é quase toda a história da primeira fase da luta contra os holandeses (...). Conta-se que ao anunciar-se a investida dos flamengos contra Pernambuco, tivera uma alegria quase feroz, estimando que a sorte lhe deparasse tão pronto aquele instante de sacrifício, que aceitaria como um prêmio da fortuna<sup>368</sup>.

Sobre Barbalho, Elysio diz que se trata de uma das mais brilhantes personificações do heroísmo brasileiro, “cuja glória vai refulgir entre os nomes de Caxias e de Ozório”<sup>369</sup>, desta forma ele alçou Barbalho ao panteão dos heróis militares já consagrados pela historiografia. Nos três ensaios, Elysio trabalhou com a questão da história militar no sentido tradicional do termo, que tinha como escopo o

---

<sup>365</sup> CARVALHO, 1921, *op. cit.*, p. 11

<sup>366</sup> *Id.*, p. 16

<sup>367</sup> *Ibid.*, p. 87

<sup>368</sup> *Ibid.*, p. 27

<sup>369</sup> *Ibid.*, p. 83

relato de batalhas. Ao longo do século XIX, a historiografia, em diversas de suas vertentes, valorizou a guerra no contexto dos grandes temas da história política: “o Estado, a formação do território, o estabelecimento das fronteiras, as relações entre os Estados”<sup>370</sup>, entre outros. Os acontecimentos militares foram valorizados na medida em que anulavam ou reforçavam características determinantes do Estado, como seu crescimento, apogeu e declínio. O historiador Paulo André Leira Parente destaca dois grandes temas da historiografia que ainda hoje se manifestam nos estudos militares: a *história batalha*, formada através da descrição precisa e de uma análise detalhada dos eventos militares propriamente ditos e cujo modelo é a batalha de Waterloo; e a *história militar*, que “no contexto da História Política como explicação privilegiada e muitas vezes definitiva, o que pode remeter para a própria História Batalha em suas análises finais”<sup>371</sup>.

Elysio buscou nas batalhas contra os holandeses, a fonte do heroísmo e do nacionalismo brasileiro. Em *Os Bastiões da Nacionalidade*, o autor teceu elogios à Genserico de Vasconcellos e afirmou que “nossos fastos militares encontraram, afinal, o seu historiador, porque *História Militar do Brasil* não é um livro de um sabedor ou informador vulgar, senão a obra grave, imparcial e proba, obra de ciência e consciência”<sup>372</sup>. O autor faz referência à obra de Genserico de Vasconcellos como suporte bibliográfico em diversos outros ensaios. José Honório Rodrigues em *Teoria da História do Brasil* critica a historiografia do exército, realizada até então, pela falta do exame das fontes e da bibliografia. Essa crítica é estendida a Vasconcellos:

as histórias militares de Genserico de Vasconcellos e de Aliatar Loreto não correspondem à expectativa, exatamente pela falta de preparo crítico histórico, dos métodos de pesquisa e pelo desconhecimento das fontes e das autoridades. Como sempre, o melhor está na parte técnica, estratégica ou tática, que sabem apreciar e julgar com acerto<sup>373</sup>.

---

<sup>370</sup> PARENTE, Paulo, André Leira. A construção de uma nova história militar. In: *Revista Brasileira de História Militar*, ano I, nº1, dez. 2009. Disponível em: <http://www.historiamilitar.com.br/Artigo1RHBM0.pdf>. Acesso em: 15 out. 2010

<sup>371</sup> *Id.*, p. 5

<sup>372</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.*, p. 336.

<sup>373</sup> RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil. Introdução metodológica*. 4ª ed. SP: Ed. Nacional, 1978, p. 178

Elysio também dedicou algumas páginas em *Os Bastiões da Nacionalidade* sobre a Guerra do Paraguai, do qual comenta o livro *Repúblicas Americanas – Episódios da vida privada, política y social en la Republica del Paraguai* do escritor espanhol Ildelfonso Antonio Bermejo. Elysio toma a premissa de que o Império brasileiro nunca almejou uma expansão imperialista nos territórios vizinhos, que de forma altruísta buscou, como um irmão maior, agir em benefício desses povos vizinhos livrando-os da maldição do caudilhismo. De Solano Lopez, o autor traçou a seguinte imagem:

eis aí o enfermo, o tipo lombrosiano com que o Brasil teve de avir-se, e num momento da sua história em que precisava de paz e serenidade para cuidar, como ia cuidando, de organizar a sua economia interna, e depois da fase anormal que tinham vencido as instituições. Mas Francisco Solano López não é apenas o que as palavras do Dr. Bermejo nos dizem, Ele pertence a essa numerosa e funesta família de criminosos natos que atormentaram as populações espano-americanas no doloroso período da sua formação nacional. e que deixaram as páginas mais negras na história do continente <sup>374</sup>.

O autor fez uso da antropologia criminal para definir López cuja propensão à criminalidade seria inata. “López matava por volúpia de sangue. Torturava indefesos inocentes por gula de espetáculos infames”<sup>375</sup>. A sua análise da Guerra do Paraguai está ligada à historiografia republicana que

consolidou a instauração da narrativa nacional-patriótica através da seleção-organização das apologias do Estado e das classes dominantes imperiais. Essa produção despreocupou-se com as razões e os cenários sociais e nacionais da Guerra, privilegiando a apresentação cronológica do confronto, definido como choque entre a *civilização* [o Império] e a *barbárie* [o Paraguai], promovido pela agressão de Solano López,

---

<sup>374</sup> CARVALHO, 1922, *op. cit.*, p. 389

<sup>375</sup> *Id.*, p. 392



apostrofado de “tirano”, “ditador”, “megalômano”, etc.<sup>376</sup>.

Retornando a *Brava Gente*, os demais ensaios do livro não tratam de batalhas como os três primeiros, mas o objetivo de todos é buscar a gênese da nacionalidade expressa em tempos imemoriais.

É perceptível a presença da história clássica voltada para a história *magistra vitae*, que tem uma formulação ética e pedagógica de Cícero, pois através de episódios históricos o autor buscou um resgate dos valores que foram demonstrados pelos personagens partícipes naquele episódio enquanto exemplos do nacionalismo a ser seguido. Valores como o heroísmo, a honra, a lealdade, a fidelidade narrados como provenientes de uma matriz medieval ou antiga.

A respeito da honra Lucien Febvre em *Honra e Pátria*, que é um livro composto por um conjunto de anotações de aulas proferidas do College de France, afirmou que a honra é uma palavra muito antiga, derivada do latim, uma palavra medieval que teve grande papel durante a Idade Média, traduzindo com força os sentimentos dos homens medievais durante anos<sup>377</sup>. O autor colocou pelo ponto de vista de um moralista dois tipos de honra: a exterior e a interior. Na exterior, a honra é a consideração que vem da sociedade na qual estamos integrados, sendo este um sentimento ligado à sociedade monárquica, uma vez que sua natureza é reclamar preferências e distinções, enquanto as “sociedades monárquicas são, por definição, sociedades de preferência, de distinção, de desigualdade e de privilégios”<sup>378</sup>.

A honra interior seria o “sentimento interior que se desenvolve em nós com muita força, a ponto de impor as mais duras renúncias, os mais heróicos sacrifícios, não somente de interesse material, mas de interesse pessoal: sacrifícios gratuitamente oferecidos a um ideal mais forte a que chamamos de honra”<sup>379</sup>. Essa honra interior supõe a pertinência a uma categoria de privilegiados, da elite, e dita um imperativo herdado, imperativo que pertence a um grupo (castidade no caso das virgens, fidelidade no casamento, família, deve-se honrar aos pais, a esposa, o marido, etc...), nesse sentido cria-se um código de honra. Entre perder a vida (lavar a honra com sangue) e ganhar pela

---

<sup>376</sup> MAESTRI, Mário. A Guerra contra o Paraguai. História e Historiografia: da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]. In: *Estudios Históricas*, nº2, agosto 2009. Disponível em: [http://www.estudioshistoricos.org/edicion\\_2/mario\\_maestri.pdf](http://www.estudioshistoricos.org/edicion_2/mario_maestri.pdf). Acesso em: 15 out. 2010

<sup>377</sup> FEBVRE, Lucien. *Honra e Pátria*. Trad: Eliana Aguiar. RJ: Civilização Brasileira, 1998, p.56

<sup>378</sup> *Id.*, p. 60

<sup>379</sup> *Id.*, p. 61

estima de seus pares a honra engaja o homem na ação, para ir além do seu dever.

A situação, como diz um dos nossos historiadores, não era só angustiosa, mas também de indignação contra a covardia e a perfídia com que Bagnuolo desonrava a causa sagrada, e o que inspira aqueles heróis traídos e os leva à temeridade de resistir é antes a vergonha, o pudor do ofício, o propósito de capitular com honra ante um inimigo espantado de tanta miséria moral<sup>380</sup>.

Esses sentimentos citados anteriormente aparecem ao longo de todo livro, nos capítulos mais descritivos sobre batalhas, mas também em outros, nos quais o escritor alagoano elegeu um episódio da história (quase todos do período colonial, apenas um do império) em que as personagens esboçam algum sentimento digno de exemplo a ser seguido. Em *Luta de Centauros* o autor narra o “famoso duelo entre Bento Gonçalves e Onofre Pires”, que “na grande epopéia gaúcha de 1835-1845 (...) na pura nitidez das linhas trágicas, lembra um baixo relevo romano de batalha”<sup>381</sup>. “Aquelas duas almas, trêmulas da tormenta interior que as abala, medem-se como abutres, desafiando-se de morte. Acima de tudo, está para eles, a honra, e *ambos sabiam que é com a espada que se varrem insultos e ultrajes*”<sup>382</sup>.

A Revolução Farroupilha neste artigo é vista não como um movimento separatista, mas como um movimento em defesa da integridade da pátria. Nesse sentido Elysio de Carvalho posicionou-se alinhado com a historiografia gaúcha da década de 1920, principalmente do recém-criado Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. As elites gaúchas por ocasião das comemorações do Centenário de Independência construíram um discurso identitário que as ligava ao resto do país por laços comuns, das raízes lusitanas e como republicanos. Para que isso fosse possível buscaram apagar a memória separatista do movimento construindo outra que apontava o movimento como uma luta “sem descanso contra as más políticas administrativas vivenciadas no período”<sup>383</sup>.

---

<sup>380</sup> CARVALHO, 1921, *op. cit.*, p. 107

<sup>381</sup> *Id.*, p. 279

<sup>382</sup> *Ibid.*, p. 289, [o grifo é nosso]

<sup>383</sup> MENEZES, Gerson Galo Ledezma. Rio Grande do Sul na comemoração do Primeiro Centenário da Independência, 1922: entre o corpo da região e o corpo da nação. In: *Projeto*

Em *Um motim entre bandeirantes*, Elysio narra a contenda entre Manuel de Borba Gato, famoso bandeirante paulista, e Rodrigues Castello Branco, Administrador Geral de Minas, que acaba com a morte do segundo pelos homens de Borba Gato. Novamente o autor invoca a honra e o patriotismo dos personagens em um episódio que lembra também um duelo medieval. Sobre Borba Gato apontou para a sua função de nacionalista, que seria a de expandir as fronteiras e a de integrar o país:

que importava houvesse a injusta sorte despedaçado com crueldade a vida do lutador, que rastrear por caminhos ásperos e ignotos o itinerário enigmático de Sabarabussú, dilatando espontaneamente as perspectivas da pátria, se a rude epopéia continuaria triunfalmente até alcançar a nova Golconda, berço de um mundo de maravilhas mais deslumbrantes ainda? Mas o herói, soberba expressão da raça paulista triunfara após tantos sacrifícios e tantas privações. O instinto de aventura, reacende, resplende, irrompe outra vez como força criadora, com todo o brilho e galhardia, aureolado pelo mesmo sonho infundável e integrado na sua preponderante fundação nacionalista<sup>384</sup>.

É importante ressaltar que Elysio escolhe momentos consagrados pela historiografia, como a guerra contra holandeses, enquanto a gênese do sentimento nacional; os bandeirantes, como responsáveis pelo alargamento de fronteiras e da unidade nacional; e a Guerra dos Farrapos, momento de forte demonstração da nacionalidade brasileira.

Outros três artigos destoam um pouco da linha mestra que rege o livro. Em *O Marquês e a Bella sem dote* e *A evasão da águia e os leões do norte* o autor tratou de supostas lendas<sup>385</sup> e procurou, através de

---

*História*, São Paulo, n. 36, jun 2008, p.267. In: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2359/1435>, acesso em 14/11/2010.

<sup>384</sup> CARVALHO, 1921, *op. cit.*, p. 152

<sup>385</sup> A primeira trata de um livro anônimo de 1756 intitulado *Histoire de Nicolás I, Roy Du Paraguai, et empereur des Mamelus* do qual, depois de uma extensa comparação bibliográfica Elysio chega a conclusão de que fora obra do Marquês de Pombal, que o imprimiu no estrangeiro para difamar a capitania de São Paulo, que havia caído no desagrado dos dirigentes lusitanos. No segundo artigo o autor procura dar status de veracidade ao suposto plano de resgate de Napoleão, preso na ilha de Santa Helena, por parte de pessoas envolvidas na Revolução Pernambucana de 1817.

uma discussão bibliográfica, dar-lhes significado ou *status* de verdade. No terceiro artigo, *Suave Milagre*, o autor fugiu bastante da temática do restante do livro e contou uma história que mais parece um conto de amor medieval sob a luz do romantismo novecentista.

Elysio de Carvalho narrou a história de Dom Paulo de Moura, moço de grande sangue criado na pitoresca e “branca” Olinda. Elysio construiu a imagem do herói magnânimo, inteligente, com os melhores professores, amado pelos pais, que sempre teve o melhor na vida, “só andava com moços de boa geração como ele” e tornou-se noivo de uma das “mais virtuosas donzelas de sua terra”. Do casamento cheio de pompa e luxo, participaram todas as famílias da aristocracia, Albuquerque, Cavalcanti e Mouras, incluindo Jerônimo de Albuquerque já doente e Felipe Cavalcanti. A noiva tinha “cabelos de ouro e olhos translúcidos”. Ele descreve tudo com muita suntuosidade. Até que dois anos depois do casamento ela morre e o marido decide virar frei, Frei Paulo de Santa Catarina. Até o fim da narrativa, ele descreve a vida do frei que abriu mão de tudo para se dedicar à religiosidade. Uma descrição bem romântica da situação, daquele sacrifício necessário e de coração, do homem que se entrega. “O amor produziu o inebriante milagre de uma beatitude sorridente e deixou um luminoso rastro na terra”,<sup>386</sup>.

Apesar de aparente deslocamento do capítulo no livro, pode-se observar a tentativa de ressaltar o caráter nobre das famílias aristocráticas pernambucanas, que a seu ver, são as verdadeiras representantes do brasileiro. O autor citou diversos sobrenomes buscando dar respaldo à nobiliarquia nordestina.

## LAURÉIS INSIGNES

*Lauréis Insignes* trata da questão da identidade brasileira voltada principalmente para a sua ascendência européia e, acima de tudo, portuguesa, reafirmando a sua nobreza de espírito. Para isso, lança mão dos estudos genealógicos com os quais preenche páginas e mais páginas a fim de resgatar um antepassado europeu e glorioso. Quase todos os seus personagens descendem de reis, rainhas ou grandes figuras da renascença. Apesar de estar mais presente em *Lauréis Insignes*, Elysio lançou mão dessa estratégia tanto em *Brava Gente* como em *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*.

---

<sup>386</sup> *Id.*, p. 134

O nobiliário da nossa fidalguia, que se contem quase inteiro nas *Nobiliarquias* de Borges da Fonseca e de Pedro Taques, ostenta os mesmos brasões d'armas desses varões assinalados pela bravura e pela honra, que foram os Meneses, os Sás, os Coelhos, e outros, muitos outros. É assim, fundado na história e na tradição, que, perante a inconsciência afrontosa, se rebate os caluniadores da pátria, apontada como obra de degredados e fruto ignomioso<sup>387</sup>.

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro era composta por três partes sendo uma delas dedicada à biografia de brasileiros. “Essas pequenas biografias constituíam uma forma bem específica de se fazer história, uma história pautada em nomes e personagens, e que se concentrava na elaboração de nobiliarquias e genealogias para as elites agrárias sedentas de títulos que as aproximassem das antigas aristocracias européias”<sup>388</sup>. Requisitada também durante a época colonial, a genealogia era um saber crucial, “pois classificava ou desclassificava o indivíduo e sua parentela aos olhos dos seus iguais e dos seus desiguais, reproduzindo assim os sistemas de dominação”<sup>389</sup>.

Durante o período medieval e moderno em Portugal, a nobreza era uma dignidade à qual correspondiam privilégios. A mudança de classificação na taxionomia no final da Idade Média acentuou e espelha a difusão do ideário cavaleiresco e acentua a dimensão de hereditariedade do título.

Como em muitas outras paragens, a nobreza corresponderá cada vez menos a uma função, para passar a ser cada vez mais uma «qualidade». E, no entanto, o ideal nobiliárquico (apesar de se conceder às letras direitos indiscutíveis, mais tarde alargados a outros âmbitos) mantém-se sempre prisioneiro desse referencial originário e fundador, em larga medida associado a funções militares. (...) A utilização, quase universal pelas elites portuguesas, das insígnias da cavalaria das ordens militares, que se estendia à própria realeza, traduz

<sup>387</sup> CARVALHO, 1924, *op. cit.*, 1924, p. 58

<sup>388</sup> SCHWARCZ, *op. cit.*, p. 110

<sup>389</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. *O nome e o sangue: uma parábola genealógica no Pernambuco colonial*. SP: Companhia das letras, 2009, p. 11.

de forma exemplar o peso dessa matriz cavaleiresca, evidente ainda no início do século XIX. Até ao fim, a sociedade das elites representava-se como um mundo de cavaleiros<sup>390</sup>.

Nuno Gonçalo Monteiro aponta a procura por distinções da monarquia no resto do império colonial. Essa busca também está presente no estudo de Evaldo Cabral de Mello em *O nome e o sangue: uma parábola genealógica no Pernambuco colonial*, no qual procurou desmontar o mecanismo de uma fraude genealógica em que consistia o processo da habilitação de Felipe Pais Barreto em cavaleiro da Ordem de Cristo.

A persistência de valores aristocráticos entre os proprietários rurais, que detinham privilégios jurídicos e políticos junto ao poder local aparece desde os tempos coloniais. A nobiliarquia e os valores a ela atribuídos permanecem durante a Primeira República junto aos proprietários rurais, especialmente em Pernambuco, atuando como mecanismo de distinção para justificar privilégios e exclusões.

Segundo a historiadora Teresa Malatian, o pernambucano Oliveira Lima (1867-1928), diplomata e historiador, procurou em suas *Memórias* (1937) reconstruir a sua ancestralidade e a de sua esposa a partir do conceito de hereditariedade, que transmite aos descendentes honras da linhagem. Na construção de sua história vinculando-a ao engenho (símbolo da aristocracia pernambucana), Oliveira Lima buscava demonstrar sua hereditariedade aristocrática e também justificar a pecha de pouco afeiçoado ao Brasil que corria nos meios diplomáticos e da política<sup>391</sup>.

A justificativa para esta postura está

no quadro de decadência sociopolítica e econômica geral da oligarquia açucareira cristalizara-se, não obstante, a defesa dos valores da sociedade de corte, apanágio de concepções políticas conservadoras, cujas práticas alicerçavam o sistema republicano federativo na figura do coronel<sup>392</sup>.

---

<sup>390</sup> MONTEIRO, Nuno Gonçalo. O 'Ethos' Nobiliárquico no final do Antigo Regime: poder simbólico, império e imaginário social. *Almanack Braziliense*, São Paulo, n. 2, nov. 2005. Disponível em <[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-81392005000200001&lng=es&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-81392005000200001&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em 16 nov. 2010

<sup>391</sup> MALATIAN, *op. cit.*, p.48.

<sup>392</sup> *Id.*, p. 49

Oliveira Lima em alguns trechos de suas *Memórias* desenha uma versão romantizada e idealizada da vida senhorial no engenho que marcou indelevelmente a visão de mundo da classe dominante pernambucana no período. Essa mesma visão se apresenta nos escritos de Elysio, que muitas vezes cita Olivera Lima como fonte bibliográfica, principalmente em *Esplendor e Decadência da Civilização Brasileira* cuja descrição da vida aristocrática colonial compõe um quadro de luxo e opulência próximo ao exagero. Como já foi abordada anteriormente, essa visão da vida colonial nesta obra de Elysio de Carvalho pode ser explicada em parte, por uma visão idealizada da vida senhorial e em parte, pela adesão à estética decadentista vinculada ao mundanismo.

Na invenção da nobreza da terra, descendentes dos colonos que se destacaram nas lutas contra os holandeses, “constitui um dos traços mais marcantes e persistentes da historiografia pernambucana, a qual lançou mão de variados recursos para justificá-la, das crônicas do século XVII à literatura de viajantes e ao exercício da nobiliarquia”<sup>393</sup>. Aos méritos da guerra contra os holandeses acrescentava-se o critério do sangue, qualidade inata<sup>394</sup>.

Esse discurso estava presente principalmente na historiografia do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, o IAGP, fundado em 1862 sendo o segundo Instituto histórico do Brasil e o primeiro do Nordeste. É notável a preocupação com a história regional no instituto, visto que quase a totalidade dos trabalhos e atividades empreendidos pelo estabelecimento ocupava-se da história local. O Instituto respondia às aspirações políticas e culturais da elite pernambucana que procurava manter sua hegemonia ao menos na região nordestina, visto que desde o início do século XIX passava por um período de decadência econômica motivada pela concorrência internacional e a subsequente queda nos preços de seus produtos de exportação, situação que se sedimenta a partir de 1870<sup>395</sup>.

Nessa historiografia produzida principalmente pelo IAGP busca-se uma afirmação do caráter aristocrático da colonização realizada por Duarte Coelho. *Nobiliarquia Pernambucana* escrita por Borges da Fonseca no século XVII foi utilizada em larga escala nos séculos XVIII e XIX para legitimar a criação da nobreza da terra e de forma contrária para diagnosticar problemas na linhagem, envolvendo bastardia ou

---

<sup>393</sup> *Ibid.*, p. 313

<sup>394</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. *A fronda dos mazombos: nobres contra mascates, Pernambuco, 1666-1715*. SP: Ed. 34, 2003, p. 159

<sup>395</sup> SCHWARCZ, *op. cit.*, p. 118.

impureza de sangue pela ascendência judaica<sup>396</sup>. Elysio usou e abusou de duas obras cruciais, a obra de Borges da Fonseca como também a *Nobiliarquia Paulistana* de Pedro Taques escrita no século XVIII, para reconstruir a nobiliarquia paulista e pernambucana.

A partir da obra de Borges da Fonseca, os Cavalcanti “arrogaram-se título de nobreza de extração forânea e os Albuquerque consolidaram suas pretensões pelo vínculo com o personagem-símbolo Jerônimo de Albuquerque”<sup>397</sup>. Segundo Evaldo Cabral de Mello, Jerônimo foi o herói mítico e a referência final de toda a genealogia pernambucana. “Invocar a ascendência de Jerônimo de Albuquerque não era, aliás, invocar apenas nobreza e sangue puro, era também alegar um direito eminente de poder e prestígio na capitania”<sup>398</sup>. Elysio adere a esse mito do “Adão pernambucano”<sup>399</sup> tão valorizado na historiografia, inclusive explorando a união entre Jerônimo e a índia Arco-verde: “Jerônimo e a índia continuaram a viver juntos, e dessa união provem a primeira descendência da mais notável família que aparece na história do Brasil”<sup>400</sup>.

Matias de Albuquerque figura no panteão de heróis montado tanto por Elysio quanto por Oliveira Lima, em compensação o tronco dos Cavalcanti, cujo iniciador seria Felipe Cavalcanti, despojado de glória em Oliveira Lima encontra em Elysio de Carvalho um lugar entre as mais nobres famílias florentinas que formaram a nobreza brasileira.

O primeiro dos artigos que compõe *Lauréis Insignes*, intitulado *Origens da Família Brasileira*, abre o livro refutando a tese de que o Brasil foi colonizado por criminosos condenados ao degredo, embora aponte casos de regeneração pelo degredo no Brasil e o fato de Roma ter sido “povoada por salteadores, e nem por isso se julgaram os romanos diminuídos no esplendor de sua aristocracia”<sup>401</sup>. Para o autor os primeiros colonizadores foram os donatários das capitanias que trouxeram condenados a degredo.

Convém lembrar desde já que os chefes das expedições eram todos da melhor nobreza e pessoas muito principais, antigos embaixadores, viso-reis e capitães-móres. Não houve um senhor de capitania que não fosse figura prol na

<sup>396</sup> Sobre este assunto ver MELLO, 2009, *op. cit.*

<sup>397</sup> MALATIAN, *op. cit.*, p. 315.

<sup>398</sup> MELLO, 2009, *op. cit.*, p. 217.

<sup>399</sup> MALATIAN, *op. cit.*, p. 320

<sup>400</sup> CARVALHO, 1924, *op. cit.*, p. 210.

<sup>401</sup> *Id.*, p. 10



metrópole (...). Os homens a que se doavam na América verdadeiros reinos não podiam ser nem foram senão das primeiras classes da população portuguesa<sup>402</sup>.

Segundo o autor, a pena do degredo incluía “culpas” que deixaram de figurar nos códigos e que portanto “não desonrariam ninguém”. “É por isso que se viam aqui, como degredados, aristocratas e gentishomens (...). Quanto aos galés desterrados para a América, eram quase todos de índole excepcionalmente dócil que o maior número deles sem esforço se regeneravam e se faziam homens honrados e prestadios”<sup>403</sup>. Ainda assim acrescenta que a maioria dos capitães só alistou pessoas “dignas, capazes e de bom sangue” para trazer a sua capitania e cita o exemplo da capitania de São Vicente e de Pernambuco (Elysio de Carvalho dá como exemplo as únicas capitanias que foram bem sucedidas) e elenca uma série de sobrenomes conhecidos cuja linhagem viria daqueles tempos. O autor posiciona-se em consonância com a historiografia pernambucana que habilita Duarte Coelho como ponto de partida da epopéia pernambucana por ter trazido os fidalgos do reino<sup>404</sup>.

Dessa incessante busca por raízes européias pode-se filtrar um posicionamento frente ao debate da possibilidade da civilização nos trópicos. Tanto em *Lauréis Insignes* quanto em *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira* o autor apontou para o fator civilizatório que os europeus trouxeram ao Brasil, mas não qualquer europeu, Elysio reconstruiu episódios da história a partir da aristocracia, da elite. A origem desse modelo civilizatório seria latino, tanto que os sobrenomes indicados pelo autor são de origem espanhola, portuguesa e italiana. “Cumpre-nos ainda citar o fato de terem vindo para o Brasil, nos primórdios da sua história, fidalgos florentinos, como os Cavalcantis, os Accioly e os Lins”<sup>405</sup>.

O autor deu grande ênfase à ascendência italiana fazendo referência à época do renascimento. Isso acontece com grande exagero em *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira* no qual realizou uma incursão na genealogia dos Cavalcanti seguindo o tronco iniciado

---

<sup>402</sup> *Ibid.*, p. 11

<sup>403</sup> *Ibid.*, p. 12

<sup>404</sup> MALATIAN, *op cit.*, p. 317

<sup>405</sup> CARVALHO, 1924, *op cit.*, p. 15

no Brasil por Felipe Cavalcanti e retornando a Guido Cavalcanti “considerado um dos precursores da renascença italiana”<sup>406</sup>.

Essa insistência na herança renascentista italiana pode ser entendida no que Braudel chama de *modelo italiano*. “De 1450 a 1650, durante dois séculos particularmente movimentados, a Itália de cores variadas, todas deslumbrantes, irradiou-se para além de seus próprios limites, sua luz derramando-se através do mundo”<sup>407</sup>. Em seu livro, o historiador francês procurou realizar repetidos recortes temporais dentro desses duzentos anos e colocou que “esses mapas sucessivos da Itália exterior, confrontados, esboçarão uma história da Itália fora da Itália, num espaço muito mais vasto que a península. A grandeza da Itália foi uma dimensão do mundo”<sup>408</sup>. Elysio de Carvalho adota esse modelo de grandeza italiana como parte de nossa herança latina.

Com relação à existência de uma civilização nos trópicos de origem latina, o autor faz uma ressalva a Maurício de Nassau. Em *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira* Nassau é colocado como um grande príncipe a quem “devem a civilização e a cultura brasileira homenagens que nunca foram tributadas em sua preclara memória”<sup>409</sup>, pois de fato trouxera a civilização para o Brasil com seus artistas europeus. Nesse livro, o autor constrói a imagem de Nassau como sibarita e mundano, “quase que, involuntariamente, se evoca o esplendor majestoso de Versailles e se reconhece em Nassau em êmulo do Rei Sol... perdido no meio da barbaria de uma civilização que mal despontava...”<sup>410</sup>. Essa visão muda em *Brava Gente* no qual Nassau faz parte do corpo de invasores e, portanto, inimigos da nação. Entretanto, ainda faz breves menções à “cortesia do príncipe flamengo”, colocando-o como um honrado inimigo. “No meio dos combatentes, tal como um paladino medieval, pompeava a figura garbosa do grande Nassau, ereto sobre alteroso cavalo”<sup>411</sup>.

Sempre utilizando como suporte bibliográfico a obra de Oliveira Lima em ambos os livros, no primeiro, Elysio aponta Nassau como um dos grandes responsáveis pela civilização, especialmente no nordeste. No segundo, ele trabalha com a visão de Nassau como inimigo externo, mas que teve sua contribuição para o estabelecimento da

---

<sup>406</sup> CARVALHO, 1911, *op cit*, p. 44

<sup>407</sup> BRAUDEL, Fernand. *O modelo italiano*. Trad.: Franklin de Mattos. SP: Cia das Letras, 2007, p. 17

<sup>408</sup> *Id.*, p.27

<sup>409</sup> CARVALHO, 1911, *op cit*, p. 76

<sup>410</sup> *Id.*, p. 86

<sup>411</sup> CARVALHO, 1921, *op. cit.* p. 48

civilização nos moldes europeus no Brasil. Segundo Teresa Malatian, a interpretação que Oliveira Lima fez de Maurício de Nassau insere-se na chamada “nostalgia nassoviana”<sup>412</sup>, mas que embora tributário do nativismo pernambucano “não transgrediu os cânones da historiografia nacionalista e procurou conciliar a exaltação do período nassoviano com a adesão à unidade nacional”<sup>413</sup>.

Dentro da herança latina como modelo de civilização, Portugal ocupou um lugar central. A idéia de uma nação branca e européia aparece também em Varnhagen, quando a história da colônia é também uma “constatação da superioridade de uma cultura, de uma civilização, de um modo de vida e de pensamento, sobre outras formas primitivas que acabam por ser interpretadas como um estado de barbárie”<sup>414</sup>. Diferentemente de Varnhagen, Elysio de Carvalho não faz alusão ao conflito que opõe brancos e índios ou negros, mas também parte da premissa de que o português que trouxe o elemento civilizador para o Brasil, constituindo uma nação branca e aristocrata.

A carta-prefácio que Carlos Malheiro Dias escreveu para *Brava Gente* pode nos indicar o caminho para a compreensão do diálogo entre Elysio de Carvalho e alguns autores portugueses. Apresentando o autor como um “intérprete clarividente da História, reabilitador da Tradição e embelezador do Patriotismo”<sup>415</sup> e, acrescentou que:

Estes pensamentos, que reproduzo... acordaram da letargia em que os guardava a minha memória ao sentir palpitar nas páginas do seu livro essa vida retrospectiva em que a pátria se dilata pelo culto do passado e se engrandece pela reincorporação de todas as suas partículas de energia ideal e de heroísmo. Quase simultaneamente com esta sua obra vazada nos moldes biográficos de Plutarco, um pensador escreve num livro magnífico – comparável a um capitel de acantos gregos que vem coroar uma das sólidas colunas do templo das letras brasileiras, - estas palavras que podiam servir de epígrafe à *Brava Gente*: “*Todo o senso estético, moral e político de uma época não é aquele que se deseja. É o que nos vem do sangue dos povos que confluem em nós e de toda a luta*”

---

<sup>412</sup> MALATIAN, *op. cit.*, p. 327

<sup>413</sup> *Id.*, p. 330

<sup>414</sup> ODÁLIA, *op. cit.*, p. 45

<sup>415</sup> CARVALHO, 1921, *op. cit.*, p. 7

*que caracterizou a marcha do espírito humano no grande espaço percorrido”*<sup>416</sup>.

O tal pensador citado por Carlos Malheiro Dias, não é ninguém menos que Graça Aranha, autor que também se engaja em uma aliança luso-brasileira e valoriza o passado colonial, no livro recém-lançado *Estética da Vida*. Em primeiro lugar, é importante relembrar que Carlos Malheiro Dias é considerado o porta-voz da elite portuguesa no Brasil entre os anos de 1910 a 1920, no que diz respeito a um discurso voltado para a unidade da colônia portuguesa e sobre a valorização da presença portuguesa no Brasil.

Segundo análise de Marie-Jo Ferreira:

a visão da colonização portuguesa no Brasil, divulgada por Carlos Malheiro Dias, pode ser resumida em três pontos:

1- Os portugueses improvisaram uma civilização nos trópicos, dominando não só a selvageria dos índios, mas também a natureza tropical. Os portugueses levaram soldados, agricultores, sementes, animais domésticos ao Brasil, trazendo assim os símbolos da civilização para domesticar a terra.

2- Portugal levou o sangue, a língua e a religião ao Brasil, dominado pela barbárie.

3- A dominação da terra e o estabelecimento da civilização no Brasil provam a capacidade colonizadora de Portugal.

Para Carlos Malheiro Dias, a colonização portuguesa permitiu o estabelecimento de uma fraternidade luso-brasileira, baseada na história, na língua e na fé religiosa. Para justificar esse discurso e desenvolver essa política de relações fraternais luso-brasileiras, a elite portuguesa no Brasil promove a aproximação intelectual e cultural entre Portugal e Brasil<sup>417</sup>.

O tema do descobrimento em si não é o foco das obras do escritor alagoano, no entanto, o autor toma algumas premissas contidas

<sup>416</sup> *Id.*, p. VIII [grifo do texto original]

<sup>417</sup> FERREIRA, Marie-Jo. *Os Portugueses do Brasil, atores das relações luso-brasileiras, fim do século XIX - início do século XX*. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/arquivo/anexo/portugueses.pdf>, acesso em 01/07/2009.

nos escritos de Carlos Malheiro Dias e os incorpora ao seu pensamento. Da mesma forma, que para formar o seu ideal de nação o escritor bebeu em diversas fontes, o mesmo se dará nos seus ensaios históricos.

A questão da capacidade colonizadora de Portugal e, portanto do seu potencial civilizador entra com toda força em *Lauréis Insignes*. No capítulo *Jornada dos Vassallos*, Elysio narra a história da ajuda enviada por Portugal ao Brasil na época da luta contra os holandeses.

Sem dúvida, verificareis como Portugal, em dias angustiosos da sua história, acudiu ao apelo desesperado do mundo novo, que o seu gênio descobrira, que o seu sangue povoara, que o seu esforço edificara, que enriquecera com os cabedais da sua cultura e da sua crença e embalara com a música suave da sua língua. (...) e, portanto, aprender como Portugal, decaído e humilhado sob o jugo dos Felipes, correu célere, cheio de entusiasmo e sem temor, a salvar a honra, a vida e o patrimônio da prole brasileira<sup>418</sup>.

O escritor alagoano apontou para o empenho em que governadores, fidalgos, ricos negociantes e até plebeus competiram para ver quem daria mais provas de amor à pátria. Acrescentou que “nada mais era necessário para mostrar à Europa que o espírito lusitano, em quarenta e cinco anos daquele eclipse da soberania nacional, estava ainda bem vivo e palpitante o sentimento da pátria estremecida”<sup>419</sup>.

O escritor caiu em contradição neste aspecto, se em *Lauréis Insignes* dedicou um capítulo razoavelmente longo à questão de Portugal enquanto potência civilizadora e colonizadora e nessa questão colocou como exemplo a ajuda que a ex-metropóle mobilizou com muito esforço para ajudar o Brasil contra a invasão holandesa. No entanto em *Brava Gente* faz questão de mostrar como os brasileiros venceram os holandeses por conta própria, sem qualquer ajuda de Portugal e abandonados pela Espanha. Esse tipo de contradição aparece de forma freqüente em seus escritos quando buscando ressaltar a importância do assunto escolhido no capítulo, o autor passa por cima de outras afirmativas que tenha feito em sentido oposto.

Dessa forma, o sentimento de heroísmo, honra, lealdade, fidelidade e a comparação com heróis antigos e dos romances de

<sup>418</sup> CARVALHO, Elysio de. *Suave austero*, 1925, op. cit., p. 21

<sup>419</sup> CARVALHO, 1924, op cit, p. 36

cavalaria medieval aparecem também para apontar uma continuidade entre a história portuguesa e a brasileira, afinal, o autor parte do pressuposto de que antes do descobrimento não havia nada e de que a gênese do povo brasileiro encontrava-se naqueles primeiros colonos europeus. Assim sendo, a “pré-história” brasileira seria a história de Portugal até o século XVI, por isso a importância de afirmar Portugal como uma grande nação civilizadora e colonizadora. Como pode ser observado, os ensaios históricos diferem de *Os Bastiões da Nacionalidade* no sentido de que não leva em conta o fator da miscigenação (calcado nas três raças), partindo de uma visão aristocrata, branca e de origem européia. A fraternidade luso-brasileira baseada na história, na língua e na fé religiosa desfraldada por Carlos Malheiro Dias também é adotada por Elysio de Carvalho. Uma vez que todo o resgate histórico feito pelo autor tem implicações futuras, o propósito de *Lauréis Insignes* é tratar da identidade brasileira e também de justificar a campanha de aproximação com Portugal e a imagem de berço de criadores e descobridores de nações, promovida pelo governo português, como visto no capítulo anterior.

A historiografia praticada pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro “tentava corresponder à expectativa da configuração da Nação, pela escrita de uma história que criasse referenciais de sustentação à continuidade européia”<sup>420</sup>.

Tanto que as duas últimas partes do capítulo não tratam mais de história e sim do presente vivido por Elysio de Carvalho, quando o autor apontou que quase dois séculos depois da Jornada dos Vassalos “a alma portuguesa surge num fulgor de magia, esplende em ritmos de epopéia floresce alegoricamente na claridade do azul incomensurável e sobre o mistério ondulante das águas, (...) para anunciar-nos e exprimir-nos, na paixão abraçada pela glória, o seu carinho pelo filho dileto”<sup>421</sup>. O autor mencionou sobre o primeiro vôo Lisboa- Rio de Janeiro realizado pelos portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral por ocasião do Centenário de Independência em 1922.

E o que particularmente comove o coração das duas pátrias que representam o gênio luso (uma, lá, fiel aos velhos deuses e a outra, aqui, transfigurada sob o céu da América), é a demonstração, que a travessia do oceano lendário deixou evidente, de que o português, na sua

<sup>420</sup> RAMOS. In: SERPA & PAULO (Orgs.), *op. cit.*.p. 386

<sup>421</sup> CARVALHO, 1924, *op.cit.*, p. 73

aparente exaustão do antigo vigor moral, conserva ainda valiosa provisão daquele incomparável heroísmo que domou oceanos e ventos rugidores. Incontestavelmente, essa reserva de força e de coragem, guardada através de quatro séculos, prova que a raça portuguesa está ainda muito longe de perecer. Portugal está tão sadio, tão vivo, tão forte como outrora<sup>422</sup>.

E termina o capítulo com “amemos Portugal”, fazendo referência a *Carta aos estudantes portugueses* publicada por Carlos Malheiro Dias na *América Brasileira* e mostrando forte vínculo entre os dois países que juntos “duplicariam a força criadora, cresciam em beleza nas relações com o universo, se tornariam invencíveis e imortais”<sup>423</sup>.

O resgate do passado português contém muito das teorias raciais adotadas por Elysio, quando o autor afirmou que o gene branco prevaleceria. A presença do gene branco está diretamente ligada à hereditariedade das características psicológicas da raça, “reconhecem hoje todos os homens da ciência que é fonte de riqueza psicológica inexaurível a acumulação da hereditariedade, e esse fenômeno em Pombal é eloqüente, e acentua-se e define-se, sem dúvida, pela linha materna”<sup>424</sup>. Nesse sentido, os estudos genealógicos e nobiliárquicos entram com vigor para legitimar determinados indivíduos.

Em um capítulo dedicado ao Marquês de Pombal, Elysio busca desfazer a lenda do abade negro que, segundo o autor, teria sido criada por Camillo Castelo Branco a fim de “desnobrece-lhe a ascendência paterna” e conta a história de um antepassado negro de Pombal. Interessante destacar que o autor enfatizou uma diferença entre os negros do Brasil e d’ África: “No Brasil, vai grande júbilo por descender da preta, o Marquês de Pombal” e coloca que Joaquim Manoel Macedo escreve em sua *História do Brasil* que Pombal descendia de uma brasileira, “porém, quem asseverou ao historiador Macedo que a escrava do padre Sebastião não procedia da África?”<sup>425</sup>.

Apesar de tentar desmontar os argumentos que dão fundamento ao elemento negro na ascendência de Pombal, o autor apontou que

ainda que verdadeira, era o caso inquirir o que tem ela com a glória de Pombal, visto como, à luz da

---

<sup>422</sup> *Id.*, p. 75

<sup>423</sup> *Ibid.*, p. 79

<sup>424</sup> *Ibid.*, p. 100

<sup>425</sup> *Ibid.*, p. 86

antropologia, o fato da descendência negra não impediria a existência de qualidade excepcionais, do mesmo modo que a circunstância de ser filho natural e de mãe incógnita não evitou a Camilo ser o escritor privilegiado que foi <sup>426</sup>.

O escritor alagoano procurou cercar de todos os lados a grandeza de Pombal, buscando de todas as formas assegurar que a sua ascendência não prejudicasse a sua memória política, buscando desconstruir a lenda ou lançando mão da antropologia caso ela fosse verdadeira.

Sobre este episódio, Evaldo Cabral de Mello escreveu que o pai de Pombal, Manuel Carvalho de Ataíde, genealogista foi acusado pelo Santo Ofício, que investigava irregularidades nas casas aristocráticas.

Quando seu filho, o futuro marquês de Pombal, tornou-se ministro de d. José I (1750-77), seus inimigos, que não eram poucos, sussurravam que ele tinha por antepassado certo sacerdote que vivera amancebado com uma africana e outras histórias do mesmo jaez. O certo é que se suspeitava a avó de Pombal, mãe do genealogista, de ter sangue cristão-novo, tanto assim que o noivo estivera a ponto de desistir do casamento para não perder sua posição familiar do Santo Ofício. A Inquisição terminou reconhecendo tratar-se de rumor infundado <sup>427</sup>.

Sugeriu o historiador português Pedro de Azevedo, também citado por Elysio, que o escândalo em torno da avó paterna gerou uma mágoa que poderia explicar a ofensiva de Pombal contra o Santo Ofício, quando seu irmão tornou-se inquisidor-mor e aboliu a distinção jurídica entre cristãos-velhos e novos <sup>428</sup>.

No entanto, Elysio ao longo deste capítulo procurou provar a ascendência nobre de Pombal pelo lado paterno e materno, ligando-o à nobiliarquia pernambucana e chegando a conclusão de que o marquês seria o décimo neto de Inês de Castro.

---

<sup>426</sup> *Ibid.*, p. 88

<sup>427</sup> MELLO, 2009, *op. cit.* p. 117

<sup>428</sup> *Id.*, p. 118



Sua análise sobre Pombal está centrada no elogio ao governo centralizado (despotismo esclarecido) que renovou a monarquia portuguesa estabelecendo um forte império.

Os relevantes serviços que prestou ao nosso país, e a ação administrativa com que deu provas da excepcional capacidade de diretor de povos são dívida de honra que precisamos, nós brasileiros, recordar no momento em que celebramos o nosso primeiro centenário de nação e empreendemos, neste marco da nossa história, o balanço dos nossos fastos passados <sup>429</sup>.

A seu ver as reformas pombalinas foram extremamente benéficas “tudo indicando que a colônia se constituía rapidamente em nação”<sup>430</sup>, além de ter estabelecido completa união entre brasileiros e portugueses. A consequência desta união seria o acolhimento de D. João VI com muito respeito e carinho. Para o autor, a principal característica do pensamento político do Marquês de Pombal foi preparar na América uma pátria nova, “existindo independente e autônoma, por virtude da população, do território, dos recursos naturais e possibilidades econômicas, e capaz de tornar-se um grande império, opulento e brilhante, e não uma fazenda ultramarina de Portugal”<sup>431</sup>. Essa intenção estaria esboçada na sua idéia de transferir para o Brasil a sede da antiga monarquia.

A relação de Elysio de Carvalho com a época do Império é extremamente ambígua, enquanto procurou legitimar a fraternidade luso-brasileira ou observar episódios em que o sentimento nacional estava em xeque (como a Guerra do Paraguai), ele lhe confere um tom positivo. Quando se trata da construção da nação em que ele quer invocar a autonomia e a força brasileira, então confere ao império um tom negativo.

Inclusive acerca deste tema, em *Inclyta Trindade*, apontou como paladinos da Independência Brasileira Joaquim Gonçalves Ledo, Januário da Cunha Barbosa e frei Francisco de Sampaio tecendo duras críticas à Bonifácio, que, a seu ver, apesar respeitável figura, não pode eximir-se da análise crítica. Para o autor foi Ledo quem influenciou o espírito do jovem D. Pedro I. E, concluiu o capítulo, afirmando que não

---

<sup>429</sup> CARVALHO, 1924, *op. cit.*, p. 108

<sup>430</sup> *Id.*, p. 109

<sup>431</sup> *Ibid.*, p.111

fosse Bonifácio e se não fosse D. Pedro I, “príncipe ambicioso, trefego e disparato” o Brasil teria se tornado independente com uma república. Teríamos sofrido como os povos hispano-americanos “mas seríamos agora, sem aqueles setenta anos improditivos do Segundo Reinado, a primeira potência do continente”<sup>432</sup>. “E, na verdade, o que pretendiam Joaquim Gonçalves Ledo e os próceres da independência, era um Brasil forte, íntegro, e indivisível, uma nacionalidade ufana do seu passado e rica de heroísmo, uma grei tocada de graça e fascinante beleza”<sup>433</sup>.

A referência à unidade nacional aparece em diversos momentos nos ensaios históricos dando respaldo à crítica ao federalismo e à urgência de um poder centralizado e forte, cujo exemplo do passado encontrou no Marquês de Pombal. O autor interpreta o despotismo exercido por Pombal como um sincero patriotismo, a única forma de tirar Portugal da situação terrível em que se encontrava, justificando as medidas extremas em situações extremas.

A ditadura exercida pelo Marquês de Pombal, encoberta na púrpura real, representa uma reação obstinada, um esforço nobilíssimo, um impulso vigoroso para fundar sobre os alicerces da velha monarquia, caída em frouxidão e mantida graças à inércia das massas, uma nação ativa, industriosa e produtora, embora obrigado a extremar os rigores do poder absoluto. O seu governo foi, na verdade, um longo e temeroso despotismo, mas o seu despotismo não possuía o caráter odioso, brutal e revoltante da tirania do inculto sobre o inteligente, mas inspirado pelo mais sincero patriotismo e pelo amor à humanidade, encarnava a conquista do homem pela vontade do gênio, que tudo subjuga pela força necessária e fecunda<sup>434</sup>.

Elysio ressaltou que, a construção pombalina é “pontilhada de ensinamentos psicológicos e de sugestões admiráveis”, a qual se deve observar. O autor apresentou Pombal como um príncipe de Maquiavel, por sua forma de fazer política, e o super-homem de Nietzsche, fora dos limites traçados pelo bem e pelo mal. Ressalta o seu caráter de homem de Estado, “se nos seus princípios é ele um homem liberal, progressista, no seu procedimento é sempre um homem de autoridade que procura na

---

<sup>432</sup> *Ibid.*, p. 182

<sup>433</sup> *Ibid.*, p. 182

<sup>434</sup> *Ibid.*, p. 119

força os meios de ação, que é uma das prerrogativas do homem do Estado”<sup>435</sup>. Para corroborar sua linha de pensamento utiliza-se de Hegel (mas, não revela qual obra) proclamando a absorção de todos os homens pelo Estado.

Pode-se observar que o pensamento autoritário no Brasil no pós Primeira Guerra Mundial aparece com força no pensamento de Elysio de Carvalho, inclusive na sua forma de interpretar o passado. A figura de Pombal que figura em seus escritos, principalmente como um exemplo de força nacionalista centralizadora, na qual a nação figura acima de tudo. Poder-se-ia fazer um paralelo com o exemplo descrito por Maurice Barrès<sup>436</sup> em seu *Romance da Energia Nacional*, em que cada folha do plátano move-se e agita-se independentemente, mas que deveriam compreender que a sua dependência do plátano e quanto o destino deste engloba e produz seus destinos particulares. O Todo prevalece sobre a parte, o Estado prevalece sobre o indivíduo<sup>437</sup>. Apesar desse escritor francês não ser citado nas obras de Elysio de Carvalho, a *América Brasileira* lhe dedica algumas páginas, enaltecendo-o como escritor, principalmente por ocasião do seu falecimento em 1923.

No capítulo *Aspectos da Sociedade Brasileira*, o autor traçou uma imagem dos tempos coloniais focado principalmente nas grandes famílias donas de terra que em alguns momentos são enaltecidas pela sua origem nobre, e, ao mesmo tempo, alvo de algumas críticas

Latifúndio e patriarcalismo aparecem como características do período colonial, elementos também resgatados por Oliveira Vianna na sua interpretação sobre os clãs. O historiador Arno Wehling escreveu que um dos desdobramentos da questão do clã é a discussão da tese feudal em Oliveira Vianna. Interpretação muito presente no século XIX e que dá destaque a nobreza rural e a bravura como valor social, o que levou ao reaparecimento. “Ilustrativa da “tese feudal” de Oliveira

---

<sup>435</sup> *Ibid.*, p. 130

<sup>436</sup> Maurice Barrès (1862-1923) escritor e jornalista francês conhecido por seu posicionamento nacionalista e anti-semita.

<sup>437</sup> Neste caso, Barrès procurava posicionar-se frente ao caso Dreyfus na França em 1894. Este caso centrava-se na condenação por alta traição o oficial do exército francês Alfred Dreyfus, de religião judaica. O caso foi baseado em provas falsas e Dreyfus era inocente, mas o problema seria para o exército e para o governo admitirem o erro judicial. A sociedade francesa ficou dividida, de um lado intelectuais como Émile Zola que defendiam a liberação do oficial, e de outro intelectuais como Barrès, que acreditavam que sacrifícios deveriam ser feitos em prol da nação, que seria melhor sacrificar o Dreyfus à admitir o erro e enfraquecer o exército. WINOCK, Michel. Os Anos Barrès. In: \_\_\_\_\_ *O século dos intelectuais*. RJ: Bertrand Brasil, 2000, p. 13- 198.

Vianna é o seu caráter não evolucionista”<sup>438</sup>, para ele o clã feudal surgiu em decorrência das condições locais, da própria sociedade colonial, e não como uma continuidade do feudalismo português, ou europeu de uma forma geral.

Para o escritor alagoano, a questão do feudalismo se esboça de forma similar, iniciada com os donatários e manteve-se depois que foi instalado o governo-geral na figura dos senhores de engenho.

Analisando esses processos é que se deixa patente como é que aquela nobreza primitiva se constituiu naturalmente em aristocracia rural, que primeiro criou a grande riqueza econômica e depois fundou a nação. (...) Desde que se entendam assim os fatos, já não se estranha a frequência com que nas velhas crônicas não se encontram senão *fidalgos*, membros de grandes famílias, tipos de representação, etc. Era assim realmente. Só os homens ilustres pelo sangue, pelo valor ou pela opulência é que andavam aqui fazendo a história. A massa ficava nos lances, nos grandes quadros da vida colonial, como sombra amorfa. As figuras que se destacam, as únicas que têm papel definido são de famílias ilustres. (...) Os exemplos de Camarão ou de Henrique Dias são excepcionalíssimos”<sup>439</sup>.

Neste excerto, Elysio de Carvalho deixa de forma clara a sua concepção aristocrática, elitista e branca da história. Esta passagem também alude à necessidade de uma classe dirigente, ou melhor, uma elite dirigente para o Brasil. Apenas, uma vez, o autor dedica poucas linhas às condições de penúria do homem do povo, preso em um sistema de quase servidão<sup>440</sup>.

Aqui, a história mestra da vida se faz presente quando ele buscou no período colonial as origens que deveriam servir de exemplo para conduzir o país em meio à desordem reinante no início do século XX.

Para compor seus ensaios históricos, Elysio de Carvalho seguiu as mais diversas influências. Ele faz parte da geração de intelectuais que

<sup>438</sup> WEHLING, Arno. O estado colonial na obra de Oliveira Vianna. In: BASTOS, Élide Rugai; MORAES, João Quartim de (Orgs.). *O Pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1993, p. 75

<sup>439</sup> CARVALHO, 1924, *op. cit.*, p. 205, 206

<sup>440</sup> *Id.*, p. 225

toma por base as premissas de Alberto Torres e buscou soluções nacionais para os problemas nacionais, muitas vezes fazendo incursões na história para procurar esse “nacional”. Essa geração que, segundo Astor Antônio Diehl, incorpora novos elementos no fazer histórico ampliando seu horizonte. Elementos como o caráter engajado e pedagógico a fim de superar a crise do pós-guerra e a contribuição das outras ciências sociais. “A cultura historiográfica brasileira surgida nas décadas de 1920 e 1930 objetivava, na prática, a realização de um novo ‘*bloco histórico* através de um sistema totalitário de ideologias”<sup>441</sup>.

Ao mesmo tempo, o autor conserva várias características do século XIX como um revisionismo factual descritivo, que buscava o fato passado tal como ele se dera (*histoire événementielle*) e as biografias (genealogia) voltadas para heróis, estadistas chefes de governo e de manobras militares<sup>442</sup>. A grande maioria dos autores citados por Elysio de Carvalho figuraram no rol dos que compunham a Academia Brasileira de Letras (ABL), o IHGB e outros institutos como o IAGP no século XIX. Alguns exemplos de portugueses são citados, como Simão José da Luz Soriano, Luís Augusto Rebelo da Silva, José Maria Latino Coelho, Oliveira Martins e de brasileiros, como Joaquim Manuel de Macedo (sócio-fundador e secretário do IHGB), João Manuel Pereira da Silva (membro da ABL), Oliveira Lima e Barão do Rio Branco (cuja obra *Efemérides* é citada diversas vezes em *Brava Gente*). Também, citava autores do século XVIII como Sebastião da Rocha Pita, Francisco Brito Freire (a quem Elysio chama de Xenofonte em *Brava Gente*, onde compara o episódio grego da Marcha dos dez mil e uma das batalhas contra os holandeses). Também, faz largo uso de obras produzidas por membros dos institutos históricos e geográficos de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul.

O livro que mais se aproxima de uma escrita histórica é *Brava Gente*, enquanto que em *Lauréis Insignes* Elysio de Carvalho aproveita temas de história para realizar uma análise mais sociológica de determinados temas. No entanto, a sua forma de escrever é visivelmente balizada pela compreensão de que o ofício do historiador deve direcionar-se para a associação entre ciência e arte. Utilizando dos aportes dos historiadores, como o português Oliveira Martins e o inglês Robert Southey, além do romancista escocês Walter Scott<sup>443</sup>, o autor

---

<sup>441</sup> DIEHL, *op. cit.*, p. 147

<sup>442</sup> *Id.*, p.141

<sup>443</sup> Os romances de Walter Scott tiveram uma grande recepção no Brasil, especialmente, os romances históricos. Em Scott, se tem a recuperação do caráter épico do romance, porque retrata as lutas e os antagonismos da história por meio de seus personagens. Cf.

buscou um balanço entre a *histoire événementielle* e a forma poética de descrever as batalhas e as lutas renhidas, especialmente em *Brava Gente*. A influência de Oliveira Martins foi grande em Oliveira Lima e ambos aparecem como referência bibliográfica para os ensaios históricos de Elysio de Carvalho. Em Oliveira Martins,

(...) a fantasia, não constitui elemento da narrativa e sim a intuição, que permitiria ao historiador estabelecer relações causais e influências, e dessa forma tratar de ressuscitar o passado. O bom historiador seria aquele que conseguisse aliar raciocínio à intuição para que esta possibilitasse a 'percepção estética, uma apreensão seletiva de dados morais de uma configuração histórica de modo a permitir a construção de um símbolo (ou símbolos) das forças em jogo nessa determinada configuração',<sup>444</sup>.

A caracterização de personagens-sujeito representativos de determinadas forças num determinado momento, que fossem úteis para a compreensão de memorização do passado, estava entre um dos recursos do método utilizado por Oliveira Lima. O autor utilizava a abordagem psicológica dos heróis de modo a construir a trama histórica como “um teatro de grandes individualidades”<sup>445</sup>. A força da interpretação do historiador seria identificar os motivos morais da ação dos heróis, construindo uma relação entre indivíduo e sociedade.

O debate que surge na segunda metade do século XIX opunha o positivismo de Comte ao idealismo de Hegel, o qual se estendeu até as primeiras décadas do século XX. Alguns historiadores se acomodaram entre as duas posições.

Ao mesmo tempo fundamentavam o método no postulado da escola de inspiração positivista, segundo a qual a pesquisa histórica teria dois objetivos principais: a descoberta de fatos novos e a eliminação do erro pelo exercício da crítica. Esse procedimento metodológico comportava dois momentos: o da reunião e elaboração dos

---

VASCONCELOS, Sandra Gardini Teixeira. Cruzando o Atlântico: notas sobre a recepção de Walter Scott. In: ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 2008. p. 351-374.

<sup>444</sup> MALATIAN, *op cit*, p. 69

<sup>445</sup> *Id.*, p. 70

materiais em que a crítica deveria guiar o trabalho, seguido pela interpretação e apresentação dos resultados, em que a intuição e a personalidade do historiador comandavam o processo<sup>446</sup>.

Dentre as muitas polêmicas que envolveram o campo intelectual brasileiro no século XIX, é importante ressaltar a querela entre o histórico e o ficcional. Na qual ocuparam a arena pública os historiadores, uma vez que o IHGB era freqüentado também por literatos (poetas, romancistas, ensaístas, jornalistas) que procuravam uma definição do que era próprio e impróprio no campo da escrita da história.

Não se tratava de um debate intenso, mas pontual, localizado aqui e ali de modo irregular, e que lentamente atravessa o século. O problema epistemológico da emergente historiografia realizada no IHGB era o de estabelecer regras e procedimentos metodológicos de intervenção e estimular a busca de documentos históricos. Se havia uma disputa intelectual um pouco mais clara na cultura histórica brasileira oitocentista, era pela melhor forma de se escrever a história e assim dominar o passado<sup>447</sup>.

O inglês Robert Southey (1774-1843), com quem Varnhagen rivalizava pelo reconhecimento de autor da primeira história geral do Brasil, foi utilizado em larga escala como referência nos ensaios de Elysio de Carvalho. Segundo Temístocles Cezar, Southey procurou “compreender poeticamente a história, quer dizer, sem abandonar as marcas da poesia que são os sentimentos e a imaginação”<sup>448</sup>.

Ainda segundo Temístocles Cezar:

*presentismo, memória e poesia, sempre em correspondência dialética com passado, esquecimento, história, são configurações*

---

<sup>446</sup> *Ibid.*, p. 72

<sup>447</sup> CEZAR, Temístocles. O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX. In: *História Unisinos*, vol 11, n 3, set/dez 2007. Disponível em [http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/Publicacoes/histv11n3/306a312\\_art02\\_cezar%5Brev%5D.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacoes/histv11n3/306a312_art02_cezar%5Brev%5D.pdf), acesso em 22 set 2010

<sup>448</sup> *Id.*, p. 5

possíveis da escrita histórica, e, portanto, fundamentos da constituição da própria história, e, portanto, fundamentos da constituição da própria história enquanto disciplina, cuja função mais evidente era, no caso brasileiro, a de esboçar uma *visão da nação brasileira*. Essa *tarefa histórica*, essa espécie de *dever cívico*, consistia também em *civilizar a sociedade* <sup>449</sup>.

A obra de Elysio de Carvalho é herdeira de uma série de características da historiografia oitocentista, principalmente na forma de interpretar a história, com o método positivo de interpretação de documentos e estriba-se na narrativa. Em diversos momentos, Elysio alude à imparcialidade do historiador que busca a verdade histórica nas fontes documentais (escritas). No entanto sua escrita é tudo, menos imparcial.

Dessa forma, os ensaios históricos de Elysio de Carvalho procuraram exaltar a nacionalidade brasileira, cujo campo de ação está configurado no período colonial, um horizonte de expectativas em que figura a grandeza e a opulência da pátria, calcadas no modelo da civilização ibérica, amparada na fraternidade luso-brasileira, com sua unidade nacional e um governo forte capaz de conduzir o país ao seu destino.

Esplendido e magnífico, a façanha que, destacando-o no caos tormentoso da guerra brasileira, o eterniza, é tão superior como expressão de grandeza humana, que se não pode repetir. Só nos tempos da Grécia, em que os titans afrontavam os deuses, era ela então possível: como agora já os imortais não descem do Olimpo para combater com os homens, o defensor do Forte do Rio Formoso exalça-se com súbita transfiguração e desaparece da liça, deixando a ecoar na amplitude do cenário o fragor da sua queda gloriosa. E Pedro de Albuquerque, engrinaldado de loiros sobre ruínas vivas, é apenas o prólogo da refulgente epopéia... <sup>450</sup>

---

<sup>449</sup> CEZAR, Temístocles. Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da História do Brasil oitocentista. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 79

<sup>450</sup> CARVALHO, 1921, *op.cit.*, p. 17



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão encetada nos capítulos foi possível compreender de que forma Elysio de Carvalho imaginava o que deveria ser a nação brasileira, diretamente interligada com o campo cultural ibérico, mas ao mesmo tempo uma potência ibero-americana. A identidade tão própria do brasileiro foi criada pela miscigenação, da qual a herança do gênio latino seria uma forte característica que definiria o futuro da nação. Da mesma forma que esse gênio latino inspirou as grandes conquistas navais portuguesas e espanholas, o Brasil seria o seu herdeiro e um expoente na América. Esse elemento seria imprescindível ao futuro da nação uma vez que o Brasil seria também impulsionado por essa herança moral e psicológica à realização de grandes feitos, a tornar-se uma grande nação. Unido, coeso e utilizando o potencial oferecido pela natureza para o desenvolvimento econômico, o Brasil sem dúvida se tornaria uma potência mundial.

Todos os esforços envidados por Elysio de Carvalho se direcionam para mostrar a afirmação de um país forte, moldado por uma gente nobre, herdeira da grande tradição européia, mas que ao mesmo tempo, tivesse características próprias da América, não portuguesas, mas brasileiras de coração. O que aponta que as obras de Elysio estão em consonância com determinado momento político, em que os intelectuais, incomodados com a situação política do país decidem se mobilizar para resolver os problemas da pátria. Com o fim da primeira guerra mundial, a crise da *Belle Époque* e o centenário de independência do Brasil se aproximando, grande parte dos intelectuais procura analisar a situação do país no intuito de forjar uma identidade nacional. Esse momento é caracterizado por uma série de obras literárias, históricas e sociológicas que procuram refletir sobre a nação, buscando soluções para os problemas nacionais. Como foi dito na introdução, em sua última fase de vida é que Elysio reflete exaustivamente sobre a nação.

Essa projeção para o futuro da nação encontra-se também no passado, afinal, o brasileiro não acabou de ser formado, desde o início da colonização tivemos não apenas grandes representantes de Portugal aqui estabelecidos, como também episódios na nossa história em que o fervor da alma nacionalista brasileira já se apresentava, como no caso da expulsão dos holandeses. A questão da herança do gênio latino também aparece enquanto fator importante no passado e no futuro da nação. O autor torna positiva a presença dos portugueses no país e inspira-se nas grandes expedições navais portuguesas e espanholas para reafirmar em nosso sangue a possibilidade de realizações de mesma importância.

Elysio de Carvalho procurou buscar no passado da nação, grandes feitos e um sentimento de nacionalidade que era inerente aos brasileiros da época. Todas essas características que mostrariam um Brasil no passado forte e unido, implicariam também num futuro no qual esses elementos se sobressairiam a favor do país. Todos os esforços de Elysio são no sentido de reforçar uma nacionalidade e um sentimento de destino, que desde o passado colonial já se fazia presente e que eventualmente impulsionaria o país a se tornar um expoente ibero-americano.

Nas palavras de Ronald de Carvalho em discurso homenageando Elysio de Carvalho:

tivestes, senhor Elysio de Carvalho, a originalidade de acreditar em nós. (...) Mostrastes, com infatigável tenacidade e copiosa erudição, que o Brasil não foi o produto de caldeamentos bastardos, que não foi a escória dos degredados, a ralé dos criminosos, os restos das penitenciárias de além-mar que operaram o prodígio de fundar, aqui, uma nacionalidade. Afirmastes que o Brasil nasceu do esforço sincero e persistentes de uma aristocracia. Fizestes reluzir ao sol dos nossos trópicos os brazões, os escudos, os sinetes armilares da gente voluntariosa e nobre que assentou os alicerces da nossa pátria<sup>451</sup>.

Assim Elysio procurou nesse passado de grandes feitos, que a seu ver se assemelham às epopéias gregas ou até mesmo aos *Lusíadas*, a gênese da formação brasileira, branca e nobre, da qual os pernambucanos seriam os seus verdadeiros representantes e a expulsão dos holandeses o grande feito heróico da nacionalidade. Na sua visão a história brasileira também não apresenta grandes conflitos internos, sendo que as massas teriam sido comandadas pelos senhores do engenho, os protagonistas da história.

Pode-se afirmar que o horizonte de espera que Elysio de Carvalho cria nos seus escritos é extremamente otimista, no qual o destino grandioso da nação é tornar-se uma potência mundial, principalmente com a oportunidade aberta no cenário de devastação europeu causado pela primeira guerra mundial. Ele procurou comprovar isso através dos seus ensaios sociológicos sobre o Brasil utilizando a sociogeografia, o estudo da raça (encarada de forma positiva) e projeta

---

<sup>451</sup> CARVALHO, 1922, *op cit*, p. 443.

no passado grandioso de Portugal o futuro igualmente grandioso do Brasil.

No passado também, buscou o que deveria conter o futuro, a imagem do Marquês de Pombal e o seu elogio ao despotismo e à ditadura, nada mais representam que a história mestra da vida. O Marquês, no seu entender, teria conseguido tirar Portugal de uma situação de decadência tomando medidas centralizadoras e fortes. O uso da força aparece legitimado quando situações extremas pedem medidas extremas. O clima de decadência e futuro incerto no plano internacional e o descontentamento com a Primeira República no Brasil exigiam medidas urgentes para salvar o país e a figura do Marquês de Pombal aparece como um exemplo do que deveria ser feito.

Elysio pode ser visto como um intérprete do debate autoritário, uma vez que utiliza esses elementos para construir a sua idéia de nação. O Estado centralizado, a unidade nacional, o intervencionismo estatal na economia e mesmo o militarismo em menor escala seriam medidas para resolver os problemas inerentes ao sistema federalista corrupto e desigual enraizado desde o início da república. Elites ilustradas, conhecedoras das ciências sociais, comandando o país e o militarismo são também aspectos do pensamento autoritário que surgem com evidência no seu pensamento.

O autor combinou essa série de elementos a uma positivação do passado colonial português buscando uma fraternidade luso-brasileira, aliada aos interesses políticos do governo português em uma aproximação com as ex-colônias a fim de reforçar seu lugar enquanto formadores de civilizações. Nesse sentido aproxima-se de Oliveira Vianna que em *Populações Meridionais do Brasil* “apontava para a valorização do passado brasileiro bem como para a contribuição da colonização lusitana, indicando a necessidade de se promover a modernização econômica e social do Brasil a partir da valorização dos traços culturais herdados do período colonial”<sup>452</sup>.

A defesa de Portugal enquanto agente civilizador no Brasil também entra na opção por um modelo de civilização de origem latina em contraposição a um modelo germânico (Elysio nem sequer menciona os Estados Unidos, seu olhar é voltado apenas para a Europa), visto que os nacionalismos exacerbados e o imperialismo europeu do fim do século XIX trouxeram à tona essa discussão, acentuada posteriormente

---

<sup>452</sup> PRADO, Maria Emília. Leituras da Colonização Portuguesa no Brasil do Século XX. *Revista Intellectus*, ano 5, vol. I, 2006, p. 1. Disponível em: <http://www.intellectus.uerj.br/Textos/Ano5n1/Texto%20de%20Maria%20Emilia%20Prado.pdf>  
Acesso em: 7 out. 2010.

pela grande guerra. O pangermanismo surgia, a seu ver, como uma ameaça ao modo de vida latino, incorporado no Brasil principalmente pelo modelo francês.

Elysio de Carvalho buscou a modernidade através da tradição e da herança ibérica, sendo conservador no sentido de que

o conservadorismo moderno difere do tradicionalismo primordialmente pelo fato de ser função de *uma* situação histórica e sociológica *particular*. O tradicionalismo é uma atitude psicológica geral que se expressa em diferentes indivíduos como uma tendência a se apegarem ao passado e como temor às inovações. Mas, essa tendência psicológica elementar pode alcançar uma função especial em relação ao processo social. Ao que era anteriormente apenas uma característica psicológica comum a todos os homens, sob certas circunstâncias se tornou um fator central dando coerência a uma *tendência particular* no processo social. [...] O tradicionalismo é essencialmente uma dessas inclinações ocultas que cada indivíduo inconscientemente abriga dentro de si mesmo. O conservadorismo, por outro lado, é consciente e reflexivo desde o princípio, na medida em que surge como um contra-movimento em oposição consciente ao movimento progressista altamente organizado, coerente e sistemático<sup>453</sup>.

Conservador em defender as decadentes elites pernambucanas, conferindo prestígio e valor aristocrático às oligarquias que detinham (e ainda detém) o poder político regional e que buscavam tal prestígio. Conservador também no seu suporte historiográfico herdado do século XIX e fundamentado principalmente na matriz varnhageniana e no IHGB.

A construção que Elysio de Carvalho faz de si próprio como um homem atualizado, que carrega a “ vaidade de homem lido”, auxilia o entendimento dessa incorporação de elementos de diversas correntes ideológicas. Conservador e tradicionalista ainda que tivesse contato com os intelectuais do movimento modernista de São Paulo, moderno ao

---

<sup>453</sup> MANNHEIM, *op cit*, p. 107

defender a desenvolvimentismo e a industrialização do país e autoritário posicionando-se a favor de um estado forte e centralizado.

Lusófilo, ibero-americanista, autoritário, Elysio de Carvalho é um homem de seu tempo e antes de tudo um intérprete das idéias em movimento.

## FONTES

*América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* – Dezembro de 1921 a Outubro de 1924.

Carta de Elysio de Carvalho ao Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro, 06 de setembro de 1906. Cópia pertencente à pasta PN/CARVALHO, Elysio de. 700/EC P.29 (B) – Fundação Casa do Penedo

Carta de Rubén Dário a Elysio de Carvalho. Paris, 30 de setembro de 1907. Disponível em: <http://alfama.sim.ucm.es/3DGreco/modprint.php?name=print&pag=26&search=rub%E9n> Acesso em 01 de julho de 2010.

Carta de Elysio de Carvalho a Rodrigo Otávio Filho. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1922. ROF Cp/ Fundação Casa Rui Barbosa

Carta de Elysio de Carvalho a Mário de Andrade. Petrópolis, 12 de fevereiro de 1924. MA-C-CPL nº 1686/ Instituto de Estudos Brasileiros – USP

CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921.

\_\_\_\_\_. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922.

\_\_\_\_\_. *Laureis Insignes*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1924.

\_\_\_\_\_. *Suave austero*. Rio de Janeiro: Edição da América Brasileira e Anuario do Brasil, 1925.

Elysio de Carvalho. *Monitor Mercantil*, vol. 21, ano 11, n. 516, 7 nov. 1925

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação da Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp, 2005.

ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras/Fapesp, 2008.

ABREU, Regina. *A fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. RJ: Rocco, 1996.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. SP: Companhia das Letras, 2000.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Trad.: Lólio Lourenço de Oliveira. SP: Editora Ática, 1989.

ANDRADE, Mário de. Noturno de Belo Horizonte. In: *Klaxon: mensário de arte moderno de São Paulo*, nº 6, 1923, p. 205-219. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/poesia11.pdf>, acesso em 24/06/2009.

ANDRADE, Mário de. *A Lição do Amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. RJ: J. Olympio, 1982.

BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Trad.: Vera Ribeiro. RJ: Ed. Contraponto, 2000.

BASTOS, Élide Rugai; MORAES, João Quartim (Orgs.). *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. SP: Edições Loyola, 1999.

BOMFIM, Paulo Roberto de Albuquerque; SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. *Contextos, personagens e idéias: Thomas Pompeu de Souza Brasil e Elysio de Carvalho*. Disponível em:

[http://egal2009.easyplanners.info/area02/2053\\_de\\_Albuquerque\\_Bomfim\\_Paulo\\_Roberto.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area02/2053_de_Albuquerque_Bomfim_Paulo_Roberto.pdf). Acesso em: 19/07/2009.

BOTELHO, André. *O Brasil e os Dias: estado-nação, modernismo e rotina intelectual*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: \_\_\_\_\_. *A Economia das Trocas Simbólicas*. SP: Perspectiva, 1987, p.183-202.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 8 ed. RJ: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BRAUDEL, Fernand. *O modelo italiano*. Trad.: Franklin de Mattos. SP: Cia das Letras, 2007.

BRESCIANI, Maria Stella M. O Charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Viana, cientista social. In: SILVA, Sérgio S.; SZMRECSÁNYI, Tamás (Orgs.) *História Econômica da Primeira República*. SP: Edusc; Imprensa Oficial; Editora Hucitec, 2002.

BRITO BROCA, José. *A Vida Literária no Brasil 1900*. 5. ed. RJ: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2005.

CANDIDO, Antonio. Uma palavra instável (Nacionalismo). In: <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1995&banner=bannersarqfolha>. Acesso em 6 de novembro de 2010.

\_\_\_\_\_. Radicais de Ocasão. In: *Diálogos*, n.9, nov. 1978. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discurso09.php> Acesso em: 27/06/2010

CARDOSO, Vicente Licínio. *À Margem da História da República*. Brasília: Ed. UnB, 1981.



CARNAXIDE, Visconde de. *O Brasil na administração pombalina (economia e política externa)*. 2 ed. SP: Companhia Editora Nacional, 1979.

CARVALHO, Elysio de. *As modernas correntes estéticas na literatura brasileira*. RJ: Garnier, 1907.

\_\_\_\_\_. *A polícia carioca e a criminalidade contemporânea*. RJ: Imprensa Nacional, 1910.

\_\_\_\_\_. *A Realidade Brasileira*. RJ: Monitor Mercantil, 1922.

\_\_\_\_\_. *Bárbaros e Europeus*. RJ: Garnier, 1909.

\_\_\_\_\_. *Brasil, potência mundial: inquerito sobre a indústria siderúrgica no Brasil*. RJ: S. A. Monitor Mercantil, 1919.

\_\_\_\_\_. *Ensaio*. Brasília: Universa – Universidade Católica de Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. RJ: Ed. Garnier, 1911

\_\_\_\_\_. *História de um Cérebro*. RJ: Besnard Frères, 1905.

\_\_\_\_\_. *Principes del Espiritu Americano*. Madrid: Ed-America, 1925.

CARVALHO, José Murilo de et al. (Org.). *Sobre o Pré-Modernismo*. RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

CARVALHO, Marcos B. de. Ratzel: releituras contemporâneas. uma reabilitação? In: *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona nº 25, 1997. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-25.htm>. Acesso em 18/07/2009.

CEZAR, Temístocles. O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX. In: *História Unisinos*, vol 11, n 3, set/dez 2007. Disponível em [http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/Publicacao](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacao)

[es/histv11n3/306a312\\_art02\\_cezav%5Brev%5D.pdf](#), acesso em 22 set 2010

CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topoi*, v.8, n.15, jul-dez, 2007.

CHANDEIGNE, Michel (Org.). *Lisboa ultramarina: 1415-1580. A invenção do mundo pelos navegadores portugueses*. Trad.: Lucy Magalhães. RJ: Jorge Zahar, 1992.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Tradução Maria Manuel Galhardo. Lisboa: Difel; RJ: Ed. Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietude*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças; SALGADO, Marcus (Orgs.). *Five O'Clock, de Elysio de Carvalho*. RJ: Editora Antiqua/Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, 2006.

COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças; MUCCI, Latuf Isaias. *Dândis, estetas e sibaritas*. RJ: Confraria do Vento e Faculdade de Letras da UFRJ, 2006

DE CERTEAU, Michel. Ler: uma operação de caça. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 4 volume, 2 ed. RJ: Editora Conquista, 1957.

FAUSTO, Boris (Orgs.). *História Geral da Civilização Brasileira*. tomo III, volume 2. SP: Editora Difel, 1977.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 59-88, jan./jul. 1998.

FEBVRE, Lucien. *Honra e Pátria*. Trad.: Eliana Aguiar. RJ: Civilização Brasileira, 1998.

FEBVRE, Lucien. *O Reno: história, mitos e realidades*. Trad.: Eliana Aguiar. RJ: Civilização Brasileira, 2000.

FERREIRA, Marie-Jo. *Os Portugueses do Brasil, atores das relações luso-brasileiras, fim do século XIX - início do século XX*. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/arquivo/anexo/portugueses.pdf>, acesso em 01/07/2009.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Ed. Argos, 2007.

FURET, François. *A oficina da história*. Trad.: Adriano Duarte Rodrigues. Lisboa: editora Gradiva, s/d.

GAHYVA, Helga. Tocqueville e Gobineau no mundo dos iguais. In: *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 49, nº 3, 2006, pp. 553 a 582.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. \_\_\_\_\_ (Org.) In: *Escrita de si, escrita da história*. RJ: editora FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. *Essa Gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

GONTIJO, Rebecca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; Gouvêa, Maria de Fátima Silva (Orgs.). *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. RJ: Mauad, 2005.

GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. 3 ed. SP: Editora Perspectiva, 1993

HEYMANN, Luciana. “Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 19, 1997.

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo: desde 1780*. Trad.: Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. RJ: Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicosno descobrimento e da colonização do Brasil*. 5. ed. SP: Editora Brasiliense, 1992.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição semântica dos tempos históricos*. Trad: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. RJ: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LEMOS, Clarice Caldini, *A idéia de nação na América Brasileira*. Florianópolis: UFSC/Departamento de História, 2006. (Trabalho de Conclusão de Curso em História)

LOSADA MOREIRA, Vânia Maria. História, etnia e nação: o índio e a formação nacional sob a ótica de Caio Prado Júnior. *Mem. am.* [online]. ene./jun. 2008, no.16-1, p.63-84. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-37512008000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-37512008000100004&script=sci_arttext). Acesso em 29/07/2009.

LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres Da (Orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Mônica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *História e linguagens - Texto, imagem, oralidade e representações*. RJ: Edições Casa de Rui Barbosa e Editora 7 Letras, 2006.

LUZ, Nícia Vilela. A década de 1920 e suas crises. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 6, USP, 1969, p.73

\_\_\_\_\_. *A luta pela industrialização no Brasil*. 3ª ed. SP: ed. Omega, 2004.

MAESTRI, Mário. A Guerra contra o Paraguai. História e Historiografia: da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]. In: *Estudios Históricos*, nº2, agosto 2009. Disponível em: [http://www.estudioshistoricos.org/edicion\\_2/mario\\_maestri.pdf](http://www.estudioshistoricos.org/edicion_2/mario_maestri.pdf). Acesso em: 15 out. 2010

MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru, SP: Edusc; São Paulo, SP: Fapesp, 2001.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, José d Souza (Org.) *Introdução crítica à sociologia rural*. SP: Ed. Hucitec, 1981, p. 77-131.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. SP: Ed. Usp: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Volume VI (1915 – 1933). 2 ed. SP: T. A. Queiroz Editor, 1996.

MELLO, Evaldo Cabral de. *A fronda dos mazombos: nobres contra mascates, Pernambuco, 1666-1715*. SP: Ed. 34, 2003.

\_\_\_\_\_. *O nome e o sangue: uma parábola genealógica no Pernambuco colonial*. SP: Companhia das letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Um imenso Portugal. História e historiografia*. 2 ed. SP: Editora 34, 2008.

MENEZES, Gerson Galo Ledezma. Rio Grande do Sul na comemoração do Primeiro Centenário da Independência, 1922: entre o corpo da região e o corpo da nação. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 36, jun 2008, p.267.

In: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2359/1435>, acesso em 14/11/2010.

MENEZES, Lená Medeiros de. Elysio de Carvalho: um intelectual controverso e controvertido. In: *Revista Intellectus*, ano 3, vol 2, 2004. Disponível em: <http://www2.uerj.br/~intellectus/textos/ELYSIO%20DE%20CARVALHO.pdf>. Acesso em: 05/04/2006.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. SP: Companhia das Letras, 2001.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. O 'Ethos' Nobiliárquico no final do Antigo Regime: poder simbólico, império e imaginário social. *Almanack Braziliense*, São Paulo, n. 2, nov. 2005 . Disponível em <[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-81392005000200001&lng=es&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-81392005000200001&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em 16 nov. 2010

MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. RJ: edições Graal, 1978.

MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos - A gestão nacional no Centenário da Independência*. RJ: Ed. FGV, 1992.

MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 3. ed. SP: Editora Perspectiva, 1987. v. 1.

NOVAES, Adauto (Org.) *A crise do Estado-nação*. RJ: Civilização Brasileira, 2003.

ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo. Ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. SP: editora UNESP, 1997.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional da Primeira República*. SP: Brasiliense, 1990.

PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H.(Orgs.). *Nacionalismo no Novo Mundo*. Trad.: Waldéa Barcellos. RJ: Ed Record, 2008.

PARENTE, Paulo, André Leira. A construção de uma nova história militar. In: *Revista Brasileira de História Militar*, ano I, nº1, dez. 2009. Disponível em: <http://www.historiamilitar.com.br/Artigo1RHBM0.pdf>. Acesso em: 15 out. 2010

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Trad.: Maria Júlia Goldwasser. SP: Ed. Ática, 1990

PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). *Do Positivismo à Desconstrução: Idéias Francesas na América*. SP: Edusp, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes; LEMOS, Clarice Caldini. A ilustração na *América Brasileira* entre a tradição e a modernidade. In: *Esboços. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*, nº 19, Florianópolis, 2008/1, p.163-176.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. Tal Brasil, qual América? A América Brasileira e a cultura ibero-americana. In: *Diálogos Latinoamericanos*, n. 12, Dinamarca, 2007, p. 42-67.

PIÑERO VALVERDE, Maria de la Concepción. Notas sobre o iberismo no Brasil de Juan Valera. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand9/concha.htm>. Acesso em 18/07/2009.

PIOVESAN, Greyce Kelly. *Prezado Doutor, Querido Amigo, Caro Memorialista: A sociabilidade intelectual nas cartas Pedro Nava*. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós-Graduação em História, 2009. (Dissertação de Mestrado em História).

PONTES, Heloisa. Entrevista com Antonio Candido. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2001, vol.16, n.47, pp. 5-30 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092001000300001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300001&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 nov. 2010

PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. SP: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. Nacionalismo literário e cosmopolitismo. In: \_\_\_\_\_ . *Trincheira, Palco e Letras*. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

PRADO, Maria Emília. Leituras da Colonização Portuguesa no Brasil do Século XX. *Revista Intellectus*, ano 5, vol. I, 2006, p. 1. Disponível em: <http://www.intellectus.uerj.br/Textos/Ano5n1/Texto%20de%20Maria%20Emilia%20Prado.pdf> Acesso em: 7 out. 2010.

RAMOS, Maria Bernardete; SERPA, Hélio; PAULO, Heloísa (Orgs.). *O beijo através do atlântico. O lugar do Brasil no Panlusitanismo*. Chapecó: Ed. Argos, 2001.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil : de Varnhagen a FHC*. 7ª ed. RJ: Ed. FGV, 2005.

\_\_\_\_\_. *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim. A favor do Brasil: direita ou esquerda?* RJ: editora FGV, 2006.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. RJ: Ed. da UFRJ/FGV, 1996.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *A Liberdade em Construção. Identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. RJ: Relume Dumará: FAPERJ, 2002

RIBEIRO, Renilson Rosa. “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”. *Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Imperial*. Campinas, SP: [s.n.], 2009. – Tese de doutorado

RICHARD, Lionel. *A República de Weimar*. SP: Cia das Letras, 1988

\_\_\_\_\_. (Org.). *Berlim, 1919-1933: a encarnação extrema da modernidade*. Trad.: Lucy Magalhães. RJ: Zahar, 1993.

RIO, João do. *O Momento Literário*. RJ: tip. H Garnier, 1908.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma História Cultural*. Trad.: Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil. Introdução metodológica*. 4ª ed. SP: Ed. Nacional, 1978.

SALGADO, Marcus Rogério Tavares Sampaio. *In: A vida vertiginosa dos signos: recepção do idioleto decadista na Belle Époque tropical*. Rio de Janeiro: UFRJ/Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas, 2006



SANDES, Noé Freire. *A Invenção da Nação: entre a Monarquia e a República*. Goiânia: Ed. Da UFG; Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2000.

SANT´ANA, Moacir Medeiros De. *Elysio de Carvalho, um militante do Anarquismo*. Maceió: Arquivo Público de Alagoas; RJ: Secretaria de Cultura – MEC, 1982.

SANTIAGO, João Phelipe. *A questão nacional na geografia ratzeliana e sua assimilação no pensamento social brasileiro na república velha*. Tese de doutorado em geografia – USP/SP, 2005.

SANTUCCI, Jane. *Os pavilhões do Passeio Público: Theatro Casino e Casino Beira-Mar*. RJ: Casa da Palavra/ Prefeitura, 2005

SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. SP: Ed. Unicamp, 2004

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2 ed. SP: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Ricardo Luiz de. Nacionalismo e autoritarismo em Alberto Torres. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letra: literatura, técnica e modernização no Brasil*. SP: Companhia das Letras, 1987.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2 ed. Tradução: Raul de Sá Barbosa. RJ: Paz e Terra, 1976.

TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro: introdução a um programa de organização nacional*. 4 ed. SP: Ed. Nacional; Brasília: editora da UNB, 1982.

TREBITSCH, Michel (Orgs.). *Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, reseaux*. Paris: IHTP/CNRS, 1992. p. 85-100. Cahiers de l’IHTP, 20.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A Literatura como Espelho da Nação. In: *Estudos Históricos*, vol.1, n.2. RJ: CPDOC, 1988, p.239-263. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/monica\\_velloso/espelho.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/monica_velloso/espelho.pdf). Acesso em: 28/03/2006.

\_\_\_\_\_. As Raízes Ibéricas do Modernismo Brasileiro. In: *Ipotesi: revista de Estudos Literários.*, v 3 - n 1. Juiz de Fora, p. 59 a 72. Disponível em: <http://www.revistaipotesi.ufjf.br/volumes/4/cap05.pdf>. Acesso em: 10/09/2006.

\_\_\_\_\_. Lembrar e esquecer: a memória de Portugal na cultura modernista brasileira. In: *Revista Semeiar*, PUC/RJ, n.5, 1999. Disponível em: [http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/Revista/5Sem\\_07.html](http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/Revista/5Sem_07.html). Acesso em: 05/07/2009.

VENANCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*. 2003. 342 f. Doutorado (Tese de Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=18912](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=18912), acesso em 20/09/2006.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. SP: Cia das Letras, 1991.

WEHLING, Arno. *A invenção da história. Estudos sobre historicismo*. RJ: Editoria Central da Universidade Gama Filho; Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a Construção da Identidade Nacional*. RJ, editora Nova Fronteira, 1999.

WINOCK, Michel. Os Anos Barrès. In: *O século dos intelectuais*. RJ: Bertrand Brasil, 2000, p. 13- 198.

ANEXO 1

